



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE DOUTORADO

JULIANA OLIVEIRA ALBUQUERQUE DE SOUZA

**RUPTURAS-TRANSIÇÕES NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO EM UM
GRUPO SOCIAL DE PESSOAS IDOSAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA
COVID-19**

RECIFE

2024

JULIANA OLIVEIRA ALBUQUERQUE DE SOUZA

**RUPTURAS-TRANSIÇÕES NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO EM UM
GRUPO SOCIAL DE PESSOAS IDOSAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA
COVID-19**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Psicologia.
Área de concentração: Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Isabel Patrício de Carvalho Pedrosa

RECIFE

2024

Catálogo de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Souza, Juliana Oliveira Albuquerque de.

Rupturas-transições no processo de envelhecimento em um grupo social de pessoas idosas no contexto da pandemia da covid-19 / Juliana Oliveira Albuquerque de Souza. - Recife, 2024.

174 f.: il.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2024.

Orientação: Maria Isabel Patrício de Carvalho Pedrosa.

Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Velhice; 2. Psicologia do desenvolvimento; 3. Crises; 4. Transições. I. Pedrosa, Maria Isabel Patrício de Carvalho. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

JULIANA OLIVEIRA ALBUQUERQUE DE SOUZA

**RUPTURAS-TRANSIÇÕES NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO EM UM
GRUPO SOCIAL DE PESSOAS IDOSAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA
COVID-19**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia. Área de concentração: Psicologia.

Linha de pesquisa: Processos Sociointerativos e Desenvolvimento Humano.

Aprovado em: 14/10/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Isabel Patrício de Carvalho Pedrosa (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Prof^a. Dr^a. Jaileila de Araújo Menezes (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Prof^a. Dr^a. Renata Lira dos Santos Aléssio (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Prof^a. Dr^a. Anita Liberalesso Neri (Examinadora Externa)
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Soares da Silva (Examinadora Externa)
Universidade de São Paulo - USP

À minha avó Zulmira Amorim, pelas
incontáveis histórias, sabedoria de vida e
alegria aos 97 anos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao corpo docente representante do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pela qualidade e eficiência no processo de ensino-aprendizagem, pelo acolhimento propiciado desde a seleção até a finalização do curso de doutorado, e principalmente pelos encontros transformadores com a perspectiva feminista e uma psicologia societal comprometidas com as demandas sociais.

Agradeço em especial à Prof.^a Renata Aléssio, por seu acolhimento e importantes contribuições no meu percurso acadêmico, com seu entusiasmo, cuidado e investimento na nossa autonomia para o exercício do fazer científico.

Agradeço, de forma particular e afetiva, à minha orientadora, Prof.^a Maria Isabel Pedrosa. Agradeço pela sua dedicação, orientação cuidadosa e apoio cruciais para a construção e desenvolvimento da pesquisa, incluindo a escrita da tese. Sob sua orientação, a árdua tarefa da escrita e da produção científica se tornou um prazeroso exercício de parceria, enriquecido por sua leveza, experiência e profundo conhecimento na Psicologia.

Gostaria de agradecer a todas as idosas e todos os idosos que possibilitaram a realização desta pesquisa, com contribuições generosas sobre suas experiências de vida. Foi um trabalho prazeroso e desafiador participar dessa construção coletiva de novos saberes sobre a velhice. Muita gratidão por conhecer mulheres tão resilientes, com histórias de vida permeadas por perdas e vulnerabilidades, e que ainda assim não sucumbem ao silenciamento. Pelo contrário, as idosas que tive a oportunidade de ouvir e conviver por breves encontros, ergueram a voz fazendo-se valer de suas histórias para nomear e denunciar desigualdades sociais, um ato de generosidade com as futuras gerações.

Agradeço ao Labint – Laboratório de Interação Social Humana da UFPE e ao Coletivo bell hooks da UFRGS, por proporcionarem espaços seguros e afetuosos de aprendizagens ao longo desta jornada acadêmica.

Agradeço ao Departamento Estadual de Trânsito de Pernambuco e à Secretaria Estadual de Saúde de Pernambuco pelo apoio institucional concedido durante a realização deste curso de doutorado.

E por fim, agradeço aos meus familiares e amigos que me cercaram de carinho e incentivo durante este período do curso. Uma rede de apoio essencial para que eu pudesse conciliar as diversas demandas da vida acadêmica, profissional e pessoal.

Sou grata pelas oportunidades, pelas mudanças e até pelas perdas que, de alguma forma, redirecionaram minha trajetória para direções desejadas, após um longo tempo de afastamento da academia. Sou grata pelas minhas escolhas, persistência e investimento nos meus desejos, sendo o doutorado mais um que concretizo ao longo desta jornada.

RESUMO

Rupturas e transições fazem parte do processo de desenvolvimento ao longo de toda vida. A complexidade das transições envolve desde mudanças na vida cotidiana, de natureza microssocial e intergrupar, contemplando mudanças nas ideias, crenças e pensamentos, no campo das representações sociais, até transformações macrossociais, que afetam dinâmicas societais. O presente estudo teve como objetivo analisar o processo de desenvolvimento de pessoas idosas a partir de transições (processo de mudança/estabilidade) relacionadas à ruptura da pandemia da COVID-19. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com a participação de 73 pessoas idosas, na maioria mulheres, domiciliadas no município de São Lourenço da Mata - PE, que frequentavam um grupo social na comunidade. Foram aplicados três instrumentos de pesquisa: (a) um questionário de levantamento sociodemográfico; (b) a Técnica de Associação Livre das Palavras, usando a expressão “pandemia da covid-19” como termo indutor, e o software Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) para tratamento das respostas; e (c) entrevistas semiestruturadas cujos relatos foram analisados a partir de uma abordagem microgenética, interligando episódios individuais a práticas sociais relacionadas às condições macrossociais. Os resultados indicam que a pandemia de COVID-19 e eventos como a viuvez e a separação conjugal constituíram rupturas significativas no percurso de desenvolvimento dos entrevistados e das entrevistadas, gerando perdas em face de restrições no campo interacional e mobilização de intensa carga afetiva. O estudo, no entanto, também revelou ganhos associados à aprendizagem de novas habilidades e ressignificações no campo das ações, relações e pensamentos individuais e coletivos. Os resultados convocam um olhar atento e interessado dos diferentes setores da sociedade, especialmente da academia, para produção de conhecimento e intervenções que garantam às pessoas idosas o acesso a recursos sociais e simbólicos favoráveis ao enfrentamento de crises, assim como oportunidades para novas aprendizagens e desenvolvimento ao longo de todo o curso da vida.

Palavras-chave: velhice; psicologia do desenvolvimento; crises; transições.

ABSTRACT

Ruptures and transitions are part of the development process throughout life. The complexity of transitions involves changes in everyday life, of a microsocial and intergroup nature, encompassing shifts in ideas, beliefs, and thoughts within the field of social representations, up to macrosocial transformations that affect societal dynamics. The study aimed to analyze the developmental process of elderly individuals through transitions (change/stability processes) related to the disruption caused by the COVID-19 pandemic. This is a qualitative research study involving 73 elderly participants, mostly women, residing in the municipality of São Lourenço da Mata, PE, who attended a community social group. Three research instruments were employed: (a) a sociodemographic survey; (b) the Free Word Association Technique, using the expression “COVID-19 pandemic” as an inductive term, with responses analyzed using the Iramuteq software (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires); and (c) semi-structured interviews, whose narratives were analyzed through a microgenetic approach, linking individual episodes to social practices related to macrosocial conditions. The results indicate that the COVID-19 pandemic, and events such as widowhood and marital separation constituted significant disruptions in the developmental paths of the interviewees, generating losses due to interactional restrictions and the mobilization of intense emotional loads. However, the study also revealed gains associated with the learning of new skills and reinterpretations in the realm of individual and collective actions, relationships, and thoughts. The results call for careful and engaged attention from various sectors of society, especially academia, to produce knowledge and interventions that ensure elderly people have access to social and symbolic resources conducive to coping with crises, as well as opportunities for new learning and development throughout the entire course of life.

Keywords: Old age; Developmental psychology; Crises; Transitions.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA POPULAÇÃO IDOSA NOS DIFERENTES CONTEXTOS SOCIOCULTURAIS	16
2.1 PANORAMA ESTATÍSTICO DA POPULAÇÃO IDOSA NO BRASIL	16
2.2 MUDANÇAS OCASIONADAS PELA PANDEMIA DA COVID-19 E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO PELAS PESSOAS IDOSAS	17
3 REFERÊNCIAS TEÓRICAS	25
4 METODOLOGIA.....	37
4.1 FASE PREPARATÓRIA PARA PESQUISA DE CAMPO / LOCAL DA PESQUISA	37
4.2 PARTICIPANTES.....	44
4.2.1 Critérios de inclusão e exclusão	44
4.3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA DE CAMPO.....	45
4.3.1 Aspectos éticos.....	45
4.3.2 Qualificação do projeto de pesquisa	46
4.3.3 Apresentação do projeto.....	46
4.3.4 Projeto-piloto	46
4.3.5 Trabalho de campo – fase 1	47
4.3.5.1 Levantamento sociodemográfico	47
4.3.5.2 Técnica da Associação Livre de Palavras	48
4.3.5.3 Entrevistas semiestruturadas e reconstrutivas	50
4.3.6 Trabalho de campo - fase 2	53
4.3.7 Conclusão da pesquisa de campo – fase 1 e 2	53
4.3.8 Retorno à pesquisa de campo – fase 3.....	55
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	57
5.1 QUEM SÃO AS IDOSAS E OS IDOSOS INTERLOCUTORES NESTA PESQUISA? CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA	57
5.2 PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO NA VELHICE.....	65
5.2.1 Processo de ruptura-transições diante da viuvez ou separação conjugal	67
5.2.2 Processo de ruptura-transições diante da pandemia da COVID-19 – um estudo de caso	92
5.2.3 Processo de ruptura-transições diante da pandemia da COVID-19 para o grupo de pessoas idosas	107
5.2.3.1 Processos de significação diante da ruptura da pandemia da COVID-19.....	110
5.2.3.2 O uso de recursos simbólicos nas transições diante da ruptura da pandemia	129
5.2.3.3 O papel do Grupo Social de Idosos nas transições de desenvolvimento	134
5.2.3.4 As significações sobre a pandemia e velhice: conexões e mediações nas transições.....	138
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
REFERÊNCIAS	148
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	162

APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE ASSOCIAÇÃO LIVRE E LEVANTAMENTO SOCIODEMOGRÁFICO - VERSÃO COMPLETA	164
APÊNDICE C – FORMULÁRIO DE ASSOCIAÇÃO LIVRE E LEVANTAMENTO SOCIODEMOGRÁFICO - VERSÃO RESUMIDA.....	166
APÊNDICE D – ROTEIRO PARA ENTREVISTA INDIVIDUAL.....	167
APÊNDICE E – DEMANDAS PARA PESQUISAS FUTURAS APONTADAS PELAS PESSOAS IDOSAS.....	168
ANEXO A – CARTA DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO	169
ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	170

1 INTRODUÇÃO

As mudanças e transformações são elementos centrais não apenas neste estudo, mas também na minha trajetória acadêmica. Após dez anos de conclusão do mestrado neste programa de Pós-graduação de Psicologia, retorno à academia e descubro uma gama de interesses de pesquisa, a partir da qual escolho as transformações na velhice. O meu percurso de construção de pesquisa é atravessado por muitas mudanças relacionadas ao tema, ao objeto de estudo, a área da psicologia, mas me reencontro com o que mais me encanta no desenvolvimento humano: as transformações e imprevisibilidades no curso de vida. Esse processo de experimentações, aprendizagens, (re)planejamentos na atuação como pesquisadora é para mim parte fundamental do curso, da formação profissional, vai além da produção científica. E nesse percurso, o programa oportunizou um encontro muito importante com a perspectiva feminista, com novas aprendizagens que atravessaram a minha pesquisa de modo peculiar.

Entendo que o recorte direcionado para a etapa da velhice na área do desenvolvimento humano foi favorecido pela minha aproximação com a população idosa no meu cotidiano como psicóloga hospitalar na rede pública de saúde; pelo desejo de um trabalho atrelado à contribuição, utilidade e inserção na coletividade social e, principalmente, pelo compromisso ético e científico com as pessoas nos períodos avançados da vida. Reconhecemos a falta de investimento da Psicologia nas questões voltadas para a velhice, por muitas décadas, nas quais o interesse científico limitava-se ao desenvolvimento infantil até a adultez, etapa do auge da maturação e da capacidade reprodutiva. Entretanto, a perspectiva do desenvolvimento humano ao longo do curso de vida (perspectiva *lifespan*) implicou considerar o período da velhice com suas especificidades, mudanças e estabilidades (Neri, 2006). Além da necessidade de avanços nos estudos da Psicologia sobre a velhice, o rápido envelhecimento populacional é preocupante, diante da falta de investimento em políticas públicas voltadas à população idosa, abrangendo saúde, economia, educação, assistência social e mobilidade urbana. Projeções do IBGE de 2018 indicam que, em 2043, um quarto da população brasileira terá mais de 60 anos, enquanto apenas 16,3% terá até 14 anos. Ou seja, lidaremos com importantes mudanças macrossociais e, consequentemente, demandas de conhecimento e intervenções para a Psicologia.

Nesta proposta de pesquisa, a velhice situa-se em um espaço de tensão constante entre o campo do pensamento social – das representações sociais relacionadas às ambivalências na velhice –, e a necessidade de a pessoa idosa assumir diferentes papéis e posicionamentos sociais voltados para o envolvimento social, ampliação das redes sociais, dos vínculos interpessoais,

de espaços de interação social, cerne da constituição humana e do processo de desenvolvimento ao longo de toda a vida. Apesar de o envelhecimento biológico ser considerado um processo universal, determinado geneticamente e relacionado à diminuição da capacidade de reprodução e às mudanças fisiológicas e morfológicas típicas dos indivíduos a partir da quinta década de vida, esse processo ocorre integrado com muitos outros fatores, que vão permitir uma variabilidade nesses resultados. Como bem explica Neri (2013, p. 20):

Doenças e incapacidades dependentes da ação conjunta da genética, do comportamento e do acesso a recursos científicos, tecnológicos e sociais podem acelerar a senescência e conduzir a estados finais de forte desorganização e indiferenciação. Em contrapartida, sob condições ótimas de influência da genética, do ambiente e dos comportamentos ao longo de toda a vida, os indivíduos podem envelhecer bem. Podem apresentar as mudanças normativas da senescência, mas com pequenas perdas funcionais, poucas e controladas doenças crônicas e manutenção da atividade e da participação social.

Entre as “condições ótimas”, às quais se refere a autora, a participação social é considerada crucial e consiste no envolvimento em atividades propiciadas pela comunidade, como: lazer, atividades religiosas, culturais e políticas, o convívio com familiares e amigos, práticas de exercícios físicos, trabalho remunerado, voluntariado e outras. A participação social é considerada inversamente proporcional ao declínio cognitivo e demência para os/as idosos/as, visto que esse engajamento aparece associado a uma diminuição de risco de morbidade, incapacidade, declínio cognitivo e morte (Pinto; Neri, 2017). No entanto, as autoras destacam que: “Sabe-se que o perfil e as características da participação social estão intimamente relacionados com a cultura, crenças, hábitos socialmente aceitáveis, bem como com as oportunidades e os recursos disponíveis na comunidade” (p. 269).

A partir da perspectiva *lifespan*, concebemos o desenvolvimento humano como um processo contínuo, multifacetado e sujeito a articulação de fatores genéticos-biológicos, fatores socioculturais, influências normativas (graduadas pela idade ou pela história) e não normativas (de ordem biológica e social), considerando também constituinte desse processo os ganhos e as perdas, as previsibilidades e imprevisibilidades na trajetória do indivíduo (Neri, 2006). Com um olhar na complexidade do processo de envelhecimento, propomos a articulação da Psicologia do Desenvolvimento Humano – Rede de Significações (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2004) e Teoria das Dinâmicas de Transições (Zittoun, 2007, 2009, 2021) – com a Psicologia Social, mais especificamente, com a Teoria das Representações Sociais (Doise, 2002; Jodelet, 2005; Moscovici, 2003). Tais teorias ou perspectivas compartilham o interesse pelas mudanças, crises e rupturas para o estudo do desenvolvimento humano, construindo

pontes entre os campos de saberes científicos e, consequentemente, nas contribuições pragmáticas para os fenômenos estudados.

Logo no início do curso de doutorado em 2020, vivenciamos a pandemia da COVID-19, uma catástrofe mundial, que desencadeou intensas mudanças na vida de toda a sociedade. Em dezembro de 2019, foi identificado o primeiro caso de infecção humana pelo novo coronavírus SARS-CoV-2 (Severe Acute Respiratory Syndrome – Coronavírus-2) na cidade de Wuhan, China. Com a rápida disseminação da doença (Coronavirus Disease 2019 – COVID-19) no âmbito mundial, a Organização Mundial da Saúde (OMS), em março de 2020, identificou a situação como uma pandemia. A gravidade da doença COVID-19 foi atrelada à sua alta transmissibilidade, pelo ar e saliva, podendo desencadear desde um simples resfriado, com sintomas de tosse, febre, dor de cabeça, fadiga, até doenças respiratórias agudas, como pneumonia grave e Síndrome da Angústia Respiratória Aguda (WHO, 2020a).

No primeiro ano da pandemia, 2020, foram 230.452 óbitos pela COVID-19 no Brasil. Na direção das medidas adotadas em âmbito mundial, em 20 de março de 2020, o Governo do Estado de Pernambuco decretou “Estado de Calamidade Pública”, com o rápido crescimento de números de pessoas contaminadas no território nacional e da ocupação de leitos hospitalares e mortalidade (Pernambuco, 2020). As medidas de enfrentamento à COVID-19 consistiam no isolamento, quarentena, uso obrigatório de máscaras de proteção individual em espaços públicos e privados acessíveis ao público, vias públicas e transportes públicos (Brasil, 2020c).

A população idosa emergiu como o grupo mais vulnerável à COVID-19. De acordo com a pesquisa da Fiocruz (2021), em 2020, 75% dos óbitos por essa doença no Brasil ocorreram entre pessoas com 60 anos ou mais. A faixa etária de 70 a 79 anos foi a mais impactada, representando um terço dos óbitos entre pessoas idosas. Apesar de a população em geral estar suscetível à COVID-19, muitos estudos correlacionaram a prevalência da gravidade da doença às pessoas com idade avançada (a partir de 55 anos) e comorbidades, como hipertensão, diabetes e doenças cardiovasculares (BRASIL, 2020c; DIAZ-QUIJANO *et al.*, 2020; GUAN *et al.*, 2020; HUANG *et al.*, 2020; WHO-CHINA, 2020). No Brasil, a população acima de 60 anos apresentou o dobro do risco de hospitalização e óbito pela COVID-19 em comparação com a totalidade dos casos (Brasil, 2021a). Esse consenso nas produções científicas e estatísticas governamentais sobre a vulnerabilidade elevada para a forma mais grave da doença em relação às pessoas idosas e/ou com comorbidades colocou esse grupo desde o início como prioridade nas ações preventivas, como no serviço de vacinação.

No início de novembro de 2021, um ano e sete meses após o início da pandemia, as estatísticas somavam mais de 248.467.363 casos confirmados de infecção pelo coronavírus e

de 5.027.183 mortes no mundo (WHO, 2021b). Nesse mesmo período, o Brasil contava com mais de 21.880.429 casos confirmados da COVID-19 e a alarmante estatística de 609.447 óbitos (Brasil, 2021b), numa situação preocupante de calamidade de saúde pública, liderando o quantitativo de novos casos confirmados da COVID-19, abaixo apenas da Índia (WHO, 2020; 2021a; 2021b). É importante ressaltar que o alto índice de pessoas infectadas com o coronavírus era de assintomáticos ou com sintomas leves (80% dos casos de infecção), o que representou um maior desafio para o monitoramento e controle pelos serviços de saúde e tornou imprescindíveis as medidas de prevenção individuais e coletivas (ISER *et al.*, 2020).

Os impactos da pandemia na saúde mental da população foram relacionados ao aumento da ansiedade e do estresse em pessoas saudáveis e ao agravamento dos sintomas em pessoas com transtorno mental prévio, com previsões de reações à angústia (raiva, insônia, medo extremo da doença mesmo para os não diretamente expostos), além de comportamento de risco à saúde (aumento do uso de álcool e outras drogas, o próprio isolamento social) e alterações na percepção de risco e de saúde (Shigemura *et al.*, 2020). Além desses impactos, a situação de distanciamento físico para os/as idosos/as implicava, também, o risco maior de problemas neurocognitivos, cardiovasculares e autoimunes. Tais riscos foram considerados desproporcionais entre as diferentes realidades dos/as idosos/as, com maior agravamento para aqueles cujo único contato social ocorre nos espaços não residenciais, como centros comunitários e religiosos, e que dependem do apoio de serviços assistenciais ou voluntários (Armitage; Nellums, 2020). A pandemia totalizou 713.026 óbitos no Brasil, no período de 2020 a 2024, uma crise na saúde pública, mas também social, econômica e política (Brasil, 2024).

Considerando a gravidade da pandemia como uma crise humanitária, escolhemos tal evento como mais provável de ser percebido como uma ruptura pelas pessoas idosas. A ruptura desencadeia mudanças que requerem reorganizações, novas soluções para os problemas, dinâmicas interacionais específicas, novos sentidos, modos de agir e pensar e/ou novas representações. Tais rupturas são seguidas por processos de transições que visam restaurar a continuidade e integridade do curso de vida. As transições são, então, compreendidas como processos de reorganização de um sistema, a partir da experiência da ruptura (interiorização), que poderá reverberar em mudanças no plano das ações, relações e pensamentos. Essa conceituação está situada numa concepção do desenvolvimento humano como processo complexo biopsicossocial, constituído por mudanças, transformações, no qual o contexto sociocultural configura-se como elemento central (Zittoun, 2009).

Diante dessa crise social, nos interessava investigar os processos de transições na velhice, ou seja, *como as pessoas idosas significariam tal evento, como enfrentariam as mudanças nos diferentes níveis relacionais, e como se reorganizariam no decorrer das transformações no curso do envelhecimento*. Nessa direção, algumas hipóteses foram formuladas como passos iniciais para elaboração da tese a ser defendida; chegamos a explicitar duas hipóteses: (1) *as pessoas idosas vivenciaram a pandemia como uma ruptura significativa no curso de vida, resultando em perdas e dificuldades no enfrentamento às mudanças nas práticas cotidianas; e (2) a participação social das pessoas idosas, neste caso mediado pelo espaço institucional do Sesc, consistiria em um importante recurso simbólico nos processos de transições frente às situações de crise, como a pandemia, e que a interrupção dessas atividades desencadearia diferentes implicações psicológicas e sociais na velhice*.

A partir do exposto, o presente estudo tem como objetivo *analisar o processo de desenvolvimento de pessoas idosas a partir de transições (processo de mudança/estabilidade) relacionadas à ruptura da pandemia da COVID-19*. E para alcance de tal objetivo, pretende-se mais especificamente: 1) analisar processos de significação do evento pandemia da COVID-19 e possíveis rupturas e transições explicitadas no bojo desse fenômeno, que repercutiram no processo de envelhecimento de pessoas idosas; 2) analisar mudanças no plano das ações, relações, pensamentos e nos diferentes níveis relacionais (da ordem do individual ao macrossocial), em decorrência de mudanças vivenciadas no curso do desenvolvimento e que são apontadas pelas abordagens teóricas que embasam a presente investigação; 3) identificar possíveis recursos simbólicos utilizados pelas pessoas idosas na mediação de suas transições; e 4) analisar os processos de significações relacionados à ruptura da pandemia da COVID-19, articulando abordagens teóricas características do campo da Psicologia do Desenvolvimento e da Psicologia Social.

Embora nosso foco inicial estivesse direcionado para as transições diante da pandemia da COVID-19, a imprevisibilidade nas narrativas das participantes nos motivou a um novo estudo: a ruptura diante da viuvez ou separação conjugal no envelhecimento de mulheres idosas. Um estudo que privilegiamos pela sua importância para uma psicologia societal, interessada em compreender a articulação entre os modos de funcionamento individual com a organização macrossocial, denunciando as implicações de uma sociedade capitalista patriarcal no desenvolvimento humano. Tal estudo contribuiu para uma análise mais aprofundada da matriz sócio-histórica, implicada no desenvolvimento das pessoas idosas durante o enfrentamento da pandemia da Covid-19. Assim, os estudos da ruptura da viuvez/separação conjugal e da

pandemia da Covid-19 são considerados complementares e com contribuições conjuntas para uma análise coerente com a complexidade dos fenômenos pesquisados.

Partimos da perspectiva de que fazemos parte de uma rede de significações que nos constitui e ao mesmo tempo a constituímos ao longo do desenvolvimento, incluindo o período do envelhecimento. Partimos também do pressuposto de que rupturas e transições afetam o desenrolar desse percurso e *defendemos a tese de que o evento da pandemia da COVID-19 e eventos de viuvez/separação conjugal, propiciadores de perdas significativas em face de restrições no campo interacional e de mobilização de intensa carga afetiva constituíram rupturas no percurso do processo de desenvolvimento de pessoas idosas; entretanto, defendemos que houve ganhos associados a novas aprendizagens e ressignificações no campo das ações, relações e pensamentos individuais e coletivos.*

Esta tese foi organizada a partir de seis capítulos: o presente capítulo da introdução no qual explicitamos as motivações e circunstâncias da construção da pesquisa, os objetivos e a tese defendida; no segundo capítulo abordamos o perfil sociodemográfico e produções científicas focadas nas mudanças ocasionadas pela Pandemia da COVID-19 e estratégias de enfrentamento compartilhadas por pessoas idosas de diferentes regiões do país, visando a uma contextualização sociocultural e ampliação da temática pesquisada. No terceiro capítulo, são apresentados os principais pressupostos teóricos escolhidos para construção e realização desta pesquisa, delimitando o recorte de análise interpretativa deste estudo. No quarto capítulo, são indicados os passos metodológicos utilizados para operacionalização deste estudo, com detalhamento do percurso trilhado pela pesquisadora e participantes. No capítulo cinco, apresentamos os resultados a partir da contextualização sociocultural do grupo de participantes e de três estudos produzidos ao longo da pesquisa. E por fim, no último capítulo, destacamos os principais resultados da pesquisa, assim como as limitações e lacunas identificadas para demanda de estudos futuros.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA POPULAÇÃO IDOSA NOS DIFERENTES CONTEXTOS SOCIOCULTURAIS

2.1 PANORAMA ESTATÍSTICO DA POPULAÇÃO IDOSA NO BRASIL

Segundo a Organização das Nações Unidas, a população mundial de pessoas idosas crescerá significativamente entre 1950 e 2100: a de 60 anos ou mais aumentará 15,2 vezes, a de 65 anos ou mais, 19,1 vezes, e a de 80 anos ou mais, 61,7 vezes; enquanto a população geral crescerá apenas 4,3 vezes. No Brasil, essa tendência é ainda mais acentuada. A população de 60 anos ou mais crescerá 27,6 vezes, passando de 29,9 milhões em 2020 para 72,4 milhões em 2100. A de 65 anos ou mais aumentará 38,3 vezes, representando mais de um terço da população. O número de pessoas com 80 anos ou mais terá um crescimento impressionante de 184,8 vezes no mesmo período (ONU, 2022).

A partir do último Censo Demográfico 2022 – IBGE, podemos destacar importantes indicativos sobre a população idosa no Brasil, que enfatizam o atravessamento da raça, gênero e classe nas condições macrossociais, e consequentemente, no curso do desenvolvimento humano. Os dados destacam as disparidades regionais no Brasil e as transformações profundas na estrutura etária brasileira nas últimas décadas.

- O número de brasileiros com 65 anos ou mais cresceu 57,4% entre 2010 e 2022, alcançando 22.169.101 pessoas, o que corresponde a 10,9% da população total. Em contraste, o número de crianças e adolescentes (até 14 anos) caiu de 45.932.294 para 40.129.261 no mesmo período, representando uma redução de 12,6%. Quando consideramos a população com mais de 60 anos, esse grupo representa 15,8% do total de brasileiros. Em 2030, o Brasil terá uma população idosa superior à de crianças, e, em 2060, espera-se que as pessoas com 65 anos ou mais representem 25,5% da população brasileira.
- A população mais jovem no Norte e no Nordeste, com 25,2% e 21,1% da população com até 14 anos, respectivamente, contrasta com o envelhecimento populacional do Sudeste e do Sul, onde 12,2% e 12,1% dos habitantes tinham 65 anos ou mais.
- A proporção de pessoas com 65 anos ou mais em relação às crianças de 0 a 14 anos aumentou consideravelmente, passando de 30,7 em 2010 para 55,2 em 2022. Ao ampliar a análise para a população com 60 anos ou mais, essa disparidade se torna ainda mais evidente, com um índice de 80 pessoas idosas para cada 100 crianças de 0 a 14 anos, em 2022. A concentração populacional idosa é particularmente notável em estados como o Rio Grande do Sul (115,0) e Rio de Janeiro (105,9), onde o número de idosos/as ultrapassou o de crianças.

- Em relação ao gênero, 51,5% (104.548.325) eram mulheres e 48,5% (98.532.431) eram homens, com cerca de 6,0 milhões de mulheres a mais do que homens na população brasileira.
- No Brasil e em todas as Grandes Regiões, a proporção de homens era maior desde o nascimento até os 19 anos de idade. Isso ocorre nas primeiras idades devido ao maior nascimento de crianças do sexo masculino em relação ao feminino. À medida em que a idade dos homens vai avançando, aumenta também a quantidade de mortes desse grupo por causas externas, sobretudo entre os jovens. Por consequência disso, a partir do grupo etário de 25 a 29 anos, a população feminina se torna maioria em todas as regiões do país. No Nordeste, esse fenômeno ocorre já no grupo de 20 a 24 anos de idade.
- A proporção de homens, em média, diminui à medida que aumenta o porte populacional dos municípios, partindo de 102,3 homens para cada 100 mulheres, nos municípios com até 5.000 habitantes, até 88,9 para os municípios com mais de 500.000 habitantes.
- No cenário brasileiro, os extremos da pirâmide etária são evidentes. Estados como Roraima, Amazonas e Amapá se destacam pela juventude da população, enquanto Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Minas Gerais apresentam os maiores índices de envelhecimento.
- Em relação à autodeclaração da raça, a proporção de pessoas idosas brancas é maior do que a de outras raças. Na faixa etária de 60 a 74 anos, 50,3% se declaram brancos, 38,6% pardos, 10,2% pretos, 0,3% indígenas e 0,7% amarelos. A proporção de brancos aumenta a partir dos 75 anos, para os quais 55,6% se declaram brancos, 33,8% pardos, 9,1% pretos, 0,4% indígenas e 1,1% amarelos.

Diante das estatísticas apresentadas, o rápido envelhecimento da população brasileira já impõe importantes desafios sociais, econômicos e relacionados à saúde. Em 2040, projeta-se que o Brasil tenha 153 idosos/as para cada 100 jovens, um aumento acentuado em relação aos 39 em 2010 (Miranda *et al.* 2016). Assim, à medida que o cenário demográfico muda, as demandas para as políticas públicas se tornam cada vez urgentes e necessárias para condições favoráveis ao desenvolvimento da população.

2.2 MUDANÇAS OCASIONADAS PELA PANDEMIA DA COVID-19 E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO PELAS PESSOAS IDOSAS

Considerando as significativas transformações no curso de vida decorrentes da pandemia da COVID-19, buscamos investigar as experiências de pessoas idosas no contexto brasileiro. Para tanto, realizamos uma revisão sistemática da literatura, utilizando a plataforma

Scielo Brasil como principal fonte de dados. A escolha por essa plataforma, justifica-se pela necessidade de aproximar nossa pesquisa da realidade sociocultural do país e de desconstruir um referencial científico hegemônico europeu, muitas vezes distante das particularidades brasileiras. Vale ressaltar que essa plataforma está alinhada com a Ciência Aberta que preconiza ações de enfrentamento à exploração do capital intelectual, uma posição social e política de democratização do conhecimento (Stueber; Silveira; Teixeira, 2022). Ao utilizar descritores específicos como (PANDEMIA OR COVID) AND (IDOSOS OR VELHICE OR ENVELHECIMENTO), buscamos identificar estudos nacionais que abordassem as mudanças no curso de vida das pessoas idosas durante a pandemia e as estratégias de enfrentamento adotadas por esse grupo populacional.

A pesquisa na base de dados da Scielo Brasil foi realizada durante o mês de outubro/2022, com os seguintes filtros: a) ano da publicação: 2020, 2021 e 2022; b) citável; e c) tipo de literatura: artigo. A partir dessas especificações, foram encontrados 91 artigos na plataforma relacionado à população de pessoas idosas, que correspondem a apenas 3,3% de todos os artigos na temática da pandemia. Numa primeira análise, através de leitura dos resumos, utilizamos três critérios de exclusão: I- fuga do objetivo da revisão de literatura; II- temática de pessoas idosas em Instituições de Longa Permanência (ILPI'S), pelas especificidades relacionadas à institucionalização; e III - metodologia que não contemplou diretamente pessoas idosas como participantes da pesquisa. A partir dessa análise, nove artigos foram escolhidos para este estudo, como mostra o quadro a seguir:

Tabela 1 - Dados da Revisão da literatura

Plataforma de busca	Descritores	Nº de artigos encontrados/ Nº de resumos lidos	Nº de artigos selecionados e lidos integralmente / Nº de artigos escolhidos
Scielo Brasil	Pandemia/Covid; idosos ou velhice ou envelhecimento.	91 / 91	17 / 9

Fonte: A Autora (2023).

Inicialmente, destacamos as mudanças enfrentadas pela população idosa diante da pandemia da COVID-19. Em uma amostragem abrangente, 9.173 pessoas acima de 60 anos, Romero *et al.* (2021) evidenciou que a pandemia de COVID-19 impactou significativamente a vida de pessoas idosas no Brasil, especialmente no que diz respeito à situação financeira e ao bem-estar emocional. O estudo revelou uma queda acentuada na renda de quase metade dos

lares de idosos/as, além de altos níveis de solidão, ansiedade e estresse, sentidos por um terço dos participantes. As mulheres idosas, em particular, foram mais afetadas por essas mudanças.

Uma outra pesquisa desenvolvida por Schütz (2021) apontou que o isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19 trouxe também mudanças nas relações interpessoais, assim como na saúde mental das pessoas em diferentes idades. A pesquisa contou com 86 pessoas idosas, de 60 a 90 anos de idade, residentes na região sul do país, e os resultados mostraram que 55,8% dos/as idosos/as apresentaram sintomas acentuados de estresse, 18,6% sintomas de ansiedade, 16,3% sintomas de depressão e 5,82% solidão moderada a grave. Os autores concluíram que os/as participantes que se sentiam mais sozinhos/as apresentaram menores escores de bem-estar, ressaltando as mudanças intraindividuais e interpessoais enfrentadas na pandemia.

Ainda em relação às mudanças psicossociais ocasionadas pela pandemia, Pereira *et al.* (2022) realizaram um estudo com um grupo de 25 idosos/as, com idade média de 67,6 anos e predominantemente do sexo feminino (72%), que frequentavam uma praça pública na região central do município de Belém, Pará. Os/As participantes exibiram um nível moderado de medo e de estresse percebido relacionado a doença da COVID-19. A maioria dos/as idosos/as relatou ter “medo moderado” (52%), seguido por “pouco medo” (40%), e uma pequena porcentagem relatou “muito medo” (8%) em relação à COVID-19. Esses resultados enfatizam a importância de abordar os aspectos de saúde mental da população idosa diante de mudanças macrosociais, com implementação de intervenções direcionadas para apoiar o bem-estar mental dos/as idosos/as em tempos de crises, como uma pandemia.

O declínio da saúde mental também se destaca entre os resultados da pesquisa de Pereira-Ávila (2021) com 900 idosos/as contemplando todas as regiões do Brasil, com idade média de 65 anos, predominantemente do sexo feminino, casados, com pós-graduação e que não trabalham na área da saúde. Uma porcentagem significativa das pessoas idosas relatou sintomas de depressão, incluindo pouco interesse ou prazer em atividades, sensação de depressão ou depressão, dificuldades para dormir, fadiga, falta de apetite ou comer demais, autopercepção negativa, entre outros. As mulheres apresentaram maior prevalência de sintomas depressivos em comparação aos homens, e os/as idosos/as que tiveram exposição ocupacional à COVID-19 exibiram níveis mais elevados de depressão.

As desigualdades de gênero repetem-se na pesquisa de Ferreira (2021) com 384 pessoas idosas das diferentes regiões do Brasil. As mulheres, em comparação aos homens, apresentaram uma prevalência maior de doenças crônicas e condições de saúde mental como depressão e solidão. Esses resultados podem estar relacionados a fatores como a maior carga

de cuidados não remunerados e a percepção de maior vulnerabilidade ao vírus. Em relação ao comportamento durante a pandemia, as mulheres demonstraram maior adesão às medidas de isolamento social e apresentaram uma maior crença na eficácia dessas medidas. Os homens, por sua vez, reportaram sair mais frequentemente de casa e mostraram-se menos preocupados com a gravidade da COVID-19. Essas diferenças de gênero podem ter sido influenciadas por fatores socioculturais e de gênero, como as expectativas de papel e as normas sociais.

Além do distanciamento sociais, Tavares *et al.* (2022) em uma pesquisa com 1.635 idosos/as da Macrorregião do Triângulo Sul, concluíram que 97,5% dos idosos/as participantes tinham uma rede de apoio social para necessidades de saúde e para manter o distanciamento social, composta principalmente por seus filhos. A atividade mais comum realizada pelos idosos/as durante o distanciamento social foram as tarefas domésticas, com 77,3% dos participantes envolvidos em tais atividades. Sentimentos negativos durante a pandemia de COVID-19 foram relatados por 65,5% dos idosos/as, sendo a tristeza a emoção mais prevalente vivenciada por 39,5% dos participantes. Os fatores associados à presença de sentimentos negativos incluíram o sexo feminino, bem como o envolvimento em menos atividades durante o distanciamento social, que também foi significativamente relacionado às emoções negativas. Os resultados do estudo fornecem informações valiosas sobre os desafios enfrentados por pessoas idosas que moram sozinhas durante a pandemia, enfatizando a importância das redes de apoio social, do envolvimento em atividades e da compreensão dos fatores que contribuem para os sentimentos negativos.

Ampliando as investigações sobre a percepção de risco da COVID-19 em pessoas idosas, Souza Filho *et al.* (2021) analisaram uma amostra nacional de 569 indivíduos com idade entre 60 e 80 anos. Os resultados indicaram que idosos/as com comorbidades apresentaram níveis significativamente mais altos de preocupação com a infecção pelo SARS-CoV-2. Além disso, esse grupo demonstrou maior adesão às medidas de distanciamento social e uma busca mais ativa por informações sobre a doença em diversas fontes, não só nos canais televisivos.

E em relação a estratégia de isolamento social, encontramos mais duas pesquisas desenvolvidas no Estudo Longitudinal da Saúde dos Idosos Brasileiros - COVID-19 (ELSI-COVID-19), desenvolvido pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), numa amostra nacional composta por 70 municípios das cinco grandes regiões do país. Ambas as pesquisas, com amostras representativas da população brasileira com 50 anos ou mais, utilizaram entrevistas telefônicas para coleta de dados. Oliveira *et al.* (2020), a partir das respostas de 4.035 idosos/as, analisaram a relação entre o isolamento social e a necessidade de ajuda para as atividades de vida diária

(AVDs). Os resultados indicaram que mulheres mais idosas e com menor escolaridade, que dependiam de cuidadores para realizar as AVDs, apresentaram maior isolamento social durante a pandemia. No entanto, essa população, apesar de mais isolada, não estava imune ao risco de infecção pelo coronavírus pelo contato com cuidadores.

Em uma amostra maior do ELSI-COVID-19 (6.149 participantes), Batista *et al.* (2020) investigaram os comportamentos de proteção contra a COVID-19. A multimorbidade emergiu como um fator determinante para a adesão ao isolamento social, com indivíduos com múltiplas doenças crônicas apresentando maior frequência de isolamento. A necessidade de realizar consultas médicas foi o principal motivo para sair de casa nesse grupo, enquanto a compra de medicamentos e alimentos foram os motivos mais comuns entre os participantes sem comorbidades. A pesquisa também confirmou a maior vulnerabilidade de mulheres mais idosas e com menor escolaridade, que permaneceram mais tempo em casa, independentemente do número de doenças crônicas. É importante destacar que a adesão ao uso de máscara e álcool em gel foi alta entre todos os participantes.

Em síntese, os estudos realizados nos primeiros anos da pandemia da COVID-19, enfatizam as mudanças psicossociais relacionadas aos afetos como medo, estresse, solidão; assim como sintomas de depressão e ansiedade, ou seja, implicações para a saúde mental. Uma outra mudança relevante diz respeito aos impactos financeiros, com repercussões negativas na renda familiar. Já em relação às estratégias de enfrentamento à crise, os estudos acima destacam: envolvimento em atividades domésticas, utilização de rede de apoio, adesão às medidas preventivas ao adoecimento da COVID-19, com destaque para o distanciamento social e uso de máscara e álcool. Dentre todos esses fatores, as pesquisas apresentam as desigualdades entre os gêneros, com maior incidência de adoecimento físico e mental, além da maior adesão ao distanciamento social entre as mulheres mais velhas e com baixa escolaridade. Apesar das diferenças regionais, todas as pesquisas evidenciam a importância de considerar os determinantes sociais da saúde ao analisar o impacto da pandemia na vida de idosas e idosos brasileiros, especialmente aqueles com maior vulnerabilidade social e com condições de saúde mais complexas.

Diante do tempo prolongado da pandemia, de março/2020 a maio/2023 decretado oficialmente pela OMS, sentimos a necessidade de verificar em estudos mais recentes outras mudanças ou estratégias de enfrentamento junto a população idosas brasileira. Assim, em julho/2024 procedemos com a pesquisa no periódico Capes, utilizando os termos e operadores booleanos: (covid OR covid-19) AND (idosos OR idosas OR velhice OR envelhecimento) AND (estratégias OR enfrentamento), com os seguintes filtros: artigos, abertos, produção

nacional, revisados por pares, do período de 2022 a 2024, em continuidade ao período da pesquisa anterior. Descartamos os estudos específicos com idosos em ILPI's, resultando em oito artigos, sendo quatro voltados para as vivências e sentimentos das pessoas idosas durante a pandemia, e os demais sobre estratégias de enfrentamento da pandemia.

Na mesma direção dos estudos anteriores sobre os afetos gerados pela pandemia, Schleicher *et al.* (2022) realizaram uma pesquisa com 20 pessoas idosas domiciliadas em Santa Catarina. Os principais sentimentos relacionados a pandemia foram medo, solidão, saudade, tristeza, ansiedade devido às mudanças no estilo de vida, como distanciamento social e isolamento. No entanto, os autores chamam a atenção para o recurso da tecnologia que desempenhou um papel positivo ao ajudar idosos/as a manterem contato com outras pessoas, mitigando alguns dos efeitos negativos do isolamento.

A pesquisa de Risello, Marrone e Martins (2022) também destaca o impacto negativo significativo na saúde mental de idosos/as, especialmente devido ao isolamento social e à separação familiar. O estudo com 73 idosos/as do município de Redenção – PA, indicou a solidão e as mudanças no contexto social e familiar como fatores que aumentaram a vulnerabilidade dos idosos/as à depressão. As conclusões dos autores ressaltam a importância de promover a capacidade funcional dos idosos/as através da prática regular de exercícios físicos como uma estratégia para melhorar sua qualidade de vida e reduzir a demanda por serviços de saúde.

Em um contexto específico de pessoas idosas de área rural e ribeirinhas, Monteiro *et al.* (2023) destacou a importância da construção de fortes relações e participações comunitárias e da adaptação a novas práticas de higiene. Os resultados enfatizam a necessidade de melhorar o acesso à saúde e a educação comunitária para essas populações. Além disso, a pesquisa destaca a necessidade de melhores políticas, treinamento local em saúde e intervenções direcionadas para as comunidades rurais. Também ressalta a importância da realização de pesquisas contínuas para refinar as estratégias de enfrentamento e melhorar o atendimento dentro do Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro.

Sasaki, Aguiar e Martins (2023) analisaram os impactos do isolamento social durante a pandemia de COVID-19 na saúde mental e qualidade de vida de idosos/as. O distanciamento social trouxe efeitos psicossociais negativos para as pessoas idosas, com solidão, ansiedade e depressão destacando-se como as principais repercussões. Além disso, houve outros impactos, como aumento do estresse e problemas de insônia, mudanças no estilo de vida que levaram ao sedentarismo e alterações nos hábitos alimentares, preocupações com a estabilidade econômica, além das dificuldades encontradas para obter suporte médico. Os autores destacaram a

importância de desenvolver estratégias para mitigar esses efeitos, como intervenções de saúde mental e sistemas de apoio social.

O estudo realizado por Veloso *et al.* 2022 teve como objetivo compreender o perfil das pessoas idosas participantes de programas de saúde comunitária, com foco em suas condições sociais, econômicas, cognitivas e de atividade física. Os resultados indicaram que, apesar do isolamento social, os participantes demonstraram um bom nível de satisfação com suas relações interpessoais, principalmente com amigos e vizinhos. A pesquisa ressalta a importância da estimulação social, cognitiva e física para a promoção da saúde e bem-estar dos/as idosos/as, sugerindo que a participação em atividades que estimulem esses aspectos pode ser uma estratégia eficaz para prevenir o declínio cognitivo e a depressão.

Figueiredo e Corrêa Filho (2022) realizaram um estudo direcionado para os sentimentos despertados durante a pandemia de COVID-19 com 18 idosos/as que foram acompanhados pela Estratégia de Saúde da Família do município de Canto do Buriti - Piauí. O estudo revelou que as pessoas idosas experimentaram uma série de emoções durante a pandemia, incluindo medo, ansiedade, solidão e incerteza. Observou-se que a Estratégia Saúde da Família desempenhou um papel crucial no fornecimento de apoio e assistência às pessoas idosas em tempos difíceis da pandemia. Os/As idosos/as relataram que o surgimento do coronavírus provocou medo, vazio, tensão e inquietação, decorrentes da gravidade percebida da doença, das medidas restritivas como isolamento social, da falta de informações precisas, e do excesso de notícias falsas e alarmantes. A pandemia da COVID-19 resultou em desfechos negativos, como insegurança, estresse, nostalgia, choro e distúrbios do sono, aumentando o risco à saúde dessa população. Apesar de seguirem as recomendações de saúde, o impacto do isolamento social foi atenuado pelo fato de viverem em áreas rurais, longe da agitação urbana. O maior impacto foi o medo de adoecer e perder familiares. Além disso, o grupo estudado enfrentou a situação com base na espiritualidade, empatia, adaptação da rotina e adoção de estratégias de prevenção da doença.

Um estudo mais recente, realizado pelos autores Barros, Coutinho e Coutinho (2023) investigaram as representações sociais sobre a pandemia de COVID-19 para um grupo de 43 pessoas idosas de João Pessoa, Paraíba. Os resultados revelaram que os/as idosos/as associaram a pandemia a um período de grandes transformações em suas vidas e na sociedade como um todo, marcado por ajustes nas rotinas, nos relacionamentos e pela necessidade de adotar medidas de prevenção. A vacinação emergiu como um símbolo de esperança para o futuro, enquanto a fé religiosa ofereceu conforto e suporte durante esse período desafiador. A partir da compreensão das representações sociais das pessoas idosas sobre a COVID-19, é possível

desenvolver intervenções e estratégias de comunicação mais eficazes para atender às necessidades específicas desse grupo populacional.

Dentre essas questões, a espiritualidade apontadas no estudo anterior, foi foco da pesquisa realizada por Mota *et al.* (2022) cujo objetivo foi analisar a espiritualidade e religiosidade com oito idosos/as participantes de um Grupo de Convivência (GC) em Catalão, Goiás. Os resultados foram organizados em duas categorias principais: 1) O significado da fé, religiosidade e espiritualidade na vida das pessoas idosas e 2) A importância da dimensão religiosa e espiritual durante a pandemia e seus significados. Os autores concluíram que a religiosidade serve como um recurso importante para enfrentar dificuldades, oferecendo clareza, aceitação e adaptação, o que gera acolhimento e bem-estar. A prática religiosa não só fortalece os laços com o sagrado, mas também com outros membros da comunidade religiosa, promovendo um sentimento de pertencimento e oferecendo suporte emocional, contribuindo assim para a melhoria da saúde mental das pessoas idosas. Assim, as dimensões religiosas e espirituais são consideradas importantes para proporcionar sentimentos positivos e ajudar no enfrentamento de situações estressantes.

Como podemos vislumbrar nos estudos com a população idosa brasileira, as mudanças ocasionadas pela pandemia da Covid-19 continuaram impactando fortemente a saúde mental, com destaque para as emoções de medo, tristeza, e sintomas de depressão e ansiedade. No entanto, pesquisas mais recentes identificam uma diversidade maior de estratégias de enfrentamento à crise. Entre elas, destacam-se o uso de recursos tecnológicos para fortalecer as relações interpessoais, a prática regular de exercícios físicos e atividades sociais, a participação em grupos comunitários, a adesão às medidas preventivas, como a vacinação, o apoio de espaços institucionais como o Estratégia Saúde da Família, e a espiritualidade como fator que fortalece o convívio social.

3 REFERÊNCIAS TEÓRICAS

O conceito de interação social é o elemento inicial e central para os estudos dessa pesquisa, situada no campo do desenvolvimento humano, visto que é a partir da relação com o(s) outro(s) que o sujeito se constitui como ser biopsicossocial. Interagir, em sua acepção geral, significa “[...] exercer ação mútua (com algo), afetando ou influenciando o desenvolvimento ou a condição um do outro [...]” (Houaiss; Villar, 2001, p. 1.632). Nessa mesma acepção, “interagir” foi usado na Psicologia, porém, com especificidades diante da dimensão social e cultural do ser humano (Carvalho, 1988). Os estudos, inicialmente focados em análise de comportamentos individuais, foram para análises de episódios de interação, em coerência com a natureza do conceito. Posteriormente, a autora, em escritos com outras pesquisadoras (conforme, por exemplo, Carvalho; Império-Hamburger; Pedrosa, 1998), especificou o conceito de interação ao lidar com os fenômenos psicológicos. A interação passou a ser compreendida:

[...] como o potencial de regulação entre os componentes de um campo; a ocorrência de *regulação* se verifica quando os movimentos ou comportamentos de um dos componentes não podem ser compreendidos sem que seja considerada a existência, a presença ou o comportamento de outro(s) componente(s) (Carvalho; Pedrosa; Império-Hamburger *in memoriam*, 2020, p. 44).

É importante destacar que a interação não é um fenômeno diretamente observável, sendo possível analisá-la a partir das ações ou comportamentos dos sujeitos. Uma questão relevante para as pesquisas sobre interação social é que as categorias de análise devem ser resultantes dos comportamentos observados de ambos os sujeitos no episódio de interação, ou seja, digam respeito à díade ou tríade, ou mesmo grupo, por se tratar do produto das ações entre os sujeitos em interação (Carvalho, 1998). Nesta pesquisa de doutorado, o conceito de interação social destaca-se como importante elemento de análise, diante das restrições no convívio familiar e social decorrentes ou agravados pela pandemia no cotidiano das pessoas idosas. As medidas preventivas ao adoecimento na pandemia afetavam diretamente as interações e o convívio social, como o distanciamento e isolamento social (*lockdown*), evitação de locais com aglomerações de pessoas, suspensão das atividades em diversos tipos de instituições, uso de máscaras faciais e evitação do contato físico.

Carvalho, Pedrosa e Império-Hamburger (2020), considerando a articulação entre fenômenos naturais (física) e os fenômenos sociais, destacam que cada campo interacional tem

sua própria lei de regulação, e essa natureza é definida pela característica de seus componentes e por uma lógica da constituição simultânea. A partir de pesquisas com análise de episódios de interação com crianças, numa abordagem psicoetológica, elas destacaram três princípios de sociabilidade humana: a orientação da atenção; a atribuição e compartilhamento de significados; e a persistência dos significados. Existem outras espécies sociais, mas cada uma tem “especificidades” no modo de ser social. No humano, o último princípio indicado é relevante para a construção da cultura. Aprofundando essas especificidades da interação dos seres humanos, Lucena e Pedrosa (2020) ressaltam a importância de compreender os indicadores interacionais, em determinado campo de interação, para o estudo dos fenômenos interativos e das relações sociais. A identificação entre os pares e a construção de uma complexa cultura aparecem como especificidades da interação social humana, e são fatores que se sobressaem nas dinâmicas interacionais das pessoas idosas nesta pesquisa.

Transpondo essa teorização de uma dimensão microgenética para contextos mais amplos – macrosociais –, entende-se a pertinência de analisar as implicações das interações e correções de comportamentos entre os sujeitos, as especificidades dos componentes dos contextos socioculturais e a lógica de regulação de cada contexto. Assim, situamos esta pesquisa como estudo na área do desenvolvimento humano, não definido pelo período de vida dos participantes, velhice, mas pela natureza das questões investigativas, que são relacionadas às transformações dos comportamentos. Como propõe Carvalho (1987), os estudos em desenvolvimento humano caracterizam-se pelo interesse na ocorrência das mudanças do comportamento, nos processos subjacentes a essas mudanças e nos fatores interligados nesse processo. Buscam, além disso, uma abordagem integrada, evitando a dicotomia entre fatores genéticos e ambientais. É nesse sentido que se propõe pesquisar as significações e dinâmicas interacionais na velhice, ao analisar as mudanças e estabilidades no percurso de desenvolvimento desses sujeitos, de forma integrada e contextualizada socialmente.

Assim como a interação social é primordial para a construção da sociabilidade humana, a necessidade de vínculos sociais constitui uma das principais características da espécie humana. Carvalho (2005) enfatiza que, para os seres humanos, é impossível a ausência total de vinculação. É a partir dos vínculos interpessoais que se processa a construção da identidade e a significação do mundo; esses vínculos constituem uma rede social. Essa rede de vínculos tem suas características próprias e está contextualizada em um ambiente social, cultural e histórico, numa relação dialógica entre eles. A partir dessa abordagem interacionista sobre o desenvolvimento humano, a autora situa os estudos dos vínculos interpessoais e redes

sociais – processos de mediação psicológica na vida social humana – no cerne de intervenções comprometidas com o aprimoramento da qualidade de vida.

Nesta direção, escolhemos teorias psicológicas que busquem interligar a dimensão do biológico ao cultural nos estudos do desenvolvimento psicológico. Assim propõem Marta Kohl de Oliveira e Edival Teixeira (2002), ao ressaltarem os processos de transformações e as múltiplas possibilidades no desenvolvimento humano, contemplando a etapa de vida atual da pessoa; as circunstâncias históricas, sociais e culturais, bem como suas experiências particulares, preservando as idiossincrasias de cada trajetória de vida. A articulação dessas diferentes dimensões do desenvolvimento evitará não só o determinismo biológico, mas também o determinismo sociocultural, pouco falado, mas igualmente incoerente para qualquer pesquisa psicológica.

A escolha da velhice como objeto de pesquisa foge de uma periodização rígida e estereotipada do desenvolvimento humano; pelo contrário, contempla desde as questões mais universais relacionadas à maturação biológica até a contextualização sócio-histórica e as experiências particulares de cada indivíduo. Nesse sentido, a periodização tem uma função social de atender às expectativas relacionadas aos comportamentos de cada idade e à necessidade de organização das intervenções/práticas institucionais (nas áreas de educação, saúde, políticas públicas/direitos, entre outras), mas sem se desprender de uma perspectiva de contextualização histórica e social. O ciclo vital (e suas etapas) é compreendido não só pelos marcadores biológicos, mas também pela regulação social que acompanha desde o nascimento até a morte, num processo contínuo de significação subjetiva e coletiva compartilhada através da cultura (Oliveira; Teixeira, 2002).

Ao delimitar o recorte da pesquisa na fase da velhice, o paradigma *lifespan*, teorizado pelo psicólogo alemão (1939-2006) Paul Baltes sobre o desenvolvimento ao longo de toda a vida, destaca-se como referencial teórico para compreender a complexidade e pluralidade inerente ao processo de envelhecimento. O paradigma *lifespan* compreende o desenvolvimento humano como um processo contínuo do nascimento à morte, multidimensional e multidirecional, pois envolve a articulação de fatores genéticos-biológicos, fatores socioculturais, influências normativas (graduadas pela idade ou pela história) e não normativas (de ordem biológica e social), considerando também constituinte desse processo os ganhos e as perdas, as previsibilidades e imprevisibilidades na trajetória do indivíduo (Neri, 2006).

Na perspectiva de desenvolvimento da *lifespan*, considera-se que há um processo biológico normativo, ou seja, eventos que acontecem para a maioria das pessoas mais ou menos na mesma idade, como a diminuição da plasticidade comportamental e da resiliência biológica

nas idades avançadas. Apesar do caráter universal desses eventos biológicos, variações podem ocorrer de acordo com a configuração de cada contexto histórico-cultural. Já em relação aos eventos normativos, graduados também pela idade, mas relacionados à socialização, esses correspondem aos papéis e competências sociais desenvolvidas ao longo da vida. Essa normatização social atende ao cumprimento de tarefas e expectativas sociais demandadas pelas diversas instituições sociais, como família, trabalho, educação, entre outras (Neri, 2006).

Outros tipos de eventos normativos são os graduados pela história, eventos macroestruturais que constituem e particularizam o contexto social compartilhado por cada grupo social, como, por exemplo, o impacto da modernização no desenvolvimento intelectual. Faz-se necessário ressaltar que tais eventos históricos normativos exigem uma leitura interseccional de classe social, gênero e etnia, entre outros marcadores sociais. Em contrapartida a toda essa normatividade, mas de modo complementar, atuam também as influências não normativas no desenvolvimento humano, cuja imprevisibilidade garante as especificidades nas trajetórias humanas. As influências não normativas podem ser de natureza biológica (como as doenças) ou social (viuvez na idade adulta, por exemplo), configurando crises, incertezas e sobrecarga de recursos pessoais e sociais no curso da vida. É essa complexa interrelação complementar entre os fatores biológicos e sociais, normativos e não normativos que contextualizam a velhice, assim como todas as outras fases do desenvolvimento humano (Neri, 2006).

E em continuidade ao percurso teórico iniciado com o conceito das interações sociais, desdobrando-o para considerar os vínculos interpessoais e redes sociais, circunscrito pela perspectiva (*lifespan*) de desenvolvimento ao longo de toda a vida, alcançamos outra perspectiva, que é compatível com a primeira, mas que tem o foco na rede de significações, complexa e dinâmica, com articulação dos diferentes elementos pessoais, relacionais e contextuais: trata-se da perspectiva da Rede de Significações (RedSig). Nessa, o contexto social ultrapassa o lugar de pano de fundo para ser o próprio recurso ou meio através do qual transcorrerá o desenvolvimento humano, considerando que os indivíduos compartilham diversos contextos sociais e, portanto, assumem diferentes papéis e posições resultantes da dinâmica interacional em cada um desses cenários. A relação pessoa-meio é compreendida como um processo de construção dialógica e dialética, no qual o tempo e o local são marcadores importantes para o desenvolvimento humano. Esse tempo inclui o presente, o vivido, o histórico e o prospectivo, sendo necessária a articulação dessas quatro dimensões temporais para compreender determinado recorte de significações no desenvolvimento dos indivíduos (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2004).

Na escolha da Perspectiva da RedSig, como ferramenta teórica e metodológica, destacamos suas duas questões centrais: a indissociabilidade entre pessoa e contexto; e a diversidade de possibilidades de trajetórias desenvolvimentais. Dentre as contribuições conceituais da RedSig para os estudos do desenvolvimento humano, priorizamos três conceitos: *os papéis/posições, os circunscritores e a matriz sócio-histórica* para análise das interações dialógicas entre as pessoas e o meio (diferentes contextos que constituem a rede de significação). A RedSig compreende os papéis como comportamentos definidos culturalmente e que podem ser identificados como *papéis sociais* (como ser avó, ser aposentado) ou *papéis psicológicos*, que se referem ao modo como são desempenhados esses papéis sociais (atitudes autoritárias ou de submissão) ou a determinado funcionamento psicológico (formas de solucionar problemas, reagir diante de situações específicas). Como sintetizam as autoras Oliveira, Guanaes e Costa:

[...] a pessoa [vai] se constituindo e sendo constituída no aqui-agora de suas inter-relações; assumindo e atribuindo dinamicamente papéis ou posições que a localizam e significam frente a si mesma, aos outros e ao contexto social discursivo, proporcionando o desenvolvimento de uma subjetividade narrativa pessoal e multifacetada (2004, p. 79-80).

Já em relação ao conceito de circunscritores na RedSig, as autoras Silva, Rossetti-Ferreira e Carvalho (2004) destacam a sua importância para compreender as diferentes trajetórias no desenvolvimento humano, a dinâmica de “[...] fechamento/abertura de possibilidades, intrínseco ao processo desenvolvimental” (p. 81). Os circunscritores são elementos de natureza material e simbólica que organizam as relações interpessoais e o ambiente a partir dos padrões culturais, assim como articulam entre si as ações, os sentimentos e pensamentos. É importante ressaltar que os circunscritores estão em constante processo de reconstrução e configuram espaços para emergência de novos sentidos e significados, crenças, concepções e representações sociais sobre si e o mundo. Além disso, são vários os fatores intervenientes nessa dinâmica de construção e estabelecimento dos circunscritores, desde aspectos biológicos, dimensão temporal (histórica e cultural), relações de poder e interesses –, o que caracteriza sua natureza situacional, interacional e dialógica com o campo de significados e sentidos. A partir desse conceito, compreende-se a complexidade da circunscrição e não aleatoriedade das múltiplas trajetórias desenvolvimentais.

O conceito de matriz sócio-histórica refere-se aos diferentes contextos específicos e integra os elementos sociais, políticos, econômicos, históricos e culturais, garantindo uma concretude ao aqui e agora e às especificidades nos discursos de determinados grupos. É essa

rede de significações que propicia diferentes limites e possibilidades ao desenvolvimento das pessoas e implica, também, na produção de significados que orientam as ações, emoções, concepções e práticas sociais em direções específicas (Silva; Rossetti-Ferreira; Carvalho, 2004). A RedSig propõe a análise da configuração da rede para compreender as significações sobre os objetos sociais. Essas significações, constitutivas da subjetividade individual e coletiva, estão centradas na linguagem como construção social e portadora de ideologias e prática material, numa relação dialógica e de produção de discursos. A alteridade e o dialogismo são elementos fundamentais para a produção cultural e da realidade social. Nessa direção, o pensamento Bakhtiniano situa os discursos na sua natureza polissêmica, contraditória, reflexiva, coletiva, contextualizados histórica, cultural e socialmente. A palavra aparece como produto de interação e das forças sociais, explicando a pertinência e a complexidade das pesquisas qualitativas (Scorsolini-Comin; Santos, 2010).

Considerando essa compreensão sobre o desenvolvimento humano relacionada à continuidade, regularidade, mas também às interrupções, reorientações e transformações ao longo de todo o curso da vida, adotamos mais um referencial teórico fundamental para esta pesquisa, a teorização de Tânia Zittoun (2009) sobre as rupturas e transições no curso de vida, a partir da perspectiva da psicologia sociocultural. A ruptura, que pode ser por um processo intraindividual ou um evento externo, consiste em uma interrupção do que era vivenciado como uma continuidade, e que vai gerar a necessidade de reorganizações, novas soluções para os problemas, dinâmicas interacionais específicas, novos sentidos, modos de agir e pensar e/ou novas representações. O processo de transição inicia-se a partir de uma ruptura, segue com as mudanças catalisadas por essa interrupção e que vão mobilizar a pessoa para o uso de recursos simbólicos e ressignificações, com novas dinâmicas na relação entre pessoa e ambiente. Essas transições estão relacionadas à busca pela continuidade e integridade do curso de vida, cujos resultados são indeterminados e não se limitam aos processos identitários.

Um outro ponto central nessa teorização sobre os processos de ruptura-transições por Zittoun (2009) é a relevância do sujeito significar a ruptura como tal e o desencadeamento gerado de mudanças intraindividuais e interpessoais. As transições são, então, compreendidas como processos de reorganização de um sistema, a partir da experiência da ruptura (interiorização), que envolve o plano das ações, relações e pensamentos. Essa conceituação também está situada numa concepção do desenvolvimento humano ao longo de toda a vida, como processo complexo biopsicossocial, constituído por mudanças, transformações, no qual o contexto sociocultural configura-se como elemento central. Desse modo, visualiza-se os pontos de confluência nessas referências teóricas (paradigmas, perspectivas e teorias) sobre o

processo do desenvolvimento e, mais especificamente, sobre a concepção de envelhecimento e velhice construída para esta pesquisa.

O contexto sociocultural configura-se como ambiente de oferta de elementos simbólicos, que poderão ser transformados pelos sujeitos em recursos simbólicos para lidar com as rupturas cotidianas, seja no campo subjetivo ou no campo pragmático, para a resolução de problemas e ressignificações de pensamentos e ações. Zittoun *et al.* (2003) explicam que os elementos simbólicos se tornam recursos simbólicos: a) pela própria ação de uso por alguém para algum propósito; b) e, num contexto de transição, resulta na ressignificação do elemento simbólico envolvido na situação de ruptura, elemento utilizado para mediar as interações. Assim, esses recursos simbólicos, que englobam desde estratégias argumentativas, julgamentos até artefatos, como livros, filmes etc., são diferenciados de acordo com o contexto sociocultural e são utilizados tanto para dar sentido às vivências cotidianas, quanto para mediar as interações sociais. O tipo de uso dos recursos simbólicos pode ser classificado de acordo com o nível de reflexividade: o uso não reflexivo (quando não há qualquer consciência sobre a escolha do recurso simbólico e suas potencialidades); o que se torna reflexivo (quando a pessoa toma ciência da escolha do recurso e de seus diferentes resultados); e o reflexivo (quando há escolha consciente do recurso a partir da análise de suas potencialidades). Nessa perspectiva, as limitações no contexto cultural repercutem nas possibilidades de uso de recursos simbólicos necessários para os processos de transições e, conseqüentemente, podem resultar também em restrições no desenvolvimento humano. Assim, diante de restrições situacionais, a capacidade reflexiva e a criatividade no uso de recursos simbólicos serão igualmente relevantes para lidar com as limitações simbólicas e contextuais decorrentes de rupturas no curso de vida.

A partir dessas referências teóricas sobre a ontogênese humana, delineamos a seguinte concepção-síntese (provisória) sobre a velhice: ela está situada cronologicamente como última fase no curso de vida (pós-adulter) por uma demanda de organização social (Oliveira; Teixeira, 2002), no qual o processo de desenvolvimento segue em curso, assumindo diferentes direções de acordo com os eventos normativos e não normativos, permeado por perdas, declínios, assim como ganhos, aprendizagens e novas experiências. Considera-se como específico da velhice determinados (e graduais) declínios biológicos, diferentes dos que ocorrem nas etapas anteriores (infância, adolescência e adulter), porém, que não ocorrem de modo homogêneo ou preditivo no funcionamento intraindividual (Neri, 2006). Na velhice, as interações e redes sociais continuam essenciais para o curso ontogenético, que permanece atravessado pela interdependência entre os fatores biopsicossociais, com limitações e possibilidades múltiplas e indeterminadas (Silva; Rossetti-Ferreira; Carvalho, 2004). A complexa rede de significações

que constitui e é constituída pela pessoa, promove a articulação dos diferentes elementos pessoais, relacionais e contextuais, possibilitando diferentes papéis e posições sociais resultantes da dinâmica interacional entre a pessoa e seu meio (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2004). Nessa interdependência de fatores, a relevância dos compromissos de vida (propósito) e o seu sentido para as pessoas com idade avançada sobressaem-se no nível intraindividual. Seguindo numa perspectiva macrosocial, o curso de vida das pessoas idosas deve ser articulado com as situações cotidianas de interações nos ambientes materiais e sociais, incluindo as transformações sociais (Zittoun; Baucal, 2021).

A partir dessa compreensão da ontogênese integrada com uma perspectiva sociocultural, destaca-se como especificidade do envelhecimento a diversidade de experiências ao longo da vida e a relação com rápidas transformações nos ambientes socioculturais. As desigualdades sociais e geográficas justificam uma pluralidade de velhices, que se encontram em transformações no âmbito jurídico, institucional, social, repercutindo em rápidas mudanças contextuais que podem ir na direção de maior inclusão e participação social ou de exclusão e marginalização das pessoas idosas. Em relação ao envelhecimento atrelado ao conjunto de experiências ao longo da vida, pela longa trajetória de anos vividos, é esperado que as pessoas idosas tenham vivenciado inúmeras situações relacionadas à vida profissional, familiar, social, assim como mudanças sociais (guerras, transformações políticas, epidemias), resultando numa aprendizagem por experiência, que situa essas pessoas em diferentes posições, lugares e papéis sociais, assim como no envolvimento em atividades consideradas significativas para si e para a sociedade. Assim, propõe-se a estudar o envelhecimento nessa tensão entre pessoas em desenvolvimento e seu ambiente em constante transformação social (Zittoun; Baucal, 2021).

Nessa perspectiva interacionista, num esforço de aproximação com a natureza complexa e dialética do objeto de pesquisa, articulamos a Psicologia do Desenvolvimento Humano ao campo da Psicologia Social, com a Teoria das Representações Sociais (TRS) como principal referência teórica neste estudo. Como explicado anteriormente pelas teorias do desenvolvimento social, os papéis e posicionamentos sociais, assim como as representações sociais são elementos relevantes para o estudo da ontogênese, o que nos convoca para a aproximação com a psicologia social, construindo pontes necessárias para ampliação do conhecimento científico. Serge Moscovici, psicólogo social romeno, desenvolveu a TRS na década de 1960, em Paris. Nessa construção teórica, além das influências dos teóricos Durkheim, Lévy-Bruhl e Vygotsky (sendo esse último teórico, uma referência crucial também para RedSig e Zittoun), os estudos de Piaget sobre o desenvolvimento infantil foram considerados os mais relevantes nessa trajetória. Moscovici (2003) resalta três elos com Piaget:

1) o estudo do senso comum – Piaget interessado no das crianças, e ele no senso comum dos adultos; 2) os métodos de observação e entrevistas focais utilizados por Piaget, e do mesmo modo por Moscovici; e 3) a representação como ideia teórica (não apenas uma noção), conceito importante para Piaget, e assim considerado também por Moscovici. Ao discordar do enquadramento da Psicologia social como um ramo da psicologia experimental, Moscovici explica que:

[...] a psicologia social não é uma ciência de funções isoladas – motivação, percepção – mas uma ciência do todo dos indivíduos, ou dos grupos, na continuidade da psicologia infantil. **É uma ciência do desenvolvimento, da mudança**, não das reações a ambientes fixos (2003, p. 341, grifo nosso).

Epistemologicamente, a TRS traz um conjunto de premissas para a construção do conhecimento científico – uma teoria crítica à ciência moderna –, como a legitimidade dos diferentes paradigmas científicos, a ênfase na desnaturalização dos objetos sociais e a contextualização histórica e cultural das construções humanas. Nesse posicionamento crítico, a TRS compreende que o sujeito tem um papel ativo – ele é construtor e construído pelas realidades sociais –, e propõe, a partir da quebra da dicotomia sujeito-objeto, uma relação ternária com o Alter, no sentido de contemplar a alteridade nos diferentes contextos interacionais. É a partir dessa tríade – Sujeito, Objeto e Alter –, numa dinâmica dialética e dialógica, que se processa a construção do conhecimento social (Doise, 2002). Nesse sentido, a interdisciplinaridade é considerada essencial para que a Psicologia Social seja uma ponte para outras ciências sociais, numa perspectiva de complementariedade.

A Teoria das Representações Sociais postula as possibilidades de compreender a realidade social a partir dos significados atribuídos aos objetos sociais, considerando a influência da cultura, da linguagem e das representações no modo de perceber e agir no mundo. Essas representações são inerentes a qualquer forma de interação humana e estão correlacionadas aos comportamentos dos indivíduos dentro de uma coletividade. As representações sociais possuem duas funções importantes: 1) convencionalizam pessoas, objetos e acontecimentos –, enquadrando-os em determinadas categorias ou modelos, e define sua natureza e suas características, interligando-os com outros significados já familiares; 2) são prescritivas – exercem forte influência no pensamento e na conduta do sujeito, porém, de forma inconsciente (não pensada). As contribuições teóricas das TRS permitem, também, compreender o processo de construção das representações através de dois mecanismos: a) ancoragem: inserir algo não familiar em categorias e imagens já construídas, tornando-o

familiar; e b) objetivação: construir um conceito, uma ideia e uma imagem para um objeto não familiar, que não foi possível inserir numa representação pré-existente (Moscovici, 2003).

Na Teoria das Representações Sociais, três abordagens podem ser identificadas pelas suas diferentes contribuições para análises psicossociais. A abordagem estrutural sistematizada por Abric (1998), que teoriza sobre o modo de organização e transformação das representações sociais (RS). Essas representações são constituídas por um núcleo central – no qual um conjunto limitado de sentidos confere organização, estabilidade e resistência às mudanças em relação a determinado objeto social – e um sistema periférico que protege esse núcleo, mas é permeável a novos elementos da realidade, às variações individuais e orientação de condutas. Essa abordagem sobre a estrutura normativa e funcional das RS contribui para pensar a organização e possíveis mudanças na realidade social.

Uma outra abordagem é a sociogenética ou culturalista, desenvolvida por Jodelet, na qual o foco de estudo consiste nas condições do contexto (situação específica) em que são construídas as RS para determinados grupos sociais. A partir de seus estudos sobre as representações sociais da loucura, Jodelet propõe a integração dos processos cognitivos às dimensões simbólicas e ideológicas no estudo das RS, e desenvolve um estudo monográfico (pluridimensional), com técnicas diversificadas (análise documental, observação, entrevista), ressaltando a necessidade de uma abordagem complexa dos fenômenos sociais. A autora ressalta que, independentemente da corrente teórica, há o consenso sobre o “[...] reconhecimento da pertinência e da eficácia das representações no processo de elaboração das condutas” (Jodelet, 2005, p. 42).

Por fim, a TRS dispõe da abordagem societal, proposta por Doise (2002), apresentada anteriormente apenas no plano epistemológico, que prioriza a integração dos processos individuais com os de ordem sociais, isto é, uma articulação entre quatro níveis de análise: os processos intraindividuais (como os sujeitos organizam suas experiências com o ambiente); interindividuais e situacionais (sistemas de interações); intergrupais (as posições dos sujeitos nas relações sociais da sociedade); e sociais (sistemas de representações, crenças, avaliações, normas sociais). E, mais recentemente, Doise e Valentim (2015) acrescentaram mais dois níveis de análise: o neurológico, considerando-se variações nas funções cerebrais de acordo com as relações sociais; e o intersocietal, relacionado com a globalização, que resulta em representações sociais compartilhadas entre sociedades interculturalmente (com destaque para os estudos sobre direitos humanos).

Nesta direção, é evidente o objetivo dessa abordagem em conectar o individual ao coletivo, de buscar a articulação de explicações de ordem individual com explicações de ordem societal, evidenciando que os processos de que os indivíduos dispõem para funcionar em sociedade são orientados por dinâmicas sociais (interacionais, posicionais ou de valores e de crenças gerais) (Almeida, 2009, p. 719).

Essa abordagem societal, compreende as representações sociais (RS) como campo de articulação dos sistemas cognitivos dos indivíduos com os metassistemas de relações simbólicas da sociedade, em consonância com uma análise do nível micro ao macrosocial. Essa visão societal da psicologia, preconizada por Doise (2002), considera nas análises das RS a articulação de três hipóteses: (1) diferentes membros da sociedade compartilham crenças comuns sobre um objeto social, dada uma determinada relação social (grupo social); (2) há diferenças nas tomadas de posições dentro do mesmo grupo em relação a determinado campo de RS; e (3) há a ancoragem das tomadas de posição em outras realidades simbólicas coletivas. Assim, a TRS contempla o que há de comum/homogêneo, as diferenças/idiossincrasias e as múltiplas relações entre as realidades simbólicas constitutivas da RS sobre determinado objeto social. Fugindo de uma perspectiva reducionista, seja biológica, seja social, a TRS, através da abordagem societal, propõe uma articulação entre os processos de funcionamento individuais com as dinâmicas sociais, numa relação semiótica, na qual uma orienta e constitui a outra.

A partir dessa concepção, Doise (2002) propõe como metodologia uma abordagem tridimensional das RS, que consiste na investigação: (1) o campo comum das RS para um determinado grupo e contexto; (2) as tomadas de posições individuais dentro de um campo de RS; e (3) a ancoragem das tomadas de posições em outras realidades simbólicas. Essa abordagem societal foi a escolhida como recurso teórico para análise do objeto de pesquisa da presente pesquisa, em face do seu foco nas interações sociais em diferentes níveis de inserção do sujeito, desde relações mais diretas e proximais, até as relações intergrupais e com contextos macrosociais. Nesse sentido, a TRS dialoga com as teorias e paradigmas da Psicologia do Desenvolvimento Humano, tendo como eixo interseccional a centralidade nas relações pessoa-ambientes e as dinâmicas nos diferentes níveis interacionais. A ideia é explorar uma abordagem mais fluida e dinâmica das representações sociais, considerando que os elementos dessa teoria poderão contribuir para análise da rede de significados acerca do objeto de pesquisa, com destaque para o processo de ancoragem na elaboração do pensamento do grupo social.

As três perspectivas teóricas – a RedSig, a teoria das transições de Zittoun e a Teoria da Representação Social (TRS) – compartilham um interesse comum em compreender as mudanças e transformações ao longo do curso de vida, articulando dimensões individuais e

sociais. Todas elas enfatizam a importância das interações sociais, dos contextos culturais e históricos, e dos processos de construção de significados na constituição da identidade e do desenvolvimento humano. A RedSig, por exemplo, introduz o conceito de matriz sócio-histórica, que permite analisar como as condições socioeconômicas e políticas influenciam as trajetórias individuais. Essa perspectiva se alinha com a teoria das transições de Zittoun, que também destaca a importância dos contextos sociais e culturais, articulando os quatro níveis de análise – intraindividuais, interindividuais e situacionais, intergrupais e sociais – com referência a Doise (Zittoun, 2009). Ambas as teorias, assim como a TRS, concebem as pessoas como agentes ativos na construção de seus conhecimentos e significados, enfatizando a natureza discursiva e semiótica da experiência humana (Doise; 2002; Moscovici, 2003; Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2004; Zittoun, 2009).

Em síntese, compreendemos que essas teorias oferecem um conjunto de ferramentas analíticas para compreender como as pessoas dão sentido à realidade social, como as ideias se difundem e se transformam ao longo do tempo. Ao articular os níveis micro e macro sociais, essas perspectivas contribuem para uma compreensão mais abrangente e complexa dos processos de desenvolvimento humano, especialmente na velhice.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi planejada a partir de uma abordagem qualitativa, que prioriza a compreensão da complexidade da experiência humana, aprofundando-se no universo dos significados, aspirações, valores, atitudes e crenças (Minayo, 2007). Assim, apoiamos todo o processo da pesquisa numa perspectiva psicossocial, desde a sua concepção (projeto de pesquisa) até a análise final dos resultados, priorizando uma ação reflexiva e as demandas psicossociais apresentadas pelas pessoas idosas, nosso maior compromisso ético na produção científica. Nesse viés, a partir dessa perspectiva qualitativa, entendemos que o trabalho interpretativo é:

[...] árduo, não passível de ser pautado em um modelo apriorístico e geral. Mas está longe de ser subjetivo e embasado em emoções que sustentem opiniões. É sempre um trabalho intersubjetivo que avança no diálogo lógico-racional entre pessoa investigadora – texto-contexto – estudos que dizem do investigado (Bicudo, 2021, p. 552).

A partir dessa compreensão, os caminhos metodológicos foram sendo construídos a partir das contribuições da perspectiva da Rede de Significações (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2004); Teoria das Dinâmicas de Transições (Zittoun, 2007a; 2007b, 2009, 2012); e da Teoria das Representações Sociais (Doise, 2002; Moscovici, 2003), objetivando uma articulação entre a Psicologia do Desenvolvimento Humano e a Psicologia Social, no exercício de construção de uma Psicologia Societal, que contemple os fenômenos humanos em seus diferentes níveis interacionais, do micro (intra e interpessoal) ao macrosocial (Doise, 2002).

4.1 FASE PREPARATÓRIA PARA PESQUISA DE CAMPO / LOCAL DA PESQUISA

A partir do conhecimento sobre o Trabalho Social com Grupos de Idosos no Serviço Social do Comércio (Sesc), através de estudos sobre envelhecimento publicados na Revista Mais 60, produzida pelo Sesc São Paulo. Por meio dessas informações iniciais, tomamos conhecimento sobre o funcionamento desses grupos em Pernambuco, e assim consideramos que essa instituição seria um *lócus* interessante para a realização da pesquisa, por quatro motivos iniciais: (1) acessibilidade às pessoas idosas para pesquisa; (2) ser um grupo de pessoas idosas que compartilham experiências cotidianas, e possivelmente contextos sociais e culturais afins; (3) serem idosos/as com engajamento em atividades sociais, ou seja, que preservavam certa autonomia e condições de saúde favoráveis à pesquisa; e (4) ser um grupo que vivenciou mudanças decorrentes da pandemia, visto que as atividades institucionais ficaram suspensas

por um ano e sete meses, ou seja, houve uma interrupção no cotidiano imposta no convívio do grupo. Assim, nós conjecturamos que o período da pandemia seria percebido pelas pessoas idosas como uma ruptura, no sentido de uma descontinuidade ou instabilidade, com consequentes mudanças e transformações na velhice, problemática de interesse desta pesquisa.

Nosso primeiro contato foi com a Diretoria de Programas Sociais do Sesc-PE, via carta enviada por e-mail, explicando nosso interesse, para fins de pesquisa, em conhecer o trabalho com os/as idosos/as realizado nesse local. A resposta veio rapidamente com a aprovação da proposta, dando início às ações de aproximação com o campo. Inicialmente, o encontro se deu com a equipe técnica (gerente e assistente social) da unidade do Sesc de Casa Amarela (situada em Recife), e posteriormente com a equipe técnica e participantes do Grupo Social de Idosos do Sesc Ler, de São Lourenço da Mata¹, município situado na Região Metropolitana do Recife (RMR). A ideia foi conhecer duas unidades em localidades distintas para uma escolha coerente com os objetivos da pesquisa. Ao final, decidimos pelo grupo de idosos/as da unidade de São Lourenço da Mata, uma vez que havia um quantitativo mais expressivo de homens, potencializando futuras análises relacionadas às questões de gênero na velhice. Além disso, priorizamos o interesse pelo investimento em pesquisas que ampliem o alcance para além da capital, onde se concentra parte significativa das produções científicas e maior desenvolvimento socioeconômico, em contraste com os municípios dos arredores, que apresentam maior vulnerabilidade econômica e social e, portanto, uma demanda social que precisa ser visibilizada na área da Psicologia.

A cidade de São Lourenço da Mata é considerada uma das mais antigas do Brasil e está situada a 19,7 km da capital pernambucana. Historicamente, há registros de população indígena desde 1554, quando houve a colonização pelos portugueses, local de exploração do Pau-Brasil e de engenhos de cana-de-açúcar, cuja atividade açucareira era a principal fonte de renda dessa região. Atualmente, essa atividade relacionada ao agropecuário e extrativismo representa menos de 10% da economia, predominando o setor de serviços (terciário), com mais de 60% do produto interno. Em segundo lugar está o setor industrial, em processo de crescimento junto com o terceiro setor.

Quando nos referimos à Região Metropolitana do Recife, há uma diversidade de marcadores econômicos e sociais que não favorecem uma compreensão (mesmo que ampla) sobre o espaço urbano no qual decorreu o processo de desenvolvimento dos interlocutores desta

¹A nomenclatura Sesc Ler refere-se às unidades do Sesc que oferecem Educação de Jovens e Adultos (EJA), promovendo acesso gratuito à educação básica para trabalhadores do comércio, serviços, turismo, seus dependentes e a comunidade em geral que não concluíram os estudos no tempo regular.

pesquisa. Sendo assim, apresentaremos a seguir, uma tabela informativa e comparativa entre a capital Pernambucana, Recife, e o município de São Lourenço da Mata, assim como algumas imagens no intuito de proporcionar uma aproximação maior com o *lôcus* da pesquisa, diante da sua importância como espaço físico e simbólico no campo das interações e vínculos sociais.

Tabela 1 – Dados socioeconômicos comparativos entre Recife e São Lourenço da Mata

MUNICÍPIOS	RECIFE	SÃO LOURENÇO DA MATA
População: População estimada (2022):	1.488.920 pessoas	111.249 pessoas
Posição dentre os 185 municípios de PE em relação à maior população:	1º / 185	12º / 185
População idosa (2010):	11,8%	9,2%
Território: Área (2022):	218,843 km²	263,687 km²
Domicílios urbanos em vias públicas com arborização (2010):	60,5%	17,4%
Domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio) (2010):	49,6%	13,5%
Domicílios com esgotamento sanitário adequado (2010):	69,2%	38,4%
Economia: Salário médio dos trabalhadores formais (2021):	3,2 Salários-Mínimos	2,0 Salários-Mínimos
IDHM (2010):	0,772	0,653
População ocupada em alguma atividade laboral (2021):	43,14%	9,8%
PIB per capita (2021):	33.094,37	12.568,10
Educação: Taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade (2010):	97,1%	97,1%
Saúde: Mortalidade infantil (2022):	10,93 óbitos por mil nascidos vivos	13,49 óbitos por mil nascidos vivos
Estabelecimentos de saúde do SUS (2009):	274	22

Fonte: A Autora (2024).

Nota: Tabela elaborada a partir de dados contidos no site do IBGE (2023). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/recife/panorama> . Acesso em: 25 abril/2023.

Figura 1- Centro histórico de São Lourenço da Mata



Fonte: Câmara municipal de São Lourenço da Mata (2024).

Figura 2 - Ponte sobre o Rio Capibaribe na cidade de São Lourenço da Mata



Fonte: Prefeitura de São Lourenço da Mata (2024).

Figura 3 – Centro de São Lourenço da Mata



Fonte: Prefeitura de São Lourenço da Mata (2024).

A partir desse panorama sobre o município de São Lourenço da Mata, observamos uma discrepância de ordem econômica, populacional e de infraestrutura territorial em relação à capital, revelando as dificuldades dessa região. Por outro lado, visualizamos similaridades em relação aos marcadores educacionais, e mais especificamente de interesse nesta pesquisa, à proporção populacional de pessoas acima de 60 anos. Nesse contexto, o Sesc Ler de São Lourenço da Mata atua desde 2008, atendendo a população local e de cidades vizinhas.

O Sesc é uma entidade privada, mantida pelos empresários do comércio de bens, serviços e turismo e que propõe programas nas áreas de Educação, Saúde, Lazer, Cultura e Assistência nas periferias da capital e municípios do interior. Apresenta como sua missão institucional: “Promover ações socioeducativas que contribuam para o bem-estar social e a qualidade de vida dos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo, de seus familiares e da comunidade, para uma sociedade justa e democrática” (Sesc PE, 2023a). Apesar de a instituição ser voltada para o público comerciário, todos os seus serviços são disponibilizados para a população em geral, inclusive com gratuidade nos serviços para os que declaram renda familiar inferior a três salários-mínimos, público majoritário nas 17 unidades distribuídas pela RMR e cidades do interior de Pernambuco.

A diretora do Sesc Ler de São Lourenço da Mata disponibilizou os espaços físicos (salas, auditórios), o contato direto com o grupo de idosos/as, além de acesso aos cadastros desses participantes para a realização da pesquisa. Desde o primeiro contato com a equipe técnica, estabelecemos uma relação de confiança e colaboração. Acerca do trabalho social com pessoas idosas, que funciona em 15 unidades do Sesc em Pernambuco, a instituição o descreve da seguinte forma:

O Sesc é pioneiro no desenvolvimento do Trabalho Social com Idosos. A atividade consiste em ações voltadas para a valorização e a inclusão do cidadão idoso, através de reuniões, palestras, debates, atividades culturais, dinâmicas de grupo, entre outras atividades. A equipe técnica viabiliza ainda oficinas, cursos, atividades esportivas, seminários, eventos, passeios, atendendo às necessidades da clientela. O trabalho é sistemático e contribui para a socialização dos idosos, elevação da autoestima, reescalonamento de valores, reconstrução da autoimagem e da autonomia (Sesc PE, 2023b).

Figura 4 - Sesc Ler São Lourenço da Mata



Fonte: Sesc Ler São Lourenço da Mata (2024).

O trabalho social com pessoas idosas consiste numa atividade em grupo, geralmente com mais de 100 inscritos (sem limite de participantes) de ambos os sexos, acima de 60 anos, com encontros semanais, de duração de duas a três horas. Tal atividade envolve tarefas diversificadas nas áreas de lazer, educação, assistência social e cultura, coordenadas pela assistente social da instituição. Na prática, a cada encontro uma temática diferente é abordada no grupo, através de palestras com profissionais convidados, como violência contra o idoso, cuidados com a higiene bucal, uso de ervas medicinais, entre outros temas. Além disso, em alguns encontros, o protagonismo é dos/as participantes idosos/as, como em gincanas, apresentações musicais, de danças, entre outros. A metodologia do Grupo de Idosos do Sesc é bem dinâmica, participativa e diversificada em suas temáticas, o que torna a atividade ainda mais atrativa para as pessoas idosas.

No primeiro encontro com o grupo do Sesc de São Lourenço, foi possível conhecer alguns dos seus integrantes (50 idosos/as) e observar as interações dos pares, que se reuniam pela segunda vez após um ano e sete meses de suspensão das atividades institucionais por causa da pandemia da COVID-19. O encontro aconteceu na quadra esportiva (ambiente aberto e ventilado), com as cadeiras dispostas com distanciamento físico (1,5m), todos usando máscara e já devidamente vacinados (duas vacinas). Foi interessante observar as diferentes reações entre os/as idosos/as, uns bem contidos, preservando o distanciamento físico; e outros que interagiam mais energicamente, transitando entre o grupo, por vezes, sendo advertidos pelos colegas quanto ao uso correto da máscara ou aproximação física. Contudo, todos denotavam satisfação

e entusiasmo por estarem novamente juntos, com conversas animadas, compartilhando novos conhecimentos e experiências diante dos últimos acontecimentos em suas vidas pessoais e coletivas (como a pandemia).

Nesse primeiro encontro foi possível conversar informalmente com alguns subgrupos, sendo eles bem receptivos e comunicativos, contribuindo com questões importantes para a construção da pesquisa, como: o sentimento de discriminação diante da evitação das outras pessoas no convívio social no contexto da pandemia; o sofrimento e o adoecimento mental diante do isolamento e das perdas de familiares e amigos na pandemia; a segurança e proteção atribuídas à vacinação contra a COVID-19; as opiniões de reprovação ao termo ‘velho’, ressaltando a jovialidade como “estado de espírito”; e o papel do grupo do Sesc como espaço privilegiado para manutenção das interações e vínculos sociais.

Ainda nesse momento inicial de preparação da pesquisa, realizamos também um levantamento sociodemográfico sucinto sobre todos os participantes dessa atividade social, a partir dos registros cadastrais disponibilizados pela assistente social para a pesquisadora. A ideia era ampliar o conhecimento sobre esse grupo de pessoas idosas para um planejamento mais efetivo em relação à pesquisa de campo. A partir desse material, os dados foram sistematizados num software de planilha (Excel), revelando o seguinte panorama, apresentado na tabela a seguir:

Tabela 2 – Principais dados sociodemográficos do Grupo Social de Idosos do Sesc Ler de São Lourenço da Mata

Total de inscritos no Grupo	
Social de Idosos	147 inscritos
Gênero	85% do gênero feminino (total de 20 homens)
Faixa etária	73 % estavam na faixa etária de 60 a 75 anos (terceira idade, sendo 13% de 60 a 65 anos; 30% de 66 a 70 anos; 30% de 71 a 75 anos; e na quarta idade havia 27%, sendo 15% de 76 a 80 anos; 11% de 81 a 85 anos; e 1% acima de 90 anos
Renda familiar	78% com renda familiar de até dois salários-mínimos
Domicílio	83% residiam no município de São Lourenço da Mata - RMR

Fonte: A Autora (2024).

No decorrer desse levantamento, identificamos uma característica relevante desse grupo, relacionada ao número expressivo de idosos/as que residiam sozinhos/as (33%) ou apenas com um familiar (41%), indicando a participação no Grupo Social como uma possível estratégia de ampliação da rede social. Essa planilha foi disponibilizada para a assistente social

da instituição, como uma das ações de contrapartida da pesquisa, auxiliando na organização das informações institucionais. Essa fase preparatória foi fundamental para a revisão das hipóteses, objetivos e instrumentos da pesquisa, assim como para o delineamento metodológico, evidenciando que a entrada no campo propicia um aprimoramento do planejamento inicial da investigação, tornando-a mais ajustada às condições de pesquisa encontrada.

4.2 PARTICIPANTES

A pesquisa foi realizada com 73 pessoas com idades acima de 60 anos, de gênero feminino e masculino e diferentes níveis de escolaridade, que participavam do Trabalho Social com o Grupo de Idosos do Sesc Ler de São Lourenço da Mata. Esse total de participantes é resultante de três subgrupos, que denominamos como: Grupo 1, composto por 32 voluntários que participaram do Trabalho de Campo – fase 1; o Grupo 2 refere-se a 30 idosos/as que participaram do Trabalho de Campo – fase 2; e o Grupo 3, composto por 21 idosos/as, sendo 10 incluídos também nos grupos anteriores, que serão detalhados mais adiante.

A não restrição de faixa etária dos participantes dentro do “período da velhice” foi uma escolha metodológica para priorizar as relações interpessoais entre os componentes do grupo e o interesse deles pela pesquisa, pois evidenciaram querer preservar seus espaços de fala e escuta. Não desconsideramos, entretanto, a complexidade e multiplicidade de velhices articuladas com as especificidades dos contextos socioculturais. Essas especificidades relacionadas às idades na velhice foram consideradas passíveis de análise nos resultados desta pesquisa, agregando mais conhecimento e aprofundamento para as discussões sobre o envelhecimento.

4.2.1 Critérios de inclusão e exclusão

Os critérios de inclusão para os participantes na pesquisa foram: 1) ser integrante do Trabalho Social com Idosos do Sesc Ler de São Lourenço da Mata e, consequentemente, com idade acima de 60 anos; 2) frequentar o grupo há, no mínimo, seis meses antes da interrupção das atividades frente à pandemia (em março de 2020) – aplicado apenas ao Grupo 1. Já os critérios de exclusão consistiram em: 1) apresentar deficiência de audição severa (sem correção por uso de próteses) e/ou dificuldades na linguagem oral que inviabilizassem a comunicação com a pesquisadora; 2) apresentar patologias que comprometessem suas capacidades cognitivas, como quadros demenciais ou transtornos mentais graves, dificultando as respostas aos instrumentais da pesquisa.

4.3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA DE CAMPO

Os instrumentos, técnicas e procedimentos de análise dos dados serão apresentados de modo integrado, priorizando-se o percurso cronológico da pesquisa.

4.3.1 Aspectos éticos

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas (CEP) da Universidade Federal de Pernambuco, em conformidade com a Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. O projeto teve autorização para início de coleta, conforme pode ser verificado no parecer de nº 5.251.399 (ver ANEXO B). A partir dos referenciais da bioética, esta pesquisa cumpriu a exigência do Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo a autonomia dos participantes na pesquisa, com possibilidade de desistência em qualquer uma das etapas da pesquisa (ver APÊNDICE A). Também cumpriu a exigência da Carta de Anuência da instituição onde a pesquisa foi realizada, ou seja, Anuência do Sesc Ler de São Lourenço da Mata – PE (ver ANEXO A).

Quanto aos riscos previstos nesta pesquisa, relacionados aos possíveis desconfortos referentes às temáticas sobre as experiências dos/as idosos/as durante a pandemia, houve todo o cuidado na condução das entrevistas, com reformulações ou até mesmo interrupções pertinentes para preservação do bem-estar dos participantes. Além disso, mantivemos as medidas de prevenção ao contágio do Coronavírus durante toda a pesquisa de campo, como: uso de máscara por todos os envolvidos na pesquisa, distanciamento físico mínimo de 1,5 metros durante a realização das técnicas e uso dos instrumentais, disponibilização de álcool em gel durante os encontros, suspensão das atividades de pesquisa diante de qualquer sintoma gripal por parte da pesquisadora ou dos participantes da pesquisa e, por fim, a comprovação vacinal prévia de todos os envolvidos na pesquisa. Em relação aos benefícios da pesquisa, realizamos uma palestra informativa sobre envelhecimento para os voluntários (e todo o Grupo Social de Idosos), e consideramos também como benéfico os espaços de escuta proporcionados durante a pesquisa, na qual as pessoas idosas puderam compartilhar seus sentimentos e experiências pessoais, o que foi especialmente importante durante a pandemia. Por fim, cumprimos o protocolo de assinatura de termo de compromisso com arquivamento digital, protegido por senha em computador particular, dos dados coletados no estudo. Tal arquivamento ficará sob a responsabilidade da pesquisadora Juliana Oliveira Albuquerque de

Souza, no endereço de Rua Jurema, nº 8, Aldeia dos Camarás, São Lourenço da Mata, pelo período mínimo de cinco anos após o término da pesquisa.

Ressaltamos que o compromisso ético nesta pesquisa foi constantemente atualizado, através de uma postura reflexiva sobre todas as etapas do trabalho, “[...] que envolve revisar os fatos sobre a situação de pesquisa proposta, identificar questões e diretrizes relevantes, e considerar pontos de vista múltiplos e métodos ou procedimentos alternativos” (Shaughnessy; Zechmeister; Zechmeister, 2012, p. 98).

4.3.2 Qualificação do projeto de pesquisa

Durante a tramitação do projeto no CEP da UFPE, o projeto passou pelo Exame de Qualificação, em fevereiro/2022, com aprovação da banca examinadora composta pelas doutoras docentes: Ana Paula Soares da Silva (USP- Ribeirão Preto); Simone Cagnin (UERJ), Maria de Fátima de Souza Santos (UFPE) e Renata Lira dos Santos Aléssio (UFPE).

4.3.3 Apresentação do projeto

Apresentamos o projeto de pesquisa à diretoria e equipe técnica do Sesc Ler São Lourenço da Mata, com os devidos esclarecimentos técnicos e éticos para o início da operacionalização do trabalho.

4.3.4 Projeto-piloto

Antes de iniciar propriamente a pesquisa de campo foi realizado um pré-teste, por meio de uma entrevista piloto com a primeira voluntária, após a devida anuência no TCLE. Os objetivos nessa etapa piloto consistiram em verificar a adequação dos instrumentos aos objetivos da pesquisa (vocabulário acessível, conteúdo abordado, organização das perguntas), conferir os critérios para seleção dos participantes e avaliar alguns indicativos sobre os resultados futuros. O projeto-piloto é considerado uma etapa inicial importante, tanto para o aprimoramento da execução da pesquisa, quanto um teste para o próprio pesquisador, que poderá identificar inadequações ou excessos na definição das variáveis, hipóteses, seleção dos participantes, entre outros (Lakatos; Marconi, 2003). A execução do projeto-piloto foi uma etapa fundamental no processo de construção desta pesquisa, pois resultou em ajustes metodológicos relevantes para o estudo.

4.3.5 Trabalho de campo – fase 1

Para o Grupo 1 (32 participantes), após consentimento através do TCLE, foram aplicados o Questionário Sociodemográfico, a Técnica de Associação Livre das Palavras (TALP) e a entrevista semiestruturada e reconstrutiva, num único encontro individual, com duração média de 40 minutos (ver APÊNDICE B E D). A sala disponibilizada pelo Sesc Ler de São Lourenço da Mata tinha ótimas condições estruturais (ventilação, iluminação, móveis). Optamos pela aplicação dos instrumentos e técnicas, assim como pelo registro das respostas, a fim de minimizar os riscos de perda do conteúdo produzido na pesquisa, seja pela dificuldade de escrita dos voluntários, em sua maioria com poucos anos de escolarização, seja pelas restrições físicas relacionadas à visão ou destreza manual para escrita. Ao longo da etapa piloto, observamos que tal dinâmica de trabalho entre pesquisadora-participante facilitava a comunicação, o *rapport* e a espontaneidade nas respostas dos/as idosos/as.

4.3.5.1 Levantamento sociodemográfico

Foi utilizado um questionário para levantamento de dados sociodemográficos que contemplava 21 itens relacionados a variáveis demográficas e sociais, com finalidade de uma compreensão das produções discursivas dos participantes, de modo contextualizado social e culturalmente. Nesses itens foram contemplados idade, gênero, cor da pele, escolaridade, domicílio, estado civil, renda familiar, religião, condições de saúde, vacinação da COVID-19, opinião política, entre outros (ver APÊNDICE B). Apesar do formato de questionário, o levantamento foi realizado através de entrevistas pessoais, visto que a pesquisadora foi a responsável pela leitura das perguntas e registro das respostas. As entrevistas pessoais para levantamento permitem ao respondente “[...] obter esclarecimentos, quando as questões não estão claras, e o entrevistador pode esclarecer respostas incompletas ou ambíguas a questões abertas” (Shaughnessy; Zechmeister; Zechmeister, 2012, p. 161). Para a análise dessas variáveis, foi utilizado o *software* Excel da Microsoft Office, que de modo simples e rápido, permitiu a organização dos dados por meio de tabelas e gráficos explicativos sobre a frequência e proporção das características sociodemográficas do grupo participante da pesquisa. A partir desse levantamento demográfico foi possível conhecer algumas especificidades do grupo de pessoas idosas envolvido nesta pesquisa, que serão apresentadas no subcapítulo 5.1.

4.3.5.2 Técnica da Associação Livre de Palavras

A partir das primeiras entrevistas (incluindo a entrevista piloto), observou-se certa resistência ao aprofundamento nas respostas dos participantes relacionadas às suas opiniões e vivências sobre a pandemia, possivelmente pelo processo ainda em elaboração sobre as experiências nesse contexto pandêmico de graves repercussões no âmbito da saúde física, mental e social. Por esse motivo, a Técnica da Associação Livre das Palavras (TALP) foi escolhida por ser um recurso direcionado para evocações de sentidos sobre um objeto da pesquisa, de forma rápida e espontânea, minimizando a tendência às respostas aceitas socialmente. A TALP consiste na apresentação de palavras ou expressões indutoras, a partir das quais os sujeitos registram as palavras evocadas mediante esses estímulos, revelando significados interiorizados sobre determinado objeto social. Em seguida, as palavras evocadas são hierarquizadas de acordo com a sua importância pelo próprio participante, acrescida de uma justificativa para a escolha da palavra colocada em primeiro lugar nessa hierarquização.

A TALP é caracterizada como uma técnica de levantamento da estrutura interna das representações, ou seja, de identificação dos elementos centrais e periféricos da representação, utilizada frequentemente numa abordagem estrutural da Teoria das Representações Sociais (Almeida, 2005). No entanto, a proposta nesta pesquisa foi de um uso diferente da TALP, com fins de facilitar a evocação do campo semântico relacionado ao objeto de estudo, nesse caso, a pandemia da COVID-19, mas sem objetivo de uma análise estrutural das representações sociais. A ideia foi investigar o campo de sentidos e significados sobre a pandemia, com o auxílio da TALP, utilizando como expressão indutora: pandemia da COVID-19, buscando-se identificar os consensos, dissensos e as principais ancoragens no processo de significação sobre a pandemia, numa aproximação com a abordagem societal da Teoria das Representações Sociais (TRS). Essa adaptação do uso da TALP com a finalidade de investigação semântica foi considerada exitosa, visto que os participantes conseguiram expressar suas percepções e pensamentos sobre a pandemia. Uma outra escolha para esta pesquisa foi a realização da leitura das instruções e o registro das respostas pela pesquisadora, diante dos mesmos motivos do levantamento sociodemográfico, ou seja, estratégia de minimização das dificuldades de leitura e escrita dos participantes, o que também otimizou o aproveitamento do material, minimizando as dificuldades na comunicação, seja de ordem escrita ou oral.

Como procedimento para tratamento da produção textual decorrente da TALP foi utilizado, como recurso de apoio, o software IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses*

Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), um programa gratuito que permite diferentes leituras estatísticas de texto, configurando-se como um recurso facilitador de organização de dados textuais em pesquisas qualitativas. Além da função organizadora dos dados e da gratuidade desse software, é importante destacar outros benefícios do Iramuteq, como os seus diferentes tipos de análises textuais, análises multivariadas, recursos gráficos e a possibilidade de acesso aos contextos dos enunciados no processo de tratamento dos dados (Salvador *et al.*, 2018).

Dentre as possibilidades de leituras estatísticas do Iramuteq, a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) foi a escolhida para tratamento dos dados desta pesquisa, por possibilitar o agrupamento das informações (clusters), a partir das similaridades e diferenciações textuais, auxiliando na organização de significantes em categorias temáticas. A partir de matrizes interligando as formas reduzidas do vocabulário e os segmentos de textos em sucessivos testes do tipo χ^2 , aplica-se o método de CHD e obtém-se uma classificação definitiva, resultando em um dendrograma que ilustra as relações entre as classes (Sousa, 2021; Camargo; Justo, 2013). Como mostra a pesquisa de Sousa *et al.* (2020), a CHD é a análise textual mais utilizada nas pesquisas com o Iramuteq, software mais utilizado na área da psicologia e enfermagem, em estudos na área de saúde, e que acompanha também a predominância do uso da Teoria das Representações Sociais.

Para o uso da CHD é imprescindível respostas para questões monotemáticas (Camargo; Justo, 2013), que neste caso foi sobre a pandemia da COVID-19. Não obstante, apesar de haver indicações do software para textos extensos, foi utilizada a estratégia de comando para análise de textos curtos, evitando a segmentação dos textos iniciais. Por fim, retomamos um outro atrativo do Iramuteq para esta pesquisa, que consiste na apresentação de todos os contextos textuais dos enunciados categorizados em cada classe (a identificação das respostas de cada sujeito nas classes construídas pelo software), facilitando a análise do conteúdo de cada uma dessas classes. Sendo assim, o uso desse recurso permitiu a otimização na organização dos dados sem prejuízos interpretativos, pelo contrário, ele nos auxiliou nesse trabalho minucioso de análise contextualizada das falas de cada participante. Assim, ressalta-se que o Iramuteq consistiu num recurso auxiliar de organização e não de interpretação dos dados, pois não é um método por si só, sendo imprescindível o papel da pesquisadora na exploração do material textual e na interpretação dos resultados informatizados, contemplando também as respostas não processadas pelo software (Camargo; Justo, 2013). Apesar do uso de técnicas usualmente utilizadas nas pesquisas da TRS, como explicamos, nossa ideia para esta pesquisa está relacionada a um uso mais para fins de organização e visualização dos principais

elementos dos repertórios linguísticos, considerando a relevância de uma abordagem plurimetodológica. Assim, a proposta desta pesquisa foi explorar as práticas discursivas de modo mais fluido e flexível, priorizando o modo como os sentidos e significados são atribuídos e constituídos em diferentes contextos.

4.3.5.3 Entrevistas semiestruturadas e reconstrutivas

As entrevistas, na abordagem qualitativa, “[...] referem-se a informações diretamente construídas no diálogo com o indivíduo entrevistado e tratam de reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia” (Minayo, 2007, p. 65). Considerando o foco desta pesquisa em processos de mudanças, no modo como as pessoas idosas vão construindo sua rede de significações, ressignificando seus pensamentos e condutas, a entrevista semiestruturada apresenta-se como uma técnica favorável ao estudo das práticas discursivas, da maneira como as pessoas produzem sentidos e posicionam-se em relações sociais cotidianas, priorizando a linguagem na interação social (Spink, 1999). Assim, optamos pela modalidade de entrevista semiestruturada, cujo roteiro foi construído em direção aos objetivos da pesquisa, porém sem restrições à nossa autonomia para desenvolvimento de novas perguntas ou reformulações das perguntas já pré-definidas. Essa autonomia também foi garantida aos entrevistados, que puderam falar sobre outros assuntos suscitados pelas perguntas do roteiro, pois não havia obrigatoriedade de se aterem apenas às indagações da Pesquisadora.

Além de semiestruturada, a entrevista foi de modalidade reconstrutiva, de acordo com o que propõe Zittoun (2009), que consiste numa técnica de reconstrução dos processos de transições a partir de perguntas sobre as mudanças e processos decorrentes de rupturas do passado. Essas reconstruções podem ser organizadas a partir da identificação de uma ruptura, seja pela pesquisadora, seja pela pessoa entrevistada. Nessa entrevista, coube investigar junto ao participante determinados eventos que poderiam ter sido experienciados como rupturas, mas com uma escuta e análise atenta ao que, de fato, foi experienciado como ruptura pelo entrevistado.

A autora Zittoun (2009) destaca que nas entrevistas reconstrutivas é possível abordar diferentes momentos das transições, seja numa etapa concluída ou ainda em processo. Na primeira situação de conclusão, o discurso das pessoas tenderia a focar na trajetória realizada e nos resultados ou eventos finais já alcançados. Já em uma abordagem durante o processo de transição, seria mais viável explorar os sentimentos, as ambivalências vivenciadas diante das mudanças pela ruptura, as hesitações e expectativas incertas sobre o futuro. Para este estudo,

consideramos que as duas situações, de transições concluídas ou em processo frente à pandemia, provavelmente, seriam apresentadas pelos entrevistados, visto que há diferentes modos de lidar com o evento da pandemia, e que em relação ao envelhecimento há muitos outros processos de transição relacionados aos eventos normativos e não normativos.

A partir dessa caracterização das entrevistas, o roteiro foi organizado em três conjuntos de conteúdo: (1) participação social; (2) as mudanças diante da crise da pandemia; e (3) sentidos e significados sobre a velhice/envelhecimento, resultando em 16 perguntas (ver APÊNDICE D). Foram realizadas 32 entrevistas, porém, duas foram excluídas por problemas técnicos na gravação digital, totalizando 30 entrevistas. Utilizamos gravador de voz digital para otimização do tempo e fidedignidade ao conteúdo das falas, com posterior transcrição textual do total de 9 horas e 10 minutos de áudio das entrevistas. Vale ressaltar que tivemos algumas situações que exigiram o manejo profissional diante de participantes fragilizados emocionalmente, em sofrimento psíquico decorrente de perdas durante a pandemia. Para esses poucos casos, priorizou-se o acolhimento em detrimento da pesquisa, pautando-se pelas orientações éticas da atividade e da profissão, assim como procedemos com orientações sobre a importância de avaliação em serviços de saúde mental. Mas, de modo geral, os participantes responderam sobre todas as questões abordadas de modo fluido e participativo, entre momentos de certa tensão e descontração diante dos diferentes assuntos contemplados na pesquisa.

Como procedimento de análise das entrevistas utilizamos uma abordagem microgenética, que consistiu no trabalho minucioso e sistemático de revisitação do *corpus* (*todo o material construído durante a pesquisa junto aos participantes*), a fim de alçar os processos de transformações no curso de vida das pessoas idosas durante a pandemia. A abordagem microgenética propõe o estudo de processos intersubjetivos, interligando os episódios micro individuais com as condições macrossociais, relacionadas às práticas sociais. Essa abordagem mantém a centralidade na articulação entre as dimensões histórica, cultural e semiótica para estudo dos fenômenos psicossociais, como explica Góes (2000, p. 21):

[...] análise microgenética está numa forma de conhecer que é orientada para minúcias, detalhes e ocorrências residuais, como indícios, pistas, signos de aspectos relevantes de um processo em curso; que elege episódios típicos ou atípicos (não apenas situações prototípicas) que permitem interpretar o fenômeno de interesse [...].

A partir dessa abordagem microgenética, desenhou-se os procedimentos para um trabalho interpretativo do material das entrevistas individuais, priorizando-se as contribuições metodológicas da perspectiva da Rede de Significações, da Teoria das Dinâmicas de Transições

e da abordagem societal da Teoria das Representações Sociais, conforme explicamos inicialmente neste capítulo metodológico. Como unidade de análise, escolhemos o binômio ruptura-transições, em concordância com os nossos referenciais metodológicos, cujo ponto em comum é a priorização das crises, rupturas, mudanças como momentos mais propícios para o estudo do desenvolvimento humano e fenômenos psicossociais (Moscovici, 2003; Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2004; Zittoun, 2009).

No primeiro momento realizamos várias leituras de todas as transcrições das entrevistas, sem preocupação ainda com uma tarefa interpretativa, mas de inserção e impregnação com o universo semântico construído na interação pesquisadora-participantes. Essa etapa inicial configurou-se numa ação de identificação dos primeiros sentidos, contradições, contextos e relações para nossa análise inicial, visto que:

Trata-se de um processo dialético em que o pesquisador não pode deixar de lado alguns princípios, como a totalidade dos elementos objetivos e subjetivos que constituem as significações produzidas pelo sujeito, as contradições que engendram a relação entre as partes e o todo, bem como deve considerar que as significações constituídas pelo sujeito não são produções estáticas, mas que elas se transformam na atividade da qual o sujeito participa (Aguar *et al.*, 2015, p. 63).

No segundo momento, o nosso trabalho foi de uma releitura minuciosa do *corpus* resultante das entrevistas para um mapeamento dos sentidos e significados sobre as possíveis rupturas diante da pandemia da COVID-19 na velhice, buscando identificar os consensos e dissensos nos discursos dos sujeitos, assim como os eventos correlatos de transformações no curso desse envelhecimento. Como prevê metodologicamente a RedSig, o foco da análise é capturar os processos de mudança ao longo do tempo (recorte temporal da pesquisa) e de situações (contexto pandêmico, por exemplo). A partir da análise das mudanças, busca-se apreender novos e velhos comportamentos, emoções e concepções, a coconstrução e mútuas transformações, através das quais passam as pessoas, os relacionamentos e o próprio contexto (Rossetti-Ferreira *et al.*, 2004).

A investigação dos processos de significações atrelados aos episódios de rupturas, crises e transformações possibilitou o trabalho de análise-síntese, como movimentos simultâneos, em coerência com o pensamento dialético, possibilitando a etapa de construção de eixos de análise. Nesses eixos, o desafio foi compreender a Rede de Significações na qual estava situado o discurso do grupo social da pesquisa, a partir dos “[...] sinais de transição e mudança, associados a elementos de circunscrição e resistência” (Rossetti-Ferreira *et al.*, 2004, p. 32). Na

análise dos múltiplos elementos da RedSig, foram priorizados *os circunscritores e a matriz sócio-histórica* nas narrativas sobre as transições no curso de vida diante da situação de crise da pandemia. Nesses eixos de análise, a ideia foi seguir “[...] acompanhando ainda seus movimentos de transformação e procurando interpretar os processos pelos quais as significações emergem” (Rossetti-Ferreira *et al.*, 2004, p. 31).

4.3.6 Trabalho de campo - fase 2

Após conclusão da fase 1 com 32 participantes, aproveitamos o acesso ao público de idosos/as do Trabalho Social com Idosos do Sesc Ler de São Lourenço da Mata e ampliamos o quantitativo de respondentes da TALP. Assim, decidimos acrescentar, nessa segunda fase da pesquisa de campo, mais 30 participantes (Grupo 2). Como o uso da TALP tinha como objetivo explorar o campo semântico sobre a pandemia, suspendemos para esse grupo o critério de inclusão referente ao tempo mínimo de permanência de seis meses nessa atividade social, ou seja, qualquer idoso do Trabalho Social poderia participar dessa etapa da pesquisa. A TALP foi realizada juntamente com a aplicação da versão resumida do levantamento sociodemográfico (ver APÊNDICE C), que conteve apenas oito itens fundamentais sobre identificação, idade/data de nascimento, gênero, cor da pele, escolaridade, domicílio, renda familiar e questões sobre a COVID-19.

A TALP e o levantamento sociodemográfico foram aplicados individualmente, na sala disponibilizada para pesquisa na instituição, seguindo a mesma metodologia realizada com o grupo 1. Os encontros tiveram duração média de 10 minutos, e todas as perguntas e respostas foram registradas pela pesquisadora. A análise desse material foi realizada conjuntamente com o respectivo material produzido pelo Grupo 1, na fase 1, descrita anteriormente. Desse modo, até a fase 2, 62 voluntários participaram da pesquisa, em momentos diferentes, mas cujos resultados somaram-se para maior consistência e aprofundamento das análises deste estudo.

4.3.7 Conclusão da pesquisa de campo – fase 1 e 2

A pesquisa de campo (fase 1 e 2) foi concluída após 12 encontros com os/as idosos/as no Sesc Ler de São Lourenço da Mata, envolvendo o contato individualizado com os participantes, assim como a observação e socialização com o grande grupo nos encontros institucionais semanais. Os encontros com os participantes aconteceram apenas nas sextas-feiras (dia do Trabalho Social com Idosos), no período de março a julho/2022, com suspensão das atividades por três semanas no mês de junho diante das fortes chuvas em Pernambuco.

Apesar de a etapa da pesquisa de campo ter transcorrido com acesso gradativo aos participantes, e apenas semanalmente, aproveitando os momentos anteriores e posteriores à reunião do Grupo Social, concluímos a pesquisa de acordo com o cronograma planejado. Avaliamos que a nossa presença recorrente na instituição, junto às pessoas idosas, favoreceu a adesão dos voluntários, principalmente dos/as idosos/as, que se mostravam mais tímidos do que as idosas. Mas, à medida que um participava, outros homens se voluntariavam, e durante a entrevista demonstravam satisfação com o espaço para compartilhar suas experiências de vida. Esses encontros recorrentes também foram importantes para uma imersão significativa nessa rede de relações dentro do grupo, observando na prática as questões apresentadas nos discursos dos participantes sobre as motivações para o ingresso e permanência do grupo, com destaque para as relações de cooperação, amizade e intensa interação com os pares.

Após todas as etapas da pesquisa de campo, organizamos uma palestra como uma contrapartida à receptividade, disponibilidade e contribuição da instituição e seus participantes conosco e com nosso trabalho. Na realidade, a palestra atendeu a uma necessidade pessoal por uma ação simbólica e elaborativa da conclusão do período de convivência com os participantes, marcado pelo afeto nas interações e admiração por cada trajetória de vida, com muitas aprendizagens e ressignificações sobre o envelhecimento e o trabalho de pesquisa científica. A palestra contemplou a temática do envelhecimento sob uma perspectiva contemporânea das novas narrativas sobre o envelhecimento, a partir da contribuição teórica dos autores Diehl e Mehrotra (2020). O objetivo foi apresentar evidências científicas que contribuíssem para desconstruir os três principais equívocos sobre o envelhecimento: a) o envelhecimento envolve primordialmente perdas e declínios; b) as mudanças no envelhecimento estão fora do controle das pessoas; e c) as mudanças no envelhecimento são permanentes e irreversíveis. A palestra foi realizada de modo interativo, com momento inicial de discussão em pequenos grupos e subsequente resposta coletiva para a seguinte pergunta: *O que significa envelhecer?* E antes de qualquer explanação sobre o assunto, os/as idosos/as puderam compartilhar suas respostas com os demais, apresentando uma concepção condizente com a visão contemporânea, focada nos ganhos e possibilidades de desenvolvimento na velhice.

Assim, concluímos “provisoriamente” com uma troca interessante de conhecimentos teórico-empíricos sobre uma narrativa de desenvolvimento também durante o envelhecimento. A despedida foi leve, alegre, produtiva e de muito entusiasmo com as trajetórias de vida e o protagonismo vivenciado por essas pessoas idosas que constituíram esta pesquisa. Após conclusão do doutorado, o planejamento é de retorno à instituição do Sesc para apresentação dos principais resultados da pesquisa, como etapa importante de compartilhamento das

produções científicas com a população em geral, e do compromisso ético assumido com a demanda social durante toda a pesquisa.

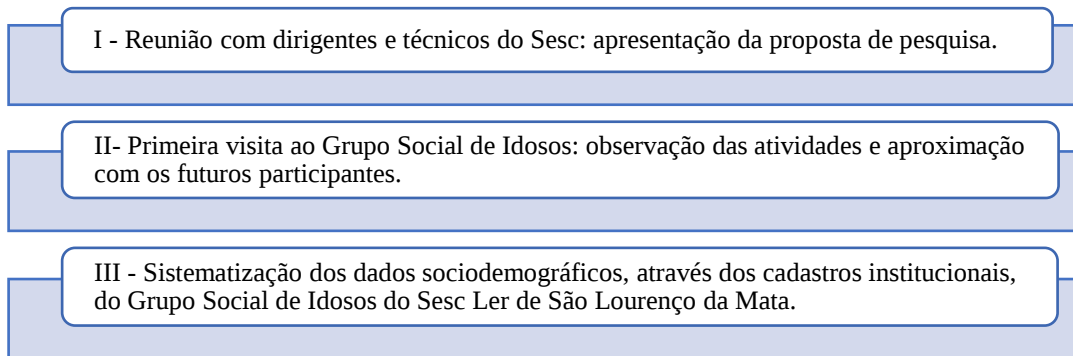
4.3.8 Retorno à pesquisa de campo – fase 3

Seguindo o planejamento cronológico para este capítulo metodológico, acrescentamos aqui a terceira etapa da pesquisa de campo, que se configurou como mais uma das imprevisibilidades acolhidas nesta pesquisa acadêmica. Durante a finalização da análise dos resultados desta pesquisa, uma nova hipótese despertou a nossa curiosidade e nos motivou a mais um encontro com os/as participantes do Grupo Social do Sesc Ler de São Lourenço da Mata. Apesar do pouco tempo restante para finalização do estudo, decidimos priorizar a oportunidade de ampliar nossa análise, considerando a facilidade de acesso aos participantes, que se reúnem semanalmente na instituição, e a proposta de rápida execução, que consistia apenas na reaplicação da TALP. A ideia era confirmar ou refutar uma hipótese relacionada ao processo de significação sobre a pandemia da COVID-19, que detalharemos no capítulo de resultados, mais adiante. Assim, após retomada de contato com a assistente social responsável pela coordenação do Grupo Social de Idosos, retornamos em mais uma sexta-feira (12/07/24), sendo que 21 idosos/as participaram da aplicação da TALP, com o mesmo formulário utilizado na pesquisa de campo – fase 1 e 2. Vale ressaltar que dentre os 21 participantes, 10 já haviam participado anteriormente da pesquisa e, portanto, responderam duas vezes a TALP em momentos diferentes (intervalo de dois anos). Para os outros 11 idosos/as foi o primeiro e único contato conosco. Ressaltamos que os dados referentes aos marcadores sociais dos 11 idosos/as envolvidos nesta etapa final da pesquisa, foram integrados aos dados dos demais participantes na análise sociodemográfica.

Ressaltamos que, mais uma vez, fomos bem recebidas pela instituição e pelo grupo, que rapidamente se organizou para atender nossas demandas da pesquisa. A aplicação da TALP foi realizada individualmente, acompanhada da versão resumida do levantamento sociodemográfico, ficando sob nossa atribuição a leitura das questões e o registro de todas as repostas, conforme procedimento adotado ao longo da pesquisa para todos os participantes. Para esses resultados, resolvemos proceder com uma análise qualitativa, sem uso do software Iramuteq, diante do material empírico mais sucinto e coeso no campo de sentidos e significados sobre a pandemia. Consideramos que a realização dessa terceira etapa da pesquisa de campo agregou novas aprendizagens sobre a atividade da pesquisa, ressaltando o caráter dinâmico e imprevisível da prática científica, articulado à relação dialógica entre pesquisadora-fenômeno

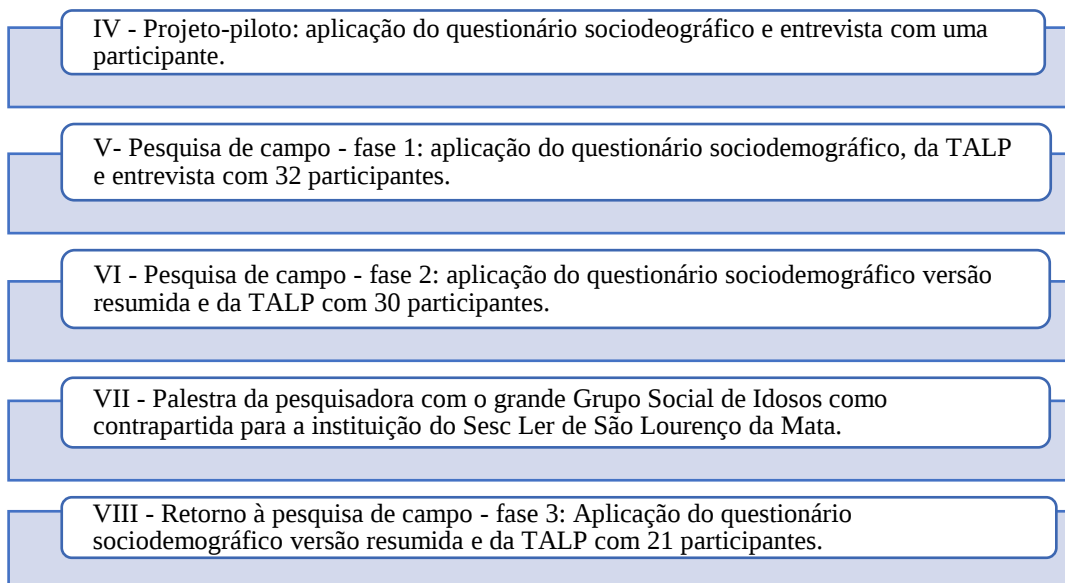
pesquisado, assim como contribuiu para a produção do conhecimento científico. Finalizamos este capítulo com um gráfico-síntese do caminho metodológico percorrido durante a pesquisa de campo:

Figura 5 - Fase preparatória para pesquisa



Fonte: A Autora (2024).

Figura 6 - Pesquisa de campo

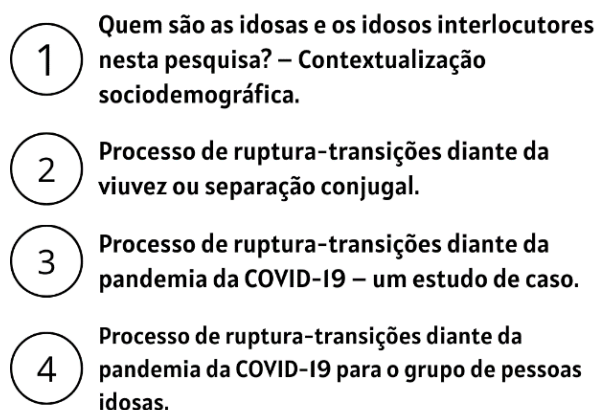


Fonte: A Autora (2024).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo está subdividido em quatro seções, sendo a primeira relacionada à contextualização sociocultural dos/as participantes; e as demais seções correspondentes aos estudos produzidos a partir de diferentes propostas metodológicas, mas que se complementam e garantem a integralidade desta pesquisa. No primeiro subcapítulo analisaremos as informações geradas a partir do levantamento sociodemográfico, visando a uma compreensão inicial do contexto sociocultural do grupo participante da pesquisa. No segundo subcapítulo, apresentaremos três estudos a partir da análise microgenética de processos de rupturas-transições relacionados aos eventos não normativos na velhice. Esse subcapítulo contemplará duas rupturas, a primeira relacionada à viuvez ou separação conjugal, que contribui para a compreensão da matriz sócio-histórica relacionada ao envelhecimento das participantes, e que contribuirá para a segunda análise relacionada à transição diante da ruptura social da pandemia da COVID-19, sendo um estudo de caso e outro estudo do grupo da pesquisa.

Figura 7 – Análise dos resultados.

- 
- 1 Quem são as idosas e os idosos interlocutores nesta pesquisa? – Contextualização sociodemográfica.
 - 2 Processo de ruptura-transições diante da viuvez ou separação conjugal.
 - 3 Processo de ruptura-transições diante da pandemia da COVID-19 – um estudo de caso.
 - 4 Processo de ruptura-transições diante da pandemia da COVID-19 para o grupo de pessoas idosas.

Fonte: A Autora (2024).

5.1 QUEM SÃO AS IDOSAS E OS IDOSOS INTERLOCUTORES NESTA PESQUISA? CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA

A partir de uma perspectiva psicossocial, entende-se que os resultados têm particularidades atreladas à contextualização sociocultural dos participantes, que se somam ao potencial de generalização desta pesquisa. Desse modo, apresentaremos uma análise dos indicadores sociais do grupo dos participantes a partir das informações reunidas nos questionários de levantamento sociodemográfico. Esse instrumento de pesquisa foi aplicado na versão completa ao Grupo 1 (32 voluntários) e na versão resumida ao Grupo 2 (30 voluntários)

e Grupo 3 (21 voluntários, sendo 10 idosos/as já contemplados nos grupos anteriores), contemplando o total das respostas dos 73 participantes, visto a correspondência e complementaridade entre esses subgrupos inseridos no Grupo Social de Idosos do Sesc Ler de São Lourenço da Mata. Todos os 73 participantes residiam na Região Metropolitana do Recife, sendo 60 domiciliados no município de São Lourenço da Mata e 13 em Camaragibe, que são cidades vizinhas, e ambas desfavorecidas economicamente em relação à capital do estado.

Inicialmente, destacamos o marcador de gênero, com predominância de 84% para o gênero feminino (61 idosas) e apenas 16% de participantes do gênero masculino (12), ou seja, participação majoritariamente feminina na pesquisa, uma proporção que espelha a do Grupo Social de Idosos no Sesc Ler de São Lourenço da Mata (com média de 124 inscritos em 2022). É interessante ressaltar que essa diferença entre os gêneros acompanha a disparidade no cenário macrossocial no qual o IBGE (2022) estima seis milhões de mulheres a mais do que homens na população brasileira (proporção populacional de 51,5% são mulheres e 48,5% são homens), além da maior expectativa de vida das mulheres – com sete anos a mais que os homens (79 anos para as mulheres e 72 anos para os homens, em 2022); da participação majoritária das mulheres (69,9%) nos serviços da atenção primária à saúde e demais atividades sociais promovidas na comunidade (Costa; Neri, 2019). Sobre os fatores intervenientes na participação social na velhice, no que se refere ao engajamento em atividades sociais promovidas na comunidade, as pesquisadoras Juliana Pinto e Anita Neri (2017, p. 269) destacam a influência do gênero e da idade, corroborando com os dados apresentado acima, além da “[...] cultura, crenças, hábitos socialmente aceitáveis, bem como com as oportunidades e os recursos disponíveis na comunidade”.

A faixa etária dos participantes variou entre 60 e 86 anos, com média de 72 anos de idade para o grupo total das 73 pessoas idosas. Como explicado no capítulo da metodologia, não houve restrição de idade dentro da faixa etária acima de 60 anos, para participação na pesquisa, visto a escolha pela priorização das relações interpessoais e do desejo de escuta de idosos/as numa situação de pandemia (marcada por experiências de severas restrições do convívio social, com isolamento físico). Porém, de modo espontâneo, a distribuição etária do grupo contemplou os diferentes momentos da velhice, apresentados na tabela a seguir:

Tabela 3 – Faixa etária dos participantes da pesquisa

Faixa etária	%
60 a 65 anos	15,3%
66 e 70 anos	23,6%

71 e 75 anos	30,6%
76 e 80 anos	26,4%
acima de 80 anos	4,2 %

Fonte: A Autora (2024).

A partir dessa tabela, observamos que a maioria (69,5%) do grupo de pesquisa encontra-se na faixa etária considerada como a terceira idade (até 75 anos). Essa categorização de terceira e quarta idade é utilizada por pesquisadores para estudos comparativos entre idosos/as jovens e de idade mais avançada. Apesar das diferenças nos contextos socioculturais, observamos em pesquisas brasileiras a delimitação da quarta idade a partir dos 80 anos, referência adotada dos estudos de envelhecimento em países desenvolvidos (Baltes; Smith, 2006; Gonçalves *et al.*, 2013; Ribeiro *et al.*, 2022). Porém, para fins desta pesquisa, consideramos pertinente ajustar esse referencial, visto a diferença significativa entre a expectativa de vida em países desenvolvidos (80 anos) e em países em desenvolvimento, como o Brasil (75,5 anos, em 2022). Vale ressaltar que a expectativa de vida prevista em 2022 está abaixo dos anos anteriores à pandemia – 2019 (76,2 anos), 2018 (76,1 anos), 2017 (75,6 anos) e 2016 (75,3 anos) – diante do alto índice de mortalidade nos anos de 2020 e 2021, mas com previsão de recuperação progressiva nos próximos anos. Considerando todas essas particularidades do contexto social do Brasil, utilizamos o mesmo parâmetro dos países desenvolvidos para delimitar a faixa etária da quarta idade – a partir da média da expectativa de vida –, que no nosso caso seria acima dos 75 anos, portanto, uma parcela menor do grupo (32,2%, em contraste com 67,7%), mas igualmente importante para o estudo do processo de envelhecimento.

A predominância da terceira idade na amostra desta pesquisa, assim como no Grupo Social de Idosos do Sesc em geral (73% dos 124 inscritos tinham até 75 anos), pode estar atrelada a uma melhor qualidade de vida pela preservação das competências físicas e mentais, quando comparada com as pessoas idosas em idades mais avançadas. Essa predominância pode decorrer também do uso de estratégias mais efetivas para potencializar os ganhos e administrar as perdas nesse período. Já para a quarta idade, as perdas e os adoecimentos podem ocorrer de modo mais acentuado no curso de vida, com maior incidência de disfuncionalidade e comorbidades, que restringem a participação das pessoas idosas em atividades sociais (Baltes; Smith, 2006).

Além desses fatores biológicos e psicológicos, o contexto econômico também se destaca como elemento relevante para a adesão das pessoas idosas aos espaços comunitários

que ofertam serviços gratuitos à população desfavorecida economicamente. A renda familiar predominante no grupo de participantes desta pesquisa foi de um salário-mínimo (37 pessoas), evidenciando a prevalência de baixa renda familiar, seguido da condição econômica de dois a três salários-mínimos (22) e apenas três participantes com renda familiar acima de três salários-mínimos. Retomando a política institucional do Sesc, o Programa de Comprometimento e Gratuidade (PCG) garante, para pessoas com renda familiar de até três salários-mínimos, a gratuidade em todos os serviços, como: Educação de Jovens e Adultos, Educação em Saúde, Biblioteca, Artes Cênicas, Artes Visuais, Música, Literatura, Audiovisual, atividades esportivas e o Trabalho com o Grupo de Idosos. Diante das condições econômicas dos/as idosos/as desta pesquisa, o Sesc ocupa um lugar relevante de oferta de recursos sociais e culturais para o desenvolvimento biopsicossocial de idosos/as que não têm essa gama de oportunidades viabilizadas pelas políticas e instituições públicas.

Quanto à cor da pele predominaram as cores das pessoas negras (43) – sendo que 28 pessoas se autodeclararam pardas e 15 pretas –, 24 participantes se consideraram de cor branca e, tivemos um dado interessante de 6 participantes (5 mulheres e 1 homem) que fizeram questão de se autodeclararem como “morena/moreno”, rejeitando qualquer identificação como pessoa preta ou parda (essas opções foram apresentadas no questionário e recusadas por esses seis participantes, criando a nova categoria de morena/moreno). Entendemos tal situação a partir de uma leitura macrossocial na qual questões sobre raça e racismo são cruciais na organização econômica e política da nossa sociedade contemporânea. O elemento de raça é considerado estritamente político e construído historicamente para justificar as relações de poder e violência sobre grupos raciais. É a partir da raça que o racismo, enquanto sistema social de discriminação, fornece os recursos de tecnologias, lógica e sentidos para o exercício da desigualdade e violência no contexto social (Almeida, 2018). A compreensão da raça nessa articulação com o racismo e todo o percurso histórico, político e econômico, subsidiam a análise da dificuldade de classificação racial apresentada por esses participantes (assim como acontece com muitos brasileiros) e a relação dialógica entre as subjetividades interpessoais e o ambiente social, coletivo. Além dessa compreensão a partir do racismo estrutural, os termos “morena, moreninha” parecem atender a uma função de camuflagem da negritude, que se soma também às questões de sexismo para as mulheres. Como bem explica bell hooks² (2020), é a partir da desvalorização da feminilidade negra em uma sociedade culturalmente patriarcal, capitalista e

² Decidimos manter o nome da autora com letras minúsculas em respeito ao seu desejo de grafia do pseudônimo.

supremacista branca, que as marcas das desigualdades de raça, gênero e classe social vão constituindo a subjetividade dessas mulheres.

Em relação à escolaridade, a maioria dos/as idosos/as estudaram até o Ensino Fundamental I (E.F.I) incompleto (44 participantes), incluindo oito pessoas que não foram alfabetizadas. Acrescenta-se a essa pouca experiência escolar, três mulheres que nunca ingressaram numa instituição de ensino formal. Dentre os demais participantes, quatro idosos/as estudaram até o E.F II incompleto/completo, 20 estudaram até o Ensino Médio (E.M.) incompleto/completo e apenas uma mulher concluiu o Ensino Superior completo (Pedagogia). Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua 2022, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a proporção de pessoas analfabetas aumenta com o envelhecimento etário da população. A taxa de analfabetismo entre as pessoas idosas (a partir dos 60 anos) é de 16% contra 5,6% do grupo de 15 anos ou mais. Quando esse dado de analfabetismo é articulado com o indicador de gênero e raça, a proporção aponta a diferença de 16,3% de mulheres idosas analfabetas e 15,7% de homens idosos nessa condição; de modo ainda mais discrepante, a taxa de analfabetismo é de 23,3% para a população idosa de cor preta ou parda, caindo para 9,3% para os idosos de cor branca, acentuando-se também diferenças críticas para as regiões do norte (6,4%) e nordeste (11,7%) em relação às demais regiões do país (2,9% no sudeste, por exemplo).

Os próximos dados sobre o contexto sociocultural referem-se apenas ao Grupo 1 (32 respondentes do questionário na versão completa). Sobre o estado civil, 11 pessoas eram casadas ou tinham união estável, 10 viúvas, 7 divorciadas e 4 solteiras. Destacou-se o fato de que, do total dos 10 homens da pesquisa, 7 eram casados, ou seja, apenas 4 mulheres eram casadas num universo bem maior do total de 22 mulheres. O estado civil de casado, predominante entre os homens, apresenta relação inversamente proporcional à quantidade de mulheres viúvas ou divorciadas entre os participantes do Grupo Social de Idosos. A partir da narrativa das idosas, compreendemos que um fator importante para essa proporção majoritária de viúvas/divorciadas em detrimento das casadas do Grupo Social do Sesc estava relacionado à apropriação da liberdade e autonomia para o engajamento social só a partir da morte ou separação do cônjuge, que detalharemos na próxima seção.

Quanto à configuração familiar, importante componente da rede social na velhice, observou-se que apenas um homem (viúvo) e duas mulheres (solteiras) não tiveram filhos; os demais 29 participantes tiveram de 01 a 14 filhos, com média de 02 a 03 filhos. Em relação à convivência familiar direta e diária em domicílio, sete pessoas residiam sozinhas (dois homens e cinco mulheres), seis residiam apenas com seus cônjuges, nove residiam apenas com um

filho/a e apenas dez residiam com mais de um ente familiar (cônjuge, filhos, netos, sobrinhos). Como visualizado inicialmente na caracterização do Grupo Social de Idosos (124 inscritos) do Sesc Ler de São Lourenço da Mata, uma característica que chamou atenção foi o número expressivo de idosos/as que residiam sozinhos/as (33%) ou com apenas um ente familiar (41%). Isso parece indicar que a participação em atividades sociais e educacionais também atua como uma importante estratégia para ampliar a rede social dessas pessoas idosas, promovendo interações e vínculos sociais. As estatísticas populacionais entre 2012 e 2021 indicam um aumento nos domicílios unipessoais, passando de 12,2% para 14,9% do total. Um aspecto interessante desse crescimento é a predominância de mulheres idosas vivendo sozinhas, em contraste com uma maior proporção de homens mais jovens nessa condição (IBGE, 2022).

Sobre a vida laboral, a maioria representada por 27 participantes estavam aposentados, quatro mulheres eram pensionistas dos falecidos cônjuges, e apenas uma mulher não era aposentada, apesar dos seus 70 anos de idade e do seu histórico de trabalho doméstico ao longo da vida, dependendo do suporte financeiro de seus familiares na velhice. Dentre as profissões desempenhadas nos últimos empregos/trabalhos, destacaram-se os comerciantes (quatro homens e duas mulheres) e empregadas domésticas (nove mulheres), além de três professoras e diversas outras profissões, como: cobradora de ônibus, agricultora, policial militar, pedreiro, operário, técnica de enfermagem, entre outros.

A religião predominante foi a católica (25), uma característica importante desse grupo diante do conteúdo religioso recorrente no discurso dos participantes e, consequentemente, no processo de significação sobre a pandemia e o envelhecimento. Sobre a situação da saúde física e mental, todos os participantes se declararam independentes para as atividades cotidianas, apesar de a maioria (25) dos/as idosos/as declararem comorbidades (duas ou mais doenças) físicas e/ou mental, com destaque para hipertensão (15), diabetes (8) e cardiopatias (6), seguidas de outras doenças, como depressão (4), ansiedade (2), lapsos de memória (3), e doenças ósseas/ortopédicas (5), oculares (3), venosas (2), reumáticas (1), renais (1) e respiratórias (1). Ademais, foi a partir do adoecimento físico e/ou mental que muitos/as idosos/as buscaram as atividades esportivas e sociais no Sesc de São Lourenço, como recurso de compensação do declínio na saúde física ou mental.

O tempo de participação no grupo social do Sesc variou de 4 a 12 anos (tempo de fundação do Grupo Social de Idosos), com média de 7 anos de inclusão nessa atividade coletiva. Além da participação semanal no Grupo Social de Idosos, 18 pessoas também estavam inscritas nas atividades de dança, hidroginástica e/ou EJA no Sesc Ler de São Lourenço da Mata. Acrescenta-se ainda a inserção de 14 participantes em atividades sociais em outras instituições,

como o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de São Lourenço da Mata, Serviço Social da Indústria (SESI) e cursos técnicos, ou seja, um grupo engajado em atividades comunitárias, coletivas, com seus pares. Durante as entrevistas foi possível perceber que a participação dos/as idosos/as no Grupo Social do Sesc ocorre de modo duradouro e com certa estabilidade ao longo do tempo, denotando o êxito institucional como espaço favorável para os vínculos interpessoais e posicionado em lugar privilegiado na rede social dessas pessoas idosas.

Adentrando mais especificamente a temática da pandemia, abordada com o grupo maior de 62 participantes, a maioria (44) respondeu que não foi acometida pela COVID-19, nem pela sintomatologia dessa doença; 12 confirmaram o adoecimento através de testagem (apenas 01 foi internado, os demais relataram sintomas leves, pois já estavam vacinados e foram tratados em casa); e seis pessoas explicaram que tiveram os sintomas, porém não realizaram o teste e não foram hospitalizados. O resultado exitoso em relação a não contaminação pelo coronavírus, responsável pela doença da COVID-19, pode estar associado ao fato de que praticamente todos (Grupo 1), com exceção de duas pessoas, ficaram em média 9 meses em isolamento físico, o que significou sair de casa apenas para resolver as necessidades essenciais na área da saúde, financeira e alimentícia, visto que não possuíam recursos para dispensar tais atividades. Além disso, todos relataram a prática de outras medidas preventivas durante a pandemia, como o uso de máscara, álcool em gel e higienização frequente das mãos, roupas e compras; além da evitação de lugares fechados e com aglomerações. E como medida preventiva de destaque, todos os participantes estavam com a vacinação completa, incluindo as duas doses de reforço, conforme o calendário vacinal vigente na ocasião da pesquisa. Vale ressaltar a importante participação da instituição do Sesc Ler de São Lourenço da Mata na mediação entre a população idosa e as medidas governamentais em relação à vacinação contra a COVID-19 e demais medidas preventivas durante a pandemia, atuando como sede de posto de vacinação, com êxito na adesão majoritária dos/as idosos/as ao esquema vacinal, alcançando a comunidade em geral.

Ainda em relação às medidas de cuidado com a saúde na pandemia, contemplamos no questionário de levantamento demográfico para o Grupo 1 (32 participantes), a opinião dos/as idosos/as sobre as ações governamentais (federais e estaduais) de enfrentamento à crise. A maioria (23) compartilhou um pensamento político de resistência e oposição ao negacionismo da COVID-19, propagado pelo então presidente e seus aliados políticos. Os/as idosos/as expressaram opinião de responsabilização do presidente do Brasil pelo atraso da vacinação contra a COVID-19 e pelo número expressivo de óbitos na pandemia, além da reprovação ao descaso e à ironia nos discursos presidenciais sobre a emergência na saúde pública. No grupo

também predominou a opinião de aprovação das medidas preventivas na pandemia, determinadas pelo Governo Estadual de PE, como proibição de aglomerações e ações de distanciamento físico. Exemplificamos, a seguir, com alguns excertos das falas dos/as participantes sobre o contexto político da pandemia:

O acompanhamento não foi melhor por culpa do presidente. Ele tinha condições de ter vacinado bem antes. O governador teve boas ações para agilizar a vacinação. O resultado foi que morreu muita gente pela conversa do presidente que desmereceu a doença. O presidente jogou seus filhos à morte, desprezo, sem se preocupar “eu não sou coveiro” (Pedro - 73 anos).
 Detestei o presidente, por conta dele muita gente morreu, não liberou as vacinas, muita gente poderia ter sobrevivido. Eu desligo a tv quando ele aparece. Acho que houve falha do governo de PE (Carmelita - 74 anos).
 Olhe, as medidas do presidente acho que influenciou muito negativo, porque as pessoas foram muito pela cabeça dele e fizeram muita coisa errada. Que talvez se tivessem feito mais, se protegido mais, não tivesse sido tão como foi. Mas à medida que ficavam: - Não, porque o presidente disse que não precisa distanciamento, não precisa usar máscara, não precisa...; Aí as pessoas acham o quê? Que se uma pessoa que está lá em cima está dizendo isso, então é o certo. E também se negando na vacina, a vacina que ele se negou e muita gente hoje em dia não tomou vacina ainda porque acha que o presidente que está certo. Então eu acho que ele errou muito e eu até, Deus que me perdoe, a covid dele foi muito leve. Deveria ter sido maior para poder ele se arrepender do que ele fez (Irene - 67 anos).

Algumas idosas e idosos relataram certa dificuldade para opinar sobre questões políticas, seja por uma crença sobre a política como algo dissociado da sua vida pessoal: *“Minha jovem, eu não me envolvo muito de governo, presidente, não me interessa não o que ele faz, o que não faz”* (Osvaldo, 86 anos); seja por ressignificações a partir de experiências pessoais: *“não gosto de política, porque eu fui vítima de política. Então eu não ... nem procurar saber eu procurava. Eu só queria saber quem morreu, quantos morreram, o que fazer para não morrer, e pronto”* (Célia, 77 anos); seja por considerar a política como um conhecimento que estava fora do seu domínio, abstendo-se de responder à questão (quatro idosos), entre outras.

Todavia, foi interessante observar a coerência entre as respostas sobre o contexto político e as práticas sociais compartilhadas pelo grupo no contexto da pandemia. Assim como nas narrativas dos interlocutores desta pesquisa, o negacionismo na pandemia foi um fator preocupante nas ações de saúde pública, diante de sua forte relação com valores conservadores, forças políticas e econômicas, a necropolítica. Nesse contexto, os movimentos sociais assumem um papel importante de produção de ações-reflexões no coletivo, promovendo o diálogo necessário para o enfrentamento dos “[...] antagonicos, perpetradores da necropolítica capitalista, empenhados em negar a vida das classes populares e do planeta” (Morel, 2021). As

ações sociais do Sesc voltadas para atividades e serviços na área da saúde, como campanhas educativas de medidas preventivas (uso de máscara, cuidados com a higiene, a promoção da vacinação e o cumprimento dos protocolos emergenciais governamentais), parecem ter contribuído também como espaço de diálogo para os/as idosos/as que apresentaram recursos simbólicos para o enfrentamento do negacionismo e toda a situação de risco e vulnerabilidade frente à COVID-19.

Em uma breve síntese, destacamos como os elementos predominantes do grupo de pesquisa: a participação majoritária das mulheres negras, a idade média de 72 anos (terceira idade), estado civil preponderante de viúvas ou divorciadas, que residem sozinhas/os ou com apenas um ente familiar, com baixa renda familiar e escolaridade, pessoas aposentadas, católicas, com comorbidades físicas (ênfase para hipertensão e diabetes), mas independentes para as atividades da vida diária (AVD) e engajadas socialmente, com média de sete anos de participação no Grupo Social de Idosos do Sesc, residentes na cidade de São Lourenço da Mata (RMR). Acrescenta-se ainda a adesão majoritária às medidas preventivas à COVID-19 (uso de máscaras, álcool gel, distanciamento físico), com esquema vacinal completo por todos/as os/as participantes, resultando na proteção exitosa de mais de 70% do grupo ao adoecimento da COVID-19 em um contexto de pandemia, com discurso crítico e de oposição ao governo presidencial negacionista.

A partir dessa análise das características sociodemográficas do grupo de participantes desta pesquisa, observamos correspondência de tais dados ao perfil predominante da população idosa brasileira, no que se refere principalmente ao gênero, cor, estado civil, renda familiar, escolaridade e religião. De acordo com a pesquisa realizada pelo Sesc em parceria com a Fundação Perseu Abramo, em 2020, contemplando as cinco macrorregiões do país, 56% da população idosa no Brasil é constituída por mulheres, 54% de cor parda e preta, 42% viúvas e 10% divorciadas (52% sem cônjuge e apenas 38% casadas), enquanto 67% dos homens idosos estavam casados, 45% com renda domiciliar de até dois salários mínimos (maior parcela), 64% com escolaridade de ensino fundamental I (14% nunca foram a escola) e 63% se declararam católicos; dados que corroboram com a relevância e consonância deste estudo com as demandas sociais para além da territorialidade contemplada nesta pesquisa.

5.2 PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO NA VELHICE

A partir da perspectiva *lifespan* sobre o envelhecimento, compreendemos que desde a infância até a velhice avançada, o processo de desenvolvimento humano é permeado por ganhos

e perdas e por múltiplas rupturas-transições ou transformações no curso de vida. Esse desenvolvimento contínuo é constituído por processos de continuidade-descontinuidade; novas aprendizagens; mudanças comportamentais, relacionais; e mudanças no campo dos pensamentos, como: construções e ressignificações das representações sociais. Essa multiplicidade de fatores e processos biopsicossociais nos direcionaram a escolher metodologicamente eventos de ruptura na velhice como categoria de análise, alçados nas narrativas de pessoas idosas. Tal escolha metodológica está ancorada no referencial teórico já apresentado da perspectiva da Rede de Significações, da Teoria das Dinâmicas das Transições de Zittoun, e de contribuições da Teoria das Representações Sociais, nas quais se privilegiam análises de crises, mudanças ou rupturas, por favorecer: a) o estudo de “velhos” e “novos” comportamentos e da produção de novos significados (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2004); b) a análise dos processos de construção de soluções ou respostas às mudanças que configuram os processos de transição (Zittoun, 2012, 2009, 2007a); e c) a fala e o comportamento das pessoas de modo mais espontâneo, além das memórias coletivas provocadas de maneira mais intensa (Moscovici, 2003).

Apesar de esta pesquisa ter como foco a crise humanitária causada pela pandemia da COVID-19, o material empírico construído com o grupo de 73 pessoas idosas possibilitou identificar outras importantes rupturas na velhice, como: a aposentadoria; a perda de familiares (principalmente filhos); o adoecimento mental e/ou físico; e a viuvez ou separação conjugal, sendo essa última ruptura também escolhida para compor nossos resultados. No próximo subcapítulo 5.2.1, apresentaremos esse estudo sobre a ruptura da viuvez/separação conjugal, pela relevância das questões de gênero articuladas aos processos de desenvolvimento humano; resultando num texto único e com uma organização mais flexível e articulada dos fatores relacionados ao curso do envelhecimento. Já no subcapítulo 5.2.2, exploraremos o processo de ruptura-transições diante da pandemia da COVID-19, objeto originário desta pesquisa, através de um estudo de caso, priorizando a dinâmica do processo de transição; e no subcapítulo 5.2.3, daremos continuidade à análise das transições diante dessa crise pandêmica, direcionado aos resultados produzidos pelo grupo de participantes e numa outra proposta de análise sobre os elementos envolvidos nesse processo. De modo geral, propomos uma análise integrativa e dinâmica de transições/transformações no processo de envelhecimento a partir desses três estudos sobre os resultados da pesquisa, com foco nas rupturas, mudanças, uso de recursos simbólicos, rede de significações e matriz sócio-histórica.

5.2.1 Processo de ruptura-transições diante da viuvez ou separação conjugal

A análise que apresentaremos a seguir não foi planejada no escopo do projeto de pesquisa, mas resulta dos desdobramentos e da imprevisibilidade acolhidas durante as entrevistas com as mulheres idosas. Essas entrevistas trazem indícios de rupturas ocasionadas pela viuvez ou separação conjugal e das mudanças decorrentes dessa experiência como oportunidades para novas aprendizagens e, portanto, para o desenvolvimento na velhice. Inicialmente, consideramos importante ressaltar que a análise interseccional de gênero, raça e classe social em estudos de mulheres negras é fundamental para compreender as complexas e multifacetadas opressões que elas enfrentam. Essa abordagem permite identificar como as diferentes dimensões de identidade se sobrepõem e interagem de maneira a produzir experiências únicas de discriminação e exclusão. Assim, propomos neste segundo estudo, uma análise focada nas questões de gênero, mas considerando todos os demais marcadores sociais analisados no estudo anterior, de suma importância para compreensão das transformações no curso de vida desses idosos e idosas. De modo surpreendente, as narrativas das mulheres idosas compuseram um importante manifesto contra as desigualdades de gênero, subvertendo algumas ideias largamente difundidas pela ciência e no senso comum sobre a velhice.

A ruptura causada pela viuvez ou separação conjugal nos convocou para esta análise, diante de sua relevância e centralidade no processo de envelhecimento, a partir da relação de opressão e subordinação (não só de desigualdade) das mulheres diante dos maridos, implicando especificidades no processo de desenvolvimento para esse grupo social. Além disso, também destacamos a narrativa das idosas, de modo espontâneo, reflexivo e temporalmente atualizado de rupturas datadas de décadas anteriores e que preservam uma forte carga afetiva das experiências, além da prontidão para compartilhar e dar visibilidade a essa problemática social. Sobre essa última observação, expressamos o sentimento vivenciado durante o encontro com essas idosas através de bell hooks (2019, p. 46), quando diz: “Consciência da necessidade de falar, de dar voz às variadas dimensões de nossas vidas, é uma maneira de a mulher não branca começar o processo de se educar para a consciência crítica”. Essa foi minha observação durante as entrevistas; a cada encontro com essas idosas, desconfiava de que havia certa intencionalidade nos relatos sobre as relações conjugais, uma visão crítica e reflexiva, ainda que em processo inicial de construção, e talvez favorecida pelas mudanças a partir das aprendizagens nas interações com os pares em diversos grupos e ambientes sociais.

Destacamos, nesta análise, as contribuições de Carmelita e de outras seis idosas – Antônia, Glória, Célia, Margarida, Ivonete (todas autodeclaradas de cor parda) e Alice (autodeclarada branca). Utilizamos também as falas de três homens idosos – Pedro (autodeclarado branco), Jorge e Naelson (autodeclarados homens negros) –, apenas para proporcionar um contraste de perspectivas. Já nas perguntas iniciais da entrevista sobre o motivo do ingresso no Grupo Social de Idosos do Sesc, uma pergunta aparentemente objetiva e direta, as idosas situam o evento da viuvez ou separação conjugal como ponto de partida, ou melhor, de virada para o engajamento em atividades físicas e sociais, e de modo mais amplo e complexo, para reconfigurações no campo interacional. No entanto, essa correlação não se justifica apenas pela vivência de certa solidão, tema tão explorado em estudos sobre a velhice (Faísca *et al.*, 2019; Kawakami *et al.*, 2020; Sandy Junior; Borim; Neri, 2023), mas principalmente pelas mudanças no contexto familiar marcado por restrições de liberdade e autonomia (principalmente para tomadas de decisões), pela dinâmica sexista na relação conjugal. Carmelita, 74 anos, viúva, que há 12 anos participa do Grupo Social de Idosos, explica:

Pesquisadora: A senhora disse que desde o início está aqui neste grupo. Por que a senhora quis participar desse grupo?

Carmelita: Porque tudo que me dá liberdade para mim é válido, desde que seja uma coisa assim, familiar, um ambiente que eu me sinta bem... Eu vivia dentro de casa, tomando conta de filhos, mais tarde ajeitando o marido e eu **me senti liberta**. Ele morreu, não matei. **Ele morreu porque quis e eu tô aqui vivinha querendo aproveitar até o final da minha vida** (E. 1.1, grifo nosso).

Carmelita, no início de sua entrevista, aponta para uma problematização sobre as questões de gênero no seu processo de desenvolvimento, e das demais mulheres do seu grupo, como veremos adiante. Ela nos direciona no trabalho interpretativo ao enfatizar a “ação” de morrer de seu cônjuge, afinal “*ele morreu porque quis*”, indicando que ela não teve participação no ocorrido, mas que foi um evento que ocasionou importantes mudanças no curso da sua vida. Dentre as principais mudanças, como veremos no decorrer da sua entrevista, Carmelita destaca a liberdade e autonomia protagonizadas após a viuvez, expressando seu desejo em “*aproveitar até o final da minha vida*”, o que temporalmente incidiu na sua velhice. Carmelita situa o evento da viuvez como marco temporal de quebra de uma dinâmica familiar, que perdurava por um longo período, uma ruptura catalisadora de mudanças profundas e de novas dinâmicas e respostas na relação pessoa-ambiente (Zittoun, 2009).

Ainda sobre esse excerto da entrevista, Carmelita, que associa sua vivência tardia da liberdade ao evento da viuvez, vai atribuindo os sentidos de privação da liberdade, sofrimento e submissão ao período do seu casamento, numa relação marcada pela opressão exercida pelo marido. Ela exemplifica sua liberdade atual através da participação em diferentes espaços e atividades sociais e culturais (Grupo de Idosos do Sesc, dança, hidroginástica, excursões, atividades no CRAS) com o passado de restrições no convívio social, ao lembrar que:

Carmelita: [...] eu gosto muito de sair, porque fica desopilando, não adianta a gente ficar em casa presa, **porque eu já fiquei presa muitos anos**, foram 38 anos de casada. **Aguntei tudo que era de ruim, e agora me sinto feliz de poder fazer o que quero** (E. 1.5, grifo nosso).

No decorrer das falas de Carmelita, é possível identificarmos a dinamicidade e complexidade dos sentidos e significados que contextualizam as suas práticas sociais e os pensamentos sobre a velhice. A casa, seu espaço privado e familiar, é associada ao lugar onde se sentia presa e com limitações no convívio social nas décadas de casada. A casa também é significada como um lugar tedioso (sono), monótono, *“Porque em **casa**, muitas vezes, boto para **cochilar** [risos]. E quando saio tem uma coisa, outra”* (E.1.3, grifo nosso). Em contrapartida, o grupo de convivência dos/as idosos/as é articulado aos sentidos de movimento, intensa interação social e autonomia, quando fala que: *“[...] desde que vim para **aqui [grupo do Sesc]** que eu fiquei me **movimentando**. Antes é que eu vivia **presa em casa**, né?”* (E. 1.6, grifo nosso).

Na narrativa de Carmelita começamos a apreender elementos de ordem pessoal, relacional e contextual que remetem à parte de sua rede de significações, considerada uma malha de elementos semióticos que se inter-relacionam dialeticamente e vão circunscrevendo o seu processo de desenvolvimento, articulado com muitos outros sentidos e múltiplas interações sociais nos seus contextos sociais e culturais (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2004). Como explicam essas autoras da RedSig:

[...] as pessoas se encontram imersas em, constituídas por e submetidas a essa malha e, a um só tempo, ativamente a constituem, contribuindo para a circunscrição dos percursos possíveis a seu próprio desenvolvimento, ao desenvolvimento das outras pessoas ao seu redor e da situação em que se encontram participando (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2004, p. 23).

Carmelita prioriza a liberdade acompanhada da autonomia para tomadas de decisão e gerenciamento de suas atividades na velhice, diante das doenças crônicas e dificuldades

relacionadas ao seu contexto social (baixa renda familiar, pouca escolaridade, residir sozinha, entre outros). Assim, ela enfatiza:

Carmelita: Não quero que ninguém me ache uma criancinha, porque criança é quando está com mal de Alzheimer. Eu reconheço a minha idade, fragilidade em algumas coisas, mas graças a Deus eu tenho condições de resolver as broncas que têm que ser resolvido (E.1.4).

Carmelita: Idoso é responsabilidade, é se gostar, agora em hipótese nenhuma se fazer de bebezinho, de criancinha, fazendo gracinha, porque não convém. É como eu digo a você... eu sei que idoso se torna criança quando está com o mal de Alzheimer, né? Eu sou uma criatura que não teve escolaridade completa, mas que vejo, pela experiência que já tenho na vida, que o negócio é esse aí (E.1.13).

Carmelita se opõe ao discurso social que infantiliza as pessoas idosas, posicionando-se como protagonista de suas escolhas cotidianas e capaz de manter sua autonomia com o avanço da idade. O seu posicionamento é contra os estigmas e preconceitos sociais, entre os quais a infantilização é considerada uma violência simbólica ao destituir a pessoa idosa de sua autonomia, favorecer o isolamento e desengajamento social na velhice (Dutra; Carvalho, 2021). Carmelita aponta ainda uma questão importante sobre sua concepção a respeito da doença de Alzheimer atrelada à infantilização e dependência indesejada na velhice. Mais uma vez, os sentidos e significados utilizados para falar sobre a velhice estão articulados ao cenário macrossocial das representações sociais sobre tal objeto social. Essa concepção sobre a infantilização de pessoas idosas corrobora com as representações sociais sobre a doença de Alzheimer relacionadas à dependência das pessoas para realizarem as atividades diárias, inversão de papéis com familiares (perda de identidade pessoal) e à sobrecarga física e emocional aos familiares e/ou cuidadores (Folle; Shimizu; Naves, 2016). Assim, as narrativas da idosa vão elucidando os elementos pessoais, mas também sua realidade social e cultural através das representações sociais, que além de definir e categorizar pessoas, objetos e acontecimentos, também exerce forte influência nas condutas e nos pensamentos (Moscovici, 2003). A fala de Carmelita expressa bem esse movimento de definir a velhice utilizando conhecimentos compartilhados e ancorados em outros conhecimentos (como os da medicina – Mal de Alzheimer, por exemplo) e práticas sociais relacionadas à liberdade e autonomia (como a participação em diversas atividades sociais e culturais).

As pesquisas na área da Gerontologia, referência para os estudos sobre a velhice, comumente concluem que a autonomia para tomada de decisões e engajamento em atividades sociais (lazer, trabalho, escola etc.) estão associadas às condições pessoais de saúde física, mental e socioeconômicas, com destaque para a renda familiar, escolaridade e gênero como

marcador de identificação (Gomes *et al.*, 2021; Pinto; Neri, 2017). No entanto, nesta pesquisa, destacamos o gênero como meio de significação para as práticas sociais, fundamentando a opressão na relação conjugal e na estrutura da nossa sociedade patriarcal que valida essa e outras discriminações por gênero (nas esferas do trabalho, da família, dos estudos, maternidade, por exemplo). Tais particularidades do grupo de idosas envolvidas nesta pesquisa vão sendo elucidadas a partir das experiências pessoais e da contextualização sociocultural da trajetória de vida. Nesse sentido, Debert (2013) ressalta que a ideia da velhice como uma “experiência homogênea” em todas as sociedades, por muito tempo sustentada no campo da Gerontologia, já foi revista e transformada pelo entendimento de que o avanço da idade pode ser compreendido e vivenciado de maneiras diferentes, como mostra a pesquisa histórica e antropológica. Assim, as idosas entrevistadas nesta pesquisa nos permitiram analisar importantes elementos que consideramos constituintes da rede de significações implicada no envelhecimento, uma rede dinâmica, passível de reconfigurações, que apresenta particularidades para este grupo social, mas também remete a uma configuração macrossocial pertinente a outros grupos de mulheres.

O modo como Carmelita atribui sentidos de autonomia e liberdade à ruptura pela viuvez a direciona para o investimento na sua rede social, nas interações e vinculações com seus pares e diferentes pessoas nos espaços comunitários, assim como as interações sociais assumem a centralidade nos processos de produção dos sentidos e significados, na constituição e no desenvolvimento das pessoas (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2004). Nesse sentido, o engajamento social a partir da inserção em diversas atividades culturais e sociais no Sesc e no CRAS parece ter ampliado também a oferta de recursos pessoais, sociais, institucionais e simbólicos, importantes mediadores nas transições diante de rupturas (nesse caso, a viuvez), possibilitando novas aprendizagens e integração em novos domínios de interesse. Tais mudanças e uso de recursos simbólicos remetem a processos de transições que envolvem reorganizações simbólicas, diante da interpretação da pessoa sobre a ruptura, que desempenham um importante papel no campo das ações e pensamentos (Zittoun, 2009). Carmelita, ao narrar o sofrimento ao longo de sua trajetória de vida, vai complexificando sua rede de significações não só em relação às suas práticas sociais, mas também no campo dos sentidos:

Pesquisadora: Para você, o que é a velhice?

Carmelita: É a experiência de vida. E para mim, **está sendo a melhor época. Porque a minha infância foi uma porcaria; a minha adolescência também. No casamento, não me dei bem.** E agora que estou inteirinha [risos] (E.1.11, grifo nosso).

Para Carmelita e muitas outras idosas, como veremos adiante, a velhice é caracterizada pelos ganhos relacionados à liberdade e autonomia, com uma visão da pessoa idosa em sua integralidade, como ser autônomo e responsável pelas suas escolhas e ações cotidianas, um pensamento condizente com as vivências após a ruptura da viuvez/separação conjugal. Já o período da infância, adolescência e adultez (casamento) estão associados a perdas significativas, sofrimentos, o que só corrobora com a perspectiva de que as perdas e os ganhos ocorrem durante todo o curso do desenvolvimento e envolvem não apenas os fatores biológicos, mas também sociais e culturais (Neri, 2006).

Prosseguimos então, interessadas em compreender como as mudanças atuam no processo de resignificação sobre a velhice para Carmelita. Como explica Zittoun (2009), as rupturas desencadeiam diferentes processos de mudanças (ações, relações e pensamentos) nos quatro níveis relacionais – do indivíduo até a ordem social – resultando em novas dinâmicas de relação da pessoa com seu ambiente atual, ou seja, novas maneiras de agir e pensar, novas ideias e soluções, assim como resignificações no campo das representações sociais. Tal análise do campo de sentidos pode indicar possíveis processos de resignificação das representações sociais, previstas nos processos de ruptura-transições no curso de vida (Zittoun, 2009). Carmelita, então, continua explicando sua concepção sobre a velhice:

Carmelita: A pessoa tem que encarar **como é**, porque tem os ciclos todinhos da vida, né? **A infância, adolescência, mocidade e depois a velhice.** Tem que se conformar com **o tempo que se passou e aproveitar [...]** os erros que cometeu no **passado**, não voltar a **cometer**, e tentar **sempre viver**, ter uma boa vida (E.1.15, grifo nosso).

Carmelita explicita uma periodização dos ciclos de vida consensual – “*infância, adolescência, mocidade e depois a velhice*” – a partir de parâmetros biológicos e “universais”, mas que só fazem sentido a partir dos aspectos da história singular e cultural, contemplando as múltiplas possibilidades de desenvolvimento. Apesar da segmentação do curso de vida em fases “padrão” no senso comum e nas teorias clássicas, o modo como Carmelita vivencia e atribui sentidos e significados a cada uma dessas fases, incluindo a velhice, está diretamente atrelado às suas experiências pessoais e ao seu contexto sociocultural, o que difere da realidade de outros grupos sociais (heterogeneidade das velhices), e preserva as especificidades da sua trajetória pessoal (Oliveira; Rego; Aquino, 2006; Oliveira; Teixeira, 2002). Carmelita, no trecho acima da entrevista, compartilha sua concepção sobre a velhice como tempo de integração entre o passado (tempo vivido), o presente e projeções futuras, uma fase da vida com acúmulo de aprendizagens e experiências que podem contribuir para “aproveitar a vida”, para a

continuidade do desenvolvimento. A maioria das idosas do seu grupo social também refutam a ideia da velhice como fase predominante de perdas e declínio das funções psicológicas; pelo contrário, ressaltam que foi nessa fase de idade mais avançada que puderam experimentar novas identidades, a aprendizagem em novos domínios de conhecimento, ampliar os vínculos e a rede social, e vivenciar intensamente a liberdade e autonomia para ser e fazer o que desejam.

Os dois últimos excertos da entrevista com Carmelita (E.1.11, E.1.15) nos indicam uma possível ressignificação da velhice no processo de ruptura-transições pela viuvez, visto que os sentidos de autonomia e “melhor época [da vida]” atribuídos à velhice convergem com as mudanças nas práticas sociais após a morte do seu cônjuge e divergem radicalmente dos sentimentos de tristeza e sofrimento associados ao período anterior a essa ruptura (ainda no casamento/vida adulta). Essa integração entre ação e pensamento pode ser compreendida a partir das mudanças nas práticas sociais, envolvidas no processo de transição, que requerem ressignificações também da ordem das representações sociais (Zittoun, 2012), visto a função de orientação de condutas dessas representações e suas possibilidades de serem (re)construídas a partir das práticas sociais em um determinado grupo social (Santos, 2005), numa lógica de constituição simultânea, termo usado por Império-Hamburger (1990).

Antônia, 71 anos, também justifica sua entrada no Grupo Social de Idosos há oito anos, a partir da sua viuvez, como um acontecimento que rompeu com uma configuração estável de relações e práticas sociais, exemplificando o redirecionamento do seu curso de vida para novos espaços e práticas potencialmente favoráveis a novas aprendizagens na velhice.

Pesquisadora: Por que você quis participar desse grupo do Sesc?

Antônia: Eu quis por dois motivos: porque **eu sempre gostei de brincar a** quadrilha e o pastoril. E todas as festas eu gosto, mas as minhas preferidas são essas duas. **E no tempo do meu marido, eu não brincava, não fazia nada disso, porque eu era muito presa.** Aí quando ele morreu, eu fui, entrei lá, primeiro em São Lourenço. Ele morreu em abril, no mês de setembro eu já fui desfilar. Desfilei num grupo que tinha lá e tudo, e fiquei desfilando todos os anos (E.6.1, grifo nosso).

Foi impactante perceber como essa liberdade e autonomia só foi possível para muitas mulheres na velhice, após a viuvez ou separação conjugal, e ainda após a tardia independência das relações diretas de cuidado com familiares, como filhos e netos. Nesse excerto da entrevista de Antônia, podemos identificar duas rupturas: o casamento e a viuvez, pelo modo como ela situa tais eventos no curso de vida. O casamento, como evento que desencadeou a quebra ou descontinuidade no seu engajamento em atividades culturais; e a viuvez, que rompe com a dinâmica interacional durante o casamento, possibilitando a ampliação da sua participação

social, com retorno às atividades culturais. Mais uma vez, as questões de gênero assumem a centralidade no processo de desenvolvimento, perpassando as práticas discursivas e sociais. Quando Antônia nomeia da seguinte forma sua experiência: “*E no tempo do meu marido, eu não brincava, não fazia nada disso, porque eu era muito presa*”, ela se posiciona e posiciona o outro (marido) em lugares distintos, numa relação de poder e dominação, um posicionamento interligado às narrativas construídas culturalmente (Oliveira; Guanaes; Costa, 2004). É a partir de uma perspectiva semiótica e sociocultural que destacamos a viuvez/separação conjugal como uma importante ruptura no curso de vida, assim significada pelas mulheres idosas nesta pesquisa, como um evento catalisador de mudanças no cotidiano, tanto no plano das ações como dos pensamentos, corroborando com a conceituação de ruptura na perspectiva de Zittoun (2009; 2020).

Retomando o trecho acima da fala de Antônia (E.6.1.), ela segue detalhando as mudanças duradouras no seu contexto sociocultural a partir da inserção em diversas atividades culturais que a direcionam para um intenso convívio social, e principalmente para o gozo de sua liberdade e autonomia, como antes [no casamento] não lhe era viável. Mais uma vez, destacamos com especial atenção como a viuvez/separação conjugal potencializou aprendizagens, mudanças comportamentais e novas relações interpessoais, assim como possíveis ressignificações sobre a velhice. Sobre essa autonomia, Antônia relata suas atividades cotidianas:

[...] **Quando chega de manhã eu faço meu serviço de casa**, [...] aí é a semana todinha, na segunda de tarde tem a Legião de Maria, aí eu vou para igreja, fica na minha rua. Mas já é um divertimento, porque a gente sai aí já tem um grupo. Aí no domingo é a missa. Na terça eu venho para aqui, no grupo de dança, na quarta eu vou para o CRAS, na quinta eu venho para aqui de novo e na sexta eu venho para o Grupo de Idosos. (...) **eu gosto de fazer aquilo que eu quero, se eu quiser fazer aquilo eu faço, se eu não quiser não faço**. Não me obrigue e nem fique me dando pressão (E.6.3, grifo nosso).

Para além das atividades domésticas, Antônia participa de várias atividades físicas e sociais em diferentes espaços da comunidade, como: igreja, aula de dança (Sesc), CRAS, Grupo Social dos Idosos (Sesc), que potencializam seu convívio social. São essas práticas sociais que referimos como importantes para a construção das representações sociais sobre a velhice para esse grupo social. Essa ampliação da rede social possivelmente favorece o acesso a uma gama maior de recursos simbólicos no seu contexto sociocultural e, conseqüentemente, mais oportunidades de desenvolvimento na sua velhice, ao contrário da sua situação durante o casamento, na qual provavelmente preponderavam os afazeres domésticos, pelo seu relato: “[...] *eu era muito presa*” (E.6.1). É nesse contexto que consideramos importante analisar os

dados amplamente apoiados na literatura científica sobre a desigualdade entre gêneros, na qual os homens idosos se destacam entre os mais ativos no lazer, no trabalho e nas atividades físicas em geral, enquanto “ser mulher foi significativamente associado a alto índice de atividades sociais e nível de atividades físicas em tarefas domésticas” (Costa; Neri, 2019, p. 11). A partir da perspectiva de RedSig e da Teoria Transicional de Zittoun, é imprescindível considerar as atividades mencionadas dentro do seu domínio de interesse (lazer, trabalho, atividades domésticas e/ou de cuidado), visto que diferem qualitativamente em termos de elementos simbólicos e interacionais e, portanto, podem circunscrevê-las, limitando ou oportunizando o desenvolvimento na velhice. Os ganhos relatados pelas idosas, juntamente com a externalização do entusiasmo e da satisfação sobre as atividades realizadas fora do espaço doméstico e em diferentes domínios de interesse (dança, atividades físicas, lazer, ensino formal, religião etc.) se opõem à realidade retratada na literatura, que “[...] aponta o domínio das atividades de manutenção do lar como o mais propício para as mulheres idosas manifestarem atividade física” (Costa; Neri, 2019, p. 11).

A partir da análise das mudanças comportamentais, no nível das relações intergrupais, na trajetória de Antônia assim como na de Carmelita, os processos de ruptura-transições diante da viuvez também reorientam o campo de sentidos sobre a velhice. Ao analisarmos os relatos de Antônia, apreendemos ambivalências que podem caracterizar as ruptura-transições e mudanças, em um processo de articulação de suas experiências pessoais e o pensamento construído socialmente sobre ser idosa. Sua trajetória de vida indica intenso engajamento em atividades sociais (festas, grupos de dança, carnaval, quadrilha, pastoril, por exemplo), que se seguiu ao período de restrições no convívio social durante o casamento. Isso, entretanto, está em elaboração no campo dos sentidos, do pensamento. Quando perguntamos o que lhe motiva a frequentar essa diversidade de atividades ao longo da semana, Antônia explica: “***Eu me sinto uma jovem, porque eu estou com a minha liberdade, estou fazendo o que quero, o que eu gosto***” (E.6.4) (grifo nosso). Apesar de Antônia ressaltar a liberdade e autonomia vivenciadas na velhice (tempo presente), ela associa esses elementos à juventude, enquanto ser idosa é significado pelas dificuldades de convivência, de saúde e de integração social, sentidos comumente compartilhados nas representações sociais sobre velhice, mas discrepante de suas práticas sociais. Antônia continua explicando com certa resistência à identidade de mulher idosa:

Pesquisadora: E como você acha que as outras pessoas pensam sobre o que é ser idoso?

Antônia: É porque cada um pensa de um jeito, fala de um jeito. Uns acham **que idoso, para eles, não presta mais, não vale mais**. Ficou velho... Que nem a gente vê muitos idosos sendo maltratado, só porque ficou velho. **Só os novos que têm valor**, aqueles dali não têm valor. **Mas eu adoro** quando estou num canto, um me chama: - ôh mãe. **Outro me chama: - ôh vô!** Eu adoro isso! Para mim, isso é um respeito (E.6.9) (grifo nosso)

Pesquisadora: E agora a Sra. está vivendo o quê? Está em que fase da vida?

Antônia: **Eu já estou com mais de 70, né?! [risos] é na parte da velhice, né?! É** porque têm uns [idosos] que têm doenças, já não podem curtir, uns por causa das doenças, outros porque não gostam mesmo (E.6.10) (grifo nosso).

Antônia começa negando sua identidade como idosa, o que vai tornando compreensível a partir dos significados de desvalorização da velhice, o velho como inútil, improdutivo, em declínio funcional, alvo de discriminação e negligência, compartilhados no nível das representações sociais (Araújo; Coutinho; Carvalho, 2005; Cruz; Ferreira, 2011; Santos; Tura; Arruda, 2013). Mas durante a construção de sua própria narrativa, Antônia vai elaborando e reformulando sua concepção sobre a velhice, ressignificada pela liberdade, autonomia e respeito. Afinal, “o sentido é inseparável do sujeito, da constituição subjetiva de suas histórias e dos contextos desde os quais atua de forma simultânea em sua vida social” (González Rey, 2004, p. 63). À medida que Antônia narra suas experiências pessoais, interpelada por questões do seu envelhecimento, ela vai organizando suas experiências e compartilhando elementos importantes sobre si e seu contexto sociocultural. Nessa visão sócio-histórica, as ambivalências, contradições, os conflitos e oposições são considerados como parte do desenvolvimento humano (Rossetti-Ferreira, 2004), assim como os conflitos e divergências de pensamento também fazem parte das representações sociais (Santos, 2005). A análise da narrativa de Antônia sobre a velhice, mais uma vez nos permitiu compreender a interdependência entre as representações sociais que regulam as práticas sociais, e por elas são constituídas pelas múltiplas práticas cotidianas (Almeida; Santos; Trindade, 2000). Neste estudo, ressaltamos as práticas relacionadas à família e às atividades sociais (lazer, religião, eventos culturais, dança, grupos de convivência na comunidade), como práticas sociais implicadas nos processos de ruptura-transições e de ressignificação das representações sobre a velhice, como apontam as narrativas das idosas.

A interdependência entre as representações sociais e as práticas sociais pode ser analisada nos vários relatos de mulheres idosas que vivenciaram processos de ruptura-transições diante do evento social da viuvez/divórcio, que configuraram importantes direcionamentos na trajetória do envelhecimento. Nessa direção, Margarida, 70 anos, viúva,

que também situa a viuvez como uma ruptura ressalta: “*a vida da gente começou agora, a minha vida começou agora*” (E.28.10), expressa sua opinião sobre a velhice através do seu contexto histórico e social. Ela apresenta um campo de sentidos articulado à natureza semiótica das suas práticas sociais que contempla intensa participação social, vivacidade e liberdade. Em estudos mais recentes sobre as representações sociais do envelhecimento, já se observam mudanças para uma concepção direcionada aos ganhos na velhice, como: a qualidade de vida, sabedoria, maturidade, experiência, liberdade e conhecimento (Aguiar; Camargo; Bousfield, 2018). Em outra publicação (Brito *et al.*, 2018), menciona-se a importância da autonomia e da manutenção das atividades físicas e sociais para um envelhecimento saudável. Tais concepções apontam para mudanças que acompanham importantes transformações sociais, como o envelhecimento populacional (aumento da expectativa de vida), a criação de legislações voltadas para os direitos dos idosos – como o Estatuto do Idoso, em 2003; a participação expressiva dos/as idosos/as na provisão da renda familiar, entre outros importantes marcadores sociais e históricos. Nesse contexto, analisamos convergências de pensamentos e ações dentro do grupo social de idosas, na construção das representações sociais sobre a velhice.

Pesquisadora: Para você, o que significa ser idosa?

Margarida: É uma pessoa de respeito, que já está com a vida avançada, mas não vou dizer a você que pendurou a chuteira, não. Mas eu digo a você que ser idosa não significa que a pessoa fica lá isolada, não. Eu faço tanta atividade que você nem imagina, eu faço de tudo. [...] pra melhor dizer, eu acho que **a vida da gente começou agora, a minha vida começou agora**. Porque há dez anos atrás, como era minha vida? Meu marido bebia muito, quase que eu morri primeiro que ele, porque ele entrou em depressão e começou a beber. Ali eu emagreci tanto que você nem imagina. Depois de quatro anos [da viuvez], eu encontrei ele [o atual companheiro], **e terminou assim, eu na minha casa e ele na casa dele** (E.28.10, grifo nosso).

Como explica Zittoun (2009), o processo de transição, mediante uma ruptura, ensejará novas respostas, ajustes, ideias ou soluções com o objetivo de restaurar a estabilidade no curso do desenvolvimento. Margarida destaca uma solução resultante do seu processo de ruptura-transição pela viuvez, ou seja, uma nova configuração na relação com o atual companheiro – agora cada um na sua casa –, preservando sua liberdade e autonomia. Essa reorientação na conduta também pode ser compreendida a partir das ressignificações no plano das representações sociais sobre casamento, velhice e outros objetos sociais que se articulam entre si. Um processo complexo que envolve diversos elementos da rede de significações implicada no seu processo de desenvolvimento. Nessa perspectiva da RedSig, observamos também mudanças na coordenação de papéis/posicionamentos em relação a si e ao outro (atual

companheiro), de modo a preservar sua liberdade e autonomia, considerando que “[...] o inevitável confronto de necessidades, objetivos e sentidos leva a um contínuo negociar dos significados que atribuem aos eventos e às posições que ocupam nesse contexto interativo” (Oliveira; Guanaes; Amaral Costa, 2004, p. 79). Assim, a negociação de novos papéis e posicionamentos é única e pessoal diante de cada situação (Rossetti-Ferreira, 2004). As diferentes soluções ou respostas às rupturas construídas por essas mulheres idosas denotam a natureza social e pessoal de suas interações e das construções discursivas nas transições na velhice, que contestam qualquer prescrição sobre o desenvolvimento exclusivamente como aquisições maturacionais e uma sequência linear de fases da vida.

Entendemos que a diversidade de possibilidades de desenvolvimento na velhice resulta da centralidade e complexidade das interações sociais, dos processos de significação (campo semiótico) e do contexto sócio-histórico, interdependentes e intervenientes no curso da vida. Alice, viúva, 75 anos, e que também passou pela experiência de um casamento longo e de sobrecarga de cuidado com o marido, traz uma concepção de velhice construída a partir de pensamentos convergentes com seu grupo social, permeada também de ambivalências e contradições, denotando a natureza processual das transições no campo das representações sociais. Alice inicia falando sobre “ser idosa”: *“Porque eu acho que para a gente ser idosa, a gente tem que continuar a vida, porque a gente está viva. Porque eu me considero uma idosa boa para tudo. Eu topo tudo. Eu faço academia, faço tudo mesmo”* (E. 11.15). Ela parte de uma concepção centrada em suas práticas sociais atuais, o seu modo de viver a velhice de forma ativa e produtiva, e segue para um discurso de ordem social, atravessado por elementos de seu contexto sociocultural, como veremos a seguir.

Pesquisadora: Na sua opinião, como deveria ser a velhice?

Alice: **Não devia existir velhice** [risos], o senhor que me perdoe, devia ter uma idade que deixasse ou 70 ou 50, depende, parasse ali, não ficasse mais velhinho [intensificou a entonação]. Porque **a velhice vai acabando com a pessoa, aí tudo parece que vai parando na gente**. Muita gente acha que não tem mais força para se levantar, aí se entrega muito. **Eu não quero ficar desse jeito** (E 11.17) (grifo nosso).

Consideramos as ambivalências alçadas nas concepções sobre a velhice das idosas deste estudo, como elementos constituintes e constituídos pela rede de significação. Atentamos para a possibilidade de análise das mudanças nas práticas e papéis sociais, psicológicos e no jogo de posicionamentos. Nesse enfoque, o papel definido culturalmente sobre ser uma esposa – papel psicológico de ser submissa ao marido, dedicada às atividades domésticas (incluindo a

manutenção da casa e os cuidados com os filhos e demais familiares) já foi analisado dentro do contexto sociocultural dessas idosas. Esse papel parece atualizado ou substituído por novos papéis, a partir das reconfigurações de sua rede de significações e do seu campo interacional. Diante de situações novas e/ou desconhecidas (como a viuvez, por exemplo), a sobreposição dos novos campos semióticos constitui ambivalências que permitem significar ações e pensamentos do presente, possibilitando a desconstrução de conjuntos semióticos pré-existentes ou sua transformação. Logo, o contexto social tem um papel central tanto na gênese quanto no processamento dessas ambivalências (Zittoun *et al.* 2011). Assim, destacamos que os processos de transformação das mulheres da juventude/adulterez para a velhice, do matrimônio à viuvez/separação conjugal, de provedora dos cuidados com os filhos (maternidade) para o cuidado mais voltado para si, além das transformações nas concepções sobre a velhice na cultura coletiva podem ser considerados espaços semióticos propícios para a produção de ambivalências diante do enfrentamento de novas e desafiadoras situações e aprendizagens.

A partir das narrativas das idosas, concluímos que a significação da velhice a partir da liberdade e autonomia corresponde a uma importante convergência representacional para esse grupo, que tanto incide em práticas discursivas e sociais comuns a essas mulheres, quanto em especificidades em suas trajetórias pessoais na velhice. As narrativas de Carmelita e demais mulheres na pesquisa nos permitem articular o marcador de gênero como importante circunscritor, como sistema organizador do desenvolvimento ao impulsionar para aproximações ou distanciamentos de determinadas direções (Silva; Rossetti-Ferreira; Carvalho, 2004). Dentro desse sistema circunscritor constituído pelas questões de gênero, podemos incluir outros circunscritores mais específicos, como o casamento, que para além da natureza concreta, organizando as atividades e rotinas cotidianas, apresenta também sua natureza semiótica a partir do campo de sentidos e significado como “*prisão (presa), privação de liberdade, algo ruim, sem vida*”, como destacam Carmelita, Antônio e Margarida. A quebra da estabilidade (no sentido de um padrão mantido por um longo período) no casamento é ocasionada pela viuvez, resultando em transformações nos papéis assumidos e no posicionamento dessas mulheres no decorrer da velhice. Apesar de a reflexão dessas mulheres sobre o sofrimento e as perdas durante o casamento, que perdurou por décadas da vida adulta e início da velhice, só a morte possibilitou o rompimento concreto da relação conjugal, visto que a separação não foi uma opção viável para muitas dessas idosas. Podemos compreender essa dificuldade de rompimento da relação conjugal por Carmelita, Margarida e de tantas outras mulheres a partir da compreensão de que a acumulação de eventos e situações de vulnerabilidade podem prejudicar

o desenvolvimento na vida adulta/velhice, dificultando transições exitosas para novas aprendizagens (Zittoun; Gillespie; Bernal Marcos, 2023).

No caso de Carmelita e da maioria das idosas desta pesquisa, somam-se às questões de desigualdade de gênero, muitos outros elementos de vulnerabilidade que podem ser considerados potencialmente limitantes nesse contexto de desenvolvimento, como os marcadores sociais de raça, classe social (baixa renda familiar), baixa escolaridade, exclusão do mercado de trabalho formal, trajetória de vida (infância, adolescência e adultez) em contexto de vulnerabilidade social. Apesar do nosso foco na análise de gênero, entendemos que os marcadores de raça, classe social, territorialidade, religião, orientação sexual, entre outros, atravessam e constituem essa rede de significações e, portanto, circunscrevem de modo interseccional as trajetórias desenvolvimentais. Nesse sentido, consideramos a interseccionalidade como uma importante ferramenta analítica para os estudos de desenvolvimento humano, pois possibilita abordar de várias maneiras as questões e problemas sociais. Como explicam as autoras Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), essas categorias de gênero, raça, classe social e demais marcadores sociais funcionam de maneira sobreposta e unificada. E, apesar dessas relações interseccionais de poder ocorrerem de forma invisibilizada, interferem de modo geral no convívio social. A análise das condições socioeconômicas dos participantes e de elementos do contexto macrossocial fazem parte desse entendimento sobre a necessidade de uma análise interseccional para compreender as especificidades nos processos de transição na velhice para esse grupo social.

Os circunscritores pessoais e sociais até então analisados a partir das falas das idosas remetem a uma matriz sócio-histórica, que é constituída por elementos sociais, econômicos, culturais e políticos que contemplam tanto os aspectos concretos do cotidiano, quanto as práticas discursivas pelo seu caráter semiótico (Amorim; Rossetti-Ferreira, 2004). Consideramos que essa matriz sócio-histórica já vem sendo caracterizada desde o subcapítulo 5.1 (análise do levantamento sociodemográfico), no qual analisamos as condições socioeconômicas e políticas do grupo participante da pesquisa, assim como pelos elementos socioculturais alçados nas práticas discursivas das idosas neste estudo. Essas condições socioeconômicas somam-se a outras especificidades da matriz sócio-histórica, cuja concretude não se dá de forma abstrata,

[...] mas é dialógica e dialeticamente estabelecido a partir de pessoas em processos relacionais, dentro de cenários específicos. Entende-se, assim, **que aspectos da matriz sócio-histórica não existem fora das relações das pessoas**. As pessoas que vão perpetuar, transmitir, modificar, reconstruir e

criar novas vozes e condições [...] pode-se dizer, dessa forma, que **a pessoa é coautora de sua própria história e da do outro**, além da do contexto que os constitui e que eles ajudam a construir (Amorim; Rossetti-Ferreira, 2004, p. 111, grifo nosso).

A complexidade temporal nas narrativas de Carmelita sobre as situações vivenciadas na velhice contribui também para a compreensão parcial dessa matriz sócio-histórica, tendo em vista a complexidade e dinamicidade do contexto macrossocial. Nesse sentido, Carmelita traz vários indicativos sobre o tempo histórico ao descrever suas experiências no matrimônio:

[...] porque antes eu vivia naquela pressão, o tal de **homem machista, não queria que eu trabalhasse fora, não podia falar com ninguém**, era aquela **escrava**, entre aspas. Só não **apanhei** porque minha natureza sempre foi forte e não ficava **submissa** nesse sentido não, sabe? Mas foi **terrível**, não gostei não (E.1.12, grifo nosso).

Carmelita traz elementos do contexto histórico e social sobre a instituição do matrimônio, criada para regular as relações entre homens e mulheres, por séculos no Ocidente Cristão. A historiadora Mary Del Priori (2020) explica que essas relações eram construídas a partir de contratos entre homens, nos quais as filhas eram os recursos utilizados para alianças políticas ou compensações financeiras, atribuindo poder aos homens sobre as mulheres, numa sociedade estruturalmente patriarcal. A autora fala que, em meados do séc. XX, “a herança de séculos se impunha: um amor domesticado, feito de razões. Nada de paixões que violassem a lei e a ordem. Impossível romper com os moldes tradicionais da felicidade ligada ao casamento legal, aos filhos legítimos” (Del Priori, 2020, p. 72). Essa herança histórica perdura e se atualiza nos dias atuais, como explicitam as idosas nas suas narrativas. Mas é importante também reconhecer algumas lacunas nesse contexto cultural, processos de transformação [já vivenciados por essas idosas também], a partir dos movimentos feministas em prol do desejo de autonomia e igualdade que nunca sucumbiu às adversidades e violências praticadas contra as mulheres. Essa contextualização espaço-temporal dos acontecimentos narrados pelas participantes, entendendo a temporalidade a partir da integração do passado – tempo vivido – com o tempo presente, num processo dialético de ressignificações e atualizações das práticas discursivas, possibilita elaborações sobre o passado e o presente e reorientações para o futuro. É o que as autoras chamam de plenitude temporal, percebida nos discursos da participante da pesquisa (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2004). Tal relato nos ajuda a situar e compreender o processo ontogenético numa sociedade capitalista, patriarcal, marcada pela desigualdade de poder e direitos entre homens e mulheres, com privilégios e legitimação do lugar de dominação dos homens, em detrimento dos papéis sociais de cuidado e submissão atribuídos às mulheres.

Em continuidade aos elementos sociais apresentados pelo grupo de mulheres deste estudo, Ivonete, 77 anos, viúva, há 12 anos participante do Grupo de Idosos do Sesc, juntamente com Carmelita, denuncia a violência na dinâmica relacional no seu casamento:

[...] eu tive dois maridos já. O primeiro que casei com ele e o segundo foi o pai do meu filho, todos dois já morreram. Do primeiro não tive filhos, porque só vivi com ele quatro anos. Ele tinha muito ciúmes de mim, eu era novinha, bem-feitinha. Tinha muito ciúme e dava em mim (E.26.9).

Numa sociedade patriarcal, na qual a dominação e opressão masculina é institucionalizada e compartilhada culturalmente, homens e mulheres são socializados desde o nascimento para aceitar pensamentos e ações sexistas, enxergar a violência como meio aceitável de controle social, sendo a violência doméstica, que pode ser compreendida também como violência “patriarcal”, baseada na crença de que é aceitável o indivíduo mais poderoso utilizar a força coercitiva para controlar os outros (bell hooks, 2022).

Tal análise nos permite ressaltar a interdependência entre os elementos socioeconômicos e políticos, as práticas discursivas e sociais, e as trajetórias de desenvolvimento/envelhecimento. Estamos nos referindo a certos elementos da matriz sócio-histórica na qual essas mulheres vão se constituindo subjetivamente numa relação dialógica com esse ambiente macrossocial, permitindo a análise de fatores políticos e históricos que perpassam as práticas sociais, discursos e pensamentos coletivos (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2004).

A narrativa de Célia sobre a relação conjugal vai ao encontro das demais, compartilhando detalhes sobre o contexto cultural e social implicado no seu processo de desenvolvimento. A cultura de objetificação da mulher, como forma naturalizada da misoginia dos homens, vai limitando e moldando as possibilidades de ações, com repercussões na construção identitária dessas mulheres (Zanello, 2022). O excerto da entrevista de Célia, a seguir, situa bem a discussão proposta nesta pesquisa sobre a regulação do gênero nas interações sociais e, consequentemente, no seu processo de desenvolvimento.

Célia: Ah, deixa eu te dizer aqui uma que é engraçada. Eu agora, eu atravesso a rua, o motorista para, para eu passar, eu faço assim [fez o gesto de legal]. Antes eu não fazia, baixava a cabeça e atravessava, com medo, receio, não sei que palavra empregar. Mas com aquela ideia de que, eu morando em São Lourenço, como falei, (há) 57 anos, gato, cachorro, papagaio e periquito, tanto me conheciam e conhecia ele (marido). Então o que acontece: podia ele saber que eu fiz assim [fez o gesto de legal] para um homem, entendeu? Então, eu andava naquela linha, pensando de não surgir nenhum comentário, para que ele não soubesse e não viesse me reclamar, embora ele vivia solto de canga e corda. No dia que eu soube que ele estava de namoro, que eu fui perguntar a

ele, - Besteira, mulher, aquilo é um flerte. Flerte para mim, no tempo que eu era mocinha, era um namoro, agora aquele namoro meio respeitoso, que não era pra tá se agarrando, se beijando né, era um flerte. Então, ele dizendo que já era um flerte, então já estava de olho, já queria se aproximar, né? Falei para ele. Ele disse que deixasse aquilo para lá, não se preocupasse com isso não. Fui para vizinha, que já morreu, que me aconselhou de uma forma que achei correta, e absorvi os conselhos que ela me deu, as opiniões que ela me deu. Ela me falou: - Olha, Célia, é o seguinte: ou você se separa, ou não se separa. Se você se separar, cuide da sua vida. E se você não se separar, continuar com seu marido, você coloque uma pedra em cima desse assunto e não fale mais em momento algum. Para mim, você deve escolher uma dessas duas, ou se separar e levar sua vida; ou não se separar e também não falar mais no assunto. Pronto, aí eu optei por eu não me separar, que a essas alturas eu já tinha mais de 40 anos já de casada, foi o meu primeiro em tudo, e outra coisa não tem mansões, mas minha casa é simples, mas é nobre porque me cabe e foi construída com o meu dinheiro e o dele. Tenho uma casinha na praia, simples mais ainda, mas passei a semana santa lá, um feriado grande vou para lá. [Pesquisadora] *E depois, a Sra. achou que essa decisão foi a melhor?* Sim, porque hoje em dia ele está morto e eu estou desfrutando de tudo que eu tinha cabresto para fazer (E. 29.1).

O episódio relatado acima por Célia apresenta uma dinâmica interacional mediada pelo processo de regulação, como explicam as autoras Carvalho, Pedrosa e Império-Hamburguer [*in memoriam*] (2020, p. 75), no qual “o indivíduo pode regular o comportamento do outro sem que se evidencie que está também sendo regulado pelo parceiro”, que neste caso encontra-se até mesmo ausente do ambiente interacional. O comportamento de Célia resulta de uma regulação a partir dos significados compartilhados com seu marido sobre “como uma mulher deve se comportar diante de outros homens”, sendo a interação com o motorista de ônibus influenciada muito mais pela persistência do significado de esposa, atribuído pelo marido de Célia a ela, mesmo na sua ausência, ou seja, quando Célia atravessava a rua. A informação que regula o comportamento dela está atrelada aos significados compartilhados com seu parceiro na relação conjugal, no seu ambiente social de família, que se constitui a partir de um conjunto de práticas, valores e crenças. Nesse sentido, podemos considerar que esses processos interacionais estão implicados nos processos de desenvolvimento humano. Eles assumem dinâmicas específicas a partir da sua imersão numa rede de significações e matriz sócio-histórica que regulam suas múltiplas interações nos diferentes espaços sociais, como apreendemos no episódio acima relatado por Célia.

Ainda sobre esse trecho acima, da entrevista com Célia, a relação conjugal e, mais amplamente, as questões de gênero situam-se como circunsritores relevantes no seu curso de vida, direcionando suas ações, relações interpessoais, seus pensamentos, sua forma de ser e estar no mundo. Célia vai detalhando o caráter identitário do casamento no seu processo de

subjetivação ao relembrar suas vivências durante a relação conjugal. Ela fala de um sofrimento que não é apenas individual, mas articulado com as ideias e crenças compartilhadas no seu contexto sociocultural. A necessidade de sustentar uma relação conjugal e adequação do seu comportamento (inclusive gestual) para validar sua condição de mulher aceita socialmente resultava em ações indesejadas, no seu silenciamento e submissão à situações dolorosas (traições, sofrimento mental) e, conseqüentemente, no direcionamento do seu desenvolvimento para situações limitantes, constituídas também pelas suas condições culturais, sociais, com destaque para as crenças, opiniões e pensamentos compartilhados sobre a instituição do casamento e o papel da mulher em seu grupo social.

Retornamos à pesquisadora Valeska Zanello (2022) que considera a desigualdade de gênero, sustentada por diferentes modos de subjetivação, correlacionando os dispositivos amorosos e maternos às mulheres, a partir do contexto e percurso histórico, político e econômico da sociedade contemporânea brasileira. A autora explica: “O que faz com que mulheres aceitem qualquer coisa em uma relação não é o amor dedicado a esse ou àquele homem, mas a necessidade de serem escolhidas e validadas como “mulher” (Zanello, 2022, p. 66). Nesse processo de subjetivação das mulheres, o dispositivo amoroso resulta na necessidade da validação do olhar do homem para construção da sua identidade nessa sociedade patriarcal ocidental. Quando Célia diz: *“Pronto, aí eu optei por eu não me separar, que a essas alturas eu já tinha mais de 40 anos já de casada, foi o meu primeiro em tudo [...]”*, ressalta-se o distanciamento do ideal estético (principalmente para as mulheres idosas e negras), no qual o corpo e a beleza são um capital simbólico e matrimonial, que podem deixá-las em uma situação de maior vulnerabilidade e submissão à relação amorosa. Já o dispositivo materno, que também aparece implicado na construção identitária das mulheres, atribui o ato de maternar, de prover o cuidado não só com a prole, mas com qualquer pessoa, à “natureza feminina”, ensejando demandas específicas e desiguais para as mulheres, como a maternidade e o trabalho doméstico. Vale ressaltar que esses dispositivos são construções históricas e sociais, compartilhadas através da aprendizagem cultural de gênero e que atendem às demandas de divisão sexuada do trabalho do sistema capitalista e patriarcal.

Alice traz novamente a matriz sócio-histórica para o plano da concretude quando ressalta a sobrecarga do trabalho do cuidado na sua experiência pessoal do casamento, sobrecarga comum às mulheres na nossa sociedade, e de modo mais agravante para as mulheres negras. Alice ressalta as restrições no seu curso de vida a partir dessa função de cuidadora do marido, comprometendo concretamente o seu tempo e suas possibilidades de ocupar outros espaços e ampliar seu convívio social. As mudanças só advêm com a ruptura causada pelo

falecimento do cônjuge, ou melhor, após sua mudança de lugar e função na dinâmica familiar, de cuidadora dos outros para o cuidado consigo.

Pesquisadora: Por que você quis participar desse grupo?

Alice: - Porque fazia pouco tempo que meu marido tinha falecido e eu estava me sentindo muito só em casa, que fica aquela falta dentro de casa, a ocupação né?! Porque a gente fica muito ocupada com uma pessoa, porque ele ficava de cama em casa, acamado. Aí aquela atenção era toda para ele, não tinha tempo para nada. Aí depois que ele faleceu, ficou aquela falta dentro de casa, aí eu procurei saber e uma colega que me indicou o Sesc que ela entrou no mesmo tempo que eu entrei (E.11.1.).

As experiências de cuidado de Alice remetem a parte expressiva da população feminina no Brasil. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) Contínua 2022, realizada pelo IBGE, as mulheres gastam o dobro de horas (21,3 horas semanais) em trabalhos de cuidado – que inclui tarefas domésticas e a função de cuidado com crianças, idosos e deficientes – comparado ao tempo gasto pelos homens (11,7 horas semanais) no Brasil. O trabalho invisibilizado e não remunerado delegado às mulheres, pode ser compreendido como mais um importante circunscritor do desenvolvimento, que de ordem concreta e simbólica direciona o desenvolvimento das mulheres, impactando as oportunidades de escolarização, inserção no mercado de trabalho, lazer e demais atividades sociais. O trabalho formal para as mulheres nem sempre foi uma opção viável, uma escolha autônoma, uma opção de independência financeira, e Antônia denuncia os prejuízos das desigualdades de gênero nesse contexto de vulnerabilidade para as mulheres:

*Eu trabalhei na fábrica de estofa, e a gente ia para casa de tecelã e a gente brincava lá. Eu trabalhei no CENTRÃO, na rua imperial, saí de lá porque adoeci, pronto, só foi lá onde trabalhei. **Depois disso, eu fiquei somente em casa, presa, porque o homem bebia muito e não deixava eu sair mais para canto nenhum** (E.6.8, grifo nosso).*

Mais uma vez, o casamento foi significado como uma ruptura no curso de vida, que para Antônia repercutiu com o impedimento de continuidade da sua trajetória profissional. A situação de Antônia e de parte significativa das mulheres entrevistadas nesta pesquisa é de intenso trabalho doméstico e de cuidado ao longo do curso de vida (da infância à velhice), um trabalho invisibilizado socialmente, que sobrecarrega e vulnerabiliza as mulheres. Silvia Federici (2021) se contrapõe a essa desvalorização do trabalho reprodutivo e doméstico das mulheres ao discutir a função essencial que esse trabalho tem para a manutenção do capitalismo

e da estrutura patriarcal da sociedade. Ela compreende que as tarefas, como cuidar dos filhos, limpar a casa e cozinhar são fundamentais para a reprodução da força de trabalho e manutenção das mulheres confinadas ao espaço privado e dependentes economicamente.

Assim, as mulheres desempenham trabalhos assistenciais sem remuneração, significados socialmente como ato de amor e inerente à concepção de feminilidade. Essa é mais uma das consequências das desigualdades de gênero que configuram a rede de significados e a matriz sócio-histórica na qual se processa a ontogênese dessas mulheres. A condição econômica é mais um dos fatores de vulnerabilidade para essas idosas, que ainda assim, com tão pouca renda, são responsáveis pela subsistência de outros familiares. Margarida, aos 70 anos, expressa sua preocupação com a dependência financeira de seus familiares:

Margarida: [...] aí então eu fiquei com duas famílias e ainda estou. Eu dou todo mês, toda semana, bem dizer quase todo dia porque se tiver pão leva para tudinho, e essa minha filha tem um filho de um ano e três meses. Todo mês eu dou a ela X para fazer feira, que está desempregada e o marido dela também desempregou-se, que quando ele consegue eu ajudo pouco e quando não consegue [emprego] eu ajudo mais. No dia que eu me for, eu digo sempre a elas [filhas], eu tenho 70 anos, então se Deus me chamar? Eu fico assim preocupada com isso. Quem vai ajudar elas? (E.28.8).

Margarida ainda trabalha informalmente com revenda de roupas da feira da cidade de Caruaru, e essa fonte extra de renda (além de sua aposentadoria) tem sido importante apoio financeiro para suas necessidades cotidianas. Tais questões integram sua visão sobre a velhice, quando diz:

A velhice deveria ser assim como eu vivo a minha, assim como eu sou, gostando de tudo, de passear, de se divertir, conversar, até trabalhar, se for possível. Eu ainda não trabalho? Ir para a feira vender, não é um trabalho? [...] É a experiência (E.28.13).

Esteves, Bitu e Gurgel (2021) ressaltam que a desigualdade de gênero em uma sociedade patriarcal desvaloriza as profissões assistenciais e subestima o trabalho feminino, através da validação de leis no campo do Direito. Essa estrutura legal impõe normas e crenças que limitam as oportunidades das mulheres no mercado de trabalho, relegando-as a empregos com salários mais baixos e menos chances de progresso, perpetuando a desigualdade socioeconômica. As expectativas sociais sobre os papéis das mulheres, que frequentemente priorizam responsabilidades de cuidado em detrimento da carreira, restringem ainda mais o acesso delas à igualdade de oportunidades no trabalho.

Como pontuamos anteriormente, enquanto para as mulheres idosas a liberdade foi significada como um dos principais ganhos na velhice e sua perda situada na adultez e anos anteriores, em nenhum momento essa questão foi trazida pelos homens idosos, ou seja, a liberdade não configurou uma problemática de ordem psicossocial para eles. Já o trabalho (ocupação profissional), ou melhor, a privação do trabalho diante da aposentadoria ou da idade avançada foi um evento configurado como ruptura mais relevante no curso do envelhecimento. Tal resultado aponta para toda a problematização da construção subjetiva das masculinidades centrada na ocupação laboral, como elemento privilegiado nos processos de construção de identidades masculinas, e consequentemente com implicações de ordem psicossocial na velhice. Zanello (2022) situa os dispositivos de eficácia laborativa e de virilidade sexual como eixos centrais na construção da subjetividade masculina. Quando Célia fala sobre o desprendimento do marido para se relacionar e agir livremente, enquanto ela era privada até da espontaneidade gestual nos contatos sociais cotidianos, exemplifica-se na realidade social a célebre frase da autora: “[...] na nossa cultura, homens aprendem a amar muitas coisas e mulheres aprendem a amar os homens” (Zanello, 2022, p. 70). Nas narrativas autobiográficas dos 10 homens entrevistados nesta pesquisa, o casamento não foi apresentado como questão-problema no seu cotidiano. Aqui traremos alguns excertos das entrevistas dos idosos para amplificar essa problemática de gênero no processo de envelhecimento.

Pesquisadora: Por que você quis participar desse grupo?

Pedro (73 anos, branco, casado): Veja só, o idoso ele fica com uma grande lacuna na vida dele quando ele deixa os afazeres dele, os trabalhos, os empregos, essas coisas, então ele tem que preencher com alguma coisa. Então o Sesc é uma boa pedida porque ele tem as viagens, tem assim esses encontros junto com eles, porque um idoso junto com um outro, ele entende a linguagem um do outro (E.5.1).

A falta vivenciada diante da interrupção do trabalho, para os homens idosos, parece mobilizá-los para a busca de um propósito de vida que até então estava fundamentado na atividade laboral. Jorge, 80 anos, casado, explicita suas motivações para seu ingresso no Grupo Social: “*Tava com muito tempo sem fazer nada, aí foi muito bom porque sem trabalhar e sem fazer nada é muito ruim. Aí tem que arrumar um negócio que preencha né?! Preencha a vida, o tempo!*” (E.8.1). O trabalho aparece nesse lugar de prover o idoso de utilidade, mantê-lo produtivo na sociedade, o que pode tornar mais difícil o processo de aposentadoria e, consequentemente, de envelhecimento para os homens. Mas Naelson, idoso de 73 anos, casado,

aponta para uma ressignificação sobre o trabalho, como importante recurso simbólico para lidar com essas mudanças na velhice. Na opinião de Naelson sobre a velhice:

Pesquisadora: Na sua opinião, como deveria ser a velhice?

Naelson: Na minha opinião, a velhice... porque o trabalho é algo essencial. Você trabalhando, você desaparece [espairece] [...] tem aquele afazer, tem ocupação da mente, é outra história. Na minha concepção, você não vai ficar numa cadeira de balanço, [...] esperando a morte chegar. Não, eu acredito que não é por aí, a prosperidade, trabalhar, estudar, ler, na minha concepção é isso aí (E.30.14).

Pesquisadora: Quando o Sr. fala trabalhar, o Sr. está falando...?

Naelson: Ocupação (E.30.15).

Pesquisadora: Que pode ser o quê?

Naelson: Útil para saúde e para vida (E.30.16).

Assim, o trabalho formal parece ressignificado para uma ideia mais ampla, abrangente, preservando o conceito inicial de utilidade social, mas que pode ser realizado em diferentes atividades, inclusive as proporcionadas pelo Grupo Social de Idoso do Sesc, motivando seu ingresso e permanência em tal atividade. Ademais, como explicou Naelson, a sua entrada no Grupo do Sesc aconteceu: [...] *Porque um vizinho participava e falava das palestras e eu já estava querendo porque a gente, aposentado, sempre tem que procurar o que fazer para não ficar parado*” (E.30.1).

Mais uma vez, a experiência da aposentadoria e suas mudanças no cotidiano dos idosos parece associada à busca de outras atividades que preencham essa “falta” e preservem sua produtividade social. Vale ressaltar que a maioria dos homens era casado, ou seja, o casamento não foi impeditivo para as atividades físicas e sociais, consideradas imprescindíveis para um envelhecimento ativo e saudável (Gomes *et al.*, 2021; Pinto; Neri, 2017). Pelo contrário, os homens idosos reconheciam o apoio e incentivo das companheiras para o engajamento social. Assim, as falas desses idosos só destacam ainda mais as desigualdades de gênero no modo de envelhecer através das diferentes consequências, possibilidades e limitadores no desenvolvimento.

A partir dessa análise, através das narrativas de mulheres idosas, a viuvez ou separação conjugal, assim como o casamento, podem ser considerados importantes circunscritores, de ordem material e simbólica, no curso desse envelhecimento, seja ampliando as possibilidades de desenvolvimento biopsicossocial, seja afastando-as de oportunidades de novos vínculos

sociais, novas aprendizagens e de melhoria da saúde física e mental, respectivamente. É importante destacar também que consideramos esses circunscritores com forte influência no processo de envelhecimento, uma vez que: “A relação de poder, de interesses e de desejos constroem histórica e culturalmente relações hierarquizadas entre os circunscritores” (Silva; Rossetti-Ferreira; Carvalho, 2004, p. 83). Dentro desse conjunto de circunscritores que direcionam o curso do desenvolvimento para direções específicas de acordo com sua atuação, alguns elementos [já apresentados] parecem apresentar-se de modo mais rígido, numa dinâmica de repetições, de posições e comportamentos por pessoas numa posição de assujeitamento, de difícil escapatória desse *enredamento* (Silva; Rossetti-Ferreira; Carvalho, 2004). As narrativas das mulheres idosas nesta pesquisa remetem a esse processo de enredamento, através das dificuldades relatadas para sair de papéis sociais previstos e situados cronologicamente: casamento, maternidade, trabalho doméstico e de cuidado. A validação dos papéis sociais – ser mãe, esposa – pelas instituições sociais (como a família, religião) e contexto cultural patriarcais, garantiram uma posição de submissão e opressão na relação conjugal e familiar. A historiadora Gerda Lener (2019) ressalta a difícil tarefa para as mulheres da tomada de consciência e emancipação do sistema patriarcal na qual se encontram subjugadas. O pensamento patriarcal antecede a propriedade privada e a formação de classes, sendo a dominação masculina colocada como uma questão universal e natural, fundamentada nas explicações religiosas e depois científicas, nos interesses da sociedade capitalista, com a divisão sexual do trabalho, entre diversos outros fatores históricos e sociais que constituem sua força e permanência, até os dias atuais, na cultura pessoal e coletiva da nossa sociedade. Assim, esses circunscritores relacionados às questões de gênero em um sistema patriarcal – como o casamento ou relação conjugal, foco deste estudo – enquadram-se na categoria dos que “[...] possuem maior capacidade de serem reinstalados na configuração da RedSig e atualizados nos processos interativos estabelecidos pelas pessoas” (Silva; Rossetti-Ferreira; Carvalho, 2004, p. 84). Mas, o que possibilitou a saída desse enredamento na velhice? Afinal, estamos analisando processos de transformações que permitiram novas dinâmicas interacionais e ressignificação na velhice.

Glória, 70 anos, divorciada, situa a ruptura relacionada ao divórcio à temporalidade da ruptura decorrente da pandemia da COVID-19. A relação conjugal de mais de 40 anos, de difícil dissolução, é rompida durante as transições decorrentes da ruptura da pandemia, nos permitindo alcançar tanto o processo de enredamento, quanto a confluência das rupturas no curso de vida.

Pesquisadora: Tem algum objeto ou lugar, algo que esteja associado às suas lembranças iniciais de isolamento durante a pandemia?

Glória: O que me marcou muito no isolamento foi o problema com meu marido, meu ex. Eu não sei se foi por causa disso, porque ele nunca foi bom. Porque antigamente casou tem que viver. Aí a gente vai passando, vai passando, vai passando [...] aí chega o tempo que a gente tem coragem de se levantar! Ter coragem, ter coragem de enfrentar o problema e resolver. Eu nunca tive coragem, mas agora com 70 anos, com 42 anos (de casada) eu tive coragem. Eu tive coragem e encerrou. Ficou muito marcado para mim (E.12.7).

Aqui podemos destacar os confrontos e conflitos que também caracterizam o processo de desenvolvimento, além do protagonismo da pessoa nesse processo. Glória vivencia a possibilidade de lidar com outras rupturas de ordem pessoal, interna e interindividual e situacional, como o divórcio, em uma situação de extrema vulnerabilidade social como a pandemia da COVID-19. O divórcio configura uma ruptura intencionalmente provocada por Glória em busca de soluções, de novos papéis e posições nas suas relações interpessoais, demonstrando que nem toda ruptura se dá por eventos normativos ou imprevisíveis. A partir da perspectiva da RedSig, podemos pensar em reconfigurações na rede de significações a partir da ruptura social da pandemia, para Glória, que implicaram na produção de novos sentidos, reorientações de suas ações e pensamentos, quebrando padrões de articulação entre ações, sentimentos e cognição que integram os sistemas circunscritores. A metáfora da rede de significações ajuda a pensar essas práticas discursivas constituídas e constituintes dos campos interativos em todos os níveis de relação, da ordem intraindividual ao contexto macrosocial, e considerar as rupturas, simultâneas ou consecutivas, no curso de vida, com vários pontos (nós) de conexão e interdependência entre si.

A experiência do divórcio, para Glória, nos leva a considerar que uma ruptura pode atuar como recurso simbólico, mediando outros processos de ruptura-transições, incluindo a quebra de dinâmicas interacionais repetitivas e rígidas, como na configuração do enredamento. Como explica Zittoun (2003;2021), o que torna o elemento simbólico um recurso é o seu uso por alguém, para uma finalidade, além de repercutir em novas formações simbólicas socioculturais e na mediação das interações sociais. Nesse sentido, as experiências internas ou externas relacionadas à produção de novos sentidos/ressignificações podem ser consideradas como recursos simbólicos, desde que favoreçam as interações ou ações concretas no ambiente social. Assim, concluímos que as rupturas, ao abrirem possibilidades para novas dinâmicas de interação social e processos de significação nas situações de crise, de reorganizações pessoais, podem configurar-se como importante recurso simbólico para viabilizar a saída desse enredamento na relação conjugal, por exemplo. Essa seria uma das possibilidades de reconfiguração do enredamento com fins de minimizar a intensidade de sua circunscrição nas

interações das pessoas, visto que “como todo circunscritor, o enredamento só se dá em relação e não pode ser compreendido fora da situação” (Silva; Rossetti-Ferreira; Carvalho, 2004, p. 84).

Finalizamos provisoriamente este subcapítulo de análise, com uma fala de Célia, lembrando que ela é mulher negra, uma das mais idosas aos 77 anos, professora aposentada, viúva, que há seis anos participa do grupo de convivência de idosos do Sesc e uma das poucas mulheres do grupo que conseguiu concluir o Ensino Médio: *“Agora que eu estou me acalmando, porque **agora que eu estou sendo quem realmente sou**”* (E.29.15).

Essa foi a conclusão de Célia sobre sua velhice, após lembrar uma vida atribulada, exaustiva, com três jornadas de trabalho, mãe, esposa, sem qualquer apoio do marido na sua rotina de trabalho formal e cuidado com a família. A velhice para essas mulheres parece ser o momento possível e esperado para, de fato, viver uma vida com mais liberdade e autonomia para suas tomadas de decisões pessoais e dispor de outras identidades [até então restritas às funções reprodutivas e domésticas], “constrangidas pelo meio social, que inclusive provê as formas e os repertórios para essa descrição [de si]” (Silva; Rossetti-Ferreira; Carvalho, 2004, p. 88).

As questões de gênero aqui destacadas, mas também de raça e classe social demarcam espaço significativo na construção subjetiva intra e interpessoal, assim como configuram a matriz sócio-histórica, perpassando todo o processo de desenvolvimento, inclusive na etapa de envelhecimento. Os dados construídos nesta pesquisa convocam um olhar atento e interessado dos diferentes setores da sociedade, incluindo a academia, para produção de conhecimento e intervenções voltadas para transformações sociais que garantam efetivamente o direito de liberdade às mulheres, assim como sempre foi garantido aos homens, para não limitar e nem gerar perdas e rupturas relacionadas especificamente a sua condição sociocultural (gênero, raça, classe, território, idade), no curso de seu desenvolvimento, desde a infância até a sua velhice. Judith Butler (2018) desafia as concepções tradicionais de gênero ao argumentar que não se trata de uma identidade fixa de gênero ou um atributo inato, mas sim um desempenho. As normas de gênero, exploradas neste estudo, são efetivadas através de atos performativos, sugerindo que o gênero é algo que fazemos continuamente e tem poder transformador de si e do outro. As questões identitárias que as idosas permitiram analisar a partir do relato de suas experiências pessoais e coletivas, reforçam essa resistência e subversão aos papéis sociais, ainda que na velhice. Essa perspectiva revolucionária de Butler desestabiliza as categorias “masculino” e “feminino”, abrindo espaço para rupturas e transformações. Ao destacar a performatividade do gênero, Butler enfatiza a capacidade de resistência e subversão das normas hegemônicas, promovendo uma visão mais inclusiva e dinâmica da identidade humana.

Nesse sentido, a ideia não é reforçar uma polarização fixa – homens dominadores versus mulheres submissas – o que simplificaria toda uma rede de relações e marcadores sociais interdependentes na construção da subjetividade e da organização da sociedade. Mas consideramos crucial observar como o gênero, e demais marcadores sociais, implicam em diferenças e especificidades nos papéis e posições sociais atribuídos às mulheres, nas relações interpessoais entre homens e mulheres, que podem facilmente alcançar uma leitura de relação de poder e de violência, na qual o exercício da liberdade e da autonomia encontra-se ameaçado. Esses resultados ressaltam a necessidade de uma análise interseccional de gênero, raça, classe e território na produção científica da psicologia, como eixo central e de articulação entre as diversas áreas de estudo, como a psicologia do desenvolvimento humano e a psicologia social, afastando-se de uma tendência, seja para o determinismo biológico no desenvolvimento, seja para o determinismo cultural, nas análises essencialmente macrosociais. Neste estudo, gênero não é apenas uma categoria analítica para contextualização dos fenômenos psicossociais, mas um construto psicológico com todas as suas implicações, porque circunscreve o curso do desenvolvimento humano, direcionando a pessoa para posicionamentos específicos, às vezes limitadores, mas também potencializadores, quando assume seu status político. Por sua natureza histórica, social e cultural, o gênero está em constante (des)construção, necessária para inclusão de diferentes formas de masculinidade e feminilidade, que garantam o direito à liberdade e autonomia em todo o curso de desenvolvimento humano.

5.2.2 Processo de ruptura-transições diante da pandemia da COVID-19 – um estudo de caso

Início de 2022, o Grupo de Idosos do Sesc Ler de São Lourenço da Mata iniciava o terceiro encontro após um ano e sete meses de suspensão das atividades por medida governamental estadual diante da pandemia da COVID-19. Portanto, mais um momento muito esperado de retomada do convívio presencial entre eles. O clima era de alegria, entusiasmo com o reencontro do grupo, mas também de medo e preocupação diante do risco ainda iminente de contágio pelo coronavírus. Dentre as medidas preventivas ao contágio, a coordenação do Sesc organizou o encontro do grupo na quadra poliesportiva – espaço aberto e amplo, no qual as cadeiras foram dispostas com distanciamento de 1,5m entre elas, e o uso de máscaras permanecia obrigatório, além de todos os avisos para evitarem o contato físico entre si. À medida que os/as idosos/as chegavam ao local, observamos diferentes modos de interação dentro do grupo. A maioria cumprimentava com um tímido aceno de mão, mas com uma

expressão de surpresa e alegria no olhar e logo procuravam sentar, evitando contato físico, enquanto outros não se continham e logo se aproximavam para conversar. Falavam alto para que todos pudessem ouvi-los, expressando sua alegria pelo reencontro com os amigos. Outros transitavam entre as fileiras de cadeiras, como tentativa de aplacar a excitação do momento, dançavam expressando suas emoções pelo reencontro. Uma verdadeira celebração à sobrevivência diante da crise humanitária da pandemia da COVID-19.

O trabalho de pesquisa de campo transcorreu nesse clima de acolhimento, celebração e cuidado mútuo, resultando em um material empírico extenso e abrangente nas temáticas relacionadas ao processo de envelhecimento. A partir do recorte metodológico desta pesquisa, iniciaremos com a análise dos processos envolvidos na díade ruptura-transições, de Carmelita, priorizando uma visão geral da dinâmica das transições. Destacamos que o contexto pandêmico foi uma escolha estratégica para potencializar este estudo por configurar-se como situação de intensa crise, mudanças e transformações. Propomos também a articulação da perspectiva da Rede de Significações (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2004); a teorização de Zittoun sobre as transições (Zittoun, 2007a; 2009; 2012) e a Teoria das Representações Sociais (Doise, 2002; Moscovici, 2003), em um exercício de integração da Psicologia do Desenvolvimento Humano com a Psicologia Social.

O nosso interesse consiste na análise de como as pessoas idosas significam a pandemia, como elas lidam com as mudanças provocadas por esse evento externo, como os recursos simbólicos atuam no apoio aos processos de mudanças e como se processam as transições nos diferentes níveis interacionais (familiar, grupal e comunitária/social). Nessa direção, iniciamos com nossa primeira voluntária: Carmelita, 74 anos, também em destaque na análise anterior (subcapítulo 5.2.1), pela complexidade de sua entrevista para estudo do envelhecimento. Carmelita se autodeclara parda, viúva, integrante do grupo desde sua fundação há 12 anos, com baixa escolaridade (cursou o Ensino Fundamental I) e renda familiar (1 salário-mínimo), residindo sozinha, mas com o apoio de familiares. Ressaltamos a importância da análise anterior sobre elementos de sua matriz sócio-histórica e rede de significações para compreensão do seu processo de envelhecimento. Afinal, diversas rupturas vão compondo e recompondo essa rede de significação constituída por elementos de ordem pessoal, relacional e contextual (Rossetti-Ferreira, 2004) e atravessada pela matriz sócio-histórica, de natureza semiótica e polissêmica, cuja concretude se dá pelas condições socioeconômicas e políticas que caracterizam as concretas condições de vida para um grupo específico (Amorim; Rossetti-Ferreira, 2004). Retomando a síntese de parte desses elementos:

[...] a participação majoritária das mulheres negras, com idade média de 72 anos (terceira idade), viúvas ou divorciadas, que residiam sozinhas ou com apenas um ente familiar, com baixa renda familiar e escolaridade, aposentadas, católicas, com comorbidades físicas (ênfase para hipertensão e diabetes), mas independentes para as atividades da vida diária (AVD) e engajadas socialmente com média de 7 anos de participação no Grupo Social de Idosos do Sesc, residentes na cidade de São Lourenço da Mata (RMR). Acrescenta-se ainda a adesão majoritária às medidas preventivas à COVID-19 (uso de máscaras, álcool gel, distanciamento físico), com esquema vacinal completo por todos os participantes, resultando na proteção exitosa de mais de 70% do grupo ao adoecimento de COVID-19 em um contexto de pandemia, com discurso crítico e de oposição ao governo presidencial negacionista (subcapítulo 5.1, 93-94).

Já no campo das práticas discursivas, parte complementar da matriz sócio-histórica, retomamos também o processo de desenvolvimento atravessado pelas questões de gênero e demais marcadores de desigualdades sociais, como importantes circunscritores no envelhecimento de Carmelita e demais mulheres do seu grupo social. O lugar de destaque da liberdade e da autonomia no campo de sentidos e significados sobre a velhice, e suas práticas sociais voltadas para o engajamento social, são questões imprescindíveis para compreender a relação dialógica entre Carmelita e seu meio sociocultural (subcapítulo 5.2.1). Aqui destacamos a primeira frase de Carmelita na entrevista, como escolha didática para representar uma síntese sobre o campo semiótico envolvido ao longo de toda sua narrativa, conectando as mais diferentes experiências na sua velhice: *“porque tudo que dá liberdade para mim é válido”* (E.1.1). A liberdade é significada por Carmelita como um dos mais importantes ganhos na sua velhice, como algo interligado às mudanças de identidade, papéis e posicionamentos sociais (conforme análise no subcapítulo anterior), priorizada nas suas relações e ações cotidianas, e que por muitos anos lhe fez falta diante de uma infância e adolescência marcadas pela pobreza e violência doméstica, e depois pelo casamento significado como uma prisão, período de privações de seus desejos e decisões, de sua autonomia pessoal.

A centralidade do campo de sentidos e significados (ênfase na liberdade e autonomia) parece atuar na regulação das mudanças fisiológicas na velhice, visto que Carmelita, assim como a maioria dos/as idosos/as da pesquisa, possui comorbidades (com destaque para a diabetes e hipertensão), mas que não se configuram como impeditivas para o engajamento em atividades sociais. Pelo contrário, as comorbidades vão sendo compensadas e reguladas através da independência nas atividades diárias e participação social. Carmelita não romantiza a velhice, reconhecendo suas dificuldades e limitações físicas, mas que não a impedem de uma rotina de atividades: *“às vezes, se torna cansativo, mas venho satisfeita [para o Sesc]. [...]Eu reconheço a minha idade, fragilidade em algumas coisas, mas graças a Deus, eu tenho*

condições de resolver as broncas que tem que ser resolvido” (E.1.4). Nessa direção, as pesquisas na área da Gerontologia corroboram com a experiência de Carmelita, ao concluírem que dependendo dos fatores genéticos, ambientais e comportamentais ao longo da vida, as pessoas idosas podem apresentar mudanças normativas da senescência (processo natural de envelhecimento fisiológico) “[...], mas com pequenas perdas funcionais, poucas e controladas doenças crônicas e manutenção da atividade e da participação social” (Neri, 2013, p. 20). A partir dessa breve contextualização e retomada de elementos analisados sobre a rede de significações e matriz sócio-histórica, iniciaremos a análise da ruptura-transições relacionadas à pandemia da COVID-19.

Ao relembrar o início da pandemia, Carmelita enfatiza os impactos negativos na sua vida, como as restrições ao convívio social e, mais especificamente, à participação nas atividades comunitárias. Desde a sua viuvez, há aproximadamente 12 anos, Carmelita estabeleceu uma rotina de atividades físicas e sociais que foi interrompida diante da pandemia, a saber: aulas de hidroginástica e dança (duas vezes na semana), o Grupo Social de Idosos (semanal) e excursões de lazer (esporádicas) promovidas pelo Sesc Ler de São Lourenço da Mata, além da sua participação semanal no grupo de convivência do CRAS de São Lourenço da Mata. Assim, a narrativa de Carmelita sobre a pandemia se destaca como um período contrastante com sua história de vida pregressa e atual (com as atividades já retomadas). A pandemia é então significada como uma quebra na configuração de suas relações interpessoais, atividades cotidianas, atuando como uma ruptura, o fim de um modo de ajuste que ocasiona muitas mudanças e requer novas dinâmicas no modo de agir e pensar (Zittoun, 2009). Carmelita, ao relembrar as mudanças no seu curso de vida, vai caracterizando a pandemia como uma ruptura social.

Pesquisadora: você falou durante o questionário que teve uma hora que parecia que estava entrando em depressão na pandemia. Como foi?

Carmelita: eu sentia que estava com uma tristeza, meu Deus até quando vai isso? Me questionando. Que situação! **Sem poder sair pra canto nenhum.** Primeira vez que eu fui para o shopping de Camaragibe fui com minha filha e a neta, me senti segura com todo mundo usando máscara. Mas para ir pro centro da cidade, eu não ia. **Ia receber meu dinheiro, fazer pagamentos, resolvia duas coisinhas e voltava para casa.** Teve ocasião de **eu olhar assim, sentir uma angústia, um mal-estar, uma coisa assim, um desengano, nada estava me agradando.** Eita, será que eu estou com começo de depressão? Aí foi quando tentei ver se podia voltar aqui. Aí deu tudo certo, o pessoal todo com cuidados (E.1.8, grifo nosso).

Pesquisadora: e o que você fez para se proteger?

Carmelita: isso aí, **sem sair, sem receber visita**, as pessoas chegavam para falar alguma coisa, do meio da rua mesmo eu falava, resolvia e pronto, são esses cuidados assim. **Eu não saia pra rua, quando saia resolvia duas ou três coisas e voltava para casa.** Quando chegava tirava a roupa, tomava banho e era aquela agonia todinha. Tudo que estava sendo mandado fazer! (E.1.16, grifo nosso).

À medida que Carmelita fala sobre as mudanças na vida cotidiana, situa também a ruptura causada pela pandemia em seu convívio social, com restrições de mobilidade dentro da comunidade e nas atividades cotidianas. Podemos, assim, destacar três grandes mudanças que se conectam entre si nos diferentes níveis relacionais: a) mudanças intraindividuais: o sofrimento emocional; b) mudanças interindividuais e intergrupais: as restrições no convívio social e na participação de atividades sociais; c) mudanças societais: mudanças políticas, econômicas e sociais diante da pandemia. Retomando o excerto da entrevista - E.1.8, Carmelita expressa as implicações psicológicas diante da ruptura e suas mudanças, denotando sua afetação emocional nas vivências da pandemia. Tal sofrimento não se restringe apenas ao seu modo de lidar com a gravidade da crise, mas se articula aos afetos compartilhados socialmente. O distanciamento social, como principal medida preventiva à doença da COVID-19, regulamentada pelo governo federal e estadual – “*Sem poder sair pra canto nenhum*” –, restringia radicalmente o seu convívio com outras pessoas e a participação nos espaços coletivos (E.1.8, e E.1.16). Além disso, outras medidas preventivas foram incorporadas em sua rotina, como o uso obrigatório de máscaras e higienização das mãos, roupas, objetos, todas as ações voltadas para a evitação do contato físico e, portanto, interferindo diretamente nas interações sociais. No cenário macrossocial, os conflitos políticos e econômicos também podem ser alçados nas falas de Carmelita, quando expressa sua “revolta” com as ações políticas na gestão da crise da pandemia:

Carmelita: detestei o presidente, por conta dele muita gente morreu, não liberou as vacinas, muita gente poderia ter sobrevivido. Eu desligo a tv quando ele aparece. Acho que houve falha do governo de PE por liberar festas, gostei de exigir comprovante de vacina nos lugares.

[referindo-se a uma família na vizinhança que não queriam tomar a vacina]. Acho que ela nem se formou em enfermagem, senão ela não ia fazer uma burrada dessa, aí disse que essa vacina era pra matar o povo, que ia matar tudinho, que era muita gente morrendo. Tudo que estava saindo no celular, que eu não entendo disso, ele acreditava e fez essas criaturas ficarem sem se vacinar. As duas mais velhas se vacinaram, mas a mulher dele e o filho até hoje não se vacinaram (E.1.17).

Carmelita expressa sua revolta, palavra utilizada por ela na TALP, com os impactos dos fatores políticos, principalmente em relação aos posicionamentos dos dirigentes, no agravamento da pandemia, intensificando o sofrimento emocional no âmbito intraindividual. Carmelita traz em seu discurso mudanças societais diante da pandemia, envolvidas na elaboração da sua concepção sobre a doença. A polarização na política brasileira, exacerbada pelo negacionismo do então presidente Bolsonaro sobre a gravidade da pandemia da COVID-19, impactou significativamente a capacidade do país de combater a crise com eficácia. As mensagens contraditórias e controversas do presidente, promovendo tratamentos não comprovados e minimizando a gravidade da pandemia, levaram à falta de confiança nas estratégias de comunicação e gerenciamento de crises do governo (Nowak, 2023). Os resultados do chamado “efeito Bolsonaro” apresentaram uma correlação positiva entre os municípios pró-Bolsonaro e a taxa elevada de mortalidade em relação aos demais municípios. Isso pode ser explicado, em alguma medida, pelo comportamento dos eleitores do presidente em relação à menor adesão às medidas de distanciamento social e a resistência inicial à vacinação (Castilho *et al.*, 2023).

Como podemos analisar nos relatos de Carmelita, as mudanças ocasionadas pela pandemia interferiram em outras áreas, por restrições sociais ou psicológicas, configurando-se como mudanças que questionam os limites do desenvolvimento (Awad; Zittoun, 2024). A complexidade da ruptura da pandemia se expressa na amplitude dessas mudanças nos quatro níveis relacionais (do intraindividual ao macrossocial), envolvendo reconfigurações no plano das ações, pensamentos e relações (Zittoun, 2009). Uma ruptura ou crise que exige uma reorganização de todo o sistema ou da rede de significação, incluindo sua matriz sócio-histórica, é o que as autoras definem como transições (Zittoun, 2007a; 2009) ou transformações (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2004) no desenvolvimento humano.

A partir dos relatos de Carmelita sobre as vivências durante a pandemia, consideramos as restrições no convívio familiar e comunitário, a suspensão das atividades físicas e sociais e as alterações emocionais e comportamentais, como mudanças intransitivas por demandarem novas soluções e condutas para reorganização do curso de vida (Zittoun, 2009). Diante de tais mudanças, a cultura mais uma vez atua como agente importante no desenvolvimento humano, pois instrumentaliza as pessoas para produção de sentidos e significados diante das rupturas (situações novas e, muitas vezes, desconhecidas, como a pandemia) e das consequentes mudanças no campo dos pensamentos, das ações e relações. Quando um elemento cultural é escolhido pela pessoa para mediar suas transições, auxiliar no processo de elaboração de sentimentos, pensamentos e ações, torna-se um recurso simbólico, conceito fundamental na

teoria das transições de Zittoun (Zittoun, 2009; 2016; 2021; Zittoun *et al.*, 2003; Zittoun; Gillespie, 2010; 2013). Assim, os recursos simbólicos são elementos culturais utilizados para a adaptação e restauração da estabilidade diante de uma ruptura (Zittoun; Gillespie, 2013). Carmelita, durante a sua entrevista, vai indicando os recursos simbólicos utilizados para lidar com as mudanças na pandemia.

Pesquisadora: como foi para você, este período da pandemia?

Carmelita: pouco estava assistindo televisão, porque não queria ver mais noticiário. Em ver tantas mortes e subir aquele gráfico assim [fazendo o gesto de gráfico ascendente]. Eita, meu Deus do céu! E dava aquela agonia e ficava triste por determinadas pessoas, e assim assistia um programa, mas daqui a pouco vinham aquelas notícias, eu ficava mudando de canal, um desespero! **Aí foi quando eu resolvi ficar só com a programação de novelas, essas coisas, pra não entrar em parafuso.** Porque é nó cego viu, a gente enfrentar uma bronca daquela (E 1.5., grifo nosso).

Pesquisadora: quando você pensa lá em 2020, quando começou mesmo a pandemia, tem algum objeto ou lugar que lhe remete àquele período?

Carmelita: lugar nenhum viu, porque eu estava completamente isolada, não tinha condições nenhuma. **O que me empolgou foi esse sonzinho que quando chegou foi me alegrando.** Até hoje eu tenho o maior carinho com ele. **Aí eu ficava ouvindo meus vinis de música antiga, aí tinha uma coleção de quando eu era solteira, e aquelas músicas, algumas bem bacanas, já tinham umas que traziam tristeza, aí eu mudava (risos), eu faço uma terapia danada** (E.1.9).

Carmelita denota um uso reflexivo (consciente das potencialidades) dos recursos simbólicos – novelas (filmes) e músicas –, ao significá-los como elementos que lhe ajudaram a elaborar sentimentos, sustentando a reorganização do caos e da incerteza de uma situação atual (Zittoun *et al.*, 2003). Em relação às novelas, Carmelita recorre à ficção, à imersão em outras realidades ficcionais, como meio de elaboração da intensa carga afetiva de tristeza e angústia provocadas pelas notícias midiáticas sobre mortes e adoecimentos na pandemia. As novelas, assim como a música, podem ser consideradas como recursos simbólicos que além de favorecer experiências afetivas e imaginativas, fornecem meios semióticos para organizar e transformar as experiências pessoais, permitindo ao indivíduo distanciar-se de sua própria realidade e, assim, enfrentar tensões ou rupturas presentes (Zittoun, 2007b).

A música também foi um recurso simbólico privilegiado por Carmelita, *“para desconstrair botava uma música, se aquela música estava antipática, eu trocava e colocava outra”* (E.1.7). Esses elementos culturais – artes, romances, filmes e músicas – são considerados propícios para apoiar novas aprendizagens e a mudança pessoal (Zittoun, 2016).

São elementos que possuem um significado cultural compartilhado dentro de um grupo social ou comunidade, mas que também agregam sentidos pessoais e emocionais que os fazem ser escolhidos pelas pessoas nas transições. Quando Carmelita se vê diante da ruptura, da desestabilização causada pela pandemia e decide comprar um aparelho de som para ouvir seus vinis do tempo de solteira, ela demonstra uma escolha consciente do recurso da música pelo conhecimento do seu potencial construtivo, já internalizado na sua experiência pessoal. Como ressalta Zittoun (2016), o sentido pessoal sobre o recurso simbólico exige a construção de uma conexão entre o elemento cultural (objeto) e a experiência de vida (presente e passado). Assim, para Carmelita, a música e a novela são consideradas recursos relevantes de apoio nas transições, como espaço semiótico de integração de suas experiências e memórias do passado, na tentativa de reorganização do caos gerado pelas rápidas mudanças sociais decorrentes da pandemia. Tal potencial dos recursos simbólicos de mediação cultural diante de rupturas é, mais uma vez, evidenciado por Carmelita, ao relatar que já não faz tanto uso da música neste período atual de retomada do convívio social.

Pesquisadora: E você ainda escuta (vinil)?

Carmelita: Escuto, de vez em quando, porque agora eu saio. Eu venho pra aqui de manhã, para hidroginástica. Aí de tarde, venho para aula de dança, isso nas terças e quintas. Na sexta-feira tem esse grupo aqui. Vou pro CRAS quando está tendo reunião (E.1.17, grifo nosso).

Destacamos esse grifo (E.1.17) para enfatizar a sutileza e materialização da rede de significações nas narrativas, quando Carmelita agrega em uma frase indicativos dos processos de mudanças envolvidos no seu desenvolvimento, substanciando nossa análise qualitativa. Colocando essa frase destacada, numa linguagem do nosso referencial teórico, Carmelita explica: não preciso tanto do recurso simbólico da música hoje, porque já consegui transicionar de uma situação de crise/ruptura para uma nova situação de retomada do convívio social e das minhas práticas cotidianas. Destacamos também o Grupo Social de Idosos do Sesc como um relevante recurso simbólico utilizado por Carmelita, mas que exploraremos adiante com os resultados dos/as demais participantes desta pesquisa. Assim, a gama de elementos culturais passíveis de serem utilizados como recursos simbólicos nas transições depende das significações construídas coletivamente e individualmente em cada contexto cultural. Mas para fins deste estudo, priorizamos esses dois exemplos de recursos simbólicos, pois o nosso interesse é compreender a ação criativa desses recursos, ou seja, como eles foram utilizados e não apenas nomeá-los, em consonância com a proposta teórica da psicologia do desenvolvimento humano (Zittoun; Gillespie, 2013).

Em continuidade à ruptura e aos processos de mudanças, analisaremos agora algumas respostas, novos comportamentos e/ou soluções que caracterizam as transições na pandemia. Uma das principais soluções diante das especificidades da doença da COVID-19, relacionada ao seu alto índice de contágio e mortalidade, foi a reorientação das condutas em conformidade com as medidas preventivas indicadas pelas instâncias governamentais a partir do conhecimento da medicina. Carmelita muda sua forma de interagir socialmente, aderindo às práticas de distanciamento social, do uso de máscara facial e álcool em gel, e demais medidas de higienização e prevenção ao contágio pelo coronavírus.

Pesquisadora: Você falou que a gente ainda está vivendo a pandemia. Mas como é que está hoje, para você, essa pandemia [início de 2022]?

Carmelita: Tá mais suave um pouquinho. Agora você chega na frente de casa, conversa assim com distância com o vizinho. **Mas antes era tudo preso mesmo, era só por telefone.** Morando vizinho, quase que conjugado, eu telefonava. **Aí era assim, tudo afastado. Sem poder andar, sem poder fazer nada, só presa ali, sem ter cometido nada de mal** (E.1.20).

Pesquisadora: Qual era o cuidado [referia-se à sua primeira viagem com o Sesc em 2022, após a fase crítica da pandemia]?

Carmelita: Da máscara, e onde a gente chegava tinha o álcool. A gente sempre levando também na bolsa. É com esses cuidados assim, **distanciamento. Eu não quero nada de aproximação**, pra que isso?! Se a gente ainda está convivendo com isso? Ainda tem coisa aí (E.1.21).

A reorientação das condutas pode ser resultado da transição diante da ruptura inicial, neste caso implicado no processo de significação da ruptura da pandemia. Carmelita desenvolve outras formas de socialização, de exercício de sua autonomia nas atividades diárias, mesmo que de modo mais limitado ou restrito ao desejado, denotando como a aprendizagem e o desenvolvimento podem ocorrer mesmo em situações que envolvem perdas no curso de vida. A seguir, apresentaremos mais um excerto da entrevista com Carmelita, que vai ao encontro dessas novas aprendizagens, indicando um novo comportamento acompanhado de ressignificações de pensamento, uma nova resposta ao problema apresentado pela pandemia.

Pesquisadora: Além dessa questão das notícias, o que mudou na sua rotina?

Carmelita: eu aprendi a dar mais valor à vida. Pra você ter ideia, desde o tempo que eu tive a trombose, tive que tomar uma série de injeções que eu passei três meses sem andar. **Muitos anos se passaram, mas eu fiquei detestando injeção. Tinha um pavor com injeções.** Se eu fosse a um médico e ele dissesse que eu ia ter que tomar, eu dizia: não doutor, eu troco por tudo, comprimido, gota, qualquer coisa. E pra você ter

ideia, **eu tive tanto medo da doença (COVID-19) que perdi o medo da injeção**. Fui a quarta pessoa vindo de São Lourenço a tomar a vacina aqui no Sesc (E.1.6., grifo nosso).

A partir dos exemplos acima, podemos compreender como o processo de significação sobre a ruptura da pandemia está implicado na reorganização de todo um sistema semântico e interacional, envolvendo novas condutas e novos pensamentos de Carmelita sobre injeções e sua experiência de adoecimento, por exemplo. O objeto da injeção ou o ato de tomar injeções foi significado por Carmelita através de sua experiência do passado de adoecimento (trombose), marcada pelas sérias consequências para sua saúde e mobilidade física, uma das rupturas no seu curso de sua vida. No entanto, Carmelita aponta para uma ressignificação do objeto injeção a partir da ruptura mais recente da pandemia. O medo de tomar injeção é ressignificado diante do medo do adoecimento na pandemia, e o que era temido [injeção] passa a ser desejado e valorizado na condição da vacinação, como medida importante de proteção e cuidado no contexto pandêmico.

As ressignificações dos pensamentos acompanham também mudanças de papéis e posicionamentos sociais, ressaltando a dialogicidade entre os diversos fatores e elementos envolvidos na malha semiótica e campo interacional que configuram o desenvolvimento humano. Como explica a autora Rossetti-Ferreira (2004), os eventos (incluindo as crises e rupturas) vão reconfigurando a rede de significações, de natureza discursiva e semiótica, num movimento de deslocamento de papéis e posicionamentos sociais. Carmelita, que era independente em suas atividades diárias e morava sozinha, valorizando sua autonomia, passa a ser considerada socialmente como parte de um grupo vulnerável e de risco [pessoas idosas] para o adoecimento na pandemia, sendo sua liberdade restringida por si mesma e pelos outros (instituições, governo, familiares etc.), posicionando-se como dependente do apoio de sua rede familiar para garantir sua segurança e bem-estar. Assim, a partir dos novos processos de significação sobre a pandemia e possíveis outras transições concomitantes nesse período de crise, podemos considerar uma reconfiguração da rede de significações com novos papéis e posicionamentos, por exemplo, as mudanças de uma idosa autônoma, independente para suas atividades cotidianas, para uma idosa considerada socialmente como grupo de risco de adoecimento, dependente dos cuidados e apoio de familiares para certas atividades nos espaços comunitários.

A partir dessa análise microgenética, vamos corroborando com a concepção de que toda transição implica no ato de significação sobre a ruptura e, portanto, em ressignificações no plano das ações, das relações e dos pensamentos (Zittoun, 2009). Já apresentamos nesta análise

recortes dessas ressignificações de ações e relações, com foco a seguir nas transições no campo do pensamento, em consonância com as representações sociais contempladas tanto na teoria de Zittoun, quanto na perspectiva da RedSig. Nesse plano representacional, a dimensão afetiva aparece fortemente associada aos elementos cognitivos sobre a pandemia da COVID-19 para Carmelita e demais participantes, como veremos mais adiante. É importante resgatar o fato de que a COVID-19 era uma doença desconhecida para todos, tanto no domínio do senso comum quanto científico. Inicialmente, os canais midiáticos divulgaram as informações de que a epidemia tinha começado na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019, e que rapidamente estava se espalhando para outros países e regiões. As teorias iniciais hipotetizaram o surgimento da doença a partir da contaminação de uma pessoa por um animal já infectado e um possível acidente em um laboratório na China. Além das informações iniciais serem surpreendentes, remetendo a um universo desconhecido e bem distante da realidade no Brasil, ainda teve o agravante das pessoas idosas serem considerados como o grupo de maior risco e vulnerabilidade para as consequências graves e letais da doença (Brasil, 2020c; Diaz-Quijano *et al.*, 2020; Guan *et al.*, 2020; Huang *et al.*, 2020; WHO-China, 2020). Então, tratava-se de um evento novo, desconhecido, de relevância social, cujo processo representacional se fazia imprescindível para convencionalizar tal acontecimento, além da necessidade de elaboração da intensa carga afetiva, afinal:

[...] se um objeto precisa ser relevante para um grupo para que ele o represente, é obrigatório que o encontro com este objeto seja disparador de afetos. Não se representa socialmente aquilo que é indiferente, aquilo que não provoca o desejo de comunicação, de falar a respeito, de compreender. **Afetos são, portanto, ingredientes incontornáveis da dinâmica intrínseca às representações sociais** (Arruda, 2014, p. 452, grifo nosso).

Os afetos relacionados principalmente ao medo (e seus correlatos, como tristeza, angústia, pânico, desespero) caracterizam a pandemia da COVID-19 para Carmelita. O modo como ela foi atribuindo sentidos às suas experiências pessoais durante a crise pandêmica, denota as dificuldades, perdas e sofrimentos no seu processo de transição. Os autores Campos e Rouquette (2003) explicam que essa carga afetiva é agregada ao conhecimento organizado das representações sociais diante do seu papel crucial na forma como as pessoas percebem e reagem à realidade. Carmelita expressa tais afetos de modo recorrente, como podemos perceber nas falas a seguir:

E pra você ter ideia, **eu tive tanto medo da doença** que perdi o medo da injeção. Fui a quarta pessoa vindo de São Lourenço a tomar a vacina aqui no Sesc [...] **E a agonia que foi, ver aquelas pessoas entubadas, fiquei triste,**

quando via, a lágrima caía assim. Pra romper o ano de 2021, eu me sentei, preparo minha mesa, deixo farta como todo ano, com que tiver assim, eu faço minhas preces, só eu e Jesus. Aí quando foi depois, que eu fiquei sentada assim, até tomando uma cervejinha, já tinha feito meu ritual. Aí começou a dar um noticiário - aqueles fogos soltando assim – aí daqui a pouco dando a notícia: tantos mortos, não sei o que. A lágrima caía, e olha que sou forte para chorar, **foi um desgosto, uma tristeza tão grande.** Meu Deus do céu, tem misericórdia! Mas graças a Deus, o pior já passou, esperar que não volte mais tanta coisa (E.1.6, grifo nosso).

Pouco estava assistindo televisão, porque não queria ver mais noticiário. Em ver tantas mortes e subir aquele gráfico assim (fazendo o gesto de gráfico ascendente), eita, meu deus do céu! **E dava aquela agonia e ficava triste por determinadas pessoas,** e assim assistia um programa [...] tudo bem, mas daqui a pouco vinha aquelas notícias, eu ficava mudando de canal, **um desespero!** (E.1.5, grifo nosso).

Teve ocasião de eu olhar assim, **sentir uma angústia, um mal-estar, uma coisa assim, um desengano, nada estava me agradando.** Eita, será que eu estou com começo de **depressão?** (E.1.8, grifo nosso).

Na Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), Carmelita evoca também palavras como revolta, susto, terror e tristeza, elementos semânticos relacionados à carga afetiva mobilizada pelos riscos de adoecimento, morte e pelas restrições nas práticas sociais, ressaltando as implicações psicológicas na dimensão intraindividual durante esse período de crise. Esse campo de sentidos, significados e afetações alçados nos relatos de Carmelita vai ao encontro de um compartilhamento social, indicando seu pertencimento ao campo das representações sociais, visto a reincidência de tais dados tanto neste grupo social da pesquisa, quanto em outros estudos, por exemplo, a pesquisa realizada por Cardoso Ferreira, Fernandes de Araújo e Barros Neto (2022), com 100 idosas de 13 estados brasileiros, incluindo Pernambuco. Os pesquisadores, em um estudo de abordagem estrutural das RS, concluíram que os elementos centrais das RS sobre COVID-19 foram morte e medo provocados pela doença e pelo impacto da medida preventiva de isolamento social. O medo como uma das principais afetações na pandemia pode ser compreendido a partir da gravidade da doença, mas também pelo modo como as informações sobre a pandemia foram noticiadas na mídia. Carmelita, ao falar sobre a pandemia, sempre se refere às imagens e notícias compartilhadas na mídia televisiva de mortos e pacientes entubados, cenas impactantes das consequências dessa crise.

Um outro importante fator estressor e disparador de afetos referido por Carmelita refere-se aos conflitos políticos no cenário macrossocial, já abordados anteriormente. Assim, podemos elencar a comunicação midiática sobre a COVID-19, o negacionismo nas ações e discursos presidenciais, as medidas de prevenção à infecção do vírus, com destaque para o distanciamento social (restringindo as interações sociais), e os afetos gerados na crise

pandêmica, como elementos sociais e políticos que constituem a rede de significação envolvida nas transições de Carmelita diante da ruptura da pandemia da COVID-19. Os afetos, enquanto produção de significados, podem ser compreendidos também a partir dos vínculos sociais ameaçados pelo distanciamento social na pandemia. Como explicam Pombo-de-Barros e Arruda (2010, p. 357):

Neste processo dinâmico e constante de compreender a realidade na qual está inserido, o sujeito é movido por afetos, identificações e diferenciações, que são mecanismos do compromisso grupal. Assim, concluímos que processos afetivos estão ligados à necessidade de afastar a ameaça de desintegração do Eu e de conservar o grupo social com o qual se identifica. Para a sobrevivência desse sistema, ao longo das demandas de incorporação de novos e diferentes conteúdos, recorre-se às representações sociais. Se um problema social novo se coloca para um grupo, a necessidade de compreendê-lo e explicá-lo ocorre pela dinâmica das representações sociais, pelo recurso e readaptação ao repertório já legitimado. Os afetos podem ser identificados tanto na necessidade de incorporar o “novo” e superar a ameaça de desintegração quanto no retorno das representações às práticas diárias.

A intensa carga afetiva relacionada ao medo e envolvida na significação da pandemia da COVID-19 parece implicada na reorientação das condutas das pessoas em direção ao cumprimento das medidas preventivas, como o distanciamento social, uso de máscaras e álcool em gel, vacinação, entre outras ações de cuidado e higienização relevantes no período pandêmico, obtendo-se êxito e proteção contra o vírus da COVID-19. Quando Carmelita se refere ao uso de máscara, ela atribui sentido de segurança e proteção: *“aí me senti protegida [com a vacina]. E sempre usando a máscara. Quando eu chego em casa e tiro a máscara parece que estou tirando uma armadura de mim”*. Assim, consideramos que os afetos, as imagens e informações envolvidas na produção de sentidos sobre a pandemia contribuíram para o êxito em práticas de medidas preventivas contra o adoecimento e, ao mesmo tempo, implicam em sofrimento emocional pelo medo exacerbado diante da ameaça à própria sobrevivência e das restrições ao convívio social. Essa ambivalência faz parte dos processos de desenvolvimento humano que se mantêm mesmo diante de perdas, numa busca pela evolução do equilíbrio entre ganhos e perdas no curso da vida (Baltes; Baltes, 1990).

As transições relacionadas às ressignificações de pensamentos evidenciam a complexidade da rede de significações, com suas conexões entre as experiências, ações, pensamentos e afetos que constituem o desenvolvimento ao longo da vida. Quando Carmelita fala sobre suas vivências na pandemia, ela conecta temporalidades distintas, experiências do passado com o presente, ressaltando a funcionalidade da rede de significações e das transições

na elaboração de novos e “velhos” acontecimentos na trajetória pessoal. Carmelita vai detalhando esses processos a partir de suas falas sobre a pandemia:

Pesquisadora: E em relação à pandemia, como era sua vida antes da pandemia? Vamos lembrar lá em 2019...

Carmelita: como está sendo agora. Antes da pandemia a gente vinha, fazia os passeios, agora já estão liberados os passeios. Aí eu gosto muito de sair, porque fica desopilando né... **não adianta a gente ficar em casa presa, porque eu já fiquei presa muitos anos, foram 38 anos de casada.** Aguentei tudo que era de ruim, e agora me sinto feliz de poder fazer o que quero (E.1.5., grifo nosso).

Os sentidos de aprisionamento/prisão podem ser considerados como elementos envolvidos na integração de suas experiências do presente, na pandemia, com as do seu passado, no casamento, significadas como período de restrição da liberdade. Essas confluências, em diferentes temporalidades, possibilitam também uma configuração na rede semiótica que parece articular as diferentes rupturas e transições no curso de vida. A trajetória de Carmelita desde a infância é significada pela pobreza, violência doméstica e privação de liberdade, e aos 74 anos, ela vai delineando um modo único de perceber sua velhice, numa visão de reconhecimento de suas conquistas, com destaque para sua liberdade e autonomia, sentimentos de bem-estar e satisfação pessoal. A velhice, para Carmelita, configura-se como “*a melhor época de sua vida*”, atribuindo vários sentidos e significados, como ilustramos na figura abaixo:

Figura 8 - Campo semiótico sobre a velhice



Fonte: A Autora, 2024.

Carmelita atribui significados à velhice que priorizam a liberdade e autonomia, responsabilidade e respeito (relações desprovidas de violência), reconhecendo e manejando suas dificuldades fisiológicas (comorbidades) com êxito, visto a sua dinâmica interacional de intenso convívio social e engajamento em atividades físicas e sociais. A partir dessa compreensão, entendemos que as representações sociais sobre a velhice, conforme será apresentado no próximo subcapítulo, podem ter atuado como mais um potente recurso simbólico nas transições diante da ruptura social da pandemia para Carmelita e seu grupo social. A concepção sobre si e seu momento de vida, baseada em sentidos e significados relacionados à experiência de vida, autonomia, liberdade, possibilidade de novas aprendizagens e de compensações diante de perdas físicas, afetivas e sociais, pode ser considerada como um dos recursos simbólicos relevantes para elaborar as situações inesperadas e desconhecidas, como a pandemia. Após dois anos do início da pandemia, Carmelita encontra-se novamente engajada em atividades sociais, retornando com os devidos cuidados aos espaços públicos e coletivos, e ao intenso convívio social, denotando êxito na reconstrução de sua estabilidade no curso de vida, estabilidade sempre instável, porque sujeita a eventos normativos e não normativos que ocorrerão ao longo do seu percurso, instigando novas transformações.

Concluímos esta análise microgenética sobre as transições na vida de Carmelita, destacando as especificidades do processo de envelhecimento a partir de contextos compartilhados social e culturalmente. A análise do modo como Carmelita lida com as rápidas mudanças sociais e sua experiência de vida permitiu-nos compreender as especificidades do seu desenvolvimento na velhice. Vimos que o processo de envelhecimento segue direções específicas dependendo das transformações sociais, do curso de vida do idoso e das situações cotidianas de interações em ambientes de natureza material e social (Zittoun; Baucal, 2021). As diversas possibilidades no envelhecimento remetem a uma perspectiva biopsicossocial do desenvolvimento humano, que prioriza os processos e não modelos fixos e sequenciais de fases da vida. Assim, é essencial que a sociedade contribua com condições socioculturais que otimizem as possibilidades de desenvolvimento, oferecendo uma variedade de elementos sociais e culturais – potenciais recursos simbólicos de individuação – que permitam, a cada pessoa, enfrentar rupturas e expressar seu envelhecimento de maneira única e pessoal.

A partir das especificidades das transições vivenciadas por Carmelita, seguiremos a análise qualitativa e microgenética do binômio ruptura-transições diante da pandemia para o grupo de 73 participantes desta pesquisa. Um movimento de ampliação dos dados empíricos e de articulação entre Carmelita e seu grupo social, priorizando a compreensão sobre o modo

como essas pessoas idosas significam essa ruptura, quais recursos simbólicos utilizam para lidar com as mudanças ocasionadas pela ruptura, e como reorientam suas condutas e ressignificam seus pensamentos diante de uma crise. Afinal, como ressaltam os autores Scorsolini-Comin e Santos (2010):

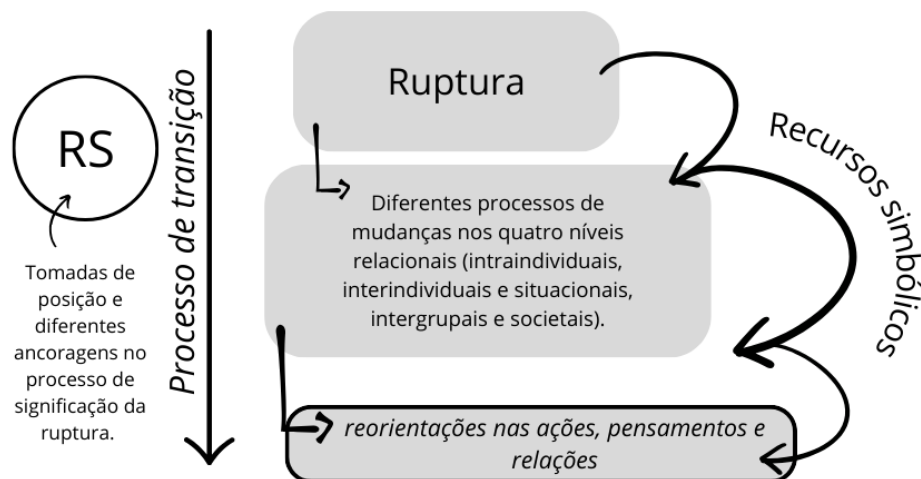
O que as pessoas são ou o que virão a ser não depende de uma sucessão de desenvolvimentos, mas um continuum de rupturas, apropriações e transformações que se dão à medida que nos desenvolvemos e interagimos com nossos múltiplos outros, evocados em nossa linguagem, em nosso pensamento e em nossos comportamentos, ações e práticas (p. 750).

5.2.3 Processo de ruptura-transições diante da pandemia da COVID-19 para o grupo de pessoas idosas

Retomando a perspectiva *lifespan* sobre desenvolvimento humano, compreendemos tal processo como dinâmico e complexo, moldado por uma rede de fatores biológicos, psicológicos e socioambientais que variam ao longo da vida e circunscrevem a trajetória individual. Assim, a perspectiva *lifespan* proporciona uma compreensão mais profunda das mudanças e desafios em diferentes etapas da vida, enfatizando a importância do contexto histórico, cultural e social no desenvolvimento. Essa abordagem nos permite compreender a diversidade dos processos de envelhecimento reconhecendo que eles não são lineares, mas marcados por plasticidade, ou seja, pela capacidade de mudança e adaptação ao longo do tempo (Neri, 2006). No percurso da pesquisa, a teorização de Zittoun (2007a, 2007b, 2009) sobre rupturas e transições assume uma posição privilegiada para organização da análise dos dados, mas sempre articulada às importantes contribuições da perspectiva da RedSig e da Teoria das Representações Sociais (TRS) para compreensão dos fenômenos estudados.

Nesta etapa final de análise dos resultados, após várias aprendizagens ao longo do trabalho interpretativo, o campo denso da teoria vai se tornando mais fluido, maleável, apresentando espaços para novas conjecturas, assumindo uma proximidade quase que indissociável com os fenômenos analisados. Neste sentido, as transições teorizadas por Zittoun (2009) como um processo dinâmico, mas organizado a partir de elementos pré-definidos como as *rupturas* que desencadeiam as *mudanças intransitivas*, por sua vez mediadas por *recursos simbólicos* que viabilizam a construção de uma *nova situação de reequilíbrio e continuidade* no curso do desenvolvimento, permitiram-nos inicialmente elaborar o seguinte esquema mental:

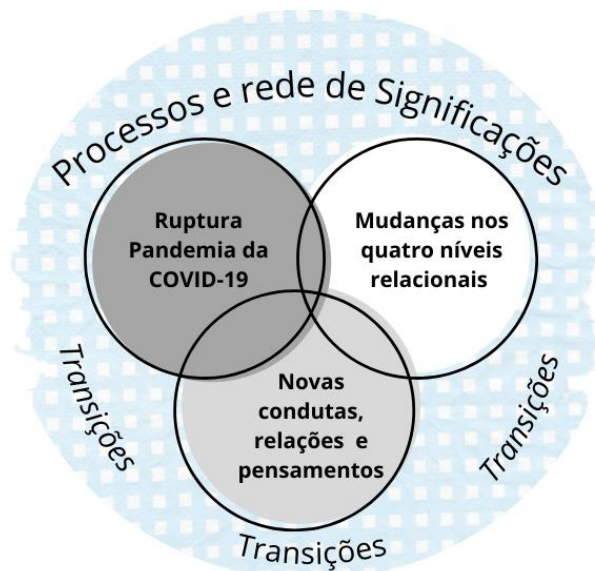
Figura 9 - Processos de transições diante da pandemia da COVID-19



Fonte: A Autora (2024).

Um esquema bem-organizado, mais hierarquizado em sua estrutura, no qual o processo de significação encontra-se timidamente sinalizado no plano das representações sociais. No entanto, neste momento de imersão na teoria e nos resultados da pesquisa, ampliamos nossa compreensão sobre as transições na qual os processos de significação assumem a centralidade, destacando a sua natureza semiótica, mas que implicam também na concretude dos contextos socioculturais. Assim, compreendemos as transições como processos de significação diretamente relacionados ao modo como cada pessoa, na relação consigo, com seus grupos e contextos específicos, vai atribuindo sentidos e significados a rupturas e mudanças enfrentadas por ela no curso de vida. Afinal, as transições decorrem de eventos significados pela pessoa como ruptura – pois um evento, mesmo socialmente disruptivo, não se constitui como ruptura em si –, cujo campo de sentidos e significados também implicará nas mudanças vivenciadas pós ruptura, e nas novas condutas e pensamentos (incluindo ressignificações das representações sociais) (Zittoun, 2007a, 2007b, 2009, 2012). Assim, ressaltamos a importância da tese como exercício da prática de pesquisa, registrando também nossos *insights* no modo de compreender e visualizar tal teoria, na qual os processos de significação são considerados aspectos primordiais e constituintes das transições, desde a significação sobre a ruptura até às ressignificações de pensamentos na nova situação de reequilíbrio no curso de vida, como ilustramos na nova figura a seguir:

Figura 10 - Reformulação sobre a compreensão das transições



Fonte: A autora (2024).

A partir dessa leitura sobre os processos de transições, entendemos a função dos processos de significação como constituintes das transições que se processam em diferentes momentos e dimensões pessoais, relacionais e/ou contextuais. Trata-se de uma ampliação do olhar para a teoria, sem qualquer intenção de reformulação teórica, visto que a dinamicidade e natureza semiótica das transições estão intrinsecamente relacionadas na teoria de Zittoun (2007a, 2007b, 2009, 2012). No tópico anterior, exploramos as especificidades das transições vivenciadas por Carmelita diante da pandemia e, agora, ampliaremos o estudo com a participação do seu grupo social, seguindo no exercício de uma análise nos diferentes níveis relacionais, do micro ao macrosocial.

Inicialmente, é importante retomar o contexto de estado emergencial de saúde pública decretado pela Organização Mundial de Saúde devido à pandemia da COVID-19, vigente de março de 2020 a maio de 2023. Durante a realização do trabalho de campo, de março a julho de 2022, o Brasil, segundo país no ranking mundial de óbitos pela COVID-19, já contabilizava 693.853 mortes, enquanto em Pernambuco esse número era de 22.579 óbitos (Ministério da Saúde, 2024). De acordo com um estudo do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde, coordenado pela PUC-RJ (2020), que analisou 30 mil casos graves da COVID-19 notificados pelo Ministério da Saúde, constatou-se que: as chances de morte de um paciente preto ou pardo analfabeto (76%) eram 3,8 vezes maiores que as de um paciente branco com nível superior

(19,6%). Entre as pessoas preta e pardas que foram acometidas pela COVID-19, quase 55% foram a óbito, enquanto entre os brancos esse valor foi de 38%. Além disso, a maioria dos casos letais ocorreu entre pessoas de 50 a 70 anos e a chance de morte em municípios com baixo ou médio IDH³ era quase o dobro da observada em municípios com IDH muito alto. Assim, além da crise sanitária, a pandemia da COVID-19 configurou-se como uma crise econômica e social, ocasionando diferentes mudanças e consequências conforme os contextos socioculturais.

A partir das desigualdades raciais e sociais, os pesquisadores Apostolidis, Santos e Kalampalikis (2020) referem-se a uma pandemia social, pelo seu poder revelador das diferentes realidades individuais e sociais. Esses autores explicam que o modo como significamos e nos posicionamos em relação ao vírus, não se restringe apenas à sua natureza médica e científica, mas envolve também nosso sistema de valores, crenças, pensamentos, ou seja, os princípios organizadores do funcionamento social. A partir da compreensão da pandemia como esse objeto social complexo, um acontecimento social disruptivo, configurando-se como uma crise, um período de intensas mudanças nos diferentes níveis relacionais, justificamos mais uma vez nossa escolha para o estudo das transições na velhice.

Escolhemos como eixo organizador desta última análise, os processos de significação diante da ruptura-transições da pandemia, buscando contemplar os consensos, dissensos, ancoragens, ambivalências e contradições constituintes desse campo de sentidos e significados sobre tal objeto social.

5.2.3.1 Processos de significação diante da ruptura da pandemia da COVID-19

As transições ao longo do curso de vida, marcadas por rupturas e reconfigurações identitárias, são fenômenos centrais para a compreensão do processo de envelhecimento. Segundo Zittoun (2021), essas rupturas, quando significadas individual e socialmente, reorientam condutas, relações e pensamentos, desencadeando processos de desenvolvimento e aprendizagem. Consideramos como ponto de partida, o primeiro critério para definir uma ruptura: a significação deste evento pela pessoa. Assim, os processos de significação iniciam-se já na percepção de um evento, seja interno ou externo (como a pandemia), como uma ruptura, ou seja, como uma quebra na estabilidade, na continuidade experienciada no tempo presente (Zittoun, 2007a, 2007b, 2009). Quando um evento é significado como uma ruptura, a pessoa experimenta um questionamento profundo sobre sua identidade, seus

³ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município (IDHM) compara indicadores dos itens de riqueza, alfabetização, educação, esperança de vida, natalidade e outros, com o intuito de avaliar o bem-estar de uma população, especialmente das crianças.

valores e sua relação com o mundo, o que pode gerar sentimentos de angústia, desorientação e incerteza. Essas mudanças, embora possam ser desafiadoras, oferecem também oportunidades para o desenvolvimento de novas habilidades, a construção de novas identidades e a criação de novos significados para a vida no processo de envelhecimento (Zittoun, 2007b).

A partir da perspectiva dos idosos, de suas narrativas, pretendemos compreender o que pensam sobre a pandemia da COVID-19? Quais são suas opiniões, concepções e afetos mobilizados diante da pandemia? Quais mudanças enfrentam no contexto pandêmico? Que recursos utilizam para lidar com essas mudanças? Quais perdas experimentaram e quais aprendizagens decorreram dessa ruptura? E nesta construção dos resultados na pesquisa, ressaltamos nossa compreensão de que as nossas interpretações, assim como a dos/das participantes são circunscritas “pelos limites de nossa estrutura biológica, pelo tempo histórico em que vivemos, pela nossa cultura, pelo aqui-agora da situação” (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2004, p. 33). No entanto, consideramos que tais circunscrições não fragilizam os resultados, pelo contrário, os tornam mais complexos e os aproximam das demandas sociais desse grupo.

As medidas de enfrentamento à pandemia da COVID-19 centradas no distanciamento social, evitação de locais públicos, *lockdowns* emergenciais e uso obrigatório de máscaras faciais, envolvem ações que impactam diretamente as interações sociais, os campos interativos considerados como “centrais ao e fundantes no processo de desenvolvimento humano” (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2004, p. 24). Por isso e dentre tantas outras mudanças ocasionadas no contexto macrossocial por tal evento social, uma de nossas hipóteses iniciais era a de que *as pessoas idosas vivenciaram a pandemia como uma ruptura significativa no curso de vida, resultando em perdas e dificuldades no enfrentamento às mudanças nas práticas cotidianas*.

Uma situação específica deste grupo refere-se a uma interrupção significativa em suas atividades cotidianas devido à suspensão das atividades institucionais do Sesc Ler de São Lourenço da Mata, imposta pelo Governo Estadual de Pernambuco como medida preventiva à pandemia. Por um período de um ano e sete meses, os/as participantes ficaram privados/as de atividades físicas, culturais e educacionais oferecidas pela instituição. Os/as idosos/as desta pesquisa relataram uma frequência média de sete anos no Grupo Social de Idosos, onde participavam de encontros semanais e diversas outras atividades como hidroginástica, dança, teatro e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Essa rotina de atividades, interrompida pela

pandemia, representava uma parte significativa de suas práticas cotidianas, como demonstram os depoimentos a seguir:

Pesquisadora: Como foi para você a suspensão do grupo por 1 ano e 7 meses frente à pandemia?

Sandra (71 anos): Foi horrível. Tudo que tem aqui eu participo. Eu faço hidro, faço parte do grupo (dos idosos), faço parte de dança, tudo que tem aqui eu faço parte. Já faz oito anos que estou aqui. [Esse período] foi triste, né?! Porque a gente não encontrava as amigas, as amigas não telefonavam (E.2.2).

Noêmia (67 anos): Difícil, foi muito difícil aquele ano e sete meses. Porque ficamos presas, não tinha para onde sair. Não só eu, mas várias pessoas aqui só saem para vir pro Sesc. O meu foi muito difícil, foi muito complicado (E.7.2).

Joaquim (79 anos): Para mim, foi uma tristeza, não via mais minhas amigas, meus amigos. [...] Ainda hoje mesmo, eu tava conversando com uma colega, “cadê fulano, Pedro? Ele não sai de dentro de casa, já faz dois anos que ele está sem sair de dentro de casa”. Eu digo meu Deus do céu, muito ruim (E.25.2).

Nas falas acima, a interrupção das atividades sociais realizadas no Sesc é significada por afetos de tristeza vivenciados na esfera intrapessoal e interpessoal ao serem compartilhados pelo grupo; e pelos prejuízos no convívio social, do que apenas pela impossibilidade de realização de atividades físicas e sociais na comunidade. E dentro do contexto da pandemia, essa ruptura vivenciada nas atividades do Sesc ultrapassa o campo institucional convergindo para a ruptura mais complexa no contexto macrossocial, envolvendo mudanças nos diferentes níveis relacionais com a família, comunidade e o cenário macrossocial (nacional e mundial).

Pesquisadora: Como foi a notícia sobre o início da pandemia?

Arnaldo (86 anos): A gente recebe aquilo como uma surpresa, e que foi **uma surpresa grave e drástica**. Tem a doença que assola e em menos de 1 ano vai embora, essa aqui [COVID-19] não, tá dentro de dois anos ou mais. Essa foi uma surpresa desagradável e triste (E.3.1).

Rita (67 anos): Foi horrível. Uma situação que todo mundo ficou em pânico né, ninguém sabia se ia morrer ou não, ficou **um negócio assustador** (E.15.1). [...] Só a televisão ali e você diariamente vendo aquelas notícias horríveis, que morreu não sei quantos não sei aonde... Você vê só as coisas se agravando né?! E você fica: - Meu Deus quando é que isso tudo vai acabar? E você não ter resposta! Ficar naquela ansiedade só esperando, esperando... vendo tudo assim, de repente, no mundo inteiro, uma doença acabar com tanta gente (E.15.8).

A pandemia vai se configurando como uma ruptura a partir dessa significação como um evento inesperado, desconhecido e ameaçador diante da falta de informações sobre o novo coronavírus e do elevado índice de mortes associadas à COVID-19. Além dessa concepção sobre a ruptura como uma quebra, uma descontinuidade no fluxo das vivências intrapessoais (como os afetos relacionados à tristeza e medo, pânico), também se caracteriza como um problema que demanda a criação de novas soluções (Zittoun, 2007a, 2007b, 2009). Quando Pedro fala sobre a pandemia, ele traz exatamente essa concepção da ruptura como um problema para o qual era preciso buscar novas soluções junto aos especialistas da saúde. Ele explica:

Pesquisadora: Como foi a notícia sobre o início da pandemia?

Pedro (73 anos): Olha, eu vi **um problema seríssimo para a gente resolver né?! Mas a gente foi se integrando com o pessoal da saúde, foi se integrando com eles, e a gente foi na obediência né, a gente foi colocando as coisas no lugar.** Claro que cortou muita coisa, você teve que ficar trancado, ficar em casa, não podia sair. E a gente teve muita obediência para essas coisas: olhe, tome cuidado; faça isso, não faça aquilo, tome a injeção certinha [vacina] (E.5.4).

Os sentidos e significados atribuídos à pandemia situam tal evento como ruptura que remetem às especificidades dos contextos socioculturais dos/as idosos/as desta pesquisa. Os sentidos de perda e descontinuidades são associados às mudanças nas relações e nas práticas cotidianas nos contextos pessoais, familiares e comunitários (com destaque para o espaço institucional do Sesc). A metáfora da rede proposta pela RedSig ressalta exatamente essa complexidade das múltiplas articulações de elementos semióticos nas transições, ou seja, nas transformações das pessoas ao longo da vida (Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva, 2004). A partir dessa compreensão da pandemia como uma ruptura na concepção das pessoas idosas, seguiremos aprofundando o conhecimento sobre a dinâmica das transições na velhice.

Desde os primeiros relatos, a pandemia apresenta-se como um evento gerador de muitas emoções e afetos diante das incertezas e desconhecimento da situação que como tal mobiliza as pessoas para construir um conhecimento compartilhado socialmente. E neste sentido, a TRS nos ajuda a compreender esse movimento coletivo inicial de tentar enquadrar os novos e desconhecidos elementos do evento da pandemia às convenções pré-existentes, já compartilhadas socialmente dentro dos grupos sociais ou criar novos modelos representacionais. Como explica Moscovici (2003), uma das principais funções das representações sociais é que:

“[...] elas convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Todos os novos elementos se juntam a esse modelo e se sintetizam nele (p. 34).

A imersão nas narrativas dos/as idosos/as sobre suas experiências na pandemia remete a um campo de sentidos e significados atravessado por muitas ambivalências, pela busca de nomeação e classificação do novo acontecimento social. O novo vírus SARS-CoV-2, responsável pela doença da COVID-19, era também desconhecido na área biomédica, exigindo um grande e acelerado esforço dos diversos setores da sociedade para nomeá-lo, defini-lo e representá-lo no plano coletivo. Nesse contexto, as representações sociais desempenham um papel fundamental na atribuição de sentidos à realidade social, na organização das comunicações, na construção da identidade grupal e na orientação de condutas (Santos, 2005). Assim, destacamos as implicações fundamentais das representações sociais para o gerenciamento de crises, como uma pandemia (incluindo a comunicação de risco em emergências em saúde pública). Aqui encontramos novamente uma ponte entre a psicologia do desenvolvimento e a psicologia social, ao analisarmos um dos mecanismos que auxiliam nesta tarefa de elaboração das representações que é o da ancoragem que consiste em “ancorar ideias estranhas, reduzi-las a categorias e a imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar” (Moscovici, 2003, p. 60-61). Nesta direção, salvo as especificidades teóricas, Zittoun (2007b), numa perspectiva piagetiana, ressalta os processos cognitivos que visam reduzir incertezas e construir novas normas, seja por meio da assimilação ou da acomodação de novas experiências. Neste movimento inicial de compreensão da pandemia da COVID-19, os/as idosos/as, ao expressarem suas opiniões e experiências pessoais, vão apontando algumas ancoragens envolvidas nas transições no campo do pensamento, das representações sociais.

Pesquisadora: Como foi para você a notícia sobre o início da pandemia?

Naelson (73 anos): Olha, eu achei muito difícil, porque eu sempre assisto jornais, e aquilo foi muito chocante, o número de pessoas contaminadas e morrendo. Eu senti **como se fosse uma guerra**: - *meu Deus, o que é que está havendo? Eu nunca vi isso, nunca passei por isso.* Aí eu me senti assim... difícil né, numa situação difícil (E. 30. 4).

Sônia (74 anos): Eu vou lhe falar a verdade, eu nem acreditei nessa pandemia, **esse vírus mentiroso que disse que ele voa e ele pega**. Eu sabia que morreu muita gente, mas um vírus que está no ar, a gente só vê o povo morrendo. É natural, né?! **Isso aí é a desobediência do homem porque o homem inventou o carnaval.** Aí inventaram que Jesus era isso, era aquilo... E Jesus é bonito, Jesus é lindo. Ninguém pode duvidar de Jesus não (E.18.4).

Lúcia (66 anos): Eu lhe confesso, eu fiquei apavorada, porque eu estou com 65 e **nunca vi essa doença, foi a primeira vez que vi.** Apesar que já teve na época de Jesus, **que teve lepra, teve um bocado de doença, catapora,** catapora já é normal. **E eu vou até tomar a vacina do sarampo** que eu vi na televisão que está aplicando. Eu mesma, se eu tive, eu era pequena e não me lembro. Agora sarampo, eu lembro que eu tive, parece que eu tinha uns 12 anos quando eu tive sarampo. Minha filha teve com 14 anos. Eu fiquei apavorada com a pandemia porque estava morrendo muita gente, e eu pensei que ia morrer também, eu, minha família (E.17.4).

A partir dos excertos acima, os/as participantes chamam a atenção para as especificidades no modo de nomear e classificar algo novo, desconhecido e que está atrelado aos paradigmas disponíveis na nossa memória, e que estabelecem uma relação positiva ou negativa (Moscovici, 2003). Para Naelson, a pandemia foi rapidamente ancorada em uma situação de guerra, sobressaindo os elementos em comum sobre o risco elevado de morte, as notícias sobre mortos e feridos, ressaltando também a participação da mídia na sua opinião, e a carga afetiva relacionada ao medo e receio diante da gravidade da situação. Já para Sônia, a pandemia vai sendo ancorada em questões religiosas, de culpa e desobediência humana, tornando a situação mais compreensiva para ela a partir de suas crenças religiosas. Enquanto que Lúcia inicia o movimento de tentar compreender, categorizar as novas informações em representações anteriores sobre doenças de contágio viral, de potencial epidemiológico, construindo convergências, mas também diferenciações que não se encaixam nos modelos já interiorizados e compartilhados socialmente. Assim, percebemos o papel fundamental da memória e do mecanismo de ancoragem que, por sua vez, ajuda-nos a compreender as características regionais, históricas e institucionais da produção de sentidos (Trindade; Santos; Almeida, 2014).

As diferentes direções (mecanismos) que cada pessoa vai seguindo no seu processo de significação, cruzam-se em um campo semiótico compartilhado, consensual, relacionado à intensa carga afetiva associada à pandemia da COVID-19. Afinal, como ressalta Moscovici (2003), não é uma tarefa fácil transformar ideias, palavras não familiares em concepções usuais e atuais. Ainda mais quando se trata de um objeto polêmico, multifacetado e conflitante como a pandemia, que provoca tensões em diversos níveis (Apostolidis; Santos; Kalampalikis, 2020). As narrativas mais contidas emocionalmente e centradas nos elementos cognitivos de construção representacional sobre o objeto social da pandemia, foram ampliadas através da Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) com as evocações livres diante da expressão indutora: “pandemia da COVID-19”. Para ilustrar, de modo bem didático, o componente afetivo priorizado nas opiniões sobre a pandemia, apresentamos a figura a seguir:

Lisete (79 anos): Estava com **muito medo dessa doença**, fiquei com ansiedade, era um fastio triste que eu perdi seis quilos. Fiquei muito mal, muito mal. **Muito medo**, fiquei assim... muito ansiosa, né. Muita preocupação que eu tinha com meus filhos e o pior de tudo era o medo e a ansiedade (E.14.1).

As circunstâncias e consequências da pandemia da COVID-19 parecem produzir um compartilhamento de emoções coletivas em diversos grupos sociais, localizados em diferentes regiões do país e do mundo (Metzler *et. al.* 2023). A produção científica sobre os impactos psicossociais da pandemia para as pessoas idosas, de diferentes contextos socioculturais, evidencia as experiências atravessadas pelo medo, temor, pânico entre outros afetos correlatos (Pereira *et al.*, 2022; Sasaki; Aguiar; Martins, 2023; Schleicher *et al.*, 2022). Considerada como uma catástrofe, a pandemia pode ser considerada como um evento capaz de gerar emoções individuais e coletivas, mediante o processo de identificação que motiva e mobiliza comportamentos e ações coletivas (Techio *et. al.*, 2023). A predominância dos afetos nas significações sobre a pandemia mais uma vez foi destaque na análise realizada a partir da organização lexical da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), mais um recurso do Iramuteq.

Conforme explicitado na metodologia, a CHD organiza as formas lexicais em classes, com a importância relativa de cada uma. O *corpus*, conjunto de texto analisado no Iramuteq, foi construído a partir das 54 respostas da TALP (54 participantes), sendo cada uma dessas respostas composta pelas quatro evocações acrescidas da justificativa apresentada no exercício de hierarquização dessas evocações pelos/as participantes. Exemplo de uma resposta dentro do *corpus* para tratamento no Iramuteq: “*revolta, susto, terror e tristeza [as quatro evocações hierarquizadas]. Porque muitas pessoas, vizinhos, não se vacinou por conta do cafajeste do presidente que disse que era uma gripezinha. Mas Deus deu sabedoria ao homem para salvar com a vacina [justificativa da evocação mais importante]*”. Essa foi a estratégia utilizada na CHD, com uso do comando para textos curtos, resultando no índice de retenção do material de 79,63% e na organização de seis classes coerentes com nossa análise prévia do conteúdo do material empírico. Esse índice atende aos limites propostos por estudiosos do Iramuteq que consideram necessária uma retenção mínima de 75% do material, para desconsiderar problemas no *corpus* para leitura estatística (Sousa *et al.*, 2020, 2021).

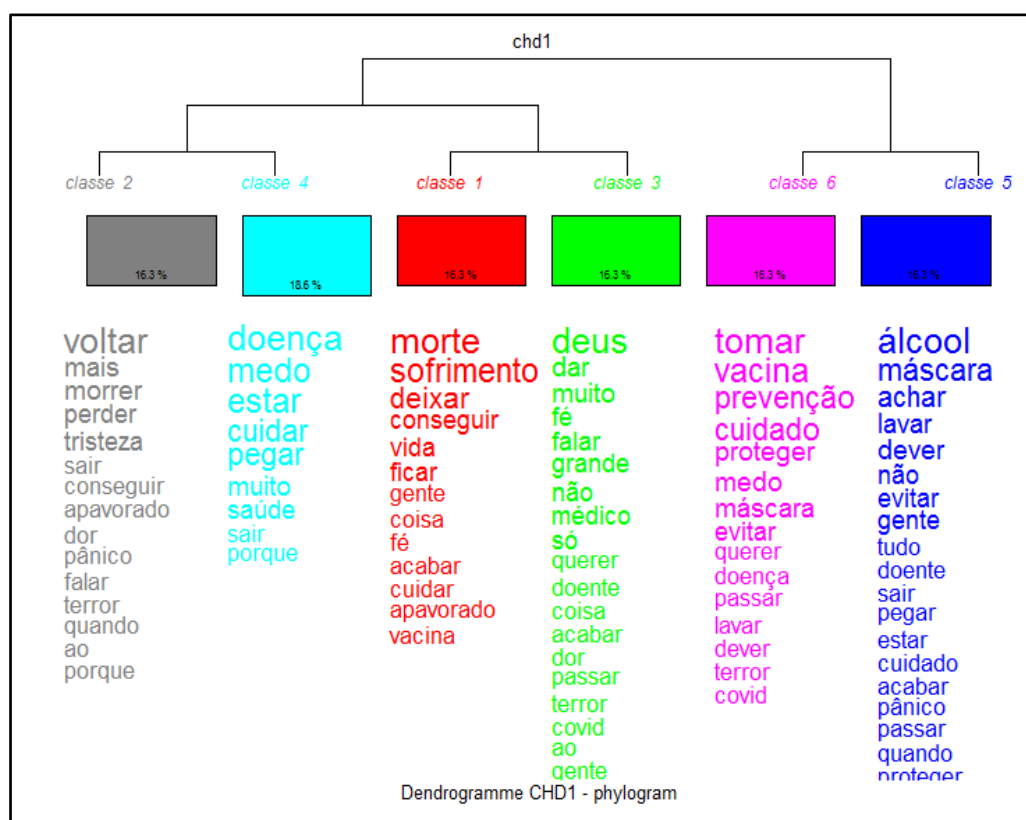
Figura 12 - Resultado dos dados técnicos da CHD

Nombre de textes: 54
 Nombre de segments de texte: 58
 Nombre de formes: 530
 Nombre d'occurrences: 1602
 Nombre de lemmes: 394
 Nombre de formes actives: 331
 Nombre de formes supplémentaires: 58
 Nombre de formes actives avec une fréquence ≥ 3 : 83
 Moyenne de formes par segment: 27.620690
 Nombre de classes: 6
 43 textes classés sur 54 (79.63%)

Fonte: A Autora. Elaborado a partir do software Iramuteq (2023).

O *medo* mais uma vez sobressai como importante elemento semântico no campo dos sentidos sobre a pandemia, articulando todas as classes, que apresentam limites tênues entre si e contribuem para a análise dos consensos dentro do grupo sobre esse objeto social. Diante da coerência da organização lexical, apresentada no gráfico da CHD, com os relatos analisados nas entrevistas e na própria TALP, aproveitamos o dendrograma como recurso didático e ilustrativo para explorar os resultados da pesquisa. A organização didática das respostas, através de um dendrograma, auxiliaram na análise qualitativa das narrativas dos participantes, otimizando o nosso trabalho interpretativo.

Figura 13 - Dendrograma da CHD



Fonte: A Autora. Elaborado a partir do software Iramuteq (2023).

Como mencionado anteriormente, a coleta de dados ocorreu no início de 2022, durante a administração da quarta dose do protocolo de vacinação para a população idosa. Nesse período, já se observava uma diminuição nos números de óbitos, porém o risco do contágio e todas as medidas preventivas continuavam presentes no cotidiano da população em geral, como as medidas de distanciamento social, uso de máscaras faciais e vacinação. Além disso, os/as idosos/as haviam retomado as atividades no Sesc há apenas três semanas, após um ano e sete meses de suspensão de todas as atividades presenciais. Apesar da categorização das respostas em seis classes, observamos conexões entre todas elas, denotando como a afetividade está diretamente ligada aos significados na organização das representações sociais (Campos; Rouquette, 2003).

Quando analisamos as falas dos/as participantes organizadas nas classes 1 e 3 (centralizadas e fortemente conectadas entre si no gráfico acima), podemos destacar a ambivalência: medo da morte *versus* fé em Deus. O medo é associado ao risco de morte para si e os familiares, às graves consequências do adoecimento pela COVID-19 (internamento e intubação), acrescido também do pânico e pavor gerados pelo modo de divulgação das informações da doença (com destaque para imagens e dados sobre os óbitos) nas mídias televisivas. Dentre as respostas à TALP, apresentamos a seguir uma que remete para as implicações da mídia nas significações atribuídas à pandemia:

[medo] é o que a gente sente, fica apavorada, não conseguia ver mais repórter, os números de morte me deixavam apavorada, não queria nem saber mais (classe 1 – Ana, 68 anos).

Em contrapartida, a fé em Deus configura-se como um importante elemento semiótico associado à proteção contra à doença, à preservação da saúde mental diante da crise, uma antítese à doença [*“a COVID não é coisa de Deus”*], mas que não exclui as outras medidas preventivas, visto que *“Deus deu sabedoria ao homem para salvar com a vacina”*. O atravessamento da religião na elaboração das concepções sobre a pandemia era esperado diante da característica do grupo majoritariamente católico, sendo os demais evangélicos. Pesa o lugar simbólico que ocupa a religião no contexto histórico, social e cultural da nossa sociedade ocidental cristã. Para parte expressiva do grupo de pesquisa, a religião situa-se como importante elemento sociocultural implicado na produção de sentidos e práticas sociais nas transições diante da pandemia. Como podemos observar nas justificativas da TALP, apresentadas a seguir:

[...] porque sem a fé não somos nada, porque se a gente crê a gente consegue ter esperança (classe 1 – Noêmia, 67 anos).

[...] porque eu tenho muita fé em Deus, já passei por acidentes, mas minha fé era muito grande e venci (classe 3 – Íris, 78 anos).

Assim, podemos considerar, em concordância com Zittoun (2019), que a religião quando faz parte do sistema cultural do grupo, como um conjunto de crenças, valores, narrativas e práticas, atua na dinâmica da ontogênese. A autora ressalta a tensão permanente que se coloca nos discursos religiosos: a junção de experiências pessoais (agradáveis ou não, que podem atuar como importante recurso simbólico) ao discurso público religioso atravessado por questões sociais, institucionais e políticas que tendem a enfatizar as tradições, o conservadorismo religioso. A fé em Deus integra a rede de significados como mais um elemento que confere sentido às experiências pessoais e permite articular o pertencimento ao grupo que compartilha dessa crença. Nos excertos das entrevistas a seguir, podemos compreender essas correlações entre religião e enfrentamento da crise:

Osvaldo (86 anos): Não tive Covid. É pedir a Deus para se proteger, usando sempre máscara, usando sempre o álcool gel, aglomeração eu evito, e pedir a Deus para não acontecer comigo. Porque se acontecer comigo fica meio chato, eu sozinho para cuidar disso (E.22.1).

Alice (75 anos): O que me marcou nos noticiários era o povo saindo da UTI, dando tchau, graças a Deus teve muita gente que passou e conseguiu sair dali. É uma coisa que a gente pensa que se passar, será que a gente vai voltar? Porque aqueles dali teve chance de voltar, e muitos não teve. Aí eu ficava pensando, meu Deus será que eu vou ter, será que eu vou ter?! Ai meu Deus, não deixa me entubar não. Aí sempre eu ficava com isso assim, falando. Em casa, eu dizia pro meu filho: pelo amor de Deus, se acontecer alguma coisa não me deixe entubar não, pelo amor de Deus (E.11.10).

Para o grupo participante da pesquisa, a religião parece ter atuado como um recurso simbólico de mediação nas transições direcionado para a regulação das emoções e reorientação das condutas em consonância com as práticas preventivas na pandemia, visto que todos relataram esquema de vacinação completo e adesão às medidas de distanciamento social e uso de máscaras faciais. Além disso, a maioria das pessoas idosas se posicionaram contra o discurso negacionista e fundamentalista religioso protagonizado por parte dos dirigentes políticos durante a gestão da pandemia. Os/as idosos/as expressaram opinião de responsabilização do presidente pelo atraso da vacinação contra a COVID-19, e número expressivo de óbitos na pandemia, além da reprovação ao descaso e à ironia nos discursos presidenciais sobre a situação de emergência na saúde pública. No grupo predominou também a opinião de aprovação das medidas preventivas na pandemia, determinadas pelo Governo Estadual de PE, como proibições de aglomerações e ações de distanciamento físico. Exemplificamos a seguir com

alguns excertos das opiniões dos/as participantes sobre o contexto político da pandemia, registradas durante o Levantamento sociodemográfico (ver APÊNDICE B):

Pedro (73 anos): O acompanhamento não foi melhor por culpa do presidente. Ele tinha condições de ter se vacinado bem antes. O governador teve boas ações para agilizar a vacinação. O resultado foi que morreu muita gente pela conversa do presidente que desmereceu a doença. O presidente jogou seus filhos à morte, desprezo, sem se preocupar “eu não sou coveiro”.

Irene (67 anos): Olhe, as medidas do presidente acho que influenciou muito negativo, porque as pessoas foram muito pela cabeça dele e fizeram muita coisa errada. Que talvez se tivessem feito mais, se protegido mais, não tivesse sido tão como foi. Mas à medida que ficavam: - Não, porque o presidente disse que não precisa de distanciamento, não precisa usar máscara, não precisa...; Aí as pessoas acham o quê? Que se uma pessoa que está lá em cima está dizendo isso, então é o certo. E também se negando na vacina, a vacina que ele se negou e muita gente hoje em dia não tomou vacina ainda porque acha que o presidente que está certo. Então eu acho que ele errou muito e eu até, Deus que me perdoe, a Covid dele foi muito leve. Deveria ter sido maior para poder ele se arrepender do que ele fez.

Podemos assim, considerar as questões religiosas e políticas como importantes elementos constitutivos da rede de significações e matriz sócio-histórica de cada pessoa deste grupo, implicada na produção de sentidos e práticas sociais. Como já discutimos anteriormente, a pandemia atua desvelando diversas realidades individuais e coletivas que podemos atribuir às especificidades na matriz sócio-histórica, de natureza semiótica, composta por elementos sociais, econômicos, políticos, históricos e culturais, que circunscrevem de modo flexível o desenvolvimento (Rossetti-Ferreira *et al.*, 2004). Essa configuração semiótica vai se revelando na concretude das práticas cotidianas e articulam os diferentes níveis interacionais da pessoa (do micro ao macrosocial).

As narrativas organizadas nas classes 2 e 4, conectadas no gráfico, também priorizam o medo da morte no campo de sentidos associados à pandemia, porém com uma ênfase maior na carga afetiva.

[...] porque é muito difícil essa pandemia, veio para acabar com tudo, matou muita gente (classe 2 – Jorge, 80 anos).

[...] eu tive muito medo dessa doença, perdi muitos amigos, quando eu tinha qualquer coisa na saúde, aí pronto: é agora vou morrer da covid, ave Maria! Que coisa triste! (classe 2 – Lisete, 79 anos).

[...] porque faz medo mesmo. Eu moro sozinho, quem vai me cuidar? Não tem parente para me ajudar. Como será minha locomoção? Estou tendo problema de saúde, várias coisas tá aparecendo em mim (classe 4 – Osvaldo, 86 anos).

[...] uma doença horrível, porque pega, a pessoa não pode estar junto, fica com a máscara o tempo todo, tem medo de sair de casa por conta da doença (classe 4 – Neves, 75 anos).

O medo é mais fortemente associado ao risco de morte de familiares e amigos, ao adoecimento físico e mental, acrescentando uma outra ambivalência importante para este grupo: o medo do isolamento em casa, sem rede de apoio *versus* medo dos espaços públicos (fora de casa). Assim, os/as idosos/as vão significando como espaços potencialmente de risco de adoecimento, tanto o espaço privado domiciliar pelo adoecimento mental diante do isolamento social, quanto os espaços públicos pelo risco de contágio ao vírus da COVID-19. Os processos afetivos parecem associados à necessidade de afastar a ameaça de desintegração do Eu e à conservação do grupo social com o qual se identifica. Assim, os afetos podem ser identificados tanto na necessidade de incorporar o “novo” e superar essa ameaça de desintegração quanto no retorno das representações às práticas diárias (Pombo-de-Barros; Arruda, 2010). Apresentamos a seguir, algumas falas que evidenciam a intensidade do medo da morte, ainda relacionadas às classes 2 e 4:

[...] porque era como se fosse um terremoto, o mundo se acabando, minha família morrendo, perdi dois sobrinhos” (classe 2 – Sandra 72, anos).

[...] porque eu acho que todo mundo tem medo de adoecer, morrer, eu tinha medo de sair de casa (classe 2 – Neide, 63 anos).

[...] porque tenho muito medo dessa doença para não pegar, se não cuidar pode pegar, essa doença não terminou ainda (classe 4 – Sílvia, 73 anos).

[...] porque eu estou em tratamento, eu fiquei muito desesperada com a doença e outros problemas familiares” (classe 4 – Penha, 80 anos).

Uma questão importante nessa ambivalência permeada pelas experiências emocionais relacionadas ao medo é a fragilidade da rede de apoio social de muitas pessoas idosas nessa faixa etária e contextos sociais semelhantes. Como explica Osvaldo, um idoso em idade avançada:

Pesquisadora: Como foi a notícia sobre o início da pandemia?

Osvaldo (86 anos): Eu fiquei apreensivo, se essa doença tocar em mim, como é que vai ser? Eu sozinho, como é que eu vou para o hospital, como é que eu vou internar? Filho não me visita, parente eu não tenho, uma empregada eu não posso ter, **quem é que vai cuidar de mim?** A gente fica assim pensando... como é que vai ser isso? Cada dia que passa, com a idade, vai piorando né?! E eu fico de vez em quando pensando nisso (E.22.4).

Assim como Osvaldo, 33% dos participantes (de um total de 147 pessoas idosas inscritas) do Grupo Social de Idosos do Sesc São Lourenço da Mata também residem sozinhos

e compartilham dessas condições socioeconômicas, uma parcela expressiva desse grupo social. As repercussões da representação dos/as idosos/as como população mais vulnerável ao adoecimento grave na pandemia podem ser ampliadas pelas especificidades das condições sociais e econômicas deste grupo.

E por fim, ressaltamos os significados atribuídos à pandemia a partir das medidas preventivas ao contágio da COVID-19. As classes 5 e 6, como mostra o gráfico da CHD, articulam-se com todas as demais, denotando a relevância desses sentidos e significados na elaboração representacional sobre a pandemia da COVID-19, justificando as condutas adotadas pelos/as participantes em relação à adesão exitosa às medidas preventivas, que incluem a vacinação, o distanciamento social, cumprimento do período de *lockdown* decretado pelo Governo de Pernambuco, evitação de locais com aglomerações, uso de máscara facial e álcool gel e práticas de higienização de alimentos, roupas e outros objetos no cotidiano.

[...] porque eu gosto muito de passear e estou evitando aglomeração, eu não saio sem máscara, eu tenho medo que a pessoa pegue a minha gripe ou passe para mim (classe 5 – Bernadete, 76 anos).

[...] porque eu vivo assistindo repórter e vejo que quem tomar vacina vai se proteger, tomou está protegido, fica com menos risco de morrer (classe 6 – Marlene, 75 anos).

No levantamento sociodemográfico realizado com este grupo, todos haviam tomado as vacinas contra a COVID-19 e relataram ações preventivas indicadas acima, com resultado expressivo de êxito na proteção contra a doença, uma vez que 70% dos participantes relataram não terem sido infectados pelo vírus. A significação da pandemia a partir de suas medidas de controle e prevenção à doença da COVID-19 perpassa os relatos de todas as pessoas idosas desta pesquisa, atuando como importante circunscritor nas condutas adotadas durante a pandemia. Nesse sentido, os afetos relacionados ao medo podem ser considerados como elementos propulsores à adesão às medidas preventivas, principalmente à vacinação, ressaltando sua natureza dialética envolvida tanto com a proteção contra a doença quanto com o adoecimento ou sofrimento emocional dos/as participantes desta pesquisa. A partir do relato de Lúcia, podemos visualizar essa integração entre os sentidos e as práticas cotidianas durante a pandemia.

Lúcia (66 anos): Para ir na cidade para comprar as coisas, que tinha que ser eu mesmo, **eu ia morrendo de medo. Eu ia, mas com medo.** Mas eu tenho que ir mesmo, porque senão eu não como. **Aí botava máscara, botava álcool, saia com medo.** Eu pegava a kombi, mas morrendo de medo que tivesse alguém ali com covid e passasse para mim. **Agora depois que eu tomei a vacina, o medo saiu.** Porque depois que eu tomei a vacina, a vacina protege, aí eu tomei já quatro (E.17.2, grifo nosso).

No decorrer dessa análise dos processos de significação da ruptura da pandemia, construímos uma hipótese de que os/as idosos/as poderiam estar em processo inicial de transição no plano das representações sociais sobre a COVID-19, e por isso, a predominância dos afetos gerados pela pandemia nas narrativas deste grupo. Ou seja, os afetos estariam mais relacionados ao estranhamento diante do novo objeto social, às reações diante das especificidades de tal crise humanitária, e não necessariamente como parte do núcleo principal e mais estável das representações sociais. Para confirmar ou refutar essa hipótese, iniciamos uma pesquisa bibliográfica em busca de artigos recentes (2023-2024) sobre as representações sociais sobre a pandemia. No entanto, não encontramos dados específicos sobre o público de pessoas idosas e os estudos disponíveis eram contemporâneos ao nosso (2022) ou anteriores (2020-2021), com resultados semelhantes sobre os afetos nas RS, também com destaque para os afetos relacionados ao medo. Destacamos os estudos de Do Bú *et al.* (2020) e Rozendo *et al.* (2022), nos quais os elementos semânticos associados ao medo, cuidado e vírus, enfatizando as implicações psicossociais e afetivas, foram atribuídos às representações sociais da COVID-19 para idosos/as.

Diante da persistência da nossa hipótese, em julho/2024, já nesta fase de finalização da pesquisa, retornamos ao Grupo Social de Idosos do Sesc Ler de São Lourenço da Mata, e reaplicamos a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) com 21 participantes (Grupo 3), dois anos após a primeira pesquisa de campo e quatro anos após o início da pandemia. Dentre os 21 participantes, a maioria eram do gênero feminino (apenas três homens), com idades entre 60 e 78 anos (média = 71 anos), predominantemente com ensino fundamental I incompleto. Apenas três confirmaram o adoecimento pela COVID-19 e todos estavam com o esquema vacinal completo. Tais dados sobre as condições sociais do Grupo 3 manteve similaridades com o grupo geral dos/as demais participantes. Vale ressaltar que dez dos 21 participantes realizaram a TALP pela segunda vez, e que tal técnica foi aplicada na mesma modalidade anterior, com a expressão indutora da “pandemia da COVID-19”, o que também nos permitiu uma comparação interessante no nível intraindividual.

Optamos por uma análise qualitativa, sem uso de software, diante do número reduzido de respostas, e que contemplou o objetivo dessa pesquisa de campo. Do total de 64 palavras produzidas na TALP, 61% referiam-se ao medo [novamente o mais citado], tristeza, angústia, pânico/pavor, desespero, choro, ansiedade, depressão, trauma e revolta. O medo novamente foi associado principalmente ao risco de morte, ou seja, ao medo de morrer ou de perder familiares, assim como às graves consequências do adoecimento, como: entubamento, internamento,

dores. Esse material foi suficiente para nos indicar que os afetos não estavam restritos ao momento inicial de elaboração das representações sociais sobre a pandemia da COVID-19, não se tratava apenas de reações situacionais ao momento de crise. Obtivemos dados interessantes, como o caso de Carmelita, que, mesmo após dois anos, manteve as mesmas evocações sobre a pandemia, priorizando novamente os afetos gerados pela ruptura. A partir de tais resultados, nossa última hipótese foi refutada, uma vez que os afetos não se restringem às reações iniciais diante da surpresa e gravidade da pandemia, mas se configuram como significados produzidos diante do objeto social da pandemia. Como explicam Techio *et. al.* (2023, p. 205), “[...] as emoções, sejam elas individuais, interpessoais, grupais ou coletivas são importantes mecanismos que produzem sentidos, significados e vínculos, que mantêm a pessoa em contato com a realidade, motivando os comportamentos e regulando as interações sociais”. Destacamos algumas falas desse grupo de idosos que nos permitiram tais análises:

Vilma (69 anos): “Todo mundo ficou em pânico com essa doença, pelo medo de pegar a doença, pelo sofrimento, pelas mortes”.

Zilene (73 anos): “Eu tinha medo de tudo, fiquei trancada dentro de casa. Esse medo está fazendo muito mal ainda. Porque via as vizinhas morrendo, o povo sendo jogado nas valas na tv”.

Noêmia (67 anos): “Foi o que mais a gente viu de tanta morte na tv. O pior foi quando eu vi aquelas valas e o povo sendo jogado em sacos”.

Como apontam as idosas acima, a comunicação de riscos pela mídia televisiva pode ser considerada, mais uma vez, um importante elemento no processo de significação sobre a pandemia. Os afetos atribuídos à COVID-19 foram gerados também a partir das imagens televisivas de enterros em massa, pacientes entubados e corpos isolados em sacos plásticos, sem direito à visualização dos rostos e cerimônias funerárias. Neste campo das comunicações de riscos, Spink (2019) ressalta o imperativo ético na garantia do direito à informação para as pessoas afetadas, sendo a divulgação midiática um dos principais meios informativos. No entanto, essa comunicação exige “tradutores”, que atuem como mediadores entre os comunicadores oficiais e a população, que dominem tanto a linguagem do senso comum, quanto da ciência e que saibam perceber os diversos sentidos e práticas associadas à situação de risco. Como apontam os/as idosos/as nesta pesquisa, o modo como a mídia divulgou a pandemia, gerando afetações direcionadas ao medo exacerbado à doença (pânico, pavor, desespero, sentidos referidos pelos participantes), pode ter contribuído para a adesão dessas pessoas às medidas de prevenção ao contágio viral, mas também geraram intenso sofrimento psicológico, ambos elementos constitutivos das representações sobre a doença.

Concluimos que o campo consensual de sentidos e significados sobre a pandemia da COVID-19 para este grupo de pessoas idosas envolve: (1) o componente afetivo (medo, pavor, tristeza) relacionado principalmente ao risco de morte de si e do outro, adoecimento físico e mental e às restrições no convívio social; e (2) a significação também a partir de elementos cognitivos relacionados às medidas preventivas à infecção da COVID-19. Como explica a TRS, esse equilíbrio cognitivo é alcançado ao se ancorar o novo e o diferente em conhecimentos prévios, tornando o desconhecido mais familiar e menos ameaçador para os indivíduos e para a estrutura social. Assim, a cognição e a afetividade se entrelaçam nesse processo de construção e manutenção das representações sociais" (Pombos-de-Barros; Arruda, 2010). A concepção sobre a pandemia implica ainda nas transições no plano das ações e relações interpessoais, reorientando as condutas para as práticas preventivas à infecção da COVID-19 e demandando novos modos de interações sociais com preservação do distanciamento físico.

Assim, o campo de sentidos e significados atribuídos à pandemia pelos/as idosos/as, a partir da matriz sócio-histórica (articulação das dimensões micro e macrosociais), nos permite considerá-lo como um circunscritor relevante no curso do seu envelhecimento, direcionando para o afastamento do convívio social e oportunidades de aprendizagens no domínio das atividades sociais (diante da impossibilidade de participação nos espaços comunitários); e para aproximações de oportunidades de aprendizagens no domínio intraindividual, como o desenvolvimento de mecanismos para regulação emocional, da imaginação (ação criativa a partir do uso de elementos culturais), da habilidade para resolução de problemas e elaboração de novas ideias e soluções diante de situação de crise. Assim o desenvolvimento ocorre por meio de um processo dinâmico e tenso, caracterizado por sucessivas aproximações e distanciamentos entre o indivíduo e o ambiente. Este processo não se baseia em critérios etários ou em padrões e capacidades esperados para cada fase evolutiva, mas no espaço para a interação, no confronto e na coexistência de diferentes visões de mundo (Scorsolini-Comin; Santos, 2010).

Apesar da maioria dos/as idosos/as significarem a pandemia da COVID-19 com intensa carga afetiva de medo, temor, tristeza, também se faz importante analisar os dissensos para uma compreensão mais ampla dos processos de significação. Aqui destacamos a experiência de Sandra diante da pandemia, que apresentou uma concepção sobre a pandemia na qual parecia mais familiarizada com a natureza do evento. No processo de significação sobre a pandemia, identificamos o mecanismo de ancoragem em experiências e informações aprendidas e memorizadas durante a convivência familiar, mais especificamente com seu pai. Como explica a autora Ângela Arruda (2014, p. 478): “No

trabalho de analogizar, aproximar do já existente, a ancoragem faz o enlace entre o novo e o prévio, tece os laços da rede de significados que é a representação social”. As falas de Sandra corroboram com a concepção teórica da TRS de que quanto mais familiar é determinado objeto social, menos ameaçador se torna para a pessoa, pois diferentemente do seu grupo, os afetos não ocupam um lugar de destaque na sua concepção sobre a pandemia. Ela relembra:

Pesquisadora: Como foi para você a notícia sobre o início da pandemia?

Sandra (71 anos): **Eu não me estressei não**, com essa doença. Eu via muita morte na televisão, mas eu não me estressei não, porque eu não saía de casa, não é para sair, não saio (E.2.1).

Não fiquei nervosa, nem nada não. Foi uma coisa fora do comum, eu **não fiquei nervosa, não chorava, para mim era uma coisa comum**, porque meu pai dizia a mim que teve um tempo que teve uma doença, que aconteceu não sei qual foi o ano, **meu pai contava a gente**, que morreu muita gente. Aí eu **me lembrei das palavras do meu pai**, que disse que isso ainda ia acontecer (E.2.4).

Além das crenças construídas coletivamente nas relações familiares, Sandra também expressa um sofrimento emocional decorrente de perdas de entes familiares (esposo e filho) no passado, cujo luto parece de difícil elaboração, resultando em tratamento psiquiátrico para depressão. Essa é mais uma especificidade na rede de significações de Sandra na qual os processos de significação denotam a inter-relação entre os diferentes níveis relacionais. As experiências intraindividuais relacionadas ao sofrimento emocional (lutos) se articulam com as mudanças macrossociais diante da pandemia, denotando as variações de crenças diante de ancoragens em outras realidades simbólicas sociais. O sofrimento emocional pode ser alçado em suas falas sobre o período da pandemia, na continuidade da entrevista:

Pesquisadora: E se eles deixassem a Sra. sair?

Sandra: Eu saía não, porque eu estava com medo da doença para não trazer pros meus netos. Por mim não, tudo bem, que eu já estou na idade, passei até da idade. Se Deus me levar, já aproveitei muito dessa vida né?! Eu só tinha medo dos meninos, eu tenho dois netos que vivem comigo (E.2.7).

À medida que Sandra vai compartilhando o seu pensamento sobre a pandemia, ela vai dando visibilidade para a complexidade da sua rede de significações, incluindo sua concepção sobre a velhice. O medo para Sandra parece direcionado ao risco de perda de mais familiares, denotando a articulação entre a significação sobre a pandemia com o campo das relações familiares e de suas experiências de luto no passado. Tal questão apresentada por Sandra remete à população idosa brasileira que enfrentou aumento dos sintomas depressivos

durante a COVID-19 associado aos fatores de isolamento social, ansiedade, baixa escolaridade, divórcio, múltiplos transtornos mentais, exposição a informações sobre a COVID-19 e diagnóstico prévio de depressão (Sousa *et al.*, 2022).

O dissenso de Sandra diante do seu grupo parece atrelado também ao apoio familiar, recurso social crucial para as pessoas idosas nos relatos sobre as vivências durante a pandemia, seja pela presença ou pela falta. No caso de Sandra, o filho, a nora e os netos com os quais convive diretamente, parecem proporcionar condições sociais (rede de apoio e interações sociais) implicadas no modo como significa a ruptura da pandemia, com carga afetiva diferente do grupo social. Ela diz:

Pesquisadora: Você ficou em isolamento?

Sandra: Sem sair eu fiquei, não saía para canto nenhum não, pra canto nenhum. Para começar meus filhos não deixava. Quem fazia a feira, tudo eram eles. Meus filhos vinham me visitar, e no dia de domingo vinham almoçar. Quando eles vinham botavam álcool, tiravam os sapatos, higienizavam tudo direitinho. E vinham todos os três, conversavam, a gente dava risada e nisso foi passando né, num instante passou, entendeu?! (E.2.5).

A importância do convívio familiar e dos significados construídos a partir dessas relações podem ser apreendidas também na sua concepção sobre a velhice, quando enfatiza a importância do apoio familiar. Ela explica:

Pesquisadora: Na sua opinião, como deveria ser a velhice?

Sandra: A velhice deveria ser assim: nós sermos acolhida pelos filhos, pelos netos, que eles tratem a gente bem, que não maltratem. Porque tem muitas velhinhas aí que são maltratadas, vivem nos abrigos, nessas coisas né?! O que eu espero dos meus filhos é isso. E eles dizem a mim: “- Olha mainha, aconteça o que acontecer, a sra. só sai daqui para o cemitério, pra canto nenhum, daqui a sra. não sai (E.2.14).

Os afetos de tristeza gerados pela pandemia estão mais diretamente relacionados à falta de convívio social com seu grupo, com seus pares, ponto de convergência com o grande grupo. Quando perguntamos sobre o período de suspensão das atividades do Sesc por mais de um ano, ela responde:

Sandra: Foi horrível. Tudo que tem aqui eu participo. Eu faço hidro, faço parte do grupo (dos idosos), faço parte de dança, tudo que tem aqui eu faço parte. Já faz oito anos que estou aqui. [Esse período] foi triste, né?! Porque a gente não encontrava as amigas, as amigas não telefonavam. Todas elas têm o telefone umas das outras, porque numa ocasião assim, uma conversa com uma, uma conversa com outra, né isso?! Era bom pra todas elas. Mas eu não tinha telefone de nenhuma (E.2.2).

Desse modo, Sandra apresenta uma concepção da pandemia descentralizada do medo do risco de morte para si, em contraste com a percepção predominante em seu grupo social. Enquanto o grupo tende a associar a pandemia a sentimentos de medo e incerteza, resultantes da perda do convívio social e das preocupações com a saúde, Sandra enfatiza outros aspectos da experiência, como os vínculos afetivos com familiares. Essa perspectiva parece ancorada em sua experiência pessoal, marcada por uma forte rede de apoio familiar e pela valorização do conhecimento adquirido com seu pai. No entanto, Sandra compartilha com o grupo a preocupação com a perda do convívio social, o que demonstra a complexidade e a dinâmica das representações sociais, que contempla os consensos e dissensos para determinado grupo social.

Assim, a análise dos relatos das pessoas idosas sobre as vivências na pandemia, os processos de significação sobre a ruptura da pandemia da COVID-19 perpassam diversos núcleos de significação – como as relações familiares e com os pares no Grupo Social do Sesc, velhice, religião – articulando as diferentes rupturas e transições na velhice. Neste sentido, é imprescindível que as pessoas idosas possam desenvolver estratégias eficazes para lidar com as mudanças nas transições, que se impõe como um grande desafio, pois é preciso saber quando aceitar as perdas e reorientar a trajetória de vida (Baltes, Paul; Baltes, Margret, 1990).

5.2.3.2 O uso de recursos simbólicos nas transições diante da ruptura da pandemia

Como lidar com os afetos diante de uma crise mundial, de desconhecimento e incertezas sobre o fenômeno e respostas apenas técnicas-médicas e econômicas? Como as pessoas idosas mobilizam elementos do seu contexto cultural para enfrentar uma crise social?

Zittoun (2003), a partir de leituras teóricas de Winnicott, Valsiner e Bruner, interessa-se por sistematizar a definição e funções dos recursos simbólicos nos processos de transições no curso do desenvolvimento humano. A autora explica que um elemento cultural só se transforma em recurso simbólico a partir da ação de uso por alguém para uma determinada finalidade e do fato de seu uso repercutir em novas formações simbólicas socioculturais e em mediações das interações sociais. Neste sentido, os recursos simbólicos podem ser desde experiências internas ou externas relacionadas à produção de novos sentidos/ressignificações, às experiências emocionais ou que resultem na aquisição de competências para otimizar as interações sociais ou ações concretas. Esses recursos de uso pessoal estão interligados a uma construção coletiva de compartilhamento de elementos simbólicos (como as representações sociais, identidades, por exemplo) e são ferramentas importantes para formação do pensamento. Assim, os recursos simbólicos são relevantes para mediar as transições que oportunizam o

desenvolvimento, mesmo quando há perdas neste processo, incluindo reorganizações pessoais diante de uma crise, de uma situação de muita incerteza, como a pandemia da COVID-19 (Zittoun, *et al.* 2003, 2021).

Ao longo das entrevistas, os/as participantes foram apontando vários elementos culturais e sociais que os ajudaram na mediação das mudanças geradas pela crise da pandemia. É importante ressaltar que o recurso simbólico não existe por si só, mas, sim, quando possibilita uma atividade de significação e compreensão dos contextos culturais. Assim, o estudo dos recursos simbólicos possibilita compreender a ação humana a partir dos elementos e contextos culturais, com ênfase na ação criativa, buscando compreender como esses recursos são utilizados para captar essa dinâmica criativa (Gillespie; Zittoun, 2010). Apresentamos a seguir um panorama geral de elementos culturais que foram alçados nas narrativas das pessoas idosas como potenciais recursos simbólicos mediadores nas transições na pandemia.

Quadro 1 - Recursos simbólicos potenciais em situação de crise - pandemia

Música
Livros
Cozinhar para família
Atividades manuais (pintura, crochê)
Atividades físicas (caminhadas)
Televisão (noticiários)
Filmes (novelas)
Palavra-cruzada
Internet (redes sociais)
Atividades online (Reuniões do Grupo Social do Sesc)
Animais domésticos (gatos, cachorros)
Cursos técnicos online (EAD)
Atividades religiosas (Missas televisionadas, bíblia)
Jardinagem (ações de cuidado e acompanhamento das plantas)
Ambiente da casa (segurança e acolhimento)

Fonte: A Autora (2023).

Em uma análise de situações de crise e muitas incertezas como a pandemia, Zittoun (2021) destaca dois movimentos importantes: a formação espontânea de redes de solidariedade (como organização de atividades *online*s, redes de ajuda e cuidado com os doentes), e a busca de elementos culturais (como evidencia o aumento de vendas de livros e filmes observado em algumas regiões durante a pandemia), como meio para regular a ansiedade, explorar outras realidades, lidar com os afetos e conectar as experiências atuais com o passado e futuro. A

listagem acima apenas exemplifica a variedade de elementos que acompanha os diferentes contextos culturais. Esses elementos simbólicos podem ser artefatos culturais, como livros ou filmes, ou seja, coisas concretas compartilhadas, assim como padrões sociais de interações, costumes ou experiências que representam o acesso a determinados significados. Incluem-se ainda como elementos simbólicos situações específicas como estilos argumentativos ou julgamentos objetivados (apresentação de imagens simbólicas de ideologias, por exemplo). Assim, os recursos simbólicos são considerados importantes mediadores nos processos de transições, e conseqüentemente de produção de sentidos e interações sociais (Zittoun *et al.*, 2003). Mas não basta saber quais elementos são usados como recursos; o mais importante é saber como esses recursos atuam nas transições, na captura da dinâmica criativa, pois eles são considerados estratégias para a resolução de problemas ou readaptações às situações exigidas em experiências de crises, rupturas e descontinuidades no curso do desenvolvimento (Gillespie; Zittoun, 2010).

No decorrer dos relatos sobre o período crítico da pandemia, os/as idosos/as foram indicando o modo como esses elementos foram utilizados como recurso simbólico nas transições provocadas pela ruptura da pandemia. Podemos assim considerar o uso de recursos simbólicos com fins de ampliação das possibilidades de interações sociais diante das restrições ao convívio social na pandemia; assim como modo de produção de novos significados e práticas sociais diante das mudanças nas atividades cotidianas, como uma estratégia para lidar com o ócio e toda a carga afetiva gerada pela crise da pandemia. Como explica Pedro:

Pesquisadora: - O que você fazia para se proteger durante a pandemia?

Pedro: - Eu buscava dentro de mim próprio uma alegria, e outra coisa também que eu digo a você, **eu sempre encontrei o companheirismo nos livros, encontrei também na minha palavra cruzada**, eu gosto muito da minha palavra cruzada. Eu fazia 10 livros de palavra cruzada por semana. Comprava 50 e fazia 10 por semana. **Livro era minha valia porque eu não saia de casa.** Eu gosto de ler livros de história, gosto muito de história, se você puxar assim por mim, eu conheço a vida de muitas pessoas. Luiz Gonzaga, eu conheço a vida dele toda; Jackson do pandeiro, já fui até para casa dele, para cidade dele que fica na Paraíba. E muitos outros personagens, né?! (E.5.4).

Os recursos simbólicos fictícios – como músicas, livros, arte, filmes – permitem que as pessoas conectem experiências emocionais e corporais com ideias abstratas. Eles mediam a ligação entre orientações passadas e futuras e apoiam a exploração de alternativas e situações contrafactuais (Zittoun; Gillespie, 2013). Através dos livros, Pedro pôde se distanciar da difícil realidade do contexto pandêmico e regular as emoções decorrentes dessa crise, que, como vimos anteriormente, referem-se ao medo intenso da morte. Alice e Laura também evidenciam

vários recursos utilizados para lidar com o distanciamento social e os afetos de tristeza e medo gerados pela pandemia.

Pesquisadora: - E teve algo que lhe ajudou a passar por esse período quando a Sra. estava isolada?

Alice (75 anos): Ah, **fazia bolo** [risos], fazia um bolinho, **fazia fuxico**, decorava umas garrafinhas, aí pegava a máquina para emendar e fazer uma colchinha, que eu sei fazer. Aí sempre atividade assim **para poder preencher aquele vazio e aquele isolamento** que você está ali dentro de casa. E fazer uma comida diferente pra poder todo mundo comer e ficar satisfeito. Sempre ocupando em alguma coisa (E.11.4, grifo nosso).

Laura (70 anos): Eu **fazia muito crochê, era minha única diversão**, inventei uma roupinha para minha neta, e à noite eu sempre me divertia no crochê. As coisas assim da internet, aí eu olhava na internet, aí tentava fazer, isso me distraiu. Mas foi só isso mesmo e cuidando de Antônio [marido] (E.4.1, grifo nosso).

Dentre as muitas finalidades possíveis para o uso de recursos simbólicos, a necessidade de recursos para lidar com o ócio decorrente do afastamento das atividades sociais e do convívio familiar e comunitário configuram-se como algumas das principais demandas para as pessoas idosas nesta pesquisa. E a interação com animais assume uma relevância importante, possivelmente diante da escassez no campo internacional pelas especificidades da crise para o grupo. Várias idosas relataram a interação com gatos, no ambiente doméstico, como elemento importante para o equilíbrio emocional no longo período de distanciamento social. Assim como Ivonete, outras idosas referiram o apoio das interações com animais:

Ivonete (77 anos): Ah eu criava muitos gatos, aí eu me distraía com os gatos em casa, cuidando dos gatos. Teve ocasião de eu estar com 15 gatos dentro de casa (E.26.6).

É importante destacar que a forma como as pessoas adquirem a capacidade de localizar e usar os recursos simbólicos de forma reflexiva é importante, tanto quanto usar criativamente os meios simbólicos para superar as restrições situacionais e simbólicas exercidas sobre as suas ações. O recurso simbólico torna-se reflexivo quando o efeito construtivo desse recurso é integrado à experiência do usuário (Zittoun *et al.*, 2003). Neste sentido, Mário percebe (de modo reflexivo) a importância do curso EAD para lidar com as mudanças durante a pandemia.

Mário (66 anos): Eu não fiquei numa situação pior porque, na época, eu estava fazendo um curso de agropecuária e as aulas eram onlines. Eu tinha uma certa dificuldade para movimentar o celular, o computador, entrar naquelas aulas EAD. Aí minha mulher, um pouco mais desenrolada na informática, aí ficou me ajudando, terminou fazendo o curso também. Aí foi até bom porque eu fiquei preenchendo meu tempo com o estudo, com as aulas

online. Não fiquei tão à mercê do isolamento total. Foi ótimo. Teve colega meu que desistiu do curso porque disseram que a aula online não era boa. Mas para mim deu certo porque pelo menos eu preenchi meu tempo. E eu até acho que aula online é muito boa mesmo se o aluno se esforçar (E.20.5).

Retomando a nossa hipótese inicial de que *as pessoas idosas vivenciaram a pandemia como uma ruptura significativa no curso de vida, resultando em perdas e dificuldades no enfrentamento às mudanças nas práticas cotidianas*, podemos concluir que ela foi confirmada parcialmente, visto que houve uma ruptura, que ensejou perdas significativas nos diversos níveis relacionais (do intraindividual ao macrossocial) e dificuldades no enfrentamento às mudanças, mas também identificamos processos de novas aprendizagens e desenvolvimento neste período de crise. A partir das práticas discursivas dos/as participantes alçamos como novas aprendizagens: aquisição de competências no domínio da tecnologia, importante recurso cognitivo para participação social, comunicação intergeracional, oportunizando a preservação dos contatos sociais e de educação à distância. Outra aprendizagem refere-se à aproximação com artefatos culturais, como livros, músicas e filmes, que são potencialmente importantes recursos simbólicos para lidar com situações de crise e rupturas em geral (Zittoun *et al.*, 2003).

A ação criativa possibilitada pelos recursos simbólicos remete a uma parte significativa da experiência humana que ocorre na esfera da imaginação, onde o indivíduo se lança para além do momento presente, como ao contemplar a vida antes e depois de uma catástrofe. Diante de uma interrupção abrupta da realidade estabelecida, a pessoa precisa se envolver ativamente em reflexões sobre como lidar com essas novas circunstâncias e extrair lições do passado (Zittoun; Valsiner, 2016). Nesse sentido: “o inimigo da razão e da regulação dos afetos em tempos de incerteza não é a imaginação e a fantasia, mas a ausência de recursos simbólicos favoráveis para permitir, conter e orientar a imaginação” (Zittoun, 2021, p. 47, tradução nossa).

Percebemos assim, uma ampliação dos elementos culturais passíveis de serem utilizados como recursos simbólicos em futuras rupturas, auxiliando as pessoas idosas na mediação das transições. Ressaltamos que tais aprendizagens, ou ganhos, de forma alguma justifica as perdas e o sofrimento vivenciados em uma pandemia; apenas evidenciamos as ambivalências e contradições que perpassam o desenvolvimento humano, entendendo que toda ruptura envolverá perdas e lutos (Zittoun, 2007b). E dentro dessa variedade de possíveis recursos simbólicos, destacamos os “ambientes intermediários” como importante recurso simbólico ao favorecerem relações afetivas, atuando como espaços de segurança, que possibilitam a criação ou uso de elementos culturais (Zittoun, 2021). A caracterização desses

ambientes intermediários nos remete ao modo como os/as participantes da pesquisa significam o Grupo Social do Sesc Ler de São Lourenço da Mata, objeto de análise no tópico a seguir.

5.2.3.3 O papel do Grupo Social de Idosos nas transições de desenvolvimento

A partir da crise socioinstitucional gerada pela pandemia, os autores Salvatore *et al.* (2021) defendem intervenções sistêmicas através da implementação de ambientes intermediários, que favorecem os vínculos interpessoais, a elaboração e vivência dos afetos em prol de objetivos coletivos, para além da esfera interpessoal. Esses ambientes, que incluem espaços como grupos comunitários, organizações não governamentais e redes sociais, podem servir como contrapontos à polarização e à fragmentação que muitas vezes caracterizam a esfera pública contemporânea, promovendo mudanças psicossociais (atitudes, opiniões, crenças, valores) favoráveis à minimização dos agravantes numa crise social. Nesses espaços, os aspectos sistêmicos da vida social estão entrelaçados com a subjetividade individual. Essa fusão permite que os indivíduos vivenciem o sistema social como significativo e concreto, aumentando seu engajamento com a esfera pública. Os ambientes intermediários são considerados como estruturas contingentes em vez de permanentes, permitindo flexibilidade e adaptação nas interações sociais, e ajudam às pessoas a internalizarem sua conexão com a esfera pública. Essa internalização é crucial para promover um sentimento de pertencimento dentro da comunidade (Salvatore *et. al.*, 2021; Zittoun, 2021).

Zittoun (2021) reitera também a relevância dos ambientes intermediários para lidar com a crise social, por configurarem-se como espaços seguros e propulsores de relações afetivas, mas enfatiza a função de criação ou uso de elementos culturais como recursos simbólicos, da orientação semiótica. A autora ressalta a limitação das respostas políticas diante da pandemia baseada apenas em informações técnicas (médicas e econômicas), deixando lacunas e faltas para atender à necessidade de produção de sentidos em contexto de crise coletiva. Tais limitações podem indicar a rápida disseminação dos discursos negacionistas durante a pandemia. Acrescenta que a imaginação e a fantasia não são inimigos da razão e da regulação dos afetos em contextos de incerteza e crise, mas sim a ausência ou déficit de recursos simbólicos favoráveis para permitir, conter e orientar a imaginação.

A partir da concepção dos autores Salvatore *et. al.* (2021) e Zittoun (2021) e dos relatos dos/as participantes é possível traçar vários paralelos entre as características dos ambientes intermediários e do Grupo Social de Idosos do Sesc, numa perspectiva sociocultural. Mas para isso é preciso compreender a relação das pessoas idosas com o Grupo Social do Sesc através

do modo como elas o definem. Pois entendemos que o meio social se configura como espaço de experiência para as pessoas e um recurso potencial para o desenvolvimento, pois delimitam determinados aspectos e posicionamentos sociais das pessoas de acordo com as interações estabelecidas nesse contexto (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2004). Arnaldo ressalta a natureza cultural e de inclusão social das atividades do Sesc, e Glória destaca as relações interpessoais privilegiadas nesta instituição, importantes características de um ambiente propício aos recursos simbólicos.

Pesquisadora: Por que você quis participar desse grupo?

Arnaldo (86 anos): Porque eu sempre gostei de ir, é uma coisa espetacular. Cultura é comigo mesmo, aqui a gente vê cultura (E.3.1).

Pesquisadora: O que mudou para você após o retorno das atividades do grupo?

Arnaldo (86 anos): Mudou alguma coisa para melhor, né? Foi um prazer, **pelo menos a gente tem com quem conversar, dialogar né, trocar ideia, melhor do que ficar isolado** (E.3.3, grifo nosso).

Pesquisadora: Por que você quis participar desse grupo?

Glória (70 anos): Estou há 12 anos no grupo, desde o início. Para meu bem-estar, porque me sinto muito bem, participar e da convivência, eu amo, eu amo aqui, a convivência com outras pessoas. A Assistente Social cuida muito bem de nós. O grupo começou com pessoas conhecidas, começou com cinco pessoas, aí trouxe meus vizinhos (E.12.1).

Arnaldo traz uma questão importante sobre a participação no Grupo Social como estratégia de otimização para o convívio social, evitando a tendência ao isolamento na velhice, apontada pelas pessoas idosas como uma das principais perdas geradas pelo contexto da pandemia. Considerando que a maioria do grupo da pesquisa está aposentada e não exerce atividades laborais (mesmo que informais), e que parte expressiva desse grupo reside sozinha, o Grupo Social do Sesc parece ser um espaço social propício para preservar a participação e inclusão social, apontadas como deficitárias no âmbito macrossocial. A ambivalência entre liberdade/autonomia *versus* isolamento/dependência, mais uma vez, percebe-se como elemento primordial na rede de significações das pessoas idosas, perpassando também as suas relações com o meio social do Grupo do Sesc. Tal ambivalência, como já exploramos nos estudos anteriores, foi destaque também nas transições diante da viuvez ou separação conjugal e como veremos mais adiante, também pode ser alçada nos processos de significação sobre a velhice.

As relações interpessoais, o convívio social priorizados na significação das pessoas idosas sobre o Grupo Social do Sesc, como ressaltou Glória e demais participantes, remete a um espaço de práticas sociais nas quais:

[...] as relações são construídas a partir das ‘inter-ações’, isto é, de ações partilhadas e interdependentes. Essas ações se estabelecem por meio de processos dialógicos, nos quais cada pessoa tem seu fluxo de comportamentos continuamente delimitado, recortado e interpretado pelo(s) outro(s) e por si próprio, através da coordenação de papéis ou posições, dentro de contextos específicos (Rossetti-Ferreira; Amorim; Silva, 2004, p. 24 -25).

A partir da compreensão sobre os recursos simbólicos nos processos de transições no curso do envelhecimento, podemos concluir que o Grupo Social de Idosos e, mais amplamente o Sesc, com sua diversidade de atividades culturais e espaço propício às vinculações afetivas, atua como importante campo de oferta de elementos simbólicos para as pessoas idosas em diversas situações de rupturas e crises, como a viuvez, separação conjugal, e a própria pandemia da COVID-19. A partir dos relatos das pessoas idosas, o Grupo Social do Sesc é significado como ambiente social e cultural que propicia apoio social, relações afetivas e de horizontalidade entre os pares, ampliando o campo interacional e as possibilidades de novos posicionamentos e processos de significação sobre si, sobre o outro e o mundo. O campo de sentidos e significados atribuídos pelos/as participantes sobre o Grupo Social só corrobora com a concepção de que a definição de um meio só pode ser realizada pela pessoa ou grupo específico que o frequentam, por terem determinadas competências, interesses e objetivos dentro de um dado momento sócio-histórico (Rossetti-Ferreira *et al.*, 2004). E dentre essas competências, interesses e objetivos, os homens idosos apresentam o trabalho como elemento semiótico relevante e específico de sua rede de significações e o Grupo Social como um importante recurso simbólico nas transições diante da aposentadoria, como destaca Pedro e Mário:

Pedro (73 anos): Veja só, **o idoso, ele fica com uma grande lacuna na vida dele quando ele deixa os afazeres dele, os trabalhos, os empregos, essas coisas, então ele tem que preencher com alguma coisa.** Então o Sesc é uma boa pedida porque ele tem as viagens, tem assim esses encontros junto com eles, porque um idoso junto com um outro, ele entende a linguagem um do outro. Se ele fosse conversar com uma pessoa nova, o cara nem entende ele, nem ele entende a pessoa. Entendeu? Você fica mais à vontade. O Sesc tem essa bondade de atrair a pessoa e colocar junto com o outro. Isso é muito bom! Tem o Sesc que ele é primordial, tem o CRAS da prefeitura, mas esse só fui duas vezes. Se o prefeito não gosta da pessoa, aquela não trabalha mais no centro, aqui não (Sesc) é mesmo que dizer particular.

Mário (66 anos): Eu quis participar para interagir melhor com um pessoal da minha idade, para me comunicar melhor, **ter as aulas que tem aqui, cursos, participar, ser participativo.** Tem as viagens também, muito bom (E. 20.1, grifo nosso).

Assim, o Grupo Social, enquanto um ambiente intermediário, possibilita a inclusão social a partir de suas atividades sociais, mesmo quando os contextos macrosociais não oferecem mais tantos espaços de reconhecimento e participação de modo inclusivo e produtivo para as pessoas idosas. E tal participação institucional se dá principalmente através dos vínculos afetivos, elemento inerente à sociabilidade humana, estruturantes das diferentes configurações familiares conforme o contexto sociocultural, e de modo mais amplo, também das relações extrafamiliares. Como explica a autora Ana Maria Carvalho (2005), os vínculos interpessoais e as redes sociais atuam como importantes mediadores psicológicos na vida social humana, pois favorecem a construção de identidade e os processos de significação do mundo, sendo essenciais para o compartilhamento da cultura. Neste sentido, Lisete expressa os afetos e a necessidade de vinculação presentes na significação de sua relação com o Grupo Social:

Pesquisadora: O que mudou para você após o retorno das atividades do grupo [após um ano e sete meses de suspensão pela pandemia]?

Lisete (79 anos): Minha cabeça! A primeira vez que eu vim [retorno] [choro de emoção], eu fiquei tão feliz, tão feliz. Graças a Deus! Cheguei em casa com outra cabeça. Deus me livre de deixar nunca mais esse grupo. [choro] O meu modo de agir é de companheirismo, fazer amizade, chega tanta gente novata agora, “oi querida, como é que vai? qual o seu nome?” A Milena fez umas bandeirinhas para gente colocar fotos no nome, para gente ir se conhecendo...Aí pronto, eu me sinto muito bem aqui. Depois da pandemia, na primeira reunião, ave Maria, eu fiquei radiante, parecia que era a primeira vez que eu tinha vindo. Foi muito bom, muito bom! Até hoje. Vou para Maceió sexta-feira. **É o companheirismo, a presença de todos, eu me sinto muito bem** (E. 14.7, grifo nosso).

Nessa perspectiva, os ambientes intermediários propiciam meios para elaboração das experiências afetivas e produção de sentidos através da oferta de recursos simbólicos e vinculações afetivas. Desse modo, ressaltamos a atuação do Grupo Social do Sesc pelo espaço facilitador de uma gama de recursos simbólicos que contribuiu para a construção de um pensamento pautado na racionalidade e reconhecimento da alteridade sobre a pandemia, assim como práticas sociais exitosas voltadas para medidas de prevenção ao contágio da COVID-19, resultando num baixo quantitativo de pessoas idosas infectadas pelo vírus e numa cobertura vacinal completa do grupo. Assim, confirmamos outra hipótese inicial desta pesquisa que se refere *à participação social das pessoas idosas, neste caso mediado pelo espaço institucional do Sesc, como um importante recurso simbólico nos processos de transições frente às situações de crise, como a pandemia, e que a interrupção dessas atividades desencadearia diferentes implicações psicológicas e sociais na velhice.*

Por fim, ainda na análise dos processos de significações nas transições, destacamos um último recurso simbólico, no plano dos pensamentos e representações sociais. Ao nos debruçarmos atentamente aos relatos sobre as opiniões do grupo sobre a velhice, o ser idoso(a) e perspectivas futuras, percebemos as ambivalências e contradições pertinentes ao campo representacional. Os sentidos e significados sobre a velhice na perspectiva das pessoas idosas desta pesquisa envolvem perdas – como declínios funcionais, adoecimentos, exclusão social, solidão; assim como ganhos – novas aprendizagens, convívio social e produtivo na comunidade, continuidade do desenvolvimento.

5.2.3.4 As significações sobre a pandemia e velhice: conexões e mediações nas transições

As representações sociais construídas por pensamento social e coletivo envolvem os processos de atribuição de sentidos diante de rupturas e crises, propiciando elementos simbólicos que podem ser utilizados como recursos nas transições. Considerando as especificidades conceituais e pragmáticas, as representações sociais se diferenciam pela sua dimensão simbólica que conecta o sujeito ao seu ambiente macrosocial através do pensamento social coletivo. Já os recursos simbólicos são de natureza mais pragmáticas e de uso na dimensão microsocial, pois a utilização de elementos se dá no seu campo de ação. Mas no escopo geral da teoria de transição, elementos do campo representacional podem atuar como um tipo de recurso simbólico, a partir da operacionalização de construção de sentidos diante de experiências de rupturas-transições (Zittoun *et al.*, 2003).

A partir da perspectiva adotada nesta pesquisa sobre a compreensão da constituição humana pelo seu caráter semiótico e natureza discursiva, destacamos “[...] a centralidade das interações nos processos de produção e transação dos significados e sentidos, na co-construção do ato, na ação de significar (significa-ação), na constituição e no desenvolvimento das pessoas (Rossetti-Ferreira *et al.*, 2004, p. 24)”. Nesse sentido, as mudanças decorrentes da ruptura da pandemia implicaram em ressignificações no campo das ações, mas também dos significados e sentidos, tanto em relação ao evento não normativo da pandemia, quanto ao próprio modo de vivenciar a velhice. Através das narrativas dos/as idosos/as, observamos os significados compartilhados pelo grupo sobre a ruptura da pandemia e sobre a velhice. Assim, realizamos uma análise interpretativa na qual os processos de significação vão articulando e conectando as diferentes rupturas com o campo de sentidos e significados sobre a velhice, evidenciando a complexidade inerente ao processo do desenvolvimento humano.

Um dos vários relatos das pessoas idosas que corroboram para tal interpretação é o de Pedro, que ao ser perguntado sobre as mudanças na saúde diante da pandemia, ressalta questões relacionadas à concepção sobre velhice.

Pesquisadora: E mudou algo na sua saúde física e emocional [durante a pandemia]?

Pedro: Olha, é o seguinte: muda, não tem bom não. Veja só, essa tristeza que você sente do seu convívio [na pandemia], mexe demais com você. Se você não é forte, de fazer uma coisa, fazer outra, é pior. **Eu digo a você, uma das coisas piores que tem, às vezes na vida do idoso, é a solidão. A solidão, ela mata.** Porque muitas vezes a pessoa tem assim, um juízo mais fraco... Eu não tenho juízo fraco não, eu tô pronto para lutar. Se chegar a hora de morrer, eu vou morrer, mas estou pronto para lutar. Lutando, com alegria de viver. Se você começa a se entregar, começa a chorar, começa com aquilo ali, você não se sustenta porque chega uma hora que você é uma chefe, é isso, é aquilo e tal, comanda sua casa, comanda seus filhos, comanda tudo e vai chegar um dia que você tá jogado ali, naquele canto ali, como se você [fosse] um móvel velho que tá com defeito, aí joga pra lá no quartinho, lá na despensa. Aí você começa a se sentir assim. Depois, sempre tem um que você nota que está querendo comandar você e tal, aí você “nunca foi necessário, nunca precisou”, entendeu?! (E.5.3, grifo nosso).

Pedro integra, na sua fala, sentidos relacionados à solidão pelas restrições no convívio social decorrente da pandemia com a solidão indesejada na velhice, ressaltando as mudanças de identidade e posicionamento social implicadas no seu processo de envelhecimento. A identidade como “chefe de família”, posição hierárquica superior na configuração familiar, vai sendo transformada diante das novas configurações e ressignificações capturadas na rede de significações que constitui a sua trajetória desenvolvimental. Ele chama a atenção também para a exclusão social que muitas pessoas idosas vivenciam diante da aposentadoria, mudança de posicionamento na configuração familiar, afastamento dos espaços sociais comunitários. Nesse contexto, Joaquim acrescenta os sentidos de dependência e abandono pela família.

Pesquisadora: Na sua opinião, como deveria ser a velhice?

Joaquim (79 anos): Que todos os idosos fossem bem cuidados, ele não cuidou dos filhos pequenos?! E agora quando ele voltou a ser criança, ele tem que ser bem cuidado. Agora, quem que vai cuidar dele?! Só o governo, ou o deputado vai fazer um abrigo para colocar os velhos dentro, porque os filhos não querem. Hoje em dia os filhos não obedecem nem pai, nem mãe (E.25.2).

O abandono é uma questão que perpassa as expectativas futuras, em idades mais avançadas, como destaca Eunice (65 anos): *“Eu tenho medo de quando ficar bem mais velha, eu não sei se meus filhos vão cuidar de mim”* (E.21.1). Neste sentido, as concepções das pessoas idosas sobre a velhice, permite-nos também explorar uma análise das múltiplas dimensões temporais, articulando o tempo presente relacionado às situações do aqui-agora e práticas discursivas interpessoais; o tempo vivido que diz respeito às experiências de vida no processo

de socialização; o tempo histórico, socialmente construído no imaginário cultural; e o tempo prospectivo, que envolve as expectativas individuais e coletivas. “Essas quatro dimensões temporais encontram-se dinamicamente inter-relacionadas, umas sustentando, contrapondo-se, confrontando-se e transformando as outras” (Rossetti-Ferreira *et al.*, 2004, p. 28). As concepções sobre a velhice articuladas às transformações sociais diante da pandemia parecem integrar essas múltiplas dimensões temporais, assim como as ações nos diferentes níveis relacionais, como exemplifica o último excerto da entrevista de Pedro (E.5.3).

Em contrapartida, com as entrevistas, destacamos a liberdade e autonomia como elementos semânticos primordiais no campo de sentidos e significados atribuídos à velhice por este grupo, como apontam os excertos a seguir:

Pesquisadora: Para você, o que é ser idosa?

Sandra (71 anos): Uma idosa é a pessoa ser feliz, não ter problema de doença. Doença todo mundo tem, né?! Mas não é acamada... **Eu saio, resolvo meus problemas, faço feira, agora eu faço tudo.** Os meus filhos não interferem em nada (E.2.6, grifo nosso).

Leonor (71 anos): Para mim, ser idosa é aquela idosa que não pode fazer nada, tudo depende do povo, tudo depende dos outros. Muitas vezes tem aquele idoso chato, o idoso que não quer sair, nem deixa o outro sair. Isso é uma velhice chata. **Eu quero para mim uma velhice esperta, andando, trabalhando...** (E.13.3, grifo nosso).

Pesquisadora: Na sua opinião, como deveria ser a velhice?

Noêmia (67 anos): A velhice deveria ser igual eu tô hoje. Quando chegasse láaaa na velhice, bem mais velha, assim 80 anos, 90 anos, **queria igual hoje, passear, conversar com os amigos, sair para dançar.** Eu acredito que eu mais velha, láaaa no final mesmo, eu estou assim. **Não quero me entregar.** “Porque é velho, tem que ficar em casa”, isso para mim não rola. **Eu acho que tem que passear, tem que conversar, tem que ter amigos** (E.7.5, grifo nosso).

José (77 anos): Eu acho que as outras pessoas se não tiverem a minha sorte, eu acho que pede para Deus tirar ele. Porque já pensou a pessoa em cima de uma cama, ou com as muletas?! Do jeito que eu gosto de brincar, gosto de dançar, chegar a um ponto de não poder fazer isso?! É melhor Deus tirar, né?! Mas não é na vontade da pessoa, é na vontade de Deus (E.24.1).

Pesquisadora: Para você, o que é ser idosa?

Célia: Uma idosa? Uma pessoa que talvez por ser tão observada, me deixa chateada. E o que é ser uma idosa? O que é ser observada? - “Não faça isso, não faça aquilo”. **Eu quero fazer o que eu quero** (E.29.2, grifo nosso).

Nelson: [...] Na minha concepção, você não vai ficar numa cadeira de balanço, achando que vai esperar, como diz aquela música: “esperando a morte chegar”. Não, eu acredito que não é por aí, **a prosperidade, trabalhar, estudar, ler, na minha concepção é isso aí** (E.30.2, grifo nosso).

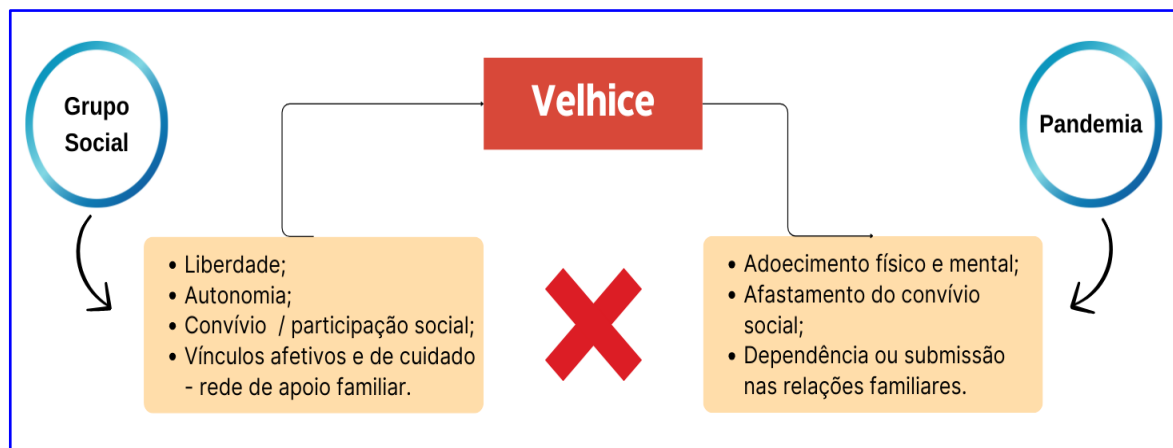
Apresentamos os vários excertos acima para enfatizar a predominância dos sentidos de liberdade e autonomia na concepção sobre a velhice, que contempla uma participação ativa

e de intensa atividade social, independência para as atividades cotidianas e centrada nas possibilidades de novas aprendizagens. Assim, podemos compreender que o pensamento das pessoas idosas sobre a velhice se organiza a partir de ambivalências, contradições, dos significados pessoais e os compartilhados socialmente em grupos e contextos específicos. Neste sentido, a rede é constituída pelo conjunto de significados que canalizam ações, emoções e concepções, constituindo práticas sociais que direcionam a trajetória para possibilidades e limites ao desenvolvimento das pessoas (Rossetti-Ferreira *et al.*, 2004, p. 28).

Retomando os resultados explorados nos capítulos anteriores, as questões de gênero atuam como importantes circunscritores no desenvolvimento das mulheres idosas, implicando em direcionamentos para situações de perda expressiva da sua autonomia, liberdade, com restrições concretas nas condições sociais, econômicas e culturais, resultando em baixa escolaridade e renda financeira, exclusão do mercado de trabalho e restrições nos espaços sociais comunitários. Já em relação às significações sobre a pandemia, percebemos que houve perdas e ganhos, pois existiram limitações no convívio social e saúde física e mental, mas também possibilidades de aprendizagens e aquisição de novas competências e habilidades no enfrentamento de uma crise. Nessa direção, as concepções sobre a velhice também são constituídas por essas ambivalências, pois ao mesmo tempo que prioriza a liberdade e autonomia com ênfase no engajamento em atividades físicas, sociais e culturais, também contemplam limites desenvolvimentais relacionados à maior propensão ao isolamento social e dependência de familiares.

É essa inter-relação entre os diversos elementos que constituem a malha semiótica da rede de significação que nos apresentam as narrativas das pessoas idosas nos processos de transições. Nesta reconfiguração da rede de significados da qual participam os/as idosos/as, consideramos que o processo de significação sobre a ruptura da pandemia – centrada nos afetos negativos, nas restrições no convívio social e dependência de familiares – parece ter contribuído para intensificar elementos semióticos semelhantes que constituem as ambivalências e contradições nas representações sociais sobre a velhice. Por outro lado, as concepções sobre o Grupo Social de Idosos relacionadas à autonomia, liberdade, vínculos afetivos e sociais parecem compartilhadas com significações relacionadas aos ganhos na velhice, conforme ilustramos na figura a seguir:

Figura 14: Ambivalências nos processos de significação sobre a velhice



Fonte: A autora (2024).

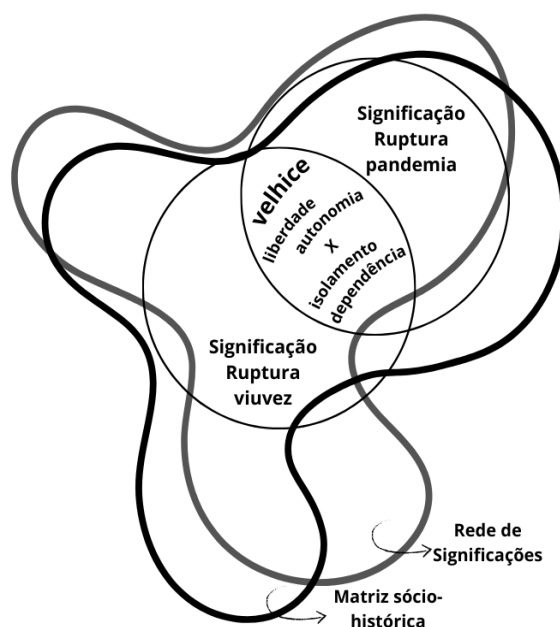
O campo de sentidos e significados sobre a velhice, com ênfase na liberdade e autonomia, circunscreve o curso de vida das pessoas idosas, direcionando-as para espaços sociais e atividades voltadas para o cuidado com a saúde mental e física, interações sociais, vínculos afetivos, práticas educacionais, lazer, ou seja, favorecendo novas aprendizagens durante o envelhecimento. Mas como explicado anteriormente, estamos analisando uma ambivalência, na qual todas as vivências relatadas acima coexistem com experiências de perdas, adoecimento, restrições no convívio social, dependência nas relações com familiares intensificadas pela significação da ruptura da pandemia da COVID-19. Como explicam Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000):

No processo interativo, portanto, o conjunto das ações possíveis de serem realizadas e o fluxo dos comportamentos são delimitados, estruturados, recortados e interpretados pela ação do outro e, também, por um conjunto de elementos orgânicos, físicos, interacionais, sociais, econômicos e ideológicos. Todos eles interagem dinâmica e dialeticamente, compondo uma rede, a qual contempla condições macro e micro individuais e estrutura um universo semiótico, constituindo o que vimos denominando de *Rede de Significações*. Esta possibilita não só os processos de construção de sentido em uma dada situação interativa, como os processos de desenvolvimento (p. 282).

A pandemia pode ser considerada uma ruptura de dimensão macrosocial que gerou tensões identitárias e ambivalências no campo semiótico do grupo envolvido na pesquisa. Como explicam Zittoun, Aveling, Gillespie e Cornish (2012), grandes rupturas sociais, tais como guerras, rápidas mudanças políticas e econômicas, situações desconhecidas podem evocar e sobrepor diferentes conjuntos semióticos que podem resultar na desconstrução ou transformações dos modelos pré-existentes. Assim, podemos concluir que o modo de ser e vivenciar a velhice parece ressignificado pelas mudanças no campo interacional diante das

rupturas da pandemia, cujas mudanças propiciaram certo isolamento social e dependência conforme relatos dos/as idosos/as desta pesquisa. Enquanto a ruptura da viuvez/separação conjugal favoreceu o exercício da liberdade, autonomia e convívio social, elementos considerados centrais na rede de significações das pessoas idosas desta pesquisa. Tal análise ressalta o quanto as rupturas e transições no curso do envelhecimento estão interligadas à dinâmica das interações sociais nos vários níveis relacionais (da ordem do individual ao macrosocial), das práticas sociais e das representações sociais compartilhadas no grupo social. Exemplificamos na figura a seguir, a interdependência entre os processos de significação da velhice e as rupturas analisadas nesta pesquisa.

Figura 15 - Sistema de interdependência entre as rupturas



Fonte: A Autora (2024).

Como ilustrado na figura acima, os processos de significação sobre a ruptura da viuvez/separação conjugal e da pandemia da COVID-19, assim como o campo de sentidos e significados sobre a velhice compartilham a ambivalência da liberdade/autonomia *versus* isolamento/dependência, denotando a inter-relação entre as rupturas-transições no curso de vida, que transcorrem a partir da malha semiótica da rede de significações que mesmo sendo (re)configurada pelas diferentes temporalidades, interações, ações, relações e contextos específicos, preservam elementos significativos na construção de cada pessoa e de seus grupos sociais.

Por fim, destacamos a importância do sentido e propósito de vida, importantes conceitos para a compreensão do envelhecimento. Embora relacionados, o sentido de vida é mais abrangente, envolvendo uma busca por significado e coerência na existência, enquanto o

propósito se refere à orientação para objetivos específicos. A literatura demonstra que, enquanto o propósito pode variar ao longo da vida, o sentido de vida tende a ser mais estável (Alonso; Defanti; Neri; Cachioni, 2023). Ao analisarmos as transições no curso de vida de pessoas idosas, observamos que elas são capazes de reconstruir seus propósitos ao longo do tempo, adaptando-os às novas realidades do envelhecimento, sem comprometer seu sentido de vida mais profundo. O direcionamento das ações e posicionamentos denotam coerência com a concepção de velhice, caracterizada pelo reconhecimento das mudanças fisiológicas e fragilidades relacionadas às doenças crônicas, mas também pela priorização da autonomia, liberdade e oportunidades para aprendizagens e desenvolvimento, corroborando com a perspectiva *lifespan* sobre o envelhecimento.

Diante desse conhecimento produzido nesta pesquisa, sobre como as pessoas idosas enfrentam as crises no envelhecimento, destacamos a relevância da preservação de atividades significativas para elas e para a sociedade, conferindo sentido para suas vidas e orientações para o futuro. Para tal faz-se imprescindível que as condições sociais, políticas, econômicas e culturais propiciem oportunidades de inclusão das pessoas idosas nos espaços sociais, para que possam participar ativamente das transformações sociais (Zittoun; Baucal, 2021). Nesse sentido, esperamos que as análises aqui propostas sobre o desenvolvimento das pessoas idosas em seus contextos específicos, possam contribuir para a compreensão sobre essas condições que favorecem a manutenção do propósito e do sentido de vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rupturas e transições fazem parte do processo de desenvolvimento ao longo de toda vida. A complexidade das transições envolve desde mudanças na vida cotidiana, de natureza microsocial e intergrupar, contemplando mudanças nas ideias, crenças e pensamentos, no campo das representações sociais, até transformações macrosociais, que afetam dinâmicas sociais.

Partimos da perspectiva de que fazemos parte de uma rede de significações que nos constitui e ao mesmo tempo a constituímos ao longo do desenvolvimento, incluindo o período do envelhecimento. Partimos também do pressuposto de que rupturas e transições afetam o desenrolar desse percurso e defendemos a tese de que o evento da pandemia da COVID-19 e eventos de viuvez/separação conjugal, propiciadores de perdas significativas em face de restrições no campo interacional e de mobilização de intensa carga afetiva constituíram rupturas no percurso do processo de desenvolvimento de pessoas idosas; entretanto, defendemos que

houve ganhos associados a novas aprendizagens e ressignificações no campo das ações, relações e pensamentos individuais e coletivos.

Ao final do trabalho pudemos concluir que a pandemia da COVID-19 representou um evento social de proporções negativas com características causadoras de interrupção do curso de desenvolvimento de pessoas idosas. Esse período de vida foi marcado por maior proximidade com a finitude da vida e medo de contrair a infecção sem ter recursos disponíveis para combater a morte ou efeitos causadores de comorbidades.

Por outro lado, a centralidade das questões de gênero no desenvolvimento das mulheres, moldando suas trajetórias desde a infância até a velhice também foi concebida como propiciadora de rupturas e transições. As narrativas das participantes sobre a ruptura diante da viuvez/separação conjugal revelam que, para muitas mulheres, a velhice representa um período de maior autonomia e liberdade, contrastando com as décadas anteriores marcadas por restrições e subordinação. Essas mulheres denunciam como a sociedade patriarcal e capitalista constrói e limita as subjetividades femininas, especialmente para mulheres negras, pobres e periféricas. A valorização de papéis tradicionais e a desigualdade de oportunidades dificultam o desenvolvimento pleno das mulheres, restringindo suas escolhas e limitando suas oportunidades de aprendizagens. Embora as mulheres sejam as mais afetadas, os homens também sofrem com as normas de masculinidade, com a valorização excessiva do trabalho e da virilidade sexual, dificultando o envelhecimento saudável, especialmente as mudanças fisiológicas relacionadas à idade e à aposentadoria.

As rupturas e transições vivenciadas na velhice, especificamente relacionadas à viuvez /separação conjugal e a pandemia da COVID-19 apresentam conexões semióticas com a representação social da velhice. Propomos, então, na nossa análise, que a ambivalência liberdade/autonomia *versus* isolamento/dependência assume um lugar privilegiado no campo de sentidos e significados sobre a velhice e que perpassa também as rupturas-transições para o grupo social da pesquisa. A pandemia significada como uma ruptura ameaçadora e cujas mudanças vão ao encontro do isolamento e dependência temidos na velhice. Enquanto o Grupo Social do Sesc, representando o engajamento social, parece atuar como espaço favorável às interações e vínculos sociais na comunidade, fortalecendo os significados de liberdade e autonomia valorizados no processo de envelhecimento dos/as participantes desta pesquisa.

A partir dos resultados da pesquisa, enfatizamos a importância tanto da variedade e acessibilidade aos elementos culturais nos diferentes contextos socioculturais quanto da identificação e intervenção nas condições que restringem o acesso aos recursos culturais e, conseqüentemente, limitam o desenvolvimento humano. As limitações no uso de recursos

simbólicos podem ser relacionadas a restrições no acesso, ao conteúdo e à capacidade de utilizá-los, ou ainda a restrições nas ações ou nas possibilidades de reorientações das ações. Nesse sentido, as representações sociais podem tanto limitar o acesso a determinados recursos simbólicos pela sua orientação de condutas e formação de identidades, quanto podem validar determinados recursos simbólicos a partir das crenças compartilhadas. Os idosos e idosas participantes desta pesquisa possibilitaram essa compreensão sobre o papel mediador dos recursos simbólicos nas transições vivenciadas no envelhecimento, com destaque para os artefatos culturais, como música, filmes/novelas, Grupo de Idosos do Sesc e as representações sociais sobre a velhice.

Consideramos que esta pesquisa contribui de forma significativa ao produzir um estudo do envelhecimento integrando os modos de funcionamento dos indivíduos e da sociedade. Um estudo que aprofunda a compreensão das condições psicossociais das pessoas idosas, especialmente no contexto da pandemia, analisando os recursos que elas utilizam para lidar com situações de crise, sempre considerando a realidade social e cultural em que estão inseridas. Assim, essa pesquisa tem o potencial de contribuir para as áreas de estudo e intervenção voltadas para a população idosa e para o enfrentamento de crises no curso de vida.

Outra importante contribuição da presente investigação é o diálogo efetivado entre algumas abordagens teóricas, mesmo de campos temáticos diferentes. No campo da Psicologia do Desenvolvimento, partimos do conceito de *lifespan*, que orienta o exame de um percurso multidimensional e multidirecional, afetado por eventos biopsicossociais, normativos e não normativos, que integram previsibilidades e imprevisibilidades na ontogênese humana; focamos as rupturas e transições que são aprofundadas na teoria que vem sendo elaborada por Zittoun e colaboradores e realçamos os recursos simbólicos utilizados pelas pessoas em seus enfrentamentos de crise; aprofundamos a discussão com o apoio da perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações, que permitiu uma reflexão sobre um fenômeno do aqui e agora, a pandemia da COVID-19, situado em uma matriz sócio-histórica que circunscreve as condições presentes, passadas e prospectivas do envelhecimento daquelas pessoas, permitindo alçar os significados e sentidos que repercutiram em seu cotidiano, construído em intersecção com suas condições político-econômicas, características de gênero, etnia, territorialidade entre outras. No campo da Psicologia Social utilizamos o conceito de ancoragem da teoria das Representações Sociais, na busca de esmiuçar o processo de compreender um objeto social novo, o vírus SARS-CoV-2, e suas repercussões sociais – um esforço pessoal de compreensão – ao mesmo tempo

regulado por uma compreensão coletiva que vai se desdobrando em uma lógica de constituição simultânea (Carvalho *et al.*, 2020), ou seja, os indivíduos constroem a representação coletiva, ao mesmo tempo que o coletivo constrói a compreensão do indivíduo. A dimensão societal emerge das interações sociais, situadas em rede que se transforma e se atualiza a cada novo encontro. Assim, nosso diálogo aproximou perspectivas teóricas diferentes, mas construídas em uma só base epistemológica – o ser humano é biologicamente social –, ou seja, sua constituição só se faz possível em um ambiente cultural do qual ele é protagonista, pois ele próprio é autor e construtor dessa cultura.

Este estudo despertou o interesse por futuras pesquisas que incluam diferentes grupos de pessoas idosas e contextos socioculturais, como por exemplo pessoas que não participem de grupos de convivência e atividades sociais coletivas; analise as especificidades entre os diferentes momentos da velhice (como a terceira e quarta idade) e estudos longitudinais, que permitam um entendimento aprofundado dos processos de desenvolvimento com foco na abordagem interseccional do envelhecimento. Durante a construção do material empírico, identificamos diversas demandas não contempladas nesta pesquisa, diante do recorte metodológico, as quais, emergindo das narrativas dos próprios participantes, representam um rico campo para futuras investigações. Apresentamos essas demandas em um quadro (ver APÊNDICE E) com o objetivo de registrá-las, nomeá-las e visibilizá-las, chamando a atenção da academia para importantes problemáticas que atravessam o envelhecimento nos dias atuais.

Embora a pesquisa apresente contribuições significativas, é importante destacar algumas limitações, como o número reduzido de homens idosos no grupo de participantes (61 mulheres e 12 homens) restringindo a possibilidade de análises comparativas mais robustas entre os gêneros; e a natureza subjetiva da definição de eventos como rupturas, circunscrevendo o objeto de estudo às significações construídas pelo grupo social envolvido na pesquisa.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. **L’approche structurale des representations sociales**: développements récents. Tradução de Maria de Fatima de Souza Santos, para uso de pesquisa. *In*: Conferência Internacional Sobre Representações Sociais, 5 ed. México, 1998.

AGUIAR, A. DE .; CAMARGO, B. V.; BOUSFIELD, A. B. DA S.. Envelhecimento e Prática de Rejuvenescimento: Estudo de Representações Sociais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 3, p. 494–506, jul. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-37030004492017> Acesso em: 13 fev 2023.

AGUIAR, W. M. J.; SOARES, J. R.; MACHADO, V. C. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45, n. 155, p. 56-75, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053142818>>. Acesso em: 7 nov. 2021.

ALMEIDA, A. M. O. A pesquisa em representações sociais: Proposições Teórico-metodológicas. *In*: SANTOS, M. F. S.; ALMEIDA, L. (Org.) **Diálogos com a teoria da representação social**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005.

ALMEIDA, A. M. O. Abordagem societal das representações sociais. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 713-737, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69922009000300005>>. Acesso em: 27 dez. 2021.

ALMEIDA, A. M. de O.; SANTOS, M. de F. de S.; TRINDADE, Z. A.. Representações e práticas sociais: contribuições teóricas e dificuldades metodológicas. **Temas psicol.** [online]. 2000, vol.8, n.3, pp.257-267. ISSN 1413-389X. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X2000000300005&script=sci_abstract Acesso em: 20 jul 2023.

ALONSO, V.; *et al.* Meaning and Purpose in Life in Aging: A Scoping Review. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S. l.], v. 39., p. e39306, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102.3772e39306.en>>. Acesso em: 25 jul. 2024.

APOSTOLIDIS, T.; SANTOS, M.; KALAMPALIKIS, N. Society against Covid-19: challenges for the socio-genetic point of view of social representations. **Sociétés & Représentations**, [S. l.], v. 29, n. 3, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/345775898_Society_against_Covid-19_challenges_for_the_socio-genetic_point_of_view_of_social_representations Acesso em: 10 jan. 2024

ARAÚJO, L. F. DE .; COUTINHO, M. DA P. DE L.; CARVALHO, V. Â. M. DE L. E .. Representações sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de convivência. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 25, n. 1, p. 118–131, mar. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000100010> Acesso em: 20 dez 2021.

ARMITAGE, R.; NELLUMS, L. B. COVID-19 and the consequences of isolating the elderly. **Lancet Public Health**, [S. l.], v. 5, n. 5, p. e-256, 2020. Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/S2468-2667\(20\)30061-X](https://doi.org/10.1016/S2468-2667(20)30061-X)>. Acesso em: 10 dez. 2020.

ARRUDA, A. Representações sociais: dinâmicas e redes. In: ALMEIDA, A.; SANTOS, M. de F.; TRINDADE, Z. (Orgs.). **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. Brasília: Technopolitik, 2014, p. 442- 491.

AWAD, S.; ZITTOUN, T. Psychology of Change. **Qualitative Studies**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 1–35, 2024. DOI: 10.7146/qs.v9i2.145036. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/qual/article/view/145036>. Acesso em: 4 sep. 2024.

BALTES, P. B.; BALTES, M. M.. Psychological perspectives on sucessful aging: The model of selective optimization with compensation. In: BALTES, P. B.; BALTES, M. M. (Eds.), **Sucessful aging: Perspectives from the Behavioral Sciences** (pp. 1-34). New York: Cambridge University Press, 1990.

BALTES, P.; SMITH, J. Novas fronteiras para o futuro do envelhecimento: da velhice bem sucedida do idoso jovem aos dilemas da Quarta Idade. **A Terceira Idade**, [S. l.], v. 17, p. 7-31, jun. 2006. Disponível em: <<https://www.scrip.org/reference/referencespapers?referenceid=1867780>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

BARROS, M. I. C. da S.; COUTINHO, M. da P. de L.; COUTINHO, M. de L. Exploring Elderly Individuals' Social Representations in the Face of the COVID-19 Pandemic: A Psychosocial Approach. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 12, n. 9, p. e-9712943263, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.33448/rsd-v12i9.43263>>. Acesso em: 16 jul. 2024.

BATISTA, S. R. *et al.* Comportamentos de proteção contra COVID-19 entre adultos e idosos brasileiros que vivem com multimorbidade: iniciativa ELSI-COVID-19. **Cadernos De Saúde Pública**, [S. l.], v. 36, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00196120>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

BICUDO, M. A. V. A lógica da pesquisa qualitativa e os modos de. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo, v. 9, n. 22, p. 540-552, 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020**. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Diário Oficial da União, Brasília, 07 fev. 2020. Disponível em: <http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2013.979-2020?OpenDocument>. Acesso em: 01 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Plano Nacional de Operacionalização da vacinação contra a COVID-19**. 9ª edição. Brasília/DF, 2021a. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/publicacoes-tecnicas/guias-e-planos/plano-nacional-de-vacinacao-COVID-19/view>. Acesso em: 01 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel coronavírus COVID-19**. 2021b. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 12 mai. 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **COVID-19 no Brasil**. 2024. Disponível em: <https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html>. Acesso em: 01 jul. 2024.

BRITO, A. M. M.; *et al.* Representações sociais do cuidado e da velhice no Brasil e Itália. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 34, 1-11, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3455> Acesso em: 15 jul 2024.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** / Judith P. Butler; tradução Renato Aguiar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO DA MATA. Disponível em: <<https://www.saolourencodamata.pe.leg.br/saolourencodamata>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.9788/TP2013.2-16>>. Acesso em: 21 set. 2022.

CAMPOS, P. H. F.; ROUQUETTE, M. L. Abordagem estrutural e componente afetivo das representações sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 435-445, 2003.

Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000300003>>. Acesso em: 21 set. 2022.

CARDOSO FERREIRA, A., FERNANDES DE ARAÚJO, L.; BARROS NETO, R. S. Representações sociais da COVID-19 entre as mulheres brasileiras mais velhas: uma abordagem estrutural. **LIBERABIT. Revista Peruana De Psicología**, 28(2), e617. 2022. <https://doi.org/https://doi.org/10.24265/liberabit.2022.v28n2.617>

CARVALHO, A. M. A. O estudo do desenvolvimento. **Psicologia**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 1-13, 1987.

_____. Algumas reflexões sobre o uso da categoria “interação social”. In: **Reunião Anual da SPRP**. Ribeirão Preto. **Anais...**, 1988, p. 511-515.

_____. Em busca da natureza do vínculo: uma reflexão psicoetológica sobre grupos familiares e redes sociais. In: PETRINI, J. C.; CAVALCANTI, V. R. (Org.). **Família, sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 183-194.

CARVALHO, A. M. A.; IMPÉRIO-HAMBURGER, A.; PEDROSA, M. I. Interaction, regulation and correlation in the context of human development: Conceptual discussion and empirical examples. In: LYRA, M. C. D. P.; VALSINER, J. (Ed.). **Construction of psychological processes in interpersonal communication**. Stamford, Connecticut: Ablex Publishing Corp, p. 155-180, 1998.

CARVALHO, A. M. A.; PEDROSA, M. I.; IMPÉRIO-HAMBURGER, A. (*in memoriam*). Revendo conceitos e princípios para a análise da dinâmica interacional de crianças. In:

CARVALHO, A. M. A.; PEDROSA, M. I. (Org.). **Física e psicologia: um ensaio de interdisciplinaridade**. São Paulo, SP: Edicon, 2020, p. 43-70.

CASTILHO, M.; *et al.* Negacionismo e o papel dos fatores políticos para a mortalidade por COVID-19 no Brasil. **Nova Economia**, [S. l.], v. 33, n. 1, p. 65–93, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-6351/7528>>. Acesso em: 03 jul. 2024.

COLLINS, P. H.; BILGE, S.. O que é interseccionalidade? In: **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

COSTA, T. B.; NERI, A. L. Fatores associados às atividades física e social em amostra de idosos brasileiros: dados do Estudo FIBRA. **Revista Brasileira de Epidemiologia** [online], v. 22, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-549720190022>>. Acesso em: 04 nov. 2022.

CRUZ, R. C. DA .; FERREIRA, M. DE A.. Um certo jeito de ser velho: representações sociais da velhice por familiares de idosos. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 20, n. 1, p. 144–151, jan. 2011.

DEBERT, G. Feminismo e Velhice. In: Sinais Sociais. Sesc – Departamento Nacional. Rio de Janeiro, 2013.

DEL PRIORE, Mary. Sobreviventes e guerreiras: uma breve história das mulheres no Brasil: 1500-2000. São Paulo: Planeta, 2020. E-book.

DIAZ-QUIJANO, F. A.; RODRIGUEZ-MORALES, A. J.; WALDMAN, E. A. Translating transmissibility measures into recommendations for coronavirus prevention. **Rev. Saúde Pública**, [S. l.], v. 54, n. 43, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054002471>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

DIEHL, M.; SMYER, M. A.; MEHROTRA, C. M. Optimizing aging: A call for a new narrative. **American Psychologist**, [S. l.], v. 75, n. 4, p. 577–589, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1037/amp0000598>>. Acesso em: 21 ago. 2021.

DO BÚ, E. A.; *et al.* Representações e ancoragens sociais do novo coronavírus e do tratamento da COVID-19 por brasileiros. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, p. 1-13, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200073>>. Acesso em: 21 ago. 2021.

DOISE, W. Da psicologia social à psicologia societal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 27-25, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000100004>>. Acesso em: 27 dez. 2021.

DOISE, W.; VALENTIM, J. P. Levels of Analysis in Social Psychology. In: SMLSER, N. J.; BALTES, P. B. (Ed.). **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 899-903, 2015.

DUTRA, B. S. G.; CARVALHO, C. R. A. Violência simbólica: Estigma e infantilização e suas implicações na participação social das pessoas idosas. **Revista Kairós-Gerontologia**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 79-91, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.23925/2176-901X.2020v23i4p301-313>>. Acesso em: 16 jul. 2024.

ESTEVES, J. T.; BITU, T. T. de A.; GURGEL, V. G. D. A cultura do cuidado como excludente da relação de trabalho. In: Dossiê “O desafio do trabalho feminino e sua relação com o Direito: entre o trabalho de cuidado, emocional e de (re)produção”. **Revista da Faculdade Mineira de Direito**, [S. l.], v. 24, n. 47, 2021.

FAÍSCA, L.; *et al.* Loneliness and depressive symptomatology in elderly people. **Análise Psicológica**, [S. l.], v. 37, p. 209-222, 2019. Disponível em: <[doi:10.14417/ap.1549](https://doi.org/10.14417/ap.1549)>. Acesso em: 21 ago. 2021.

FEDERICI, S. O patriarcado do salário –notas sobre Marx, gênero e feminismo. São Paulo: Boitempo, 2021.

FERREIRA, H. G. Gender Differences in Mental Health and Beliefs about COVID-19 among Elderly Internet Users. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 31, p. 1-8, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-4327e31110>>. Acesso em: 21 ago. 2021.

FIGUEIREDO, M. da C.; CORRÊA FILHO, J. M. Feelings aroused during the COVID-19 pandemic in the elderly accompanied by the Family Health Strategy. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 13, p. e123111335235, 2022. Disponível em: <[doi:10.33448/rsd-v11i13.35235](https://doi.org/10.33448/rsd-v11i13.35235)>. Acesso em: 16 jul. 2024.

FOLLE, A. D.; SHIMIZU, H. E.; NAVES, J. O. S. Social representation of Alzheimer's disease for family caregivers: stressful and rewarding. **Rev Esc Enferm USP**, [S. l.], v. 50, n. 1, p. 79-85, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0080-623420160000100011>>. Acesso em: 21 ago. 2021.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Estudo analisa registro de óbitos por Covid-19 em 2020**. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-analisa-registro-de-obitos-por-covid-19-em-2020> Acesso em: 13 fev 2023.

GILLESPIE, A.; ZITTOUN, T. Using Resources: Conceptualizing the Mediation and Reflective Use of Tools and Signs. **Culture & Psychology**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 37-62, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1354067X09344888>>. Acesso em: 21 ago. 2021.

GÓES, M. C. R. de. **A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade**. Cadernos CEDES, Campinas, v. 20, n. 50, 2000, p. 9-25. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-32622000000100002>>. Acesso em: 21 ago. 2021.

GOMES, G. C. et al.. Fatores associados à autonomia pessoal em idosos: revisão sistemática da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 3, p. 1035–1046, mar. 2021.

GONÇALVES, L. T. H.; *et al.* Convívio e cuidado familiar na quarta idade: qualidade de vida de idosos e seus cuidadores. **Revista Brasileira De Geriatria E Gerontologia**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 315-325, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1809-98232013000200011>>. Acesso em: 21 ago. 2021.

GONZÁLEZ REY, F. L. Sobre a rede de significações, o sentido e a pessoa: uma Reflexão para o Debate. In: ROSSETI-FERREIRA, M. C.; et al. (Org.). **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

GUAN, W-J.; *et al.* Clinical characteristics of coronavirus disease 2019 in China. **The New England Journal of Medicine**, 2020. Disponível em: <<https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/nejmoa2002032>>. Acesso em: 16 out. 2020.

HOOKS, B. Negra e mulher: reflexões sobre a pós-graduação. In: HOOKS, B. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

_____. Ensino 17: negra, mulher e acadêmica. In: HOOKS, B. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020.

_____. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Trad.: Bhuvi Libanio. 19 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. Interagir. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, p. 1.632, 2001.

HUANG, X.; *et al.* Epidemiology and Clinical Characteristics of COVID-19. **Archives of Iranian medicine**, [S. l.], v. 23, n. 4, p. 268–271, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.34172/aim.2020.09>>. Acesso em: 18 out. 2020.

IMPÉRIO-HAMBURGER, A. Na Física e na Psicologia: recuperando a Ciência da Mecânica não mecanicista? **Publicações IFUSP**, São Paulo- SP: Instituto de Física da USP, p. 849, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Projeções da população: Brasil e unidades da federação: revisão 2018 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. – 2. ed. - Rio de Janeiro : IBGE, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101597.pdf> Acesso em: 20 mai 2021.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: outras formas de trabalho. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102020_informativo.pdf. Acesso em: 10 jan. 2024.

_____. **Panorama 2023**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/recife/panorama>. Acesso em: 25 abr. 2023.

ISER, B. P. M.; *et al.* Definição de caso suspeito da COVID-19: uma revisão narrativa dos sinais e sintomas mais frequentes entre os casos confirmados. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 29, n. 3, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000300018>. Acesso em: 23 mai. 2021.

JODELET, D. **Loucuras e Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

KAWAKAMI, R.; *et al.* Experiências de solidão entre os idosos que moram sós. **Saúde Coletiva**. Barueri, v. 10, n. 57, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2020v10i57p3729-3738>. Acesso em: 23 mai. 2021.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Projeto e Relatório de Pesquisa. *In*: LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LERNER, G. **A criação do patriarcado: história de opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

LUCENA, J. M. F.; PEDROSA, M. I. Sociabilidade humana e a brincadeira de crianças: reflexões teóricas e exemplos empíricos. *In*: CARVALHO, A. M. A.; PEDROSA, M. I. (org.). **Física e psicologia: um ensaio de interdisciplinaridade**. São Paulo: Edicon, p. 139-174, 2020.

METZLER, H.; *et al.* Collective emotions during the COVID-19 outbreak. **Emotion**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 844–858, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/emo0001111>. Acesso em: 01 jul. 2024.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, M. C. S (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 25 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MIRANDA, G. M. D.; MENDES, A. DA C. G.; SILVA, A. L. A. DA .. Population aging in Brazil: current and future social challenges and consequences. **Revista Brasileira de**

Geriatria e Gerontologia, v. 19, n. 3, p. 507–519, maio 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-98232016019.150140>. Acesso em: 10 jan 2023.

MONTEIRO, V. C. de O.; CASTRO, F. F. de; NASCIMENTO, V. do; BASTOS, F. L. dos S.; SILVA, R. B. da; SILVA, C. G. da. Estratégias de enfrentamento da covid-19 de idosos rurais e/ou ribeirinhos: revisão integrativa. **Saberes Plurais Educação na Saúde**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. e131557, 2023. DOI: 10.54909/sp.v7i2.131557. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/saberesplurais/article/view/131557>. Acesso em: 16 jul. 2024.

MOREL, A. P. M. Negacionismo da COVID-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica. **Trabalho, Educação e Saúde**, [S. l.], v. 19, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00315>. Acesso em: 01 jul. 2024.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOTA, J. L.; *et al.* Meanings of spirituality and religiosity for elderly in their life and in the COVID-19 pandemic. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 4, p. e39411427511, 2022. Disponível em: [doi:10.33448/rsd-v11i4.27511](https://doi.org/10.33448/rsd-v11i4.27511). Acesso em: 16 jul. 2024.

NERI, A. L. O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. **Temas em Psicologia**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 17-34, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513751426004>. Acesso em: 25 jul. 2020.

_____. Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. In: MALLOY-DINIZ, L. F.; FUENTES, D.; CONSENZA, R. M. (Org.). **Neuropsicologia do Envelhecimento**: Uma Abordagem Multidimensional. Porto Alegre, Artmed, 2013.

NOWAK, J. **The Pandemic Politics of the Bolsonaro Government in Brazil: COVID-19 Denial, the Chloroquine Economy and High Death Rates**. 2023. Disponível em: https://dx.doi.org/10.1007/978-3-031-23914-4_6. Acesso em: 16 jul. 2024.

NÚCLEO DE OPERAÇÕES E INTELIGÊNCIA EM SAÚDE. **Análise socioeconômica da taxa de letalidade da COVID-19 no Brasil**. 11º Nota Técnica. 2020. Disponível em: <https://sites.google.com/view/nois-pucrio/research/publicity>. Acesso em: 30 jul. 2024.

OLIVEIRA, D. C. de; *et al.* Dificuldade em atividades de vida diária e necessidade de ajuda em idosos: discutindo modelos de distanciamento social com evidências da iniciativa ELSI-COVID-19. **Cadernos de Saúde Pública**, [S. l.], v. 36, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X0021352>. Acesso em: 16 jul. 2021.

OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. C.; AQUINO, J. R. G. Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade. **Pro-Posições** (Unicamp), v. 17, p. 119-138, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643631>. Acesso em: 5 set. 2023.

OLIVEIRA, M. K.; TEIXEIRA, E. A questão da periodização do desenvolvimento psicológico. In: OLIVEIRA, M. K.; SOUZA, D. T. R.; REGO, T. C. (Org.). **Psicologia**,

Educação e as temáticas da vida contemporânea, São Paulo: Editora Moderna, p. 23-46, 2002.

OLIVEIRA, Z. M. R.; GUANAES, C.; COSTA, N. R. A. Discutindo o Conceito de “Jogos de Papéis”: uma interface com a “Teoria do Posicionamento”. In: ROSSETI-FERREIRA, M. C.; *et al.* (Orgs.). **Rede de Significações e o Estudo do Desenvolvimento Humano**, Porto Alegre: Artmed, p. 69-80, 2004.

ONU. United Nations Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2022). World Population Prospects 2022: Summary of Results. UN DESA/POP/2022/TR/NO. 3.

PEREIRA, J. R.; *et al.* Avaliação do medo e estresse pelo idoso na pandemia do novo coronavírus: um estudo transversal. **Cogitare Enfermagem**, [S. l.], v. 27, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.5380/ce.v27i0.83400>>. Acesso em: 13 abr. 2024.

PEREIRA-ÁVILA, F. M. V.; *et al.* Factors associated with symptoms of depression among older adults during the covid-19 pandemic. **Texto & Contexto - Enfermagem**, [S. l.], v. 30, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0380>>. Acesso em 13 abr. 2024.

PERNAMBUCO. **Decreto Estadual nº 48.833 de 20/03/2020**. Declara situação anormal, caracterizada como “Estado de Calamidade Pública”, no âmbito do Estado de Pernambuco, em virtude da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus. Disponível em: <<https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?tiponorma=6&numero=48833&complemento=0&ano=2020&tipo=&url=>>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

PINTO, J. M.; NERI, A. L. Trajectories of social participation in old age: a systematic literature review. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 259-272, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-22562017020.160077>>. Acesso em: 3 jul. 2021.

POMBO-DE-BARROS, C. F.; ARRUDA, A. M. S.. Afetos e representações sociais: contribuições de um diálogo transdisciplinar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 351–360, abr. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200017> Acesso em: 12 jul 2022.

PREFEITURA DE SÃO LOURENÇO DA MATA. Disponível em: <https://www.instagram.com/prefeitura_slm/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

RIBEIRO, C. C.; *et al.* Propósito de vida e desempenho de atividades avançadas de vida diária em idosos mais velhos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, [S. l.], v. 25, n. 5, 2022.

RISELLO, J. R.; MARRONE, L. C. P.; MARTINS, M. I. M. Depression and pain in elderly residents in a municipality in northern Brazil during the COVID-19 pandemic. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 9, p. e10211931435, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.33448/rsd-v11i9.31435>>. Acesso em: 16 jul. 2024.

ROMERO, D. E.; *et al.* Idosos no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho. **Cadernos De Saúde Pública**, [S. l.], v. 37, n. 3, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00216620>>. Acesso em: 21 mai. 2023.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Seguindo a receita do poeta, tecemos a rede de significações e este livro. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C; *et al.* (org.). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. POA: Artmed, p. 23-33, 2004.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S. Uma perspectiva teórico-metodológica para análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 281-293, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-79722000000200008>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

ROZENDO, A.; *et al.* Representações sociais de homens idosos sobre a Covid-19 e sentimentos gerados no isolamento social. **Revista Ciências Humanas**, [S. l.], v. 15, n. 1, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.32813/2179-1120.2022.v15.n1.a785>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SALVADOR, P. T. C. de O.; *et al.* Uso do software Iramuteq nas pesquisas brasileiras da área da saúde: uma scoping review. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, [S. l.], v. 31, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.5020/18061230.2018.8645>>. Acesso em: 21 mai. 2023.

SALVATORE, S.; *et al.* The affectivization of the public sphere: the contribution of psychoanalysis in understanding and counteracting the current crisis scenarios. **International Journal of Psychoanalysis and Education: Subject, Action & Society**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 3-30, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.32111/SAS.2021.1.1.2>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

SANDY JÚNIOR, P. A.; BORIM, F. S. A.; NERI, A. L. Solidão e sua associação com indicadores sociodemográficos e de saúde em adultos e idosos brasileiros: ELSI-Brasil. **Cadernos De Saúde Pública**, [S. l.], v. 39, n. 7, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311XPT213222>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SANTOS, M. F.S. A Teoria das Representações Sociais. In: **Diálogos com a Teoria das Representações Sociais**. SANTOS, M. F. S.; ALMEIDA, L. M. Ed. Universitária da UFPE, 2005.

SANTOS, V. B. DOS .; TURA, L. F. R.; ARRUDA, A. M. S.. As representações sociais de "pessoa velha" construídas por idosos. **Saúde e Sociedade**, v. 22, n. 1, p. 138–147, jan. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902013000100013> Acesso em: 4 set 2023.

SASAKI, R.; AGUIAR, A. C. de S. A.; MARTINS, L. A. Repercussões do isolamento social em pessoas idosas durante a pandemia da COVID-19. **Revista Enfermagem Contemporânea**, Salvador, Brasil, v. 12, p. e4795, 2023. Disponível em: <[doi:10.17267/2317-3378rec.2023.e4795](https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.2023.e4795)>. Acesso em: 16 jul. 2024.

SCHLEICHER, M. L.; *et al.* Health repercussions of COVID-19: perceptions of the elderly / Repercussões da covid-19 na terceira idade: percepções dos idosos. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, Brasil, v. 14, p. e–11796, 2022. Disponível em: <[doi:10.9789/2175-5361.rpcfo.v14.11796](https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v14.11796)>. Acesso em: 16 jul. 2024.

SCHÜTZ, D. M.; *et al.* Relationship between loneliness and mental health indicators in the elderly during the COVID-19 pandemic. **Psico-usf**, [S. l.], v. 26, p. 125-138, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-8271202126nesp12>>. Acesso em: 23 jan. 2023.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Bakhtin e os processos de desenvolvimento humano. **Rev. Bras Crescimento Desenvolvimento Hum.**, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 745-756, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/19982/22068>>. Acesso em: 02 jul. 2024.

SESC PE. Disponível em: <<https://www.sescpe.org.br/sobre-o-sesc/>>. 2023a. Acesso em: 23 jan. 2023.

SESC PE. Disponível em: <<https://www.sescpe.org.br/programas/assistencia/grupos-terceira-idade/>>. 2023b. Acesso em: 23 jan. 2023.

SESC LER SÃO LOURENÇO DA MATA. Disponível em: <<https://www.sescpe.org.br/unidades/sesc-ler/sesc-ler-sao-lourenco-da-mata/>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SESC e Fundação Perseu Abramo. Pesquisa Idosos no Brasil – 2 ed 2020. Disponível em: <<https://www.sescsp.org.br/online/artigo/14626>>PESQUISA+IDOSOS+NO+BRASIL+2+ED IC AO+2020>. Acesso em: 06 nov. 2022.

SHAUGHNESSY, J. J.; ZECHMEISTER, E. B.; ZECHMEISTER, J. S. **Pesquisa de Levantamento**. Metodologia de pesquisa em psicologia. 9 ed. Porto Alegre: AMGH, 2012.

SHIGEMURA, J.; *et al.* Public responses to the novel 2019 coronavirus (2019-nCoV) in Japan: Mental health consequences and target populations. **Psychiatry and clinical neurosciences**, [S. l.], v. 74, p. 281-282, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/pcn.12988>>. Acesso em: 06 nov. 2022.

SILVA, A. P. S.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; CARVALHO, A. M. A. Circunscritores: limites e possibilidades no desenvolvimento. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C; *et al.* (org.). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. POA: Artmed, p. 81-91, 2004.

SOUSA, I. L. M.; *et al.* The impact of the social isolation in elderly Brazilian mental health (anxiety and depression) during the COVID-19 pandemic. **Frontiers in Psychiatry**, [S. l.], v. 8, n. 13, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.3389/fpsy.2022.888234>>. Acesso em: 09 out. 2022.

SOUSA, Y. S. O. O Uso do Software Iramuteq: Fundamentos de Lexicometria para Pesquisas Qualitativas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S. l.], v. 21, n. 4, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/epp.2021.64034>>. Acesso em: 11 abr. 2022.

SOUSA, Y. S. O. et al. O uso do *software* Iramuteq na análise de dados de entrevistas. *Pesqui. prá. psicossociais* vol.15 no.2 São João del-Rei abr./jun. 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082020000200015 Acesso em: 23 ago 2023.

SOUZA, W. V. DE . et al.. Cem dias de COVID-19 em Pernambuco, Brasil: a epidemiologia em contexto histórico. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 11, p. e00228220, 2020.

SOUZA FILHO, Z. A. de.; *et al.* Fatores associados ao enfrentamento da pandemia da COVID-19 por pessoas idosas com comorbidades. **Escola Anna Nery**, [S. l.], v. 25 (spe), 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0495>>. Acesso em: 11 abr. 2022.

SPINK, M. J. (org.). A produção de sentidos na perspectiva da linguagem em ação. *In*: SPINK, M. J. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez Editora, p. 26-37, 1999.

STUEBER, K.; SILVEIRA, F. X. DA .; TEIXEIRA, M. DO R. F.. Ciência Aberta, acesso aberto: revisão de literatura da comunicação científica sobre Covid-19 na plataforma SciELO (2020). *Saúde em Debate*, v. 46, n. spe1, p. 348–367, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-11042022E124>>. Acesso em: 09 out. 2022.

TAVARES, D. M. dos S.; *et al.* Distanciamento social pela Covid-19: rede de apoio social, atividades e sentimentos de idosos que moram só. **Cogitare Enfermagem**, [S. l.], v. 27, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.5380/ce.v27i0.78473>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

TECHIO, E. M.; *et al.* Emoções. *In*: TORRES, A. R. R.; *et al* (org.). **Psicologia social: temas e teorias**. 3 ed. São Paulo: Blucher, 2023.

TRINDADE, Z. A.; SANTOS, M. F. S.; ALMEIDA, A. M .O. Ancoragem: notas sobre consensos e dissensus. *In*: ALMEIDA, A.; SANTOS, M. de F.; TRINDADE, Z. (Orgs.). **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. Brasília: Techonopolitik, 2014, p. 101-122.

VELOSO, A. H. N.; *et al.* Socioeconomic and psychobehavioral aspects of active community elderly women during the SARS-CoV-2 pandemic. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 11, p. e281111133613, 2022. Disponível em: <[doi:10.33448/rsd-v11i11.33613](https://doi.org/10.33448/rsd-v11i11.33613)>. Acesso em: 16 jul. 2024.

ZANELLO, V. Prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações. 1 ed. Curitiba: Appris, 2022.

ZITTOUN, T. Symbolic resources and responsibility in transitions. **Young**, v. 15, n. 2, p. 193-211, 2007a. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/110330880701500205>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

ZITTOUN, T. Dynamics of interiority: ruptures and transitions in the self development. *In*: SIMÃO, L. M.; VALSINER, J. (org.). **Otherness in question: labyrinths of the self**. Charlotte, North Carolina: Information Age Publishing, p. 187-214, 2007b.

_____. Dynamics of Life-Course Transitions: A Methodological Reflection. *In*: VALSINER, J.; *et al.* (Ed.). **Dynamic process methodology in the social and developmental sciences**. Springer, New York, NY., 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-0-387-95922-1_18>. Acesso em: 30 out. 2021.

_____. Life-course: A socio-cultural perspective. In J. Valsiner (Ed.), **The Oxford handbook of culture and psychology** (pp. 513–535). Oxford University Press, 2012.

_____. Symbolic resources and sense-making in learning and instruction. **European Journal of Psychology of Education**, [S. l.], p. 1-20, 2016.

_____. A Sociocultural Psychological Approach to Religion. **Integr. psych. behav.** **53**, 107–125 (2019). <https://doi.org/10.1007/s12124-018-9457-3>

_____. Imagination in people and societies on the move: A sociocultural psychology perspective. *Culture & Psychology*, 26(4), 654-675. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1354067X19899062>

_____. Symbolic resources and the elaboration of crises. **International Journal of Psychoanalysis and Education: Subject, Action & Society**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 41–50, 2021. Disponível em: <doi:10.32111/SAS.2021.1.1.4>. Acesso em: 12 dez. 2023.

ZITTOUN, T.; AVELING, E.L.; GILLESPIE, A.; CORNISH, F. People in transitions in worlds in transition: Ambivalence in the transition to womanhood during World War II. In: Bastos, Ana Cecília S., Uriko, Kristiina and Valsiner, Jaan, (eds.) *Cultural Dynamics of Women's Lives*. Information Age Publishing, Charlotte, NC, USA. ISBN 9781617355608, 2012

ZITTOUN, T.; BAUCAL, A. The relevance of a sociocultural perspective for understanding learning and development in older age. **Learning, Culture and Social Interaction**, [S. l.], v. 28, p. 100453, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016%2Fj.lcsi.2020.100453>>. Acesso em: 14 out. 2021.

ZITTOUN, T. *et al.* The Use of Symbolic Resources in Developmental Transitions. **Culture & Psychology**, [S. l.], v. 9, n. 4, p. 415-448, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1354067X0394006>>. Acesso em: 14 out. 2021.

ZITTOUN, T.; *et al.* People in Transition worlds in Transition: the ambivalence in the transition to Womanhood During WW II. In: BASTOS, A. C. S.; URIKO, K.; VALSINER, J. (org.). **Cultural dynamics of women's lives**. North Carolina. IAP, 2011.

ZITTOUN, T.; GILLESPIE, A. Symbolic resources. In: *The Encyclopedia of Cross-Cultural Psychology*. Wiley. Retrieved 2013. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781118339893.wbecp527/abstract>

ZITTOUN, T., GILLESPIE, A.; BERNAL MARCOS, M. J. Development and vulnerability across the lifecourse. **Culture & Psychology**, 0(0). 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1354067X231201384>

ZITTOUN, T.; VALSINER, J. Imagining the past and remembering the future: How the unreal defines the real. **Making of the future: The trajectory equifinality approach in cultural psychology**. Greenwich, CT: IAP-Information Age Publishing, p. 3-19, 2016.

WHO-CHINA. **Report of the WHO-China Joint Mission on Coronavirus Disease 2019 (COVID-19)**. [cited 2020 Feb. 25]. Disponível em: <<https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/who-china-joint-mission-on-COVID-19-final-report.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO. **Origin of SARS-CoV-2, 26 March 2020**. World Health Organization. Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/handle/10665/332197>>. Acesso em: 26 mar. 2020.

_____. **COVID-19 weekly epidemiological update, 11 May 2021**. World Health Organization. 2021a. Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/handle/10665/341329>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

_____. **Coronavírus (COVID-19) Dashboard, 05 November 2021**. World Health Organization. 2021b. Disponível em: <<https://covid19.who.int/>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – DOUTORADO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa “A velhice em tempos de pandemia - Transformações no curso de vida e representações sociais de idosos sobre a velhice”, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Juliana Oliveira Albuquerque de Souza. Esta pesquisa está sob a orientação da Prof.^a Maria Isabel Pedrosa.

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com a responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável. O (a) senhor (a) estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

- **Descrição da pesquisa e esclarecimento da participação:** a fim de contribuir para os estudos sobre envelhecimento e enfrentamento à pandemia, esta pesquisa tem como objetivo conhecer as mudanças na vida de idosos diante da pandemia da COVID-19, e o que eles pensam sobre a velhice, quando participam de um grupo envolvido em atividades sociais. O (A) participante será convidado (a) a responder um questionário sobre sua escolaridade, idade, renda familiar, entre outras informações mais objetivas sobre sua situação social. Esse questionário poderá ser lido e ter suas respostas registradas pela pesquisadora para auxiliar o (a) participante. Depois o (a) participante poderá contribuir com uma entrevista individual com a pesquisadora, na qual será garantida o sigilo e a liberdade para responder ou interromper a atividade em qualquer momento. Esta atividade será gravada para possibilitar o estudo e acontecerá em apenas um encontro. E por fim, o (a) participante poderá ser convidado (a) também para entrevistas em pequenos grupos, que poderá acontecer em um ou até três encontros coordenados pela pesquisadora que também filmará a atividade para auxiliar no estudo posterior, se assim for autorizado por todos. Todas as atividades serão realizadas na instituição, onde acontecem os grupos de trabalho de idosos, em salas que permitam o sigilo e boas condições físicas para a realização das atividades.
- **RISCOS:** a pesquisa através das entrevistas individuais e em grupos, poderá suscitar algum desconforto relacionado às falas sobre a experiência dos idosos durante a pandemia. Porém, a pesquisadora terá todo o cuidado na condução das entrevistas, com reformulações ou até mesmo interrupções pertinentes para preservar o bem-estar dos participantes. E um outro risco, inerente ao contexto pandêmico atual, está relacionado à contaminação pelo coronavírus Sars-Cov-2, porém todas as medidas de prevenção ao contágio serão garantidas pela pesquisadora, como: uso de máscara por todos os envolvidos na pesquisa, distanciamento físico mínimo de 1,5 metros durante todos os procedimentos de coleta de dados, uso de álcool em gel durante os encontros, suspensão das atividades de pesquisa diante de qualquer sintoma gripal por parte da pesquisadora ou dos participantes da pesquisa, e por fim, a comprovação vacinal prévia de todos os envolvidos na pesquisa.
- **BENEFÍCIOS diretos/indiretos** para os voluntários: a pesquisa proporcionará um espaço de escuta e acolhimento aos participantes, que podem estar passando por situações difíceis de convivência na pandemia; assim como contribuirá para a produção do conhecimento nesta área de envelhecimento, assim como para os debates sobre as práticas relacionadas às vivências do idoso em um contexto pandêmico ou situações similares de crise.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa através de questionário sobre o perfil social (escolaridade, renda, moradia etc) dos participantes, entrevistas individuais gravadas e entrevistas em grupo filmadas, ficarão armazenados em arquivo digital protegido por senha em computador particular, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço acima informado, pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o (a) senhor (a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br).**

(assinatura da pesquisadora)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com a pesquisadora responsável, concordo em participar do estudo pesquisa “A velhice em tempos de pandemia – Transformações no curso de vida e representações sociais de idosos sobre a velhice”, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data _____

Assinatura do participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa

e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE ASSOCIAÇÃO LIVRE E LEVANTAMENTO SOCIODEMOGRÁFICO - VERSÃO COMPLETA

1. Sequência:

- Complete a sequência: Primeiro somos CRIANÇA, depois ADOLESCENTE, depois ADULTO e depois _____ (investigar como nomeiam sua fase atual).

2. Gostaria que o (a) senhor (a) falasse as quatro primeiras palavras que lhe surgem à mente quando você escuta falar em... Pandemia da COVID-19

	Nº: _____
	Nº: _____
	Nº: _____
	Nº: _____

3. Para finalizar, gostaria que o (a) senhor (a) justificasse a escolha somente da primeira palavra mais importante:

4. Levantamento sociodemográfico:

1	Nome completo:	
2	Idade/data de nasc.:	
3	Gênero:	masculino ☐ feminino ☐ outro ☐
4	Cor da pele:	preta ☐ parda ☐ branca ☐ indígena ☐ amarela ☐
5	Escolaridade:	sabe Ler e escrever? S ☐ N ☐ último ano: _____
6	Domicílio (munc.):	
7	Estado civil:	solteiro (a) ☐ casado(a)/união estável ☐ divorciado(a) ☐ viúvo (a) ☐ tempo: _____
8	Filhos:	Não ☐ Sim ☐ quantos? _____
9	Com quem reside:	
10	Última experiência de trabalho (quando e função):	ocupação: _____ quando parou de trabalhar: _____
11	Renda familiar:	até 1 SM ☐ de 2 a 3 SM ☐ acima de 3 SM ☐
12	Religião:	Praticante: ☐ Sim ☐ Não
13	Condições de saúde:	Doenças crônicas: _____ Funcionalidade: independente para as atividades diárias ☐ Dependente para: _____
14	Com Deficiência:	Não ☐ Sim ☐ qual: _____
15	Ingresso/tempo no grupo Sesc:	Através: amigos/vizinhos ☐ mídia ☐ familiares ☐ profissionais de saúde ☐ outros ☐ - Tempo no grupo: _____
16	Outras atividades além do Sesc:	Não ☐ Sim ☐ Quais? _____
17	Teve COVID-19:	Não ☐ Sim ☐ detalhar (quando, se estava vacinado e se precisou de intervenções médicas): _____
18	Manteve medidas de isolamento físico:	Não ☐ Sim ☐ por quanto tempo? _____
19	Mantém medidas de prevenção à COVID-19:	Não ☐ Sim ☐ quais: _____

20	Vacina:	1ª dose ☐ 2ª dose ☐ reforço ☐
21	Opinião política	Como você avalia as ações do governo de PE, da presidência, dos políticos em relação ao combate à pandemia? _____ _____

APÊNDICE C – FORMULÁRIO DE ASSOCIAÇÃO LIVRE E LEVANTAMENTO SOCIODEMOGRÁFICO - VERSÃO RESUMIDA

1. Sequência:

- Complete a sequência: Primeiro somos CRIANÇA, depois ADOLESCENTE, depois ADULTO e depois _____ (*investigar como nomeiam sua fase atual*).

2. Gostaria que o (a) senhor (a) falasse as quatro primeiras palavras que lhe surgem à mente quando você escuta falar em... **Pandemia da COVID-19**

	Nº: _____
	Nº: _____
	Nº: _____
	Nº: _____

3. Para finalizar, gostaria que o (a) senhor (a) justificasse a escolha somente da primeira palavra mais importante:

4. Levantamento sociodemográfico:

1	Nome completo:	
2	Idade/data de nasc.:	
3	Gênero:	masculino ☐ feminino ☐ outro ☐
4	Cor da pele:	preta ☐ parda ☐ branca ☐ indígena ☐ amarela ☐
5	Escolaridade:	sabe Ler e escrever? S ☐ N ☐ último ano: _____
6	Domicílio (munc.):	
7	Teve COVID-19 :	Sim ☐ Não ☐ Teve os sintomas: ☐ Vacina: _____

APÊNDICE D – ROTEIRO PARA ENTREVISTA INDIVIDUAL

I. SOBRE O GRUPO SOCIAL/PARTICIPAÇÃO SOCIAL:

1. Por que você quis participar desse grupo?
2. Como foi para você a suspensão do grupo por 1 ano e 7 meses frente à pandemia?
3. O que mudou para você após o retorno das atividades do grupo?

II. SOBRE AS MUDANÇAS DIANTE DA PANDEMIA:

4. Como foi para você a notícia sobre o início da pandemia?
5. Você ficou em isolamento? Como se sentiu (em isolamento ou ao não se isolar)?
6. Tem algum objeto ou lugar, algo que esteja associado às suas lembranças iniciais de isolamento durante a pandemia?
7. O que mudou na sua rotina e convívio familiar/social após o início da pandemia?
8. E mudou algo na sua saúde física e emocional?
9. O que você fazia para se proteger durante a pandemia?
10. E hoje, como está sua vida?
11. O que você tem pensado em relação ao futuro (planos, metas)?

III. SOBRE A VELHICE:

12. Para você, o que é ser idoso (a)?
13. E como você acha que as outras pessoas pensam sobre o idoso?
14. Na sua opinião, como deveria ser a velhice? (dar espaço para uma construção de sentido sobre a velhice na visão dos próprios idosos)

IV. SOBRE A PESQUISA (finalização):

15. Você já tinha tido contato com uma psicóloga?
16. Como você se sentiu durante a entrevista? Teve algo que lhe incomodou? Como está se sentindo agora?

APÊNDICE E – DEMANDAS PARA PESQUISAS FUTURAS APONTADAS PELAS PESSOAS IDOSAS

Vulnerabilidade social e violações de direitos:

- Etarismo: Discriminação por idade e seus impactos na qualidade de vida dos idosos.
- Violência contra a pessoa idosa: Abordagens sobre os diferentes tipos de violência (física, psicológica, sexual, patrimonial e negligência), com destaque para o abandono familiar e o abuso financeiro.
- Direitos humanos e sociais: Análise crítica da efetividade da legislação e das políticas públicas voltadas para a proteção dos direitos dos idosos, incluindo o acesso à saúde, à assistência social e à justiça.

Processos de envelhecimento e suas implicações:

- Sexualidade: Desmistificação da sexualidade na velhice e discussão sobre os desafios e as possibilidades nessa fase da vida.
- Identidade e subjetividade: Construção da identidade na velhice, questões relacionadas à memória e ao sentido de vida.
- Sabedoria e propósito de vida: A busca por significado e propósito na velhice, e a importância das relações sociais e das atividades significativas para o bem-estar.

Redes de apoio e cuidados:

- Família: O papel da família na assistência aos idosos, os desafios das relações intergeracionais e a importância da rede de apoio familiar.
- Comunidade e sociedade: A construção de comunidades inclusivas e acessíveis aos idosos, e o papel das instituições sociais na promoção do envelhecimento ativo e saudável.
- Políticas públicas: Análise das políticas públicas de assistência social, saúde e previdência social, e a necessidade de ampliar e fortalecer os serviços para os idosos.

Envelhecimento e participação social:

- As desigualdades raciais no envelhecimento.
- Protagonismo social: A importância da participação dos idosos na vida social, política e cultural, e a necessidade de promover a autonomia e a independência dos idosos.
- Luta por direitos: Os movimentos sociais de idosos e suas demandas por mais justiça social e igualdade.

ANEXO A – CARTA DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

Serviço Social do Comércio Pernambuco

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos a pesquisadora Juliana Oliveira Albuquerque de Souza, a desenvolver o seu projeto de pesquisa “*A velhice em tempos de pandemia — Transformações no curso de vida e representações sociais de idosos sobre a velhice*, que está sob a orientação da Profa. Dra. Maria Isabel Patrício de Carvalho Pedrosa cujo objetivo é analisar as transformações no curso de vida de idosos frente à pandemia da Covid-19, articuladas às representações sociais sobre a velhice, nas unidades de atendimento do Serviço Social do Comércio - Pernambuco (SESC-PE).

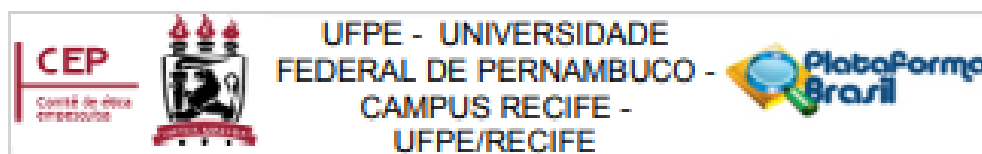
Esta autorização está condicionada ao cumprimento da pesquisadora aos requisitos das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, comprometendo-se utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados a pesquisadora deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Recife, 27 de janeiro de 2022.

Gerente do SESC PE

ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A VELHICE EM TEMPOS DE PANDEMIA:

Transformações no curso de vida e representações sociais de idosos sobre a velhice.

Pesquisador: JULIANA OLIVEIRA ALBUQUERQUE DE SOUZA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 55561222.9.0000.5208

Instituição Proponente: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.251.399

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de doutorado do PPG em Psicologia da UFPE

DOUTORANDA - Juliana Oliveira Albuquerque de Souza

ORIENTADORA - Maria Isabel Patrício de Carvalho Pedrosa

DESENHO DO ESTUDO - Abordagem qualitativa e crítica

LOCAL DO ESTUDO - SESC, São Lourenço da Mata, PE

PARTICIPANTES - "40 pessoas com idades acima de 60 anos, de ambos os sexos, inscritos no Programa Social de Grupo de Idosos do SESC LER"

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO - "1) ser integrante do grupo social de idosos do SESC e, consequentemente, com idade acima de 60 anos; 2) frequentar o grupo há, no mínimo, seis meses antes da interrupção das atividades do grupo social frente à pandemia (em março de 2020); e 3) concordar em ser voluntário para a pesquisa, através da anuência no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido".

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO - "1) apresentar deficiência de audição severa (sem correção por uso de próteses) e/ou dificuldades na linguagem oral que inviabilizem a comunicação com a pesquisadora e demais participantes; 2) apresentar patologias que comprometam suas funções neurológicas e mentais, como quadros demenciais ou transtornos mentais graves que impossibilitem a

Endereço: Av. das Engenheiras, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde

Bairro: Cidade Universitária

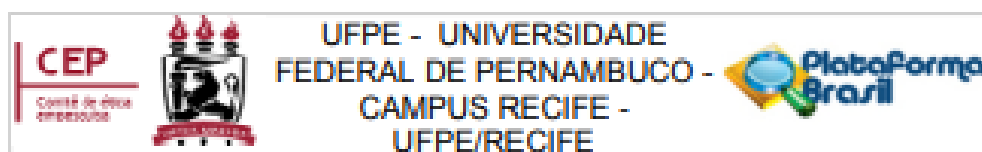
CEP: 50.740-600

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2126-8588

E-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br



Continuação do Parecer: 6.201.386

compreensão e respostas aos instrumentais da pesquisa".

PRODUÇÃO DE DADOS - O trabalho de campo será realizado em três fases: 1 - aplicação de um Levantamento Sociodemográfico visando identificar o perfil social dos participante; 2 - entrevistas semiestruturadas e individuais; 3 - grupos focais. Após aprovação pelo Comitê de Ética, será feita uma apresentação do projeto à equipe técnica da Unidade do SESC e antes de iniciar propriamente a pesquisa de campo, será realizado um pré-teste, através de entrevista com um ou dois participantes...".

ANÁLISE DOS DADOS - Abordagem microgenética de análise, ou seja, "trabalho minucioso e sistemático de revisão do corpus ... para alçar processos de transformação". Tal análise será baseada na "proposta metodológica de Núcleos de Significação sistematizada por Aguiar e Ozella (2006; 2013) e as contribuições metodológicas da RedeSig (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM; SILVA, 2004) e das dinâmicas transicionais teorizadas por Zittoun (2009)".

Objetivo da Pesquisa:

GERAL - "Analisar as transformações (processo de mudança/estabilidade) no curso de vida de idosos frente à pandemia da Covid-19, articuladas às representações sociais sobre a velhice, em um grupo acima de 60 anos engajado em atividades sociais".

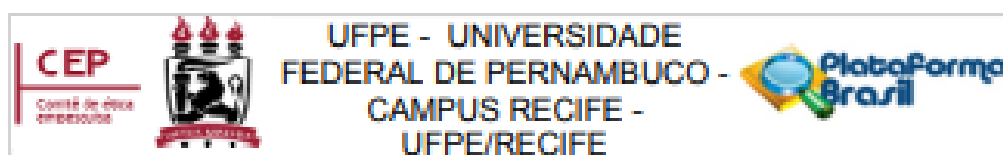
ESPECÍFICOS:

- " Identificar e analisar as mudanças no curso de vida de idosos e idosas frente às vivências na pandemia da covid-19;
- . Analisar o papel do engajamento social em situações de possíveis rupturas no curso de vida de pessoas idosas, como o evento da pandemia;
- . Investigar as representações sociais sobre a velhice em articulação com possíveis transformações no curso de vida de idosos e idosas em contexto pandêmico, após período de isolamento físico rigoroso".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS - "A pesquisa através das entrevistas individuais e em grupos, poderá suscitar algum desconforto relacionado às falas sobre a experiência dos idosos durante a pandemia. Porém, a pesquisadora terá todo o cuidado na condução das entrevistas, com reformulações ou até mesmo interrupções pertinentes para preservar o bem-estar dos participantes. E um outro risco, inerente ao contexto pandêmico atual, está relacionado à contaminação pelo coronavírus Sars-Cov-2, porém todas as medidas de prevenção ao contágio serão garantidas pela pesquisadora, como: uso

Endereço: Av. das Engenheiras, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br



Continuação do Parecer: 5.251.399

de máscara por todos os envolvidos na pesquisa, distanciamento físico mínimo de 1,5 metros durante todos os procedimentos de coleta de dados, uso de álcool em gel durante os encontros, suspensão das atividades de pesquisa diante de qualquer sintoma gripal por parte da pesquisadora ou dos participantes da pesquisa, e por fim, a comprovação vacinal prévia de todos os envolvidos na pesquisa".

BENEFÍCIOS - "A pesquisa proporcionará um espaço de escuta e acolhimento aos participantes, que podem estar passando por situações difíceis de convivência na pandemia; assim como contribuirá para a produção do conhecimento nesta área de envelhecimento, assim como para os debates sobre as práticas relacionadas às vivências do idoso em um contexto pandêmico ou situações similares de crise".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto muito bem escrito. Metodologia apresentada de forma clara, cuidadosa e detalhada. Temática de interesse haja vista a situação pandêmica que ainda vivemos.

Concordando com a autora desse projeto, considero que seu estudo poderá contribuir para positivar uma narrativa sobre a velhice "a partir da concepção de potencialidades e ganhos, e não apenas perdas e declínios".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram devidamente apresentados

Recomendações:

Não há Recomendações.

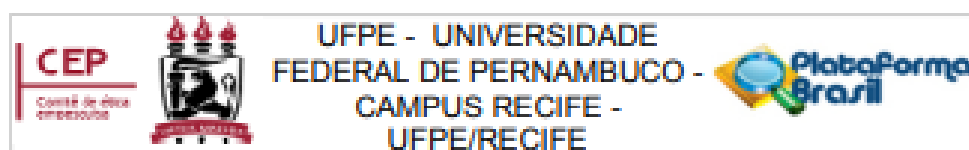
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

As exigências foram atendidas e o protocolo está **APROVADO**, sendo liberado para o início da coleta de dados. Informamos que a **APROVAÇÃO DEFINITIVA** do projeto só será dada após o envio do Relatório Final da pesquisa. O pesquisador deverá fazer o download do modelo de Relatório Final para enviá-lo via "Notificação", pela Plataforma Brasil. Siga as instruções do link "Para enviar

Endereço: Av. das Engenheiras, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária CEP: 50.740-900
UF: PE Município: RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 E-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br



Continuação do Parecer: 5.351.388

Relatório Final", disponível no site do CEP/CCS/UFPE. Após apreciação desse relatório, o CEP emitirá novo Parecer Consubstanciado definitivo pelo sistema Plataforma Brasil.

Informamos, ainda, que o (a) pesquisador (a) deve desenvolver a pesquisa conforme delineada neste protocolo aprovado, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao voluntário participante (item V.3., da Resolução CNS/MS Nº 466/12).

Eventuais modificações nesta pesquisa devem ser solicitadas através de EMENDA ao projeto, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

Para projetos com mais de um ano de execução, é obrigatório que o pesquisador responsável pelo Protocolo de Pesquisa apresente a este Comitê de Ética relatórios parciais das atividades desenvolvidas no período de 12 meses a contar da data de sua aprovação (item X.1.3.b., da Resolução CNS/MS Nº 466/12).

O CEP/CCS/UFPE deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (item V.5., da Resolução CNS/MS Nº 466/12). É papel do(a) pesquisador(a) assegurar todas as medidas imediatas e adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e ainda, enviar notificação à ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária, junto com seu posicionamento.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1891868.pdf	17/02/2022 21:18:59		Aceito
Outros	RESPOSTA_AS_PENDENCIAS.pdf	17/02/2022 21:18:08	JULIANA OLIVEIRA ALBUQUERQUE DE SOUZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Juliana_Oliveira_Albuquerque_de_Souza.docx	17/02/2022 17:04:20	JULIANA OLIVEIRA ALBUQUERQUE DE SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Escrito_arrecido_retificado.pdf	17/02/2022 17:03:57	JULIANA OLIVEIRA ALBUQUERQUE DE SOUZA	Aceito
Outros	INSTRUMENTAIS.pdf	03/02/2022 17:11:24	JULIANA OLIVEIRA ALBUQUERQUE DE SOUZA	Aceito
Outros	Carta_de_Anuencia_SESC.pdf	03/02/2022	JULIANA OLIVEIRA	Aceito

Endereço: Av. das Engenheiras, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
 Bairro: Cidade Universitária CEP: 50.740-600
 UF: PE Município: RECIFE
 Telefone: (81)2120-8588 E-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br

		UFPE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - CAMPUS RECIFE - UFPE/RECIFE	
---	---	--	---

Continuação do Parecer: 5.251.388

Outros	Carta_de_Anuencia_SESC.pdf	16:55:09	ALBUQUERQUE DE SOUZA	Aceito
Outros	Declaracao_de_vinculo.pdf	03/02/2022 16:52:45	JULIANA OLIVEIRA ALBUQUERQUE DE SOUZA	Aceito
Outros	curriculo_lattes_pesquisadora_responsavel.pdf	03/02/2022 16:45:05	JULIANA OLIVEIRA ALBUQUERQUE DE SOUZA	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Orientadora.pdf	03/02/2022 16:44:27	JULIANA OLIVEIRA ALBUQUERQUE DE SOUZA	Aceito
Outros	historico_escolar.pdf	03/02/2022 16:40:41	JULIANA OLIVEIRA ALBUQUERQUE DE SOUZA	Aceito
Outros	Termo_de_compromisso_e_confidencialidade.pdf	03/02/2022 16:40:08	JULIANA OLIVEIRA ALBUQUERQUE DE SOUZA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	03/02/2022 16:30:27	JULIANA OLIVEIRA ALBUQUERQUE DE SOUZA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RECIFE, 19 de Fevereiro de 2022

Assinado por:
LUCIANO TAVARES MONTENEGRO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. das Engenheiras, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br